UNIVERSIDADE FEEVALE

Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social
Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social

EDUARDO GABRIEL VELHO

ANÁLISE DAS APROPRIAÇÕES DO ANONIMATO NAS SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS*

Novo Hamburgo
2018

EDUARDO GABRIEL VELHO

ANÁLISE DAS APROPRIAÇÕES DO ANONIMATO NAS SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale como condição para a obtenção do título de Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Orientadora: Profª Drª Sandra Portella Montardo

Novo Hamburgo
2018

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Velho, Eduardo Gabriel.
Análise das apropriações do anonimato nas subculturas dos imageboards / Eduardo Gabriel Velho. – 2018.
215 f. il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) – Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2018.
Inclui bibliografia e apêndice.
"Orientadora: Profª Drª Sandra Portella Montardo".

1. Internet. 2. Imageboards. 3. Grupos de discussão pela Internet. 4. Anonimato. 5. Privacidade. I. Título.

CDU 004.738.5-028.51

Bibliotecária responsável: Patrícia Mentz – CRB 10/2143

EDUARDO GABRIEL VELHO

ANÁLISE DAS APROPRIAÇÕES DO ANONIMATO NAS SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, submetida à banca examinadora como condição para a obtenção do título de Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Aprovado por:

Profª Drª Sandra Portella Montardo (Orientadora)
Universidade Feevale

Profª. Drª. Adriana Amaral
Universidade do Vale do Rio do Sinos

Prof. Dr. André Fagundes Pase
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Novo Hamburgo, 11 de janeiro de 2018

"We live in a era where our cities are armed with steel and concrete. Computers and electronics barricade our minds. It doesn't change the fact that there exists a lot of strange phenomena, bizzare beyond reason or logic. Most folks just don't see them, that's because we cling to order to any tiny happiness that comes our way and we bust our humps to blind ourselves with our desires and our pleasures. There's a world of darkness out there. Beyond time or space. A world filled with evil that is undeniably real and in that world there are things that run wild!"

(Perturbator)

RESUMO

Imageboards são um tipo de fórum de internet que permite a postagem anônima de textos com imagens associadas. Este tipo de *website* (os *message boards*) teve origem no Japão com o propósito de ser um espaço onde os sujeitos pudessem conversar e se expressar sobre assuntos que nunca seriam abordados presencialmente. Este tipo de fórum anônimo chegou ao ocidente através do 4chan e de outros *imageboards*. Estes *websites* possuem bastante influência na *web*, orquestraram manifestações (ciberativismo) e criaram tendências – como *memes* e viralização de vídeos de humor, por exemplo. A questão do anonimato e da liberdade de expressão é uma parte extremamente importante destas subculturas. Desta forma, este é um estudo acerca da temática análise das apropriações do anonimato nas subculturas dos *imageboards* concatenada às questões de vigilância e privacidade da contemporaneidade e delimitada a nível de Brasil. A questão de pesquisa do estudo é: que tipo de conteúdo pessoas que estão sob o anonimato produzem? O principal objetivo deste estudo é verificar as implicações da vigilância no anonimato das subculturas dos *imageboards*. Para isso, foram selecionados dois espaços digitais que levavam em sua estrutura a cultura dos *imageboards*. Um destes espaços era anônimo (55chan, o grupo experimental) e outro não-anônimo (Panelinha do Bananal, o grupo controle, um grupo do Facebook). Os resultados surgem com um comparativo entre os discursos proferidos nestes espaços. Este comparativo é realizado através de uma observação seguindo o método da etnografia somada à uma análise de conteúdo (abordagem qualitativa) e uma análise de emoções, sentimentos e classificação de texto utilizando o IBM Watson para este propósito (abordagem quantitativa). Os resultados sugerem que o anonimato pode afetar a conduta do sujeito, de forma a revelar aspectos pessoais que não seriam relatados em outro ambiente. As emoções não sofrem alterações perceptíveis no anonimato, mas os sujeitos demonstram ser significativamente mais negativos neste cenário, isto na perspectiva da manifestação dos sentimentos. Por fim, os membros dos grupos demonstram se preocupar mais com as vigilâncias praticadas pelas pessoas do que àquelas provenientes de empresas ou governos quando na situação de compartilhar informação pessoal.

Palavras-Chave: Anonimato. *Imageboard*. Privacidade. Vigilância.

ABSTRACT

Imageboards are a type of internet forum that allow anonymous postings of texts with associated images. This type of *website* (the *message boards*) originated in Japan with the purpose of being a space where the individuals could talk and express themselves on subjects that would never be addressed in person. Subsequently, this type of anonymous forum arrived in the West through 4chan and other *imageboards*. These *websites* have a lot of influence on the *web*, orchestrated manifestations (cyberattachment) and created tendencies - like memes and viralization of humor videos, for example. The issue of anonymity and freedom of expression is an extremely important part of these subcultures. In this way, this is a study about the thematic analysis of the appropriations of anonymity in the subcultures of the *imageboards* concatenated to the issues of surveillance and privacy of contemporaneity and delimited in Brazil. The research question of the study is: what kind of content people are under anonymity produce? The main objective of this study is to verify the implications of surveillance on the anonymity of *imageboards* subcultures. For this, two digital spaces were selected that took in their structure the culture of the *imageboards*. One of these spaces was anonymous (55chan, the experimental group) and another non-anonymous (Panelinha do Bananal, the control group, a Facebook group). The results appear with a comparison between the speeches given in these spaces. This comparison is accomplished through an observation following the method of ethnography plus a content analysis (qualitative approach) and an analysis of emotions, feelings and classification of text using the IBM Watson for this purpoise (quantitative approach). The results suggest that anonymity may affect the subject's behavior in order to reveal personal aspects that would not be reported in another setting. Emotions do not undergo significant changes in anonymity, but the individuals demonstrate to be significantly more negative in this scenario, this in the perspective of the manifestation of the sentiments. Finally, group members show that they are more concerned with people's surveillance than with corporate or government surveillance when sharing personal information.

Keywords: Anonymity. *Imageboard*. Privacy. Surveillance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página principal do 4chan 36
Figura 2 – Exemplo de *chanspeak* 37
Figura 3 – Imagem que representa a estética dos HUEs 53
Figura 4 – Página principal do 55chan 54
Figura 5 – Ilustração do caso da suástica no Habbo Hotel 56
Figura 6 – Lista de regras do 55chan 61
Figura 7 – Slogan do Dogolachan 63
Figura 8 – Concepção de uma estrutura panóptica 78
Figura 9 – Buscas no Google pelos nomes dos *imageboards* brasileiros 85
Figura 10 – Processo de filtragem 89
Figura 11 – Estrutura das linhas de discussão 89
Figura 12 – Estrutura básica de uma postagem 91
Figura 13 – Estrutura de uma *board* 92
Figura 14 – Processo executado para salvar as postagens 93
Figura 15 – Exemplo de taxonomia 97
Figura 16 – Procedimento utilizado para a análise dos dados 103
Figura 17 – Codificação da análise de conteúdo 106
Figura 18 – Imagem utilizada como foto de perfil do Facebook 111
Figura 19 – Interface gráfica de visualização do *dataset* 112
Figura 20 – “Zueira” pela repetição 130
Figura 21 – Quantidade de postagens por dia do grupo controle 132
Figura 22 – Quantidade de postagens por dia do grupo experimental 132
Figura 23 – Quantidade de postagens por horário do grupo controle 134
Figura 24 – Quantidade de postagens por horário do grupo experimental 134
Figura 25 – Distribuição das emoções significantes 139
Figura 26 – Distribuição dos sentimentos 140
Figura 27 – Emoção das postagens categorizadas pela intensidade 141
Figura 28 – Curva de crescimento da alegria a partir da intensidade 0,7 142
Figura 29 – Médias das emoções quando significativas 143
Figura 30 – Intensidade do sentimento negativo no grupo controle 145
Figura 31 – Intensidade do sentimento negativo no grupo experimental 145
Figura 32 – Curva da intensidade do sentimento negativo dos grupos 146

Figura 33 – As 100 palavras-chave mais frequentes do grupo controle 148
Figura 34 – Convergências e divergências entre as 50 palavras palavras-chave mais frequentes dos grupos 153
Figura 35 – As 100 palavras-chave mais frequentes do grupo experimental 154
Figura 36 – Curva de crescimento da frequência da manifestação por *thread* das palavras-chave mais recorrentes do grupo experimental 155
Figura 37 – Os 20 objetos com mais ocorrências do grupo controle 168
Figura 38 – Os 20 objetos com mais ocorrências do grupo experimental 168

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais variáveis do estudo 98
Tabela 2 – Variáveis relacionais do estudo 98
Tabela 3 – Fatoração de uma postagem 105
Tabela 4 – Fatoração de uma anotação 105
Tabela 5 – Regras de enumeração 108
Tabela 6 – Classificação dos acontecimentos do grupo controle 121
Tabela 7 – Classificação dos acontecimentos do grupo experimental 121
Tabela 8 – Frequência de abreviações por grupo 124
Tabela 9 – Palavras mais utilizadas do *chanspeak* 126
Tabela 10 – Valores das médias das emoções quando significativas 144
Tabela 11 – Taxonomia e conceitos das *threads* do grupo controle por ordem de frequência 157
Tabela 12 – Taxonomia e conceitos das *threads* do grupo experimental por ordem de frequência 158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 FRONTEIRA ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO 22
1.1 O PUBLICO E O PRIVADO 23
1.2 HIPEREXPOSIÇÃO DA VIDA 29
1.2.1 Efeito de desinibição *online* 30
1.2.2 Efeito Streisand: "a internet nunca esquece" 31
1.2.3 Exposição? O indivíduo frente às exigências da contemporaneidade 33

2 SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS* 35
2.1 CIBERCULTURA E COMPARTILHAMENTO 38
2.2 SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS* 44
2.3 IDENTIDADE E ALTERIDADE 49
2.4 ORIGEM DOS *IMAGEBOARDS* 56
2.5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO ACERCA DO *IMAGEBOARD* 55CHAN 60
2.6 ANONIMATO, PRIVACIDADE E VIGILÂNCIA 63

3 VIGILÂNCIAS DA CONTEMPORANEIDADE 67
3.1 CONFIANÇA E MEDO: CIBERESPAÇO COMO O "VERDADEIRO LAR" 67
3.1.1 A questão da confiança 68
3.1.2 A questão do medo 70
3.2 MUNDO PÓS 11 DE SETEMBRO 72
3.3 VIGILÂNCIAS: DO *STALKER* ÀS AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS 74
3.3.1 Vigilância distribuída 75
3.3.2 Vigilância participativa 77
3.3.3 Vigilância panóptica e pós-panóptica 78
3.3.4 Vigilância escópica 78
3.3.5 Vigilância de rastreamento 79

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO 79
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 80
4.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 84
4.3 INTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS 87
4.3.1 Obtenção da amostragem para o grupo experimental 90

4.3.2 Obtenção da amostragem para o grupo controle 94
4.4 ANÁLISE DA AMOSTRAGEM 94
4.4.1 Análise quantitativa 95
4.4.1.1 Das emoções e sentimentos 95
4.4.1.2 Dos conceitos, palavras-chave e taxonomia 96
4.4.1.3 Do procedimento e das formas de avaliação 97
4.4.2 Observação e análise qualitativa dos dados 99
4.4.2.1 Observação etnográfica 99
4.4.2.2 Aplicação da análise de conteúdo 104

5 ANÁLISE DAS APROPRIAÇÕES DO ANONIMATO NAS SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS* 109
5.1 APLICAÇÃO DO MÉTODO 110
5.2 PERSONAGENS E ACONTECIMENTOS 114
5.3 PALAVRAS, FRASES, POSTAGENS E *THREADS* 123
5.3.1 Sobre a escrita 124
5.3.2 Conteúdo e a relação entre os membros dos grupos 126
5.4 HORÁRIOS E DATA DE CRIAÇÃO 131
5.5 EMOÇÕES E SENTIMENTOS 135
5.6 PALAVRAS-CHAVE 147
5.7 OBJETOS, CONCEITOS E TAXONOMIA 156
5.7.1 Os relacionamentos “amorosos” 160
5.7.2 Questões culturais: convergências e divergências 165

CONSIDERAÇÕES FINAIS 173
REFERÊNCIAS 178
GLOSSÁRIO 186

APÊNDICES 191
APÊNDICE I – SUBSTITUIÇÕES EXECUTADAS PELO PROGRAMA DE CORREÇÃO DO TEXTO 192
APÊNDICE II – CÓDIGO DO PROGRAMA DE CORREÇÃO, TRADUÇÃO E ANÁLISE DAS POSTAGENS 199
APÊNDICE III – CÓDIGO DO PROGRAMA DE INSERÇÃO DAS POSTAGENS DO GRUPO CONTROLE NA BASE DE DADOS 208

APÊNDICE IV – CÓDIGO DO PROGRAMA DE INSERÇÃO DAS POSTAGENS DO GRUPO EXPERIMENTAL NA BASE DE DADOS 209
APÊNDICE V – CÓDIGO DO PROCESSO DE FILTRAGEM 210
APÊNDICE VI – PROGRAMA PARA COLETAR AS POSTAGENS DO 55CHAN ... 211
APÊNDICE VII – TELAS DA INTERFACE GRÁFICA PARA VISUALIZAÇÃO E EDIÇÃO DO CONTEÚDO TEXTUAL DO DATASET 214

INTRODUÇÃO

No mangá Code Geass é apresentada a história de um futuro onde um grande império chamado Britannia havia conquistado dois terços das nações do mundo. Os países que eram conquistados passavam a ser regiões numeradas por este império. A história era focada na “Área 11”, o antigo Japão. Lugar para onde o príncipe de Britannia, Lelouch, havia sido exilado por questionar seu pai, o imperador, sobre a razão pela qual ele não havia feito nada em razão do assassinato de sua mãe, a imperatriz. Vendo a guerra entre Japão e Britannia, somado ao sentimento de descaso da nação para com a sua mãe, este príncipe exilado decide que irá destruir Britannia. Durante a história, Lelouch recebe o poder de dar uma ordem absoluta a qualquer pessoa. Com este poder, formou um exército com o objetivo de destruir o império de Britannia: a “Ordem dos Cavaleiros Negros”. Lelouch passou a assumir a identidade de “Zero”, um homem mascarado que comandava a Ordem dos Cavaleiros Negros. Nem mesmo os integrantes do exército conheciam sua identidade de príncipe. Desta forma, o mangá dá ênfase nesta luta entre o anônimo Zero e o império de Britannia.

Durante o desenvolvimento da história, foi apresentado que o imperador de Britannia estava buscando muito além de dominar todas as nações; ele queria um “mundo sem segredos”, onde a mentira não existisse. Um mundo onde a consciência de todos fosse conectada com o “inconsciente coletivo”, de forma que a “vontade” de todos fosse entendida e compartilhada. Esta seria uma forma de, segundo o imperador, alcançar a “paz” e gerar um mundo sem “sofrimentos”. Lelouch consegue evitar este acontecimento, argumenta que as pessoas possuem segredos por diversos motivos, seja para proteger pessoas ou seus próprios ideais. Ainda, afirma que um mundo com este tipo de “paz forçada” não é diferente de uma prisão. O ponto do príncipe era que a “paz” deveria ser alcançada através do consenso e do entendimento entre os sujeitos.

A ideia de privacidade não é uma característica natural do ser humano, mas sim uma construção (ARIÈS, 1991). Antes da Idade Média, não havia privacidade; foi neste período que o conceito de “particular” passou a existir: particular é tudo que foge do controle do Estado ou de cargos. O “privado” se tornou possível quando o Estado e a comunidade pararam de controlar todo e qualquer espaço social (ARIÈS, 1991), o que parece ter levantado a concepção inicial de que privacidade está associada somente a ideia de ”esconder coisas do Estado” (SCHEMENT; CURTIS, 1995).

Porém, posteriormente, foi levantado que privacidade não é apenas omitir informações, e que também está relacionada com o direito do sujeito de delimitar o alcance de suas informações; de poder decidir quais informações são públicas e quais permanecem detidas exclusivamente pelo sujeito (BARNES, 2006). Na perspectiva de uma comunicação, privacidade é também a garantia de que nada será “vazado” para um terceiro. É comunicar com a consciência de que somente os receptores escolhidos irão receber a mensagem.

O teórico social Jeremy Bentham, no final do século 18, trouxe a ideia do panóptico: o conceito de uma instituição construída de forma a poder ser vigiada de todos os ângulos, por um único sujeito e sem que fosse possível para os indivíduos que estão dentro desta instituição saberem, no momento, se estão sendo vigiados ou não (KANDIAS et al, 2013; CAS, 2005). Utilizando este modelo, visto que os sujeitos não saberiam quando estão sendo vigiados, foi concebido que os indivíduos da instituição sempre agiriam como se estivessem sendo monitorados; desta forma, tendo seu comportamento sendo constantemente controlado. O panóptico cria "uma consciência de visibilidade permanente como uma forma de poder, onde nenhuma barra, corrente ou cadeados pesados são necessários para a dominação" (ALLMER, 2012, p. 1, tradução nossa). Em “Vigilância Líquida”, Bauman (2014) vai além e caracteriza a vigilância pós-panóptica, que é possibilitada pelas “tecnologias da modernidade”; este modelo de vigilância caracteriza-se pelo fato de que não é mais necessário que haja a mutualidade observando-observador: o observador pode desaparecer para lugares inalcançáveis, longe da imaginação dos sujeitos.

Em Code Geass, este “inconsciente coletivo” seria a derradeira vigilância, uma espécie de regime onipresente, onde não mais existiria qualquer traço de privacidade – como o modelo pós-panóptico. Mesmo os pensamentos mais íntimos dos sujeitos seriam compartilhados. Mas, por que isso importa? Por que a privacidade é importante? Segundo Rachels (1975), para teorizar privacidade, o primeiro ponto deve ser justificar o porquê de certos tipos de intrusão serem considerados prejudiciais. Rachels (1975) levanta basicamente três respostas para esta questão: competitividade, vergonha e estigmatização.

Privacidade em competições está relacionada a ideia de ocultar habilidades ou considerações como forma de obter vantagem: “é óbvio que seria uma desvantagem para Bobby Fischer se ele não pudesse analisar as possíveis posições de um jogo de xadrez em privado, sem que seu oponente soubesse sobre os seus resultados”

(RACHELS, 1975, p. 323, tradução nossa). Indivíduos podem sentir vergonha de determinados aspectos pessoais e, por isso, podem querer mantê-los em segredo: “revelar um padrão de alcoolismo ou abuso de drogas pode resultar em um homem perdendo seu emprego” (RACHELS, 1975, p. 324, tradução nossa). Revelar determinadas informações de um indivíduo pode gerar graves consequências. Atitudes socialmente inaceitáveis tomadas por um sujeito no passado, quando reveladas, podem fazer com que este indivíduo passe a ser estigmatizado, mesmo que este comportamento tenha sido extinto (RACHELS, 1975). Para determinados serviços, como financiamentos ou cadastros em políticas públicas, eventualmente são necessárias informações pessoais do sujeito que deseja utilizar destes serviços (RACHELS, 1975). Independente dos meios utilizados para coletar estes dados, é possível que informações pessoais que não sejam importantes para o processo também sejam coletadas; exemplos de informações são: visão política ou vida sexual. Neste sentido, é possível que a aceitação do sujeito seja afetada por estas informações que são irrelevantes para o processo (RACHELS, 1975).

Agora é possível entrar na questão do anonimato. Mas, a pergunta é: anônimo para *quem*? Zero, de Code Geass, era um verdadeiro anônimo, citado muitas vezes como apenas um “símbolo”. Qualquer um que vestisse sua máscara seria o Zero. Foi levantada diversas vezes durante a história do mangá que a identidade de Zero era revelada pelos seus atos e não por seja quem fosse que estivesse vestindo a máscara. Nos *imageboards*, são todos anônimos, o próprio Coletivo Anonymous surgiu do 4chan (PEREIRA, 2014) – um exemplo contemporâneo de utilização do anonimato (definição de “4chan” no glossário). Antonio (2013) afirma que o anonimato permite a qualquer sujeito falar utilizando o nome de Anonymous. Afinal, Anonymous é somente um símbolo. Todos os “comunicados oficiais” do Coletivo Anonymous são verdadeiros ao mesmo tempo que falsos, pois qualquer anônimo pode utilizar do símbolo (ANTONIO, 2013).

Imageboards possuem um funcionamento similar, ou mesmo são o que propiciaram o surgimento do Anonymous. Segundo Antonio (2013), os *imageboards* são um tipo de fórum anônimo que permite a postagem de texto com imagens anexadas. Os *imageboards* diferem-se dos sites de redes sociais, pois, em sua maioria, não necessitam de nenhum tipo de cadastro. *Imageboards* também não arquivam as informações postadas, todo o conteúdo submetido pelos membros é efêmero (ANTONIO, 2013). A questão do anonimato é uma característica muito forte

dos *imageboards*, os usuários não recebem qualquer tipo de identificação, nem mesmo pseudônimos. Desta forma, não há como associar discurso com identidade, os usuários podem utilizar da liberdade de expressão sem sofrer qualquer tipo de represália (PEREIRA, 2014) – o foco está na mensagem e não no emissor.

"Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária. É o que se chama de princípio de alteridade" (CHARAUDEAU, 2009, *on-line*). Como perceber o outro em um espaço onde existem apenas discursos sem identificadores associados? Pereira (2014, p. 104), caracteriza a comunidade do *imageboard* 4chan como tendo uma "alteridade invisível que o anonimato permite pelo seu caráter subversivo somado ao aspecto de multicamadas do hibridismo virtual". Embora neste contexto, os sujeitos não deixam de ser quem de fato são ao acessar um fórum anônimo (KNUTILLA, 2011). Mesmo que não haja um pleno conhecimento das pessoas do espaço, em algum momento os indivíduos acabam revelando alguma característica que os identifica (KNUTILLA, 2011). O paradoxo de atração e repulsão simultâneas apresentado por Charaudeau (2009) – onde a diferença do "outro" é uma forma do "eu" tomar consciência de sua própria identidade enquanto é também um mecanismo que gera repulsa e desconfiança pelo fato deste "outro" ser justamente diferente – ainda pode existir nos *imageboards*. Um exemplo é o caso do 4chan, onde muitas tendências são iniciadas e eventualmente disseminadas para toda a internet, mas quando o grupo percebe que virou uma tendência cujo qual o gosto é compartilhado por muitos, passam a depreciá-las (KNUTILLA, 2011).

Retomando a pergunta: "anônimo para quem? ". Isto depende do que é o anonimato. Em um sentido mais primitivo, o anonimato é a capacidade de "enviar mensagens sem um remetente", de forma que seja impossível para o receptor relacionar o sujeito emissor com a mensagem emitida (PALME; BERGLUND, 2002). Porém, na perspectiva dos *imageboards*, acabam entrando outras dimensões. Primeiro que ao acessar estes espaços, o *IP* do usuário já está associado à mensagem, sendo uma forma dos administradores e moderadores do *website* identificarem os usuários. O anonimato consta em nível de interface, os sujeitos que estão acessando não sabem quem são as outras pessoas (PEREIRA, 2014). Não obstante, isto é verdade somente na *surface web*, podem existir *imageboards* em *darknets* que de fato permitem um completo anonimato (PEREIRA, 2014). Ou seja, o

anonimato é na maioria das vezes parcial, dificilmente pleno. O que torna importante a definição de “níveis de privacidade”.

Hawkey & Inkpen (2005) dividem a privacidade [em nível de informação] em quatro pontos: público, semi-público, privado e “não salvas”. Este conceito foi utilizado para determinar o quão confortáveis os sujeitos se sentiam em relação à outras pessoas saberem que determinado *website* é acessado por eles; esta ideia pode ser transferida para a questão desta pesquisa, não se limitando à perspectiva do estudo de origem.

“Públicas” são as informações acessíveis por qualquer pessoa, sem que exista a necessidade de qualquer autorização de terceiros. “Privadas” são informações que somente um sujeito detêm, ou no máximo poucas pessoas extremamente próximas deste sujeito possuem acesso. Informações “semi-públicas” são tudo o que está entre o público e o privado. Informações “não salvas” podem cair em qualquer nível de privacidade; podem ser desde informações altamente sigilosas e por isso não são armazenadas em lugar nenhum, até informações insignificantes que não valem ser registradas (HAWKEY; INKPEN, 2005).

As identidades dos sujeitos que acessam *imageboards* podem estar entre semi-públicas e privadas dependendo da quantidade de sujeitos que detém o acesso à área administrativa do *website*. Mas, em função da estrutura destes espaços, é possível considerar que também se caracterizam como “não salvas”, visto que eventualmente irão desaparecer devido ao caráter efêmero dos *imageboards* (PEREIRA, 2014). Embora que, no Brasil, os *websites* necessitem manter um registro dos acessos por pelo menos 6 meses (BRASIL, 2014).

De acordo com o “Marco Civil da Internet”, em relação ao uso da internet no Brasil, há “garantia da liberdade de expressão, comunicação e manifestação de pensamento, nos termos da Constituição Federal” (BRASIL, 2014). Ou seja, através da internet qualquer sujeito têm liberdade para se expressar da forma que achar melhor. Desde que, é claro, esteja dentro dos parâmetros da Constituição Federal, aferindo que “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato” (BRASIL, 1988). Em países ditatoriais, é natural que a população utilize o anonimato como uma ferramenta para passar por cima da censura do Estado, como ocorre na China (PAGLIERY, 2016), onde os sujeitos utilizam da Rede Tor (ver glossário) para acessar o Facebook. Mas, no Brasil, qual seria a justificativa para os sujeitos estarem buscando o anonimato destes *imageboards*? Na perspectiva dos *imageboards*, utilizar

do anonimato para o crime pode não ser uma opção, visto que a moderação da maioria destes *websites*, como o 4chan, repreendem qualquer tipo de organização de crimes ou postagem de pornografia infantil, além de relatarem os *IPs* dos envolvidos para as autoridades (ANTONIO, 2013; PEREIRA, 2014).

Contudo, cibercrime não é relativo somente à roubos de identidade, pirataria ou disseminação de *malware*. Cyberbullying (HUNTON, 2009) ou *leaks* de fotos de famosos também se caracterizam como tal (MARWICK, 2017). Este tipo de crime pode existir com maior frequência em espaços como Reddit ou 4chan – e pode nem mesmo ser entendido como "crime" por parte dos sujeitos inseridos nestes espaços. Questões tóxicas são abordadas desde a gênese da cultura dos *message boards* (STRYKER, 2011). Desta forma, não há garantia de que as regras sejam cumpridas. Ou ainda, pode existir determinado relativismo para o que é considerado "crime" nestas subculturas.

Imageboards são espaços que exercem bastante influência principalmente no ciberespaço. Muitas tendências acabam sendo criadas nestes meios, principalmente *memes* e virais. Christopher Poole (ou *moot*), criador do 4chan, é considerado uma das pessoas mais influentes do mundo (STRYKER, 2011) justamente por ser o criador deste *website*. O anonimato é uma "grande voz" nestes espaços; através deste anonimato é possível criar desde *memes* e virais até orquestrar manifestações tanto nos espaços físicos quanto nos espaços virtuais (STRYKER, 2011). Entender os motivos pelos quais os sujeitos estão buscando o anonimato, pode ajudar a entender este aspecto da realidade.

Pereira (2014) disserta sobre a produção de sentido nas redes sociais efêmeras e anônimas utilizando o 4chan como objeto de estudo. Nessa pesquisa, esta rede é analisada na perspectiva dos discursos levantados, o 4chan como uma "fábrica de *memes*", onde é possível ver o desenvolvimento da "matéria bruta de uma tendência de organização" (PEREIRA, 2014, p. 113).

Este estudo é lateral ao trabalho de Pereira (2014). Porém, busca analisar o conteúdo preservando o olhar para as apropriações que são dadas ao anonimato proveniente dos *imageboards*, delimitando a pesquisa em nível de Brasil. Esta busca pelo anonimato é concatenada às questões de privacidade e vigilância da contemporaneidade. Os *imageboards* foram escolhidos como objeto de estudo por possuírem um diferencial em relação a outros fóruns anônimos: não é necessário cadastro e nem pseudônimos são associados às postagens. De acordo com uma

entrevista do criador do *2channel* na Japan Media Review (2003, apud PEREIRA, 2014), “com a *ID* de um usuário, aqueles que participam num site por muito tempo tendem a ganhar mais respeito e autoridade, e isso torna difícil para um usuário concordar ou discordar deles”. Neste sentido, com o tempo, os usuários antigos destes fóruns começam a receber um rótulo de “superiores” e, por consequência, acabam existindo identificadores associado às postagens; o que foge da definição de anonimato deste estudo. Não apenas isso, os *imageboards* possuem uma cultura fundada no anonimato (STRYKER, 2011), o que se encaixa perfeitamente no escopo desta pesquisa.

A principal hipótese levantada para este estudo é a de que existe uma relação entre a intensidade das emoções e sentimentos dos sujeitos e o anonimato. Neste sentido, também se levanta como hipótese a existência de uma relação entre o anonimato e a quantidade de vezes em que assuntos “tóxicos” são abordados. As evidências para esta hipótese são a própria cultura dos *imageboards* que, desde o princípio, abordou assuntos de origem *blackhat* [ver glossário] (STRYKER, 2011). Porém, nenhum estudo que foi buscado validou se isto se originou pela cultura em si ou se é simplesmente o anonimato que propicia este tipo de comportamento.

Desta forma, esta é uma pesquisa de natureza básica, pois “envolve verdades e interesses universais, procurando gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 126), acerca da temática análise das apropriações do anonimato nas subculturas dos *imageboards* concatenada às questões de vigilância e privacidade da contemporaneidade e delimitada em nível de Brasil. A questão de pesquisa do estudo é: que tipo de conteúdo pessoas que estão sob o anonimato produzem?

Este estudo utiliza da abordagem indutiva, visto que “o argumento passa do particular para o geral, uma vez que as generalizações derivam de observações de casos da realidade concreta” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 126). Neste sentido, o *imageboard* brasileiro 55chan e a página do Facebook “Panelinha do Bananal (Poço de Urânio)” são utilizados como um “pedaço da realidade” para levantar as devidas generalizações. Em relação ao objetivo do estudo, caracteriza-se como descritivo, pelo fato de que “expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 127).

O procedimento técnico utilizado é análise de conteúdo e a observação do método etnográfico – especificamente a "etnografia virtual". Segundo Montardo (2014, p. 6), a etnografia virtual (netnografia) "é um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da Antropologia". A etnografia é "a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças" (ANGROSSINO, 2009, p. 30). A etnografia pode ser utilizada para "contextualizar o levantamento de dados quantitativos" (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 181), bem como para "identificar os participantes em um cenário social" (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 181). Já a análise de conteúdo, é um método utilizado para estruturar conteúdo discursivo e parametrizar sua análise (BARDIN, 2011). São como um conjunto de instrumentos que guiam o pesquisador na tarefa de análise.

Desta forma, esta pesquisa é de abordagem qualitativa e quantitativa. O estudo qualitativo é respectivo à própria análise de conteúdo. Já o quantitativo, consiste em um estudo não-experimental na linha de processamento de texto. Utilizando desta abordagem quantitativa, busca-se reconhecer padrões no conteúdo dos espaços selecionados para o estudo. A análise de conteúdo deve contextualizar os resultados quantitativos. Neste sentido, essas duas linhas não se divergem em nível de resultados, pelo contrário: elas se complementam.

O principal objetivo deste estudo é verificar as implicações da vigilância no anonimato das subculturas dos *imageboards*. Para isto (objetivos específicos), é necessário encontrar um *imageboard* que permita comunicação privada através do anonimato. Posteriormente, a partir deste *imageboard* selecionado (o grupo experimental), é necessário selecionar outro espaço que tenha as mesmas condições em nível de cultura, mas que não propicie comunicação privada através do anonimato (grupo controle). Desta forma, é preciso obter uma amostragem dos discursos apresentados em ambos os espaços para posterior comparação. Com as variáveis a serem analisadas nestes discursos definidas, assim como um procedimento metodológico para aplicação da análise de conteúdo já construído, é necessário coletar os dados e realizar um comparativo entre os grupos controle e experimental. Assim, os resultados podem ser apresentados e analisados em função do estudo quantitativo. Os objetivos específicos de cunho epistemológico são: relacionar a questão da privacidade à luz do anonimato e problematizar o uso da etnografia com as questões de anonimato na internet.

Na primeira sessão do estudo, a fronteira entre o público e o privado que se torna cada vez mais tênue é fragmentada em uma análise dos efeitos que a internet causa no comportamento dos sujeitos, seguida de uma discussão sobre a questão da exposição na era digital.

As subculturas dos *imageboards* são apresentadas e concatenadas aos aspectos comunicacionais de alteridade, cibercultura e identidade. Uma análise das origens deste tipo de fórum anônimo também é apresentada. Posteriormente, a análise se especializa no *imageboard* que esta pesquisa leva como foco: o 55chan.

A fundamentação teórica é finalizada adentrando os aspectos das vigilâncias da contemporaneidade. A questão de como o sujeito se posiciona perante estas vigilâncias e quais são estas vigilâncias é discutida em um diálogo análogo às perspectivas comunicacionais e sociais.

A seção do delineamento metodológico caracteriza os métodos utilizados para a pesquisa. Isto em nível de coleta de dados, procedimentos técnicos e outras características do estudo.

O estudo é finalizado com os resultados da pesquisa. É importante destacar que existe um glossário ao fim, que conta com as definições dos diversos termos utilizados no texto; este pode ser consultado caso o leitor não conheça algum destes termos utilizados.

1 FRONTEIRA ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Uma das motivações para trabalhar nesta proposta foi uma experiência profissional do autor na área de manutenção de computadores. Os sujeitos que levavam computadores para a manutenção eventualmente deixavam informações pessoais expostas em seus computadores, sem qualquer tipo de proteção contra o acesso não autorizado. Mesmo que se pense na questão ética, era impossível verificar o que os sujeitos que realizavam a manutenção faziam com estas informações. Esta experiência, somada com reflexões sobre a hiperexposição (BARNES, 2006; PRIMO et al, 2015) de indivíduos em sites de redes sociais, agiu como estopim para estudos nesta área de pesquisa. *A priori*, parecia que os sujeitos não se importavam com a privacidade digital. Utilizando esta aproximação como motivação, estudos bibliográficos preliminares foram levantados e informações relativas ao comportamento do sujeito quando na internet, privacidade *online* e cibercrime foram obtidas. Os estudos revelaram que houve crescimento da prática de cibercrime (FAFINSKI; MINASSIAN, 2010) e que o sujeito tende a ser mais desinibido quando *online* (SULER, 2004).

A revisão de lei apresentada por Warren e Brandeis (1890) em “The Right to Privacy”, mostra que é antiga a preocupação entre a questão da privacidade e a tecnologia. Nesta publicação são citadas as fotografias instantâneas e os jornais impressos como mídias que poderiam invadir a privacidade doméstica, isto pela facilidade de persistir e replicar conteúdo que estas tecnologias trazem.

Na contemporaneidade, alguns autores revisitam a ideia do panóptico. Barnes (2006) cita que o mesmo tipo de monitoramento realizado em uma penitenciária panóptica pode ser aplicado na cultura contemporânea. Santaella (2010) aponta para as ambiguidades da vigilância, que pode ser benéfica por proteger (podendo evitar crimes, por exemplo) ou uma ameaça pelo caráter invasivo (pela questão da liberdade, por exemplo).

Em Rachels (1975) é apresentada a importância da privacidade. Neste estudo, é citado como um aspecto importante da privacidade a questão de esconder informações pessoais que, se reveladas ao público poderiam causar algum tipo de estigmatização. Como por exemplo, um sujeito que já esteve preso por cometer determinado crime, mas que não mais executa tais ações. É possível que a sociedade

o evite pelo seu comportamento, mesmo que não ocorra mais; manter esta informação em segredo pode ser importante para a sobrevivência deste sujeito.

Neste sentido, esta seção do estudo revisa a questão da privacidade no ciberespaço e os efeitos que o ciberespaço causa no comportamento do sujeito a partir do "Efeito de Desinibição *Online*". Além disso, são abordadas as possíveis consequências da exposição na internet. Esta seção é finalizada apresentando o "Efeito Streisand": a "vontade" que a internet possui em persistir conteúdo que deveria ser censurado. Junto deste tema, é abordado o caráter não-efêmero que indexadores propiciam para a *web*, que fazem com que as informações submetidas ao ciberespaço dificilmente desvaneçam.

1.1 O PÚBLICO E O PRIVADO

Assim como no período em que o Império Romano entrou em decadência, na contemporaneidade, a vida pública é tratada como uma questão meramente formal (SENNETT, 1988). As negociações com o Estado e as interações com estranhos, por exemplo, são tratadas em uma perspectiva de necessidade, sem um espírito de "vontade". A própria figura do sujeito "estranho" já é considerada ameaçadora (SENNETT, 1988; GIDDENS; FIKKER, 1991). O domínio público, ao contrário da família ou amigos, geralmente é um vínculo sem intimidade, um conjunto de sujeitos – o "povo" – unidos como uma organização. Porém, este domínio público, parece, hoje, mais como uma questão de "estar de acordo". O que diferencia esta realidade da do Império Romano é a *alternativa*, a razão pela qual o sujeito "volta-se para dentro". No caso dos Romanos, na privacidade buscava-se um princípio para "contrapor o público". Na contemporaneidade, o sujeito utiliza da privacidade para a reflexão. Busca-se o autoconhecimento, saber o que é verdadeiro e o que é falso neste "eu". Nesta concepção de privado o interesse não está na interação com um grupo limitado de pessoas íntimas; o interesse reside em um aprofundamento do "eu" (SENNETT, 1988).

A *psique* é tratada como uma coisa "delicada", que precisa ser protegida do mundo. O "eu" não é colocado à prova através da interação com o mundo. Pelo contrário, o autoconhecimento tornou-se uma obrigação própria, objetivo que só pode ser atingido isolando a *psique* do resto do mundo. Os sujeitos estão tão voltados para si mesmos que se torna cada mais vez difícil demonstrar sentimentos ou se expressar (SENNETT, 1988).

O sujeito só consegue enxergar significado na sociedade quando a questão da *psique* é colocada na equação. Por exemplo, o critério para a escolha de um político não são suas propostas ou execução do trabalho. Pelo contrário, o que define esta escolha é quem este sujeito *é*. Os indivíduos estão obcecados pelo "eu" das pessoas. Pelo fato desta interioridade que reside em cada sujeito ser desconhecida, foi desencadeada uma confusão sobre o que é considerado público e o que se limita como privado. O balanço entre estas questões pendeu fortemente para o privado – a interioridade. Como resultado, os sujeitos não se interessam mais com sinceridade pelas questões do outro. O "amor físico" é um exemplo que ilustra esta tendência. Busca-se nestas relações um "complemento" ao "eu", um *outro* que possa servir para autenticá-lo. O interesse volta-se não para as questões do *outro*, mas sim para o que *eu* sinto em relação a este outro – o que o *outro* significa para *mim*. Isto resulta na autoacusação, pois, se o sujeito pudesse se importar mais com o *outro*, então poderia ter relações mais "reais" (SENNETT, 1988).

Em síntese, o envolvimento por parte do sujeito para com o que é de domínio público subverteu-se à questões de razão psicológica, o sujeito meramente procura um aprofundamento do "eu" nestas relações. As interações com sujeitos são trocas de intimidades e, à medida que esta troca deixa de ser estimulante, cessa-se o interesse pela relação. Tudo isso aponta para um abandono daquilo que é público. É possível enxergar este abandono observando a estrutura dos espaços urbanos: prédios são construídos como se estivessem "em qualquer lugar", sem considerar o que existe ao redor (SENNETT, 1988).

> No Brunswick Centre, dois enormes complexos de apartamentos se erguem para fora de um grande espaço aberto de concreto; os edifícios de apartamentos vão diminuindo a cada andar, de tal modo que cada um deles parece uma cidade com jardins suspensos localizados numa colina. Na sua maioria, as sacadas dos apartamentos do Brunswick Centre são envidraçadas; desse modo, o morador do apartamento dispõe de uma parede de estufa, que deixa passar muita luz e rompe a barreira entre exterior e interior. Essa permeação entre a cidade e o espaço interno é curiosamente abstrata. Tem-se a agradável percepção do céu, mas os edifícios estão dispostos de maneira a não ter nenhuma relação com os edifícios de Bloomsbury ao seu redor, nem vista para eles. Na verdade, os fundos de um dos blocos de apartamentos, revestidos de concreto sólido, dão para, ou melhor, nem tomam conhecimento de uma das mais belas praças de Londres. O edifício está localizado como se pudesse estar em qualquer parte, o que vale dizer que seus projetistas não tinham a sensação de estarem em nenhum local específico, muito menos em um meio urbano extraordinário. (SENNETT, 1988, p. 15)

Existem espaços públicos vazios, sem qualquer tipo de acomodação para a permanência; isto sugere que os espaços públicos são ambientes de passagem, construídos justamente para evitar o contato. São espaços de movimento, que servem para permitir ao indivíduo chegar do ponto A ao ponto B. Os sujeitos se zangam quando esta movimentação é contida; o automóvel é um instrumento que permite esta movimentação sem contato. Com este veículo não é necessário que se troque o meio de transporte (de ônibus para o metrô, por exemplo) ou entre em demasiado contato com outras pessoas. O automóvel particular evita a visibilidade e propicia o isolamento (SENNETT, 1988). Sennett (1988) realiza alguns apontamentos relevantes para este estudo quanto a questão do isolamento:

> Até agora, empregamos o termo "isolamento" em dois sentidos: em primeiro lugar, significa que os habitantes ou os trabalhadores de uma estrutura urbana de alta densidade são inibidos ao sentirem qualquer relacionamento com o meio no qual está colocada essa estrutura. Em segundo lugar, significa que, assim como alguém pode se isolar em um automóvel particular para ter liberdade de movimento, também deixa de acreditar que o que o circunda tenha qualquer significado além de ser um meio para chegar à finalidade da própria locomoção. Existe ainda um terceiro sentido, um sentido um tanto mais brutal de isolamento social em locais públicos, um isolamento produzido diretamente pela nossa visibilidade para os outros. (SENNETT, 1988, p. 16)

Em relação ao terceiro sentido de "isolamento" apresentado por Sennett (1988), o indivíduo precisa manter determinada distância entre sua intimidade e a observação do outro para que possam ser sociáveis. Os escritórios com paredes permeáveis são utilizados para justamente evitar esta aproximação, os sujeitos tornam-se mais produtivos, pois, com a observação, é menos provável que surjam conversas mais íntimas. Porém, a medida em que o sujeito se torna mais reservado quando observado – preservando-se da vigilância – compensa isso se expondo para um determinado grupo limitado de pessoas cujas quais deseja-se estabelecer contato. Desta forma, existem duas abordagens deste sujeito: a primeira, um indivíduo social que, quando observado [na vida pública], utiliza das "máscaras de polidez", e a segunda que ocorre quando este sujeito se envolve em relações mais íntimas [vida íntima] e descarta estas máscaras (SENNETT, 1988).

Afinal, o que é "público" e o que é "privado"? As primeiras definições para "público" são conotativas àquilo que é de "bem comum" na sociedade. Posteriormente, foi acrescentado ao sentido da palavra que "público" é também tudo aquilo que é passível de observação geral. O conceito de "privado" foi inicialmente associado a privilégios. Próximo ao século XVII, estes conceitos aproximaram-se mais das suas

definições carregadas na contemporaneidade. “Público” era tudo aquilo passível de ser observado por qualquer sujeito, e “privado” era uma região reservada da vida do sujeito, composta por sua família e amigos. “Público” é uma vida que se passa fora do “privado”, fora da intimidade dos amigos e família (SENNETT, 1988).

> Assim como no comportamento, também na crença os cidadãos das capitais do século XVIII tentavam definir tanto o que era a vida pública quanto aquilo que ela não era. A linha divisória entre vida privada e vida pública constituía essencialmente um terreno em que as exigências de civilidade — encarnadas pelo comportamento público, cosmopolita — eram confrontadas com as exigências da natureza — encarnadas pela família. Os cidadãos viam conflito entre essas exigências; e a complexidade dessa visão residia no fato de que se recusavam a preferir uma em detrimento da outra, mantendo ambas em um estado de equilíbrio. Comportar-se com estranhos de um modo emocionalmente satisfatório, e no entanto permanecer à parte deles, era considerado em meados do século XVIII um meio através do qual o animal humano se transformava em ser social. As condições para a paternidade, ou maternidade, e para amizades profundas eram consideradas por sua vez potencialidades humanas, em vez de criações humanas; enquanto o homem se fazia em público, realizava sua natureza no domínio privado, sobretudo em suas experiências dentro da família. As tensões entre as exigências de civilidade e os direitos da natureza, manifestadas na partilha entre vida pública e vida privada no centro cosmopolita, não apenas se espalharam pela alta cultura da época como também a esferas mais mundanas. Essas tensões transpareciam nos manuais sobre a criação dos filhos, nos folhetos sobre obrigações morais e crenças de senso comum sobre os direitos do homem. Juntos, o público e o privado criavam aquilo que hoje chamaríamos um “universo” de relações sociais. (SENNETT, 1988, p. 19)

No século XIX, uma das ocorrências que alterou as relações de público e privado foram as alterações em relação ao entendimento e as crenças de entidades e fenômenos. Estas perderam o espectro – talvez até romantizado – de que tudo possuía um contexto e que, este contexto, precisaria ser compreendido para que se pudesse apontar o significado de alguma coisa. Diferente de no século XVIII, o “fato”, o “momento” e o “imediato” por si só passaram a ser considerados significantes; um “fato” poderia ser realidade por si mesmo. Desta forma, foi possível que, por exemplo a “emoção” pudesse ser colocada como objeto de estudo. Nada seria então, irrelevante, qualquer “momento” poderia trazer consigo um significado. Esta ressignificação teve um grande impacto no que concerne à vida pública: ela precisaria ser levada à sério, pois, qualquer ação seria uma pista do que se esconde na intimidade de cada sujeito (SENNETT, 1988).

Neste contexto, como o sujeito não iria, eventualmente, voltar-se para seu interior? Na contemporaneidade, é senso comum que os nossos “verdadeiros sentimentos” são expostos através de lapsos não intencionais – uma “exposição involuntária da emoção”. Ou seja, a fronteira entre o público e o privado já não estaria

mais nas mãos do sujeito. Se é impossível evitar que outras pessoas acessem a intimidade, como se proteger deste olhar? A defesa mais lógica é evitar “sentir”, não possuir sentimentos para serem demonstrados (SENNETT, 1988).

> Cresceu a noção de que estranhos não tinham o direito de falar, de que todo homem possuía como um direito público um escudo invisível, um direito de ser deixado em paz. O comportamento público era um problema de observação e de participação passiva, um certo tipo de voyeurismo. Balzac chamava-o “gastronomia dos olhos”; a pessoa está aberta para tudo e nada rejeita a priori de sua esfera de ação, contanto que não tenha de se tornar um participante ou se envolver numa cena. Esse muro invisível de silêncio, enquanto um direito, significava que o conhecimento, em público, era questão de observação — das cenas, dos outros homens, dos locais. O conhecimento não seria mais produzido pelo trato social. (SENNETT, 1988, p. 25)

Sibilia (2008) cita a obsessão das pessoas pelas intimidades dos sujeitos. Na leitura, por exemplo, a busca por romances e ficções está diminuindo à medida em que a procura por biografias aumenta. Esta “fome de realidade” (SIBILIA, 2008, p. 34) pode ser vista através da crescente quantidade de acessos aos “diários íntimos” que são expostos no ciberespaço, diários estes que funcionam como uma espécie de “confessionário” – colocados no formato de *blogs*, *flogs* ou *vlogs*, por exemplo. Outro ponto que pode ser observado, é que as buscas por relatos biográficos de “vidas comuns” aumentaram em detrimento da procura por biografias de figuras ilustres. Neste sentido, o que promove a sensação de realidade nestas “vidas comuns” colocadas no ciberespaço é a “autenticidade” existente nestes escritos. Se pressupõe que estes relatos são verdadeiros porque são “experiências íntimas de um indivíduo real” (SIBILIA, 2008, p. 37). Porém, esta “autenticidade” na verdade não pode ser verificada, mas a leitura de uma autobiografia necessita de um pacto onde o leitor *precisa* acreditar que se trata de uma obra não-fictícia.

O próprio ato da leitura está sofrendo alterações: as pessoas, de forma geral, passam mais tempo assistindo televisão do que lendo livros. Isto implica nas questões de “público” e “privado”, pois, o ato da leitura é algo individual, para ser realizado de preferência “na privacidade do seu lar” (SIBILIA, 2008, p. 46); ato este que tende a “interioridade”. Porém,

> (...) os meios de comunicação audiovisuais baseados no esquema broadcasting do século XX, por sua vez, reforçaram esse movimento tendente ao gradativo encerramento no âmbito privado, embora sem solicitar aquele “monólogo interior” típico da leitura. (SIBILIA, 2008, p. 46)

Com as tecnologias digitais que abandonam este esquema de um emissor para muitos receptores, estas tendências de “interiorização” e “exteriorização” parecem se fortalecer, visto que propiciam “cada vez mais privatização individual, embora cada vez menos refúgio na própria interioridade” (SIBILIA, 2008, p. 46). Os aparelhos de rádio e televisores moveram-se de acomodações comuns para quartos pessoais, ou estão “plugados” nos sujeitos. Mas, isso não leva para o mesmo “monólogo interior” dos leitores-escritores do século XIX. Até porque, as características estimuladas na contemporaneidade são antônimas a esta: atividades em grupo em detrimento do trabalho individual e capacidade de “multitarefas” em detrimento da concentração, por exemplo. Os sujeitos estão se tornando cada vez mais “interativos” e também mais “visuais” do que “verbais” (SIBILIA, 2008).

> No compasso de uma cultura que se ancora crescentemente em imagens, desmonta-se o velho império da palavra e proliferam fenômenos como os aqui examinados, nos quais a lógica da visibilidade e o mercado das aparências desempenham papéis primordiais na construção de si e da própria vida como um relato (SIBILIA, 2008, p. 48)

Em relação à subjetividade, algumas poucas capacidades são altamente estimuladas em meio a todas as outras que são deixadas de lado (como a capacidade de multitarefas em detrimento da concentração). De forma similar, os avanços das interfaces gráficas dos computadores impuseram um padrão de audiovisualidade que destaca alguns sentidos em detrimento de outros (SIBILIA, 2008).

> É provável que sejam esses os motivos, também, de que hoje a vida pareça muito com um filme. Já não contamos nossas narrativas existenciais seguindo o modelo da épica, nem tampouco o de uma tragédia romântica, com longos parágrafos de esmerada sintaxe para decifrar um minucioso drama existencial. Nossos relatos autobiográficos não copiam mais aqueles romances que se liam com fruição desvelada durante horas a fio. Em vez disso, e cada vez mais, nossas narrativas vitais ganham contornos audiovisuais. Episódios triviais ou demoníacos são adestrados dessa forma; assim, os gestos cotidianos mais insignificantes revelam certo parentesco com as cenas dos videoclipes e das publicidades. Ou pelo menos nelas se inspiram, e parece desejável que com elas se assemelhem. Em certas ocasiões chegam até a se converter nesses pequenos filmes, que são lançados ao mundo nas vitrines virtuais do YouTube, de um videolog ou de uma *webcam*. (SIBILIA, 2008, p. 49)

Neste sentido, o sujeito, ao invés de sentir empatia pelo que enxerga nas mídias, avalia sua vida em função do “grau em que ela satisfaz as expectativas narrativas criadas pelo cinema” (SIBILIA, 2008, p. 49). A vida é valorizada em sua capacidade de virar um filme. Portanto, é compreensível que os sujeitos adaptem suas

vidas para como se sempre estivessem na frente de uma câmera, até porque, o sujeito nunca sabe quando pode estar sendo filmado (SIBILIA, 2008).

Os inúmeros “confessionários” existentes na *web* apontam para mais uma mudança que ocorreu no século XXI: ao contrário dos séculos anteriores, onde existiam muitos leitores para poucos autores, no século XXI, esta diferença deixou de ser tão significante. Desta forma, os sujeitos criam conteúdo à medida que consomem; mas, contraditoriamente, esses autores não parecem querer que suas “obras” sejam de fato ”consumidas”. O importante é que o outro perceba a existência destes relatos – “se tal constatação for publicada na grande mídia, melhor ainda” (SIBILIA, 2008, p. 237). São obras dirigidas para o outro, os comentários deixados pelos usuários sobre estes relatos são esperados e servem para reafirmar a subjetividade do “autor”, pois o sujeito necessita do olhar alheio para confirmá-la (SIBILIA, 2008).

Mas, por que toda essa exposição? De acordo com Sibilia (2008), um dos principais motivos para isto poderia ser o medo da solidão. A sociedade está cheia de perigos, e cada vez mais os sujeitos se dirigem para dentro das “fortalezas” de suas casas e apartamentos (SIBILIA, 2008; BAUMAN, 2009). A falta de segurança no espaço público faz com que o indivíduo se confine no seu espaço privado e, desta forma, volta-se para o ciberespaço (SIBILIA, 2008; BAUMAN, 2009). Portanto, é natural que aumentem os convites para que outros sujeitos acompanhem os detalhes de sua intimidade e, portanto, o que ocorre é uma vontade de exposição da própria intimidade, um desejo de não-privacidade (SIBILIA, 2008).

> "Não o faço por dinheiro, aparecer me deixa feliz", conta uma adolescente que publica suas fotos eróticas em um blog. "Ainda nem consigo acreditar que os rapazes falam de mim", diz emocionada, aludindo aos comentários que recebe de seus visitantes e espectadores através da internet. "É como ter fãs!", resume orgulhosa. "Passo o dia inteiro no computador do meu quarto", explica outra garota de treze anos de idade. "No Messenger tenho 650 contatos com os quais converso o dia inteiro. Além disso, tenho três fotologs pessoais, onde publico minhas fotos e escrevo sobre a minha vida", prossegue, para finalizar com a seguinte conclusão: "Assim conheci muitos garotos." (SIBILIA, 2008, p. 263)

1.2 HIPEREXPOSIÇÃO DA VIDA

Primo et al (2015) alertam para a “hiperexposição da vida” em redes digitais. Segundo o autor, as fronteiras entre o público e o privado estão cada vez mais tênues a medida em que a vida pública parece se alimentar do que é privado. O “privado”

sugere necessitar de um “reconhecimento” por parte do “público”: guardar segredos não faz mais sentido nesta contemporaneidade.

Esta seção do estudo busca contextualizar as questões de exposição na internet, apresentando primeiramente as alterações de comportamento que o sujeito sofre quando utiliza desta tecnologia. Posteriormente, informações sobre a exposição do sujeito na internet são levantadas. Por fim, as implicações deste comportamento são destacadas em perspectiva dos dados obtidos acerca desta exposição.

1.2.1 Efeito de desinibição *online*

Suler (2004) define o “Efeito de Desinibição *Online*” como o fenômeno onde o indivíduo, por via *online*, expressa-se mais abertamente e com menor cautela; de forma a desempenhar uma fala que nunca utilizaria presencialmente – através de um espaço físico. Este efeito de desinibição divide-se em duas formas de comportamento: a desinibição benigna e a desinibição tóxica. A desinibição benigna caracteriza-se quando o sujeito passa a utilizar o ciberespaço de forma a explorar e estender suas questões emocionais: “eles revelam emoções secretas, medos e desejos. Eles apresentam atos incomuns de gentileza e generosidade” (SULER, 2004, p. 321, tradução nossa). Já a desinibição tóxica, é relativa à quando o sujeito se apropria da internet para realizar atividades ilícitas ou consideradas socialmente inaceitáveis; como incitar o ódio e a violência, cometer crimes ou mesmo consumir pornografia, por exemplo (SULER, 2004).

Porém, não necessariamente estas características devem ser levadas como regra. Incitar o ódio, até determinado ponto, pode ser benigno; isto entraria no parâmetro de utilizar a internet para expandir as emoções, não é “crime” sentir raiva. *Imageboards* encontram-se entre benignos e tóxicos: ao mesmo tempo que os sujeitos utilizam do meio para incitar o ódio, também o utilizam como uma espécie de “fuga”. Isto é importante principalmente em culturas como a do Japão, onde as pessoas não são incentivadas a demonstrarem suas emoções (STRYKER, 2011). Porém, o aspecto “exposição” acaba não entrando nestes espaços, isto devido ao anonimato propiciado por estes *websites*.

Suler (2004) também coloca o fator anonimato como de importância para este efeito de desinibição. Com o anonimato, é possível para o sujeito ocultar a própria identidade e ainda assim comunicar e acessar informação. Desta forma, existe a impressão de não-consequência em relação ao que se faz na internet. Na mesma

linha, segundo Suler (2004), a “invisibilidade”, que é respectiva a comunicação não-presencial, onde o indivíduo não precisa controlar suas expressões ou imagem, também contribui para esta desinibição. Diferente do anonimato, a invisibilidade não é ocultar a identidade do sujeito: invisibilidade é ocultar a presença, ser fisicamente invisível.

Em *blogs*, e-mail, ou mensageiros instantâneos não existe necessariamente o pleno anonimato, o discurso nestes meios está vinculado à identidade do indivíduo. Porém, pelo fato de não serem presenciais, propiciam uma maior abertura no ato de expressar (SULER, 2004). Este tipo de comportamento também é observado presencialmente, como quando o sujeito evita o contato visual ao entrar em um assunto desconfortável durante uma conversa (SULER, 2004).

1.2.2 Efeito Streisand: “a internet nunca esquece”

Mayer-Schönberger (2011) conta a história do “pirata bêbado”, o caso de uma estudante em formação para lecionar. Ela havia completado todos os créditos e estava pronta para se licenciar. Mas, por causa de uma foto postada em seu MySpace onde, a estudante estava segurando um copo de plástico na mão e utilizando um chapéu de pirata, com a legenda “drunken pirate” (pirata bêbado), ela não conseguiu se formar. O administrativo da universidade achou que a foto não era “profissional” e que o comportamento não era “adequado” para uma professora. Por fim, ela tentou apagar a foto do seu perfil no MySpace, mas a foto já havia sido indexada por motores de busca e *web crawlers*: o ato de deletar já estava fora do seu controle.

Não há como saber até quando este tipo de informação continuará *online*. Esta é mais uma dimensão dentro desta era digital. Este caráter de “nunca esquecer” propiciado pela soma da exposição do indivíduo na internet e os indexadores de dados deste meio criam uma lembrança possivelmente incontrolável de tudo que é submetido ao ciberespaço. Boyd (2007 apud BRUNO, 2013) afirma que esta exposição pode ser intencional e utilizada como forma de criar uma identidade social através das postagens em sites de redes sociais, por exemplo. Isto serviria para “desviar” as inspeções familiares, policiais ou institucionais em determinadas circunstâncias (BRUNO, 2013), criando uma falsa identidade de sujeito. Esta pode ser uma atitude praticada principalmente por adolescentes (BRUNO, 2013). Porém, as

informações permanecem *online* e poderão se tornar indeletáveis. Ou seja, independente do fator intencionalidade, os dados continuam na internet.

O Efeito Streisand é a “vontade” que a internet possui de persistir informações que receberam censura ou que não poderiam ser compartilhadas por algum motivo (GREENBERG, 2007). Quando alguma informação precisa ser banida e desvanecer silenciosamente, o que acontece é justamente o contrário: a informação que deveria ser censurada é compartilhada incessantemente (GREENBERG, 2007). Este fenômeno foi nomeado a partir da atriz Barbra Streisand que, em 2003, na tentativa de afastar fotógrafos de sua residência, conseguiu chamar atenção pública para o caso e apenas piorar a situação (GREENBERG, 2007). Ou seja, na tentativa de silenciar uma situação é possível que o caso acabe sendo exposto e viralizado.

Mayer-Schönberger (2011) aponta para a importância de “esquecer” na era digital. Antes das tecnologias digitais e suas capacidades de persistir informação a longo prazo, era regra para os sujeitos esquecerem informação. Porém, com as tecnologias digitais, o oposto acontece: a regra é persistir a informação e esquecer é a exceção à regra. Quando uma informação é enviada para a internet, dificilmente será esquecida. Mesmo se o sujeito possuir domínio sobre a informação, no sentido de poder alterá-la ou excluí-la, existem os motores de busca e *web crawlers* que têm o poder de indexar a informação, persistir e replicar estes dados, tornando-os quase impossíveis de serem plenamente desvanecidos (MAYER-SCHÖNBERGER, 2011). Além deste fato, existem outros tipos de *software*, como o [*software*] de reconhecimento facial do Facebook, que consegue identificar sujeitos em fotos (CASTELLS, 2015), isto permite que os usuários sejam constantemente associados à determinado conteúdo. Privacidade na internet não é mais lembrada desde a proliferação dos *cookies* e estratégias de captação de dados (CASTELLS, 2009).

Existem empresas especializadas em captar as informações deixadas por usuários em sites de redes sociais e outros serviços da *web* e, com estes dados, montar dossiês detalhados destes sujeitos (BRUNO, 2013). Mesmo setores da segurança pública utilizam das informações disponibilizadas por sujeitos no *online*. Ainda, foram desenvolvidos serviços que permitem a qualquer sujeito rastrear dados da internet; seja através de sites de redes sociais, e-mail ou [a partir] de outras fontes (BRUNO, 2013).

Aqui entra mais uma dimensão na perspectiva da privacidade na internet: os dados postados pelos usuários podem servir como uma forma de “autenticação” dos

sujeitos. Em sites de encontros amorosos, os usuários conferem as identidades uns dos outros através das informações postadas no *website* (BRUNO, 2013). Desta forma, a vigilância atua como uma forma de autopreservação dos indivíduos. Uma vigilância praticada pelos próprios usuários, um tipo de *stalking* coletivo (ver glossário). De acordo com Bauman (2014), os indivíduos possuem medo do "outro". Desta forma, é importante destacar as relações de confiança e medo que incidem na dimensão da vigilância. Os indivíduos precisam estar constantemente confirmando suas identidades em função destes fatores (BAUMAN, 2014). A vigilância entra então como um fator de gestão destes medos modernos.

1.2.3 Exposição? O indivíduo frente às exigências da contemporaneidade

Pode ser muito simples continuar na linha de que o sujeito é uma entidade passiva no contexto das mudanças da modernidade, que somente entra no "jogo" da realidade sem ter a percepção do que o envolve. A questão da exposição pode muito bem ser de caráter adaptativo, no sentido de que há consciência do que está sendo realizado. Ser visto para ser lembrado pode ser uma exigência neste contexto contemporâneo. O ponto destas provocações é para colocar que até agora o sujeito foi ilustrado como sendo somente um produto da realidade em que está inserido, mas não como um protagonista do seu próprio espetáculo.

Ironicamente, esta ideia de "protagonismo", o sujeito que "bate de frente" com a realidade e enfrenta os riscos por si mesmo, pode ser, de acordo com Ehrenberg (2010), um quesito para *viver* a modernidade.

No passado, observar e admirar as figuras públicas tidas como "heróis" ou "estrelas" já era o bastante para os sujeitos (EHRENBERG, 2010): o ato de vislumbrar "como o seu semelhante se tornava alguém graças a seu mérito próprio" (EHRENBERG, 2010, p. 11). Porém, este vislumbre já não é mais o bastante para satisfazer o indivíduo. Exige-se que cada um alcance sua individualidade através da *ação* (EHRENBERG, 2010). "A democratização do aparecer não está mais limitada ao confortável consumo da vida privada" (EHRENBERG, 2010, p. 11), é necessário que na vida pública o sujeito assuma uma performance que construa sua unicidade.

O caminho para a singularidade é "ser dono de si mesmo". Neste processo não deve existir o auxílio de terceiros (EHRENBERG, 2010). "Só conta a ação do indivíduo que não dependa de ninguém, a não ser do próprio indivíduo" (EHRENBERG, 2010, p. 13). É neste ponto que entram a empresa e a figura do empreendedor: o

empreendedor é aquele que assume riscos, que encara a realidade com autonomia (EHRENBERG, 2010).

Sennett (1988) enfatiza o desinteresse que há pelas questões de caráter público. Energia esta que parece ter, em parte, sido transferida para a empresa, que foi "elevada ao posto de uma Instituição, da qual ninguém mais questiona a legitimidade" (EHRENBERG, 2010, p. 14).

Esta busca pela singularidade é diretamente proporcional à busca pelo "sucesso", e o caminho natural para buscar este sucesso é através do empreendedorismo (EHRENBERG, 2010). A empresa já não é mais associada somente a acumulação, "simboliza uma criação pessoal, uma aventura possível para todos" (EHRENBERG, 2010, p. 48). O sucesso é justamente chegar ao fim deste caminho de reconhecimento. A figura do "vencedor" é respectiva àquele que, com seus próprios recursos, chegou à um patamar em que pode viver por sua própria lei (EHRENBERG, 2010). Nisto, é possível observar que o vislumbre pela figura pública citado anteriormente já não é mais voltado para um ser inalcançável. Estas "estrelas" e "heróis" vivem realidades alcançáveis por qualquer um, pois eles próprios tiveram de "lutar" para alcançá-las. A figura do sujeito que já nasceu com os recursos necessários para o sucesso e não precisou "batalhar" é então rebaixava ao ridículo (EHRENBERG, 2010). Estes "vencedores" são tratados de forma similar aos grandes atletas, "eles sobem ao palco com um prestígio conquistado, análogo àquele do campeão, e não com o privilégio de ser bem nascido" (EHRENBERG, 2010, p. 61).

Porém, "sucesso" não é alcançar um cargo ou título. É possuir um caráter de unicidade, uma espécie de registro que o diferencia dos demais sujeitos:

> (...) o que é ser bem-sucedido, hoje?, pode-se dar uma resposta em dois níveis. Ser bem-sucedido é definir-se como uma *figura de começo*, ou seja, fazer-se a si mesmo, ter por passado aquele que se produziu por si mesmo, que não tenha sido legado pela transmissão de uma herança ou de uma filiação; colocando de outra forma, entre o sucesso e o esquecimento das origens há um laço dos mais estreitos. O homem que tem sucesso é, em primeiro lugar, o que, sem raízes e sem passado, fabrica para si mesmo *uma genealogia ao inverso*: sua própria história é a única que importa; de onde ele vem é, por sua vez, sem importância; em segundo, o que é, para si mesmo, seu próprio princípio já que representa apenas a si mesmo. (EHRENBERG, 2010, p. 53)

Esta busca é também sair do anonimato das massas, ser reconhecido pelo outro – que está na mesma hierarquia que *eu*, não *meu* chefe (EHRENBERG, 2010).

A figura do empreendedor que se tornou bem-sucedido por mérito próprio [e não pelo legado] serve como combustível para a *vontade* de também “vencer”. Pois, se outro consegue, *eu* também consigo. O sujeito enxerga que a diferença entre ele e o bem-sucedido é a *visibilidade* (EHRENBERG, 2010).

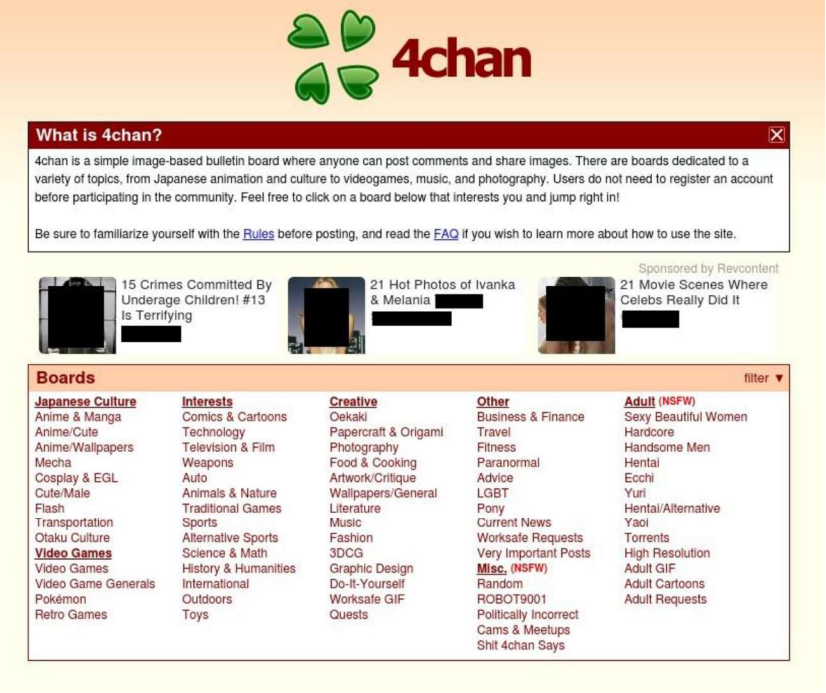
Isto tudo suscita a ideia de que todos possuem a *obrigação* de usar sua voz, de *performar*. O sujeito precisa falar por si mesmo e se singularizar, ao invés de deixar que uma instituição fale por este [indivíduo] (EHRENBERG, 2010).

Esta linha de pensamento não anula o que foi colocado anteriormente. A exposição no ciberespaço também pode ser originaria de um “medo da solidão”, por exemplo. Porém, este pode não ser o único motivo. É necessário destacar as exigências da modernidade, nesta hiperexposição pode existir um caráter de sobrevivência. Neste caso, o sujeito não se expõe de forma “inconsciente”, como um alguém que não tem noção dos seus atos. Pelo contrário, a exposição pode ser de caráter adaptativo, onde o sujeito busca obter vantagem através desta ação.

2 SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS*

Segundo Stryker (2011), *imageboards* são um simples fórum de mensagens que permitem a postagem de imagens associadas a textos. Este tipo de *website* é dividido em áreas chamadas “*boards*” (quadros). Cada uma destas *boards* possui um assunto diferente, como por exemplo, *anime* e mangá, esportes, música, pornografia, tecnologia, entre outros. Somente o */b/* – o *random* – que, como o nome sugere, permite postagens sobre qualquer assunto (PEREIRA, 2014). *Imageboards* também são conhecidos como “*chans*”, de *chan* – abreviatura de *channel* [canal] (PEREIRA, 2014); os usuários do *chan* são chamados de *channers*. Estes espaços possuem regras bastante flexíveis, como é o caso do */b/* do 4chan, que só não permite a postagem de pornografia infantil e a organização de crimes ou ataques públicos (PEREIRA, 2014).

Figura 1 – Página principal do 4chan



Fonte: https://4chan.org

O anonimato é um aspecto extremamente importante nestas subculturas. Toda interação que ocorre dentro destes espaços está sob a forma do anonimato – *interação* na perspectiva de Primo (2005, p. 2), que a define como uma "ação entre os participantes do encontro". É claro que, como citado anteriormente, este "anonimato" é uma questão de perspectiva: os usuários são anônimos somente entre si, mas não para os administradores e moderadores do *website*. O anonimato é considerado a principal vantagem destes espaços, pois evita que usuários ganhem autoridade em função de suas identidades (PEREIRA, 2014).

Os *imageboards* são configurados de forma que todas as postagens sejam apagadas em determinado momento (FONTANELLA, 2010). Toda informação postada é efêmera. As *boards* possuem uma quantidade máxima de páginas de postagens. Quando novas postagens são criadas no *website e* esta quantidade máxima é atingida, as postagens mais antigas são apagadas instantaneamente (FONTANELLA, 2010).

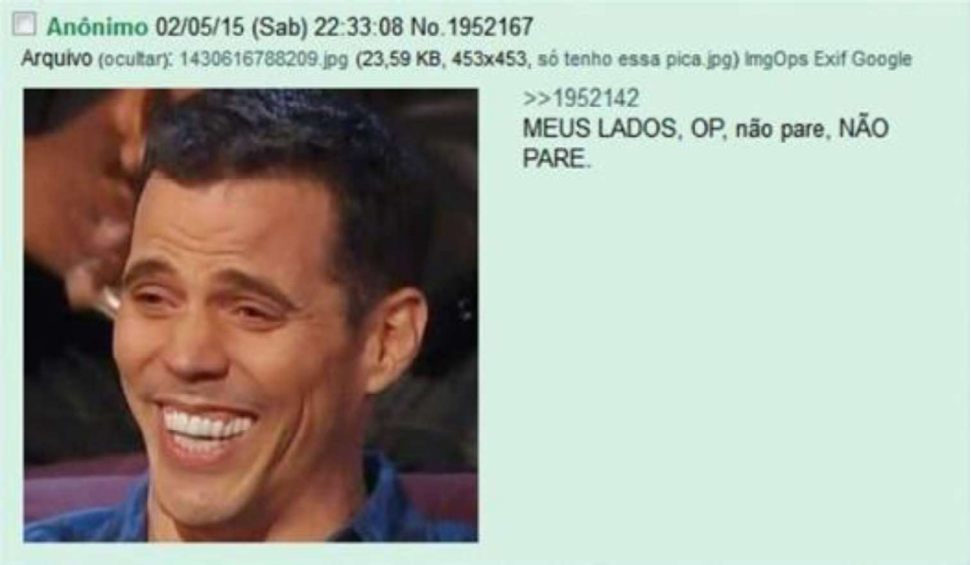
Os *imageboards* possuem uma cultura própria. O *imageboard* 4chan, por exemplo, iniciou como um espaço de diversão e, posteriormente, assumiu uma postura mais séria no sentido de abordar tópicos relativos à liberdade de expressão

(ANTONIO, 2013). Estes meios são fortemente influenciados pela cultura japonesa, como é possível evidenciar no caso do 4chan, um dos primeiros *imageboards* fora do Japão, que iniciou como um espaço para discutir sobre *animes* em inglês (PEREIRA, 2014).

Estes *websites* são por vezes utilizados como uma espécie de "fuga". Desta forma, usuários novos não são muito bem aceitos. Os membros destes espaços criam "códigos secretos" para afastar estes sujeitos (PEREIRA, 2014). Estes códigos são um vocabulário específico dos *imageboards*, conhecido como *chanspeak* (FIORENTINI, 2013). É possível que este seja um mecanismo de defesa, uma vez que o julgamento negativo pode ser uma forma do indivíduo proteger sua identidade (CHARAUDEAU, 2016). Ser "*troll*", por exemplo, faz parte da cultura dos *chans.* No início do grupo *Anonymous* "tudo não passava de brincadeiras como *trollar* usuários do MySpace, ou enviar pizzas para a casa de um neonazista" (ANTONIO, 2013, p. 56). A cultura *hacker* também está presente nos *imageboards*. O movimento hackerativista *Anonymous* originou-se dentro deste espaço, por exemplo (PEREIRA, 2014).

Como o nome sugere, os *imageboards* utilizam das imagens como forma de comunicar. Os *memes* (ANTONIO, 2013), geralmente imagens, conseguem dar significado à afirmação de que a comunicação não necessariamente conduz à informação (BOUGNOUX, 1999).

Figura 2 – Exemplo de *chanspeak*



Fonte: http://www.xienecult.ufba.br//modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=65765.pdf

> O texto multimodal acima foi retirado recentemente de um *chan* brasileiro, nele, apresenta-se a imagem de um homem que sorri – correspondente ao elemento visual do texto multimodal – e texto verbal que beira o ininteligível, ainda que se clarifique que *OP* é *Original Poster*, o responsável pelo início do tópico que no caso possuía tom jocoso, e que pica é uma tradução sarcástica para *picture.* Porém a expressão "MEUS LADOS" encontra possível correspondente no inglês. Em verbete do *Urban Dictionary*, encontra-se a seguinte descrição: "An exclamation of the pain one's sides are experiencing as a result of laughing so hard." Reelaborando tem-se: dor na região dos flancos devido a ataque de risos (ALVES, 2015, p. 8)

Alves (2015) descreve o conteúdo de uma postagem – ilustrada na Figura 2 – em um *imageboard* brasileiro. É possível que somente sujeitos inseridos há algum tempo neste espaço consigam entender o que realmente se deseja comunicar com esta mensagem. Este é um exemplo dos "códigos secretos" citados por Pereira (2014).

2.1 CIBERCULTURA E COMPARTILHAMENTO

Antes de definir cibercultura ou subcultura, é importante buscar um conceito mais básico: cultura. O termo "cibercultura", intuitivamente deriva do significado de cultura. Porém, é especificado em nível de ciberespaço. Desta forma, para este estudo, cultura é

> (...) este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (GEERTZ, 198 apud LARAIA, 2001, p. 25)

Ou seja, cultura é tudo aquilo que se constrói através do social, que é criado da interação entre os sujeitos. A cibercultura é a cultura que só pôde ser produzida devido a existência do ciberespaço. Não é necessariamente a cultura que é gerada dentro do ciberespaço como um "lugar", mas sim a cultura que necessita do ciberespaço como condição para existir. Neste estudo, o termo "ciberculturas" se refere aos "lugares e espaços de cultura do ciberespaço". Os *imageboards* são um exemplo destas ciberculturas, pois são um ambiente de interação na internet que, através desta interação, geram crenças, arte e costumes, por exemplo. Como é o caso das *rage comics*, que surgiram em uma *board* do 4chan em 2007 e que se propagaram em *blogs*, fóruns e sites de redes sociais (LUIZ, 2012); ou mesmo muitos *meme*s que se espalham através do ciberespaço são originários deste tipo de *website* (LIU, 2012).

Neste sentido, dada a conceptualização de cultura, segundo Pierre Lévy, a cibercultura é:

> (...) o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento, e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17)

Lemos (2003) afirma que este conceito abarca na relação indivíduo-cultura e as tecnologias de base microeletrônica. Enquanto o ciberespaço é, segundo Lévy (1999)

> (...) o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

Estes "computadores" são também *smartphones*, *tablets* e outros dispositivos móveis: a mobilidade apresenta outra dimensão ao ciberespaço. O ciberespaço é eventualmente visto como uma simples "porta" para o *online* (SANTAELLA, 2010). Com a mobilidade, alguns autores decretam o "fim do ciberespaço" (SANTAELLA, 2010). Mas, de acordo com Santaella (2010, p. 71), "os dispositivos móveis não apagaram o ciberespaço. Ao contrário, tornaram-no ainda mais onipresente". Desta forma, "ciberespaço não é PC" (SANTAELLA, 2010, p. 71), mas sim um espaço de interação acessível de qualquer lugar do mundo e que permeia a todos os espaços.

Santaella (2010) apresenta as divergências entre "lugar" e "espaço", onde espaço está associado a ideia de estrutura, uma localização, mesmo que digital. Já o lugar, é um conceito mais ligado ao abstrato; refere-se a sujeitos [ou grupos de sujeitos]. É possível para um indivíduo estar em vários espaços e em vários lugares ao mesmo tempo, possuindo até mesmo identidades diferentes em lugares diferentes. Nesta perspectiva, destaca-se a ideia do hibridismo, que ocorre quando espaços ou lugares físicos e digitais se unem em um mesmo lugar (SANTAELLA, 2010).

Imageboards nasceram em uma época onde o ciberespaço era outro. De fato, estava associado à ideia de ir até ele, sentar na frente de um computador, abrir o *browser* e acessá-lo. Hoje, isto funciona de uma forma completamente diferente: com a mobilidade, é possível acessar o ciberespaço de qualquer lugar. Mobilidade é "a habilidade de mover-se entre diferentes lugares de atividades" (SANTAELLA, 2010, p. 109). Com a mobilidade é então possível transitar entre estes diversos lugares.

A convergência da informática com as telecomunicações deu origem ao que se chama de sociedade da informação (CASTELLS, 1999). Henry Jenkins (2009) aponta para a Cultura da Convergência, onde as mídias se colidem e reproduzem informação que transitam entre estas diversas plataformas. Isto permite uma rápida reprodução de informação, que permeia entre estes meios.

O sujeito não é uma entidade passiva, no sentido de um alguém que somente consume informação. As pessoas estão "moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes" (JENKINS, 2015, p. 18). Neste cenário, destaca-se a "cultura participativa", onde diversos grupos produzem e distribuem mídia para atender um interesse coletivo (JENKINS, 2015).

A ideia de "viralizar" possui forte relação com a ideia de uma cultura participativa. Conceito este que está associado a difundir determinado conteúdo em função de outros conteúdos que ocupam o mesmo nicho. Como por exemplo é o caso do vídeo de Casey Heynes, que entre cinco milhões de vídeos do YouTube sobre as temáticas "briga" e "escola", estava no topo em nível de quantidade de acessos (WEBER, 2015). Mas, o que impulsiona o ato de viralizar? Porque dentre tantos vídeos sobre brigas, o de Casey Heynes foi o escolhido?

Jenkins (2015) utiliza do termo "propagabilidade" para se referir a "habilidade" que um conteúdo tem de se propagar. Conteúdo propagável está em um formato simples de ser compartilhado e tenta motivar o sujeito e convidá-lo para espontaneamente compartilhá-lo (JENKINS, 2015).

As pessoas estão interagindo cada vez mais através de sites sociais, mas é um erro dizer que foi a tecnologia quem trouxe à tona este caráter de compartilhar do ser humano. "Muita gente tem um primo ou uma avó que (ainda!) recorta artigos de jornal e pendura na porta da geladeira, cola num álbum, nos envia pelo correio regular" (JENKINS, 2015, p. 30). Antes mesmo da internet, esta natureza já era observável. O que a internet e os sites sociais fizeram foi amplificá-la, trouxeram o poder de uma maior capacidade de replicar (JENKINS, 2015).

Não existe uma única razão que leva o sujeito a compartilhar (JENKINS, 2015). Primo (2013) apresenta o caráter da alteridade no compartilhamento de conteúdo humorístico. O autor (2013) coloca que o ato de compartilhar este tipo de conteúdo está vinculado à vontade do sujeito de compartilhar o que foi sentido; querer que o *outro* sinta o que *eu* senti; querer propagar o riso. Jenkins (2015) apresenta um

aspecto mais colaborativo, onde os sujeitos consomem conteúdo informativo para, por exemplo, contribuir em conversas com amigos, familiares e etc. Também pode ser para compartilhar a “descoberta” de um conteúdo incrível (JENKINS, 2015) ou mesmo para demonstrar sua subjetividade através do consumo.

> Nessa cultura conectada em rede, não podemos identificar uma causa isolada que leve as pessoas a propagar informações. As pessoas tomam uma série de decisões de base social quando escolhem difundir algum texto na mídia: vale a pena se engajar nesse conteúdo? Vale a pena compartilhar? É de interesse para algumas pessoas específicas? Comunica algo sobre mim ou sobre meu relacionamento com essas pessoas? Qual é a melhor plataforma para espalhar essa informação? Será que deve circular com uma mensagem especial anexada? Mas, se nenhum comentário adicional é anexado, simplesmente receber uma história ou um vídeo de alguém insere todo um leque de novos e possíveis significados ao texto. Quando uma pessoa ouve, lê ou vê conteúdos compartilhados, ela pensa não apenas – e muitas vezes nem principalmente – no que os produtores podem ter desejado dizer com aquele material, mas no que estava tentando lhe comunicar quem o compartilhou com ela. (JENKINS, 2015, p. 31)

Neste sentido, o viral é geralmente descrito como aquele conteúdo “grudento” e altamente propagável. É associado à ideia de um vírus que se replica mesmo contra a vontade do sujeito. Porém, este conceito vem sendo utilizado para nomear fenômenos que não necessariamente se enquadram nesta categoria (JENKINS, 2015). Por exemplo, existem conteúdos que se replicam, mas antes de compartilhar o sujeito reflete sobre para quem e para qual razão se dá está ação – em um caráter de consciência do que se está fazendo, não como um “zumbi” infectado (JENKINS, 2015).

Existe também a questão da apropriação, o sujeito utiliza de determinado conteúdo para comunicar uma ideia ou demonstrar algo (JENKINS, 2015). O conteúdo seria um signo que representa uma informação a ser compartilhada. Os usuários do 4chan, por exemplo, se apropriam de *memes* e os conduzem no âmbito da criatividade e da reprodução. Este conteúdo é então compartilhado e modificado para trazer um novo significado quando isto é necessário. O conteúdo produzido neste espaço pode eventualmente atravessar suas fronteiras, pois outros grupos decidiram se apropriar por suas próprias razões (JENKINS, 2015).

> Para os integrantes do 4Chan, o conceito de meme como um fenômeno de autoperpetuação além do controle humano pode contribuir para a espontaneidade e a desestruturação que o grupo espera alcançar. Phillips (2009) argumentou em outra oportunidade que a 4Chan pode ter sido o berço de imagens amplamente propagadas que apresentam o presidente Barack Obama como o personagem Coringa dos quadrinhos do Batman, algo que alguns defensores do movimento norte-americano conservador Tea Party

> adotaram em seus cartazes de protesto durante a oposição pública ao plano nacional de saúde apresentado por Obama. (JENKINS, 2015, p. 49)

Este cenário muito se difere da ideia de "viral", existe uma razão e *consciência* na ação de compartilhar. No caso evidenciado por Jenkins (2015), os membros do 4chan "se apropriaram" de cenas do filme "Batman o Cavaleiro das Trevas" para transformar e associar o presidente Barack Obama ao personagem Coringa. Com isso, alguns membros da Tea Party vislumbraram neste conteúdo a possibilidade de reapropriá-lo para sua campanha política. É possível observar que o modo de utilização implica diretamente no que se quer comunicar: "(...) estamos testemunhando a erosão dos limites tradicionais entre fãs e ativistas, entre criatividade e desestruturação, entre nicho e mainstream (no exemplo da 4Chan), entre o que é comercial e o que é genuíno, entre fãs e produtores (...)" (JENKINS, 2015, p. 50).

Esta questão do *meme* está diretamente associada a ideia de "viral". O termo "*meme*" surgiu no livro "O Gene Egoísta" publicado em 1976 por Richard Dawkins (RECUERO, 2007). O autor faz uma analogia com o "gene" da evolução natural, onde o *meme* seria o "gene" da evolução cultural (RECUERO, 2007). De acordo com Recuero (2007), o *meme* é uma entidade que se propaga através da imitação e, para que se propague, é necessário que influencie o comportamento do sujeito ao ponto de permitir a replicação. Muitos "*memes"* foram criados em *imageboards*, como é o caso das *rage comics*, que até mesmo movimentaram o comércio, fazendo com que fossem produzidas camisetas, calçados e acessórios utilizando a temática destes "quadrinhos" (PEREIRA, 2014).

O conceito original de *meme* cunhado por Dawkins é bastante genérico, não foram realizadas definições mais complexas sobre como este fenômeno deveria ser interpretado. Desta forma, o *meme* foi inicialmente interpretado pelos acadêmicos como uma "ideia complexa" que reside no cérebro como um "pedaço de informação" (SHIFMAN, 2014). Nesta visão foi concebido que a "ideia" e o "veículo" que a transporta são entidades diferentes. No caso, o veículo é um mecanismo que permite transmitir esta ideia complexa, é uma ponte entre a "ideia" e sua expressão. Exemplos destes veículos podem ser imagens ou textos, por exemplo (SHIFMAN, 2014).

Uma segunda corrente de pensamento trouxe a ideia de que *memes* são "comportamento ou artefatos ao invés de ideias" (SHIFMAN, 2014, p. 38, tradução nossa). Desta forma, a ideia e o veículo são uma entidade indissociável, no sentido

de que a ideia não pode existir fora de sua manifestação – o *meme* é visto como uma prática (SHIFMAN, 2014).

Shifman (2014) levanta uma nova concepção, onde, primeiramente, o *meme* é não uma entidade que se propaga com facilidade, mas "grupos de unidades de conteúdo com características comuns" (SHIFMAN, 2014, p. 39, tradução nossa). A autora (2014) parte do princípio de Dawkins para isolar três tipos de entidades que podem ser imitadas: *Conteúdo*, majoritariamente texto dotado de ideias; *Forma*, a manifestação física da mensagem que o sujeito pode interpretar através dos seus sentidos (pela visão ou audição); *Postura*, que é respectiva ao posicionamento perante a forma e o conteúdo (SHIFMAN, 2014). Evidenciando o caso dos *memes* de Barack Obama como o Coringa, o que divergiu entre o 4chan e a Tea Party, foi a postura. No caso da Tea Party, a postura assumida era respectiva e voltada aos seus aspectos ideológicos, enquanto no 4chan se dava mais ao encontro do humor. Com isso, Shifman (2014) define o "*meme* de internet" como

> (a) um grupo de itens digitais compartilhando características comuns em conteúdo forma e/ou postura, que (b) são criados tendo consciência da existência de cada um, e (c) são distribuídos, imitados e/ou transformados via internet por vários usuários. (SHIFMAN, 2014, p. 41, tradução nossa)

Memes e virais são muitas vezes utilizados como sinônimos. Porém, de acordo com Shifman (2014), a diferença está na estrutura destes fenômenos. Um conteúdo viral, mesmo que possua inúmeras versões produzidas a partir de um conteúdo original – a primeira "versão" que viralizou, não necessita que se visualize mais do que uma variante deste conteúdo para que se compreenda a mensagem. No caso do *meme*, uma variante por si só não é *o meme*, mas sim uma parte do *meme*. O *meme* é o todo de suas variantes e só pode ser representado através deste todo, enquanto o viral pode ser representado e reconhecido observando separadamente cada unidade (SHIFMAN, 2014).

O vídeo viral "Leave Britney Alone" é evidenciado por Shifman (2014) como um viral que posteriormente se tornou *meme*. "É improvável que exista conteúdo puramente viral" (SHIFMAN, 2014, p. 58, tradução nossa). O que pode ser observado é que em ambos os casos existe o caráter do compartilhamento.

Este compartilhamento não necessariamente precisa ser um "fenômeno global" para ser considerado um *meme* ou viral. Jenkins (2015) aponta que muito do conteúdo produzido dentro do 4chan permanece dentro do 4chan. A próxima seção deste

estudo se ocupa em verificar os *imageboards* como subculturas. No caso, um *meme* pode continuar sendo um *meme* existindo somente dentro da subcultura de um *imageboard*, por exemplo – como uma espécie de “piada interna”.

2.2 SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS*

De acordo com Haenfler (2014), subculturas são “uma rede social relativamente difusa que compartilha identidade, significados distintivos sobre certas ideias, práticas e objetos e um senso de “marginalização” ou resistência à uma percepção de sociedade “convencional” ” (HAENFLER, 2014, p. 15).

Subculturistas compartilham um conjunto de ideias, práticas e objetos, mas não simplesmente os herdam como se fosse algo estático. Pelo contrário, trabalham de forma ativa nesta construção. Seus valores são, de forma geral, atípicos quando comparados com o “convencional” (HAENFLER, 2014). A resistência surge em relação ao que consideram *mainstream*, muitas vezes se posicionam de forma antagônica à sociedade “normal”. Sentem-se “de fora” mesmo que na maior parte das vezes não são tão diferentes de outros grupos sociais (HAENFLER, 2014). Porém, também existe o caráter de “refúgio” associado a estes grupos. Devido as suas identidades diferenciadas, sujeitos sentem-se abrigados em subculturas, justamente por se sentirem aceitos em um meio repleto de sujeitos que pensam *parecido*.

No passado, existia [ou ainda existe] uma associação entre subculturas e gangues de criminosos. Era sinônimo de jovens com comportamento delinquente, que precisavam ser parados pelas autoridades (HAENFLER, 2014). Para os que não faziam parte de uma subcultura, estes grupos de sujeitos pareciam “alternadamente estranhos e bobos, perigosos e misteriosos, ou todos estes [adjetivos] juntos” (HAENFLER, 2014, p. 1, tradução nossa).

A Universidade de Chicago foi uma das pioneiras no estudo das subculturas. Os estudos se voltavam para problemas sociais, crime, comportamento divergente, imigração e vida urbana (HAENFLER, 2014). No período em que estes estudos foram conduzidos, em Chicago, começaram a surgir diversos problemas sociais, incluindo crime e delinquência. Isto ocorreu devido as dificuldades que os sujeitos enfrentavam em cidades industriais em expansão. As longas horas de trabalho pesado em minas e fábricas [por exemplo] trouxeram como consequência este tipo de problema (HAENFLER, 2014).

De acordo com a Escola de Chicago, comportamento divergente é produto do ambiente onde o sujeito está inserido, ao invés de uma questão moral ou pessoal do indivíduo (HAENFLER, 2014. Becker (1963, apud Haenfler, 2014) propõe a "teoria da rotulagem", que é respectiva a ideia de que comportamento divergente não é inerentemente divergente, mas passa a ser quando sujeitos o *rotulam* deste jeito. "A forma como autoridades julgam subculturistas estranhos ou seu estilo de vida ameaçador influencia a resposta social e, por consequência, como subculturistas enxergam a si mesmos" (HAENFLER, 2014, p. 4). Neste sentido, subculturas surgem como resposta a determinadas circunstâncias sociais (HAENFLER, 2014).

A Escola de Birmingham também reconheceu as circunstâncias sociais como determinantes para o surgimento das subculturas (HAENFLER, 2014). Nas décadas pós Segunda Guerra Mundial a quantidade de culturas jovens aumentou imensamente. Isto ocorreu devido à várias razões: às melhorias na educação, que aumentaram a distância entre as responsabilidades de jovens e adultos; ao crescimento da indústria de filmes, televisão e música, que aumentou a exposição do jovem a cultura pop e ideias alternativas; à ascensão da classe média, que passou a ter mais renda e lazer; ao fato do adolescente passar a ser visto como uma "classe de lazer" (HAENFLER, 2014).

No Reino Unido, o "Centro de Estudos de Cultura Contemporânea" da Universidade de Birmingham estudou a juventude, inclusive dentro das subculturas clássicas como a *mod* ou *punk* (HAENFLER, 2014). Classe social era colocada como um foco nestes estudos: jovens da classe trabalhadora se reuniam devido sua marginalização e resistência a forma de funcionamento da classe que compartilhavam em comum. A própria cultura *mainstream* contribuía para esta marginalização: existia a crença de que "falhar" ou ter "sucesso" eram questões de mérito, que àqueles que não alcançavam a riqueza estavam assim devido à falta de esforço, como se alcançá-la fosse somente uma questão de "tentar o bastante" (HAENFLER, 2014).

A identidade das subculturas assim como seu aspecto de "resistência" se tornavam visíveis através do estilo e dos rituais (HAENFLER, 2014). Hebdige (1979, apud HAENFLER, 2014) enxergava o estilo nas subculturas como uma questão de DIY (*"do it yourself"*), ou "a combinação e reconstrução de vários objetos culturais" (HAENFLER, 2014, p. 8). Subculturistas se apropriavam de itens do cotidiano e transformavam seu significado, consumiam elementos da cultura pop mas distorciam sua representação. O estilo estava associado não somente ao vestuário, mas também

ao comportamento e as gírias. Isto servia para diferenciar sujeitos que não pertenciam a subcultura (ou que pertenciam a outra subcultura) e para criar uma identidade associada ao grupo (HAENFLER, 2014). O estilo fazia referência aos valores e comportamentos do grupo:

> As botas com biqueira de aço, as cabeças raspadas, a postura masculina e o amor a cerveja dos skinheads naturalmente "encaixam" com suas origens de classe trabalhadora e o contexto de declínio econômico (HAENFLER, 2014, p. 8, tradução nossa)

Nos anos 90, as subculturas clássicas (*skinhead, punk* e *metal*) começaram a divergir dos seus aspectos fundantes. Subculturas passarem a ser mais uma questão de "fuga hedonista" do que de resistência de classe (HAENFLER, 2014). Os indivíduos estavam mais interessados em criar sua própria identidade do que adotar uma identidade coletiva. Com isso, os teóricos das pós-subculturas passaram a enxergá-las não mais em forma de "blocos", como se fossem grupos estáveis e concisos, com fronteiras que as separam categoricamente (HAENFLER, 2014). Foi então sugerido que os agrupamentos de jovens são fragmentados e fluídos, sendo melhor descritos como "cenas" (STRAW, 1991 apud HAENFLER, 2014). As cenas dividem características em comum, como estilo, música, interesses e etc. Por isso, se tornou difícil associar grupos ou sujeitos a uma subcultura em específico (HAENFLER, 2014). Por fim, os teóricos da pós-subcultura enfatizam como um aspecto central em culturas alternativas a questão do consumo e do lazer (HAENFLER, 2014), algo que não era associado as subculturas clássicas.

Dada esta contextualização, é possível abordar a pergunta: o que faz do *imageboard* uma subcultura? Haenfler (2014) diferencia as subculturas de grupos similares, que possuem características em comum mas que não são subculturas. Os grupos similares citados são: movimentos sociais, contraculturas, gangues, novos movimentos religiosos, *fandoms* e *lifestyles*. Como um exercício para fortalecer o argumento de que *imageboards* são melhor descritos como subculturas, inicialmente será justificado o porquê de *imageboards* não poderem ser um destes grupos similares. Nesta seção do estudo, o termo *imageboards* se refere não a categoria de fórum *online*, mas aos aspectos culturais que surgem através deste ambiente. Como a linguagem, os símbolos, os valores, as ideais e as práticas, por exemplo.

É possível descartar em primeira instância associar *imageboards* com algum dos novos movimentos religiosos. Existe uma *board* no 55chan dedicada somente a

discussões sobre religião e teologia. No entanto, também existem *boards* dedicadas exclusivamente a música, literatura e pornografia, por exemplo. Não existe nada que coloque o assunto religião como mais importante do que outros. Além de que, em um primeiro momento não foi possível identificar nenhuma "religião oficial do 55chan". O 4chan nem mesmo possui uma *board* dedicada ao assunto. Pelo mesmo argumento, *imageboards* não podem ser movimentos sociais ou contraculturas. Em ambas as definições existe uma "causa" que move o grupo (HAENFLER, 2014).

Imageboards também não podem ser gangues. De acordo com Haenfler (2014), o foco das gangues é a prática criminosa e o controle de território. Desta forma, embora que os *message boards* estejam fundados no relativismo e crimes já tenham sido executados nestes espaços, o foco principal dos sujeitos não é esse. Como foi citado por Coleman (2014), o *hacker* e *troll* de internet conhecido pelo pseudônimo *weev*, junto do seu *grupo de experts em computação* "Goatse Security", divulgou dados de inúmeros clientes da empresa de telefonia AT&T e foi preso por causa deste *lulz*. O *lulz* não necessariamente implica em crime. Mesmo que derrubar *websites* como forma de protesto sejam vistas como uma disputa de território, *imageboards* não giram em torno desta questão.

Determinados *imageboards* poderiam ser caracterizados como *fandom*. Alguns *imageboards* giram em torno de questões específicas, mas a grande maioria volta-se para uma diversidade de assuntos – como é o caso do 4chan e do 55chan. O *sfc_han*[1] é um *imageboard* brasileiro focado em discutir sobre animes. Nem as *boards* clássicas como o /b/ existiam neste espaço, o foco é compartilhar e produzir conteúdo relacionado a animes e mangá. O *vhschan*[2] era um *imageboard* brasileiro voltado para a temática retrô. O *website* era ambientado para esta temática e as *boards* recebiam apelidos que remetiam a artefatos dos anos 90 – como o */b/* que recebia o apelido de Betamax[3]. As discussões eram voltadas para videogames, animes e música. O gênero musical *Vaporwave*[4] era o que predominava nas discussões sobre música. *Fandoms* são comunidades que compartilham um grande interesse por um objeto da cultura

[1] Disponível em: <http://sfc.euamo.moe/jp/index.html>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.
[2] Uma versão estática que representa o que era o *imageboard* está disponível em: <https://web.archive.org/web/20160112073217/http://vhschan.org/>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.
[3] Formato de gravação em fita caseiro. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Betamax>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.
[4] Gênero musical e movimento artístico voltado para a estética da cultura retrô. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vaporwave>, acesso em 27 de novembro de 2017.

popular. Este tipo de cultura é participativa, os sujeitos interagem e produzem conteúdo, como *fanfics* ou histórias baseadas no objeto em questão (HAENFLER, 2014). É claro que este é somente um pedaço da definição, descrito de forma abrangente. Mas, nisto é possível entram em uma questão importante: *imageboards* são somente uma plataforma. Qualquer sujeito com um pouco de conhecimento técnico em desenvolvimento de *websites* pode utilizar dos projetos *tinyboard*[5], *vichan*[6] ou *futaba script*[7] para criar seu próprio *imageboard*. Este modelo foi convenientemente criado para mediar a interação, quem determina a temática do espaço são os sujeitos.

Lifestyles são modos distintos de viver (SOBEL, 1981 apud HAENFLER, 2014), que podem abrangem gostos pessoais, vestuário, dieta, hobbies e etc. De acordo com Haenfler (2014) o principal aspecto que diverge uma subcultura de um *lifestyle* é a questão do comportamento divergente,

> Um praticante regular de yoga pode aprender sua história e filosofia fora as posições difíceis, de forma a se identificar profundamente com yoga e outros devotos ao yoga, mas yoga é amplamente aceito pelo público em geral e não tão diferente dos esforços dos outros para melhoria pessoal. (HAENFLER, 2014, p. 18)

Imageboards são extremos, são tóxicos e divergem muito do que é aceito pelo público em geral. A própria criação dos *message boards* foi devido a um aspecto de fuga. Caracterizar *imageboards* como *lifestyles* pode não ser a melhor opção.

Imageboards enquadram-se adequadamente dentro da concepção de subcultura apresentada por Haenfler (2014). São “redes difusas”, compostas por relacionamentos efêmeros que raramente se prolongam além de uma *thread*; Os *imageboards* na maior parte do tempo não possuem relação uns com os outros; Não existem líderes, no máximo alguns sujeitos que acabam conhecidos por pseudônimos [ou eventualmente pelos seus nomes reais] devido a alguma ação realizada; Não existe nenhuma organização ou grupo de membros especificada. Os membros podem se juntar ou deixar o grupo quando quiserem.

Possuem uma “identidade compartilhada“ que vaga dentro do aspecto relativista dos *imageboards*. Se unem através do riso e do interesse em comum por

[5] Disponível em: <https://github.com/savetheinternet/Tinyboard>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.
[6] Disponível em: <https://github.com/vichan-devel/vichan>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.
[7] Disponível em: <https://github.com/futoase/futaba-ng>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.

animes e tecnologia, por exemplo. Muitos se identificam como “fracassos sociais”, o que parece ser um aspecto fundante de suas identidades.

Compartilham “significados distintivos” para o grupo. Existe o *chanspeak*, que é um vocabulário específico dos *imageboards*; o aspecto do *lulz*, como uma prática dos sujeitos; o caráter relativista das ideias do grupo, que existe desde os primeiros *message boards*; a estrutura destes *websites*, que remetem aos sites dos anos 90 e são antiquados quando comparados aos sites atuais.

O caráter da “resistência” talvez seja o mais marcante de todos: os sujeitos resistem à mídia, à maior parte meios de comunicação, cultura popular e qualquer normativa social. Isto pode ser observado no antagonismo aos sites sociais e na reação adversa a qualquer representação da subcultura através da mídia.

Por fim, o aspecto da “marginalização” também fica claro dentro destes espaços. Os sujeitos sentem-se à parte da sociedade, o que muitas vezes parece ser a razão pela qual [os indivíduos] adentram nestes grupos. Como foi visto no vídeo denúncia do *youtuber* Felipe Neto[8], intitulado “O pedófilo (o que você não sabe)”, *imageboards* são associados a pedofilia e a qualquer conteúdo de origem tóxica. O 4chan foi identificado pela Fox News como uma “máquina de ódio da internet”. O próprio grupo recebe um estigma da mídia enquanto os sujeitos que já se sentiam marginalizados inserem-se nestes grupos.

As subculturas dos *imageboards* só puderam existir devido à internet como um espaço. De acordo com Haenfler (2014) o espaço é relevante no estudo das subculturas. Os *bike messengers* só puderam existir devido ao transito caótico do meio urbano. Estes sujeitos utilizam deste cenário para a experienciar o perigo, sendo este um aspecto fundante do grupo. Da mesma forma, *imageboards* só puderam existir através da conexão entre computadores possibilitada pelo protocolo HTTP. Nisto se fundou a questão do anonimato, a estética destes *websites* e sua estruturação através das *boards*.

2.3 IDENTIDADE E ALTERIDADE

Para este estudo, “identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência” (CHARAUDEAU, 2009, p. 309). Desta forma, o indivíduo apenas consegue perceber a própria singularidade notando as divergências entre o “eu” e o

[8] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6AtYJEwyXBQ>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

“tu”. No caso dos *imageboards*, não existem *nicknames*, ou avatares que possam relacionar um indivíduo às suas postagens. Nestes espaços, o sujeito pode ser um novo indivíduo a cada postagem e assumir quantas identidades quiser (ALVES, 2015).

Charaudeau (2009) define o conjunto identidade social e identidade discursiva, que pode ser utilizada para representar estes aspectos. A identidade social está ligada à ideia de estabelecer uma imagem de sujeito, é como o “eu” quer ser enxergado pelo “tu”. Já a identidade discursiva está mais ligada à fala deste sujeito, é de fato uma identidade que o indivíduo assume ao proferir determinado discurso (CHARAUDEAU, 2009) – seja como militante ou cientista, por exemplo.

O par eu-comunicante e eu-enunciador representam dois estados do sujeito quando emissor. Dada uma determinada mensagem a ser transmitida, o eu-comunicante é a face do sujeito que opera em estabelecer o que de fato quer ser transmitido – a ideia fechada do discurso (CHARAUDEAU, 2008). O eu-enunciador utiliza de um discurso de transmissão para emitir a mensagem ao tu-interpretante. Este discurso de transmissão é “fabricado” para comunicar o cerne da mensagem, que o eu-comunicante quer transmitir ao tu-interpretante. Este processo pode ocorrer por diversos motivos, seja porque o que se deseja transmitir é ofensivo ou pelo fato de que o tu-interpretante não poderia conceber a ideia original por alguma razão, por exemplo (CHARAUDEAU, 2008). Desta forma, eu-enunciador e eu-comunicante são conceitos ligados à ideia de, respectivamente, forma e conteúdo.

Gerar “*lulz*”: um termo bastante recorrente em *imageboards*. Está relacionado com gerar o riso, fazer piadas ou *trolling* (ver glossário). É uma variação sarcástica do termo *“lol”* – *laughing out loud* (PEREIRA, 2014). A internet propicia um meio extremamente rápido parar propagar a piada (PRIMO, 2013) – vide os *memes* que muito rapidamente circulam pela internet (PRIMO, 2013).

O riso pressupõe alteridade, é algo a ser compartilhado. Quando são enviadas imagens ou vídeos para outros sujeitos, o objetivo é compartilhar o riso que foi gerado ao consumir este conteúdo (PRIMO, 2013). A questão do “coletivo” e da “rebeldia”, estão implícitos no ato do riso. Virais inúmeras vezes possuem baixa qualidade técnica, ou mesmo são produzidos intencionalmente como *digital trash* (ver glossário), pois o que importa não é o material em si, mas sim o riso que irá gerar ao ser compartilhado (PRIMO, 2013). O aspecto do *lulz* aparece muito forte na alteridade anônima existente nos *imageboards*.

“Identidade social”, “identidade discursiva”; “eu-comunicante”, “eu-enunciador”: isto tudo parece ficar mais simples em um espaço anônimo. *A priori*, se o anonimato dissocia a identidade do discurso proferido, então não há identidade social, somente a identidade discursiva. Porém, segundo Knutilla (2011), nestes espaços eventualmente o sujeito revela quem de fato é. Então, por mais que seja efêmera, existe uma identidade social. Se uma das razões pelas quais o sujeito se preocupa com a identidade social é pela questão de como o “outro” vai enxergá-lo, com o anonimato, é possível que a identidade social se aproxime da identidade discursiva. Da mesma forma, o eu-comunicante pode se aproximar do eu-enunciador pelo fato de não haver uma identidade social a ser zelada: com o anonimato, esta identidade é efêmera.

“Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária. É o que se chama de princípio de alteridade”. (CHARAUDEAU, 2009, *on-line*). *Imageboards* podem ser o extremo da afirmação de que o sujeito busca um igual como forma uma forma de laço, pelo desejo de partilhar um “igual” (CHARAUDEAU, 2016). Se os sujeitos qualificam uns aos outros pelas características expostas (CHARAUDEAU, 2016), em função do anonimato, isto precisa necessariamente ter um *modus operandi* diferente. Porém, os fenômenos paradoxais de atração e repulsão simultâneas continuam: os sujeitos se unem para criar *lulz* (PEREIRA, 2014), mas se repulsam quando este *lulz* vira tendência (KNUTILLA, 2011). Ou seja, buscam laços de igualdade, mas esta própria igualdade cria a desconfiança que alimenta a repulsão.

Em uma perspectiva menos subjetiva, é possível notar aspectos de comportamento que demonstram partes da identidade destes sujeitos. Entre estes, destaca-se o estudo de Fragoso (2015) sobre o comportamento tóxico de brasileiros em jogos *multiplayer online*. Embora não exista nada concreto evidenciando uma relação entre os HUEs destacados pela autora (2015), é possível notar semelhanças entre esta atitude tóxica e o *lulz* da subcultura dos *imageboards*. O HUE é o estereótipo do brasileiro que se comporta de forma disruptiva em ambientes *online*. Sujeitos em ambientes *online* reclamam destes HUEs por atitudes como pedir dinheiro ou itens em jogos *online*, escrever em português em *chats* onde a língua oficial é o inglês e escrever em inglês com uma péssima gramática (FRAGOSO, 2015).

Neste sentido, o comportamento tóxico na internet costuma ser dividido em três categorias: *spam*, *trolling* e *griefing*. Estas categorias não necessariamente são dissociáveis embora existam fronteiras entre suas ações (FRAGOSO, 2015).

Spam é produzir uma grande quantidade de texto, de forma que a própria quantidade de texto, sem considerar o conteúdo, já seja agressiva por atrapalhar a visualização do conteúdo. Esta grande quantidade de texto pode ser produzida em fóruns ou *chat* de jogos *online*, por exemplo (FRAGOSO, 2015). Para ilustrar esta questão, Fragoso (2015) utiliza do caso do jogo Ragnarok Online, em que brasileiros buscavam por outros jogadores que falavam o mesmo idioma poluindo o chat com a expressão "BR?". Não necessariamente este ato possuía intenção nefasta, poderia ser que realmente os jogadores queriam formar times com outros jogadores brasileiros (FRAGOSO, 2015).

A segunda categoria é o *trolling*, respectivo à quando um sujeito joga uma "isca" para incitar o conflito. A isca é um artifício de provocação que busca como resultado "pescar" sujeitos para o caos (FRAGOSO, 2015). O termo *trolling* encontra possível analogia à pesca, como pode ser visto em um texto recuperado por Fragoso (2015), onde existe a expressão "*trolling a bait*" para se referir a um tipo de sujeito que busca disseminar o caos através de um estopim.

> Toda trollagem tem a intenção de perturbar os demais e fomentar conflitos, mas isso pode ser alcançado de diferentes maneiras. Um modo bastante comum é ridicularizar uma pessoa, ou um pequeno grupo de pessoas, diante de uma comunidade mais ampla. Nesses casos, o prazer da trollagem aumenta quanto melhor a posição do jogador que reage à provocação (ou, em outros tipos de comunidade, quanto melhor a sua reputação). (FRAGOSO, 2015, p. 138)

O que motiva o *troll* é geralmente "o divertimento, a vingança, o preconceito, a raiva e a autoafirmação" (FRAGOSO, 2015, p. 139). Nesta ação, são fabricadas falsas identidades, o artifício da mentira, o anonimato e a falsa ideia de pertencimento a determinados grupos sociais (DONATH, 1998, apud FRAGOSO, 2015).

Griefer (de *griefing*) é o sujeito que busca tornar desagradável a experiência de usuários de fóruns ou jogos *online* [por exemplo] utilizando de artifícios como o *spam* e o *trolling* para cumprir seu objetivo (FRAGOSO, 2015). O que este tipo de sujeito quer não é seguir o propósito do ambiente, mas corrompê-lo através de suas ações. O *griefing* se torna mais explícito no ambiente de um jogo *online*, pois nestes espaços existem mais possibilidades para este tipo de ação: "spammear canais de chat; xingar

e insultar; saquear; armar emboscadas; bloquear caminhos e movimentação; agir de modo predatório em relação a jogadores novatos; trapacear; perturbar eventos e prejudicar seu próprio time" (ACHTERBOSCH; MILLER; VAMPLEW, 2013, p.7-8, apud FRAGOSO, 2015, p. 141) são exemplos de *griefing*.

Spam, *trolling* e *griefing*: os brasileiros não são os únicos a apresentar este tipo de comportamento em ambientes *online*, e não são nem os mais caóticos neste sentido (FRAGOSO, 2015). Porém, o que difere os HUEs do típico *troll*, por exemplo, é o caráter de agir em grupo. Enquanto o *troll* costuma agir sozinho, os HUEs se organizam premeditadamente ou espontaneamente para executar suas ações (FRAGOSO, 2015). Outro ponto são as apropriações dadas ao seu estereótipo. Os HUEs *trollam* a si mesmos, fingem não saber escrever corretamente ou agem como incompetentes para irritar outros jogadores (FRAGOSO, 2015). Os HUEs identificam-se como feios e ignorantes, o que, no caso, é uma apropriação dos insultos recebidos por outros jogadores. Estes insultos são então transformados em uma forma de proteção. Porém, existe sempre uma dúvida, é impossível verificar se estes jogadores são mesmo ignorantes ou se isto é uma atuação. O propósito é, no entanto, justamente suscitar esta dúvida (FRAGOSO, 2015).

Figura 3 – Imagem que representa a estética dos HUEs

Fonte: https://i.ytimg.com/vi/1VtaChh0zjM/maxresdefault.jpg

O espírito de *lulz* dos HUEs se assemelha mais com àquele do início do grupo hackerativista Anonymous do que com aquele do "troll padrão". Um exemplo clássico é o caso do jogo *online* Habbo Hotel. Jogo este onde os jogadores, que possuem um *avatar* estilo lego, podem decorar quartos e receber visitas. O jogo gira em torno da socialização entre os jogadores (COLEMAN, 2014). O que ocorreu foi que em 2006,

Anonymous se organizou para que vários membros acessarem o jogo utilizando avatares iguais: de um homem negro com roupas cinzas. Com isso, o grupo construiu uma barreira em forma de suástica que bloqueava a entrada de qualquer jogador na piscina do jogo (COLEMAN, 2014). Quando um jogador era questionado do porquê de a piscina estar bloqueada, recebia a resposta: “por causa de falha e AIDS” (COLEMAN, 2014, p. 9, tradução nossa).

Figura 4 – Ilustração do caso da suástica no Habbo Hotel

Fonte: http://kernelmag.dailydot.com/wp-content/uploads/2013/10/maxresdefault3-620x348.jpg

É improvável que tal característica em comum implique no fato de que muito dos HUEs sejam Anonymous. Porém, é possível notar que existe certa similaridade entre suas manifestações. O mais provável é que exista um ponto de encontro entre estes HUEs, Anonymous e as subculturas dos *imageboards*. Como é visto na seção 2.5 deste estudo, as regras do *website* 55chan são claras quanto ao banimento por ações como escrever incorretamente ou “macaquear”. A expressão “macaquear” pode muito bem ser relativa a “auto-trollagem” dos HUEs, ao se apropriar dos insultos e se colocarem como “macacos” – Fragoso (2015) evidencia esta auto-trollagem do “macaco”. Em um estudo anterior de Fragoso & Hackner (2014), foi verificado que muitos dos usuários não admitem ser HUEs, são “eles” e não “nós”. O mesmo pode ocorrer no 55chan: os usuários agem de forma polida, mas também deixam o lado HUE exaltar-se em alguns momentos.

Mais especificamente, estas subculturas dos *imageboards* e o coletivo Anonymous podem não estar dissociadas, visto que, de acordo com Pereira (2014), este grupo nasceu dentro de uma destas subculturas.

De acordo com a etnografia realizada por Coleman (2014), os principais canais de comunicação do Anonymous são os *imageboards* (sendo que o 4chan é um dos principais) e o IRC (Internet Relay Chat) [ver glossário]. Nestes espaços é que são organizadas as "operações" do grupo. Por exemplo, o "Projeto Chanology", que buscava "destruir" a Church of Scientology (Igreja da Cientologia) iniciou como uma *thread* no 4chan, que convidava os membros do *website* a organizar um ataque com o objetivo de, inicialmente, deixar o *website* da Igreja da Cientologia *offline* (COLEMAN, 2014). Mas, qual a razão destas ações? O que move os sujeitos a realizarem tais atos? É tudo pelo *lulz*.

Como foi citado anteriormente, o termo *lulz* deriva de *lol*. Portanto, é seguro afirmar que em um primeiro momento se trata de uma questão de humor (COLEMAN, 2014). Porém, o *lulz* possui uma atmosfera mais sombria: é sobre "rir às custas de alguém" (COLEMAN, 2014, p. 26, tradução nossa). Também possui um caráter de transgressão (COLEMAN, 2014), de romper as fronteiras do absurdo. O *lulz* possui um fator de intenção: os sujeitos que o praticam (*hacker* e *trolls*, por exemplo) sabem exatamente como a internet funciona e no que suas ações acarretarão. O sujeito que utiliza da internet para o *lol* não pensa em como sua ação irá se propagar (COLEMAN, 2014). Simplesmente compartilhar uma piada via internet se enquadra neste *lol*. Mas o *lulz* possui uma atmosfera obscura, rompe com a ideia de uma "piada inocente".

> O lulz demonstra como simples e casualmente trolls conseguem inverter nosso senso de segurança invadindo espaços privados e expondo informação confidencial. Alvos recebem contas de pizzas não pagas em casa ou têm seus números de telefone particulares divulgados, números da previdência social vazados, comunicações privadas postadas, números de cartão de crédito descobertos e divulgados e conteúdos de disco rígidos semeados. Trolls apreciam profanar qualquer coisa remotamente sagrada (...) (COLEMAN, 2014, p. 27, tradução nossa)

A questão da transgressão é um dos fatores que incita o *lulz*. Nos anos 70 os *phone phreakers*[9] simulavam as frequências sonoras utilizadas para realizar o roteamento das linhas telefônicas e, com isso, por exemplo, realizavam o redirecionamento das chamadas telefônicas de sujeitos. A sensação de transgressão era tão importante quanto a de aprender e explorar (COLEMAN, 2014).

No ano de 2007, em resposta à Fox News, que definiu o 4chan como uma "máquina de ódio da internet" (COLEMAN, 2014, p. 11, tradução nossa), foi lançado

[9] Sujeitos que utilizam linhas telefônicas de forma indevida. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Phreaking>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

um vídeo[10] no YouTube como resposta ao ocorrido. Neste vídeo, uma voz masculina e metalizada diz:

> O nome e a natureza de Anonymous foi devastado, como se fosse uma prostituta em um beco sem saída, e que depois foi exposta à visão pública para a apreciação. Me permita dizer de forma simples: você esqueceu completamente quem e o que nós somos... Nós somos todo mundo e não somos ninguém... Nós somos a face do caos e os precursores do julgamento. Nós risos na cara da tragédia. Nós zombamos daqueles na dor. Nós arruinamos a vida dos outros simplesmente porque nós podemos... Um homem desconta sua raiva agredindo um gato, nós rimos. Centenas morrem em uma queda de avião, nós rimos. Nós somos a encarnação da humanidade sem remorso, sem carinho, sem amor e sem senso de moralidade. (COLEMAN, 2014, p. 7, tradução nossa)

O "*I did it for the lulz*" (COLEMAN, 2014, p. 11) apresenta um caráter de empoderamento como pode ser visto nesta citação. Os sujeitos fazem "porque podem fazer". A próxima seção deste estudo apresenta o cenário que culminou para o nascimento destas culturas. Existe um caráter de "fuga" que impulsionou os sujeitos a se unirem através do anonimato. Ou mesmo pode existir uma mágoa para com a sociedade como um todo – isto fica claro observando o antigo slogan do *imageboard* brasileiro Dogolachan: "o mundo te odeia, devolva este ódio".

Figura 5 – Slogan do Dogolachan

Fonte: https://www.orkut.br.com/assets/img/community/f786b6c136876bc1d737095257e4c14a.png

2.4 ORIGEM DOS *IMAGEBOARDS*

Em 1999, o japonês Hiroyuki Nishimura desenvolveu o 2channel, um *message board* baseado em texto que ficou conhecido como um lugar para sujeitos emocionalmente reprimidos "desabafarem" (STRYKER, 2011). O 2channel foi construído tendo como base outro *textboard,* o Ayashii World, criado em 1996

[10] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=uZ1qi9gz7UU>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

(STRYKER, 2011). Este último possuía conteúdo focado principalmente em *hacking*, pirataria, pornografia e outros conteúdos de origem *blackhat*. O Ayashii World, assim como o 4chan, possuía uma *board* similar ao *//b/,* que também trazia a questão de "produzir" *memes* (STRYKER, 2011). O "primeiro *meme*" da cultura dos *chans* foi desenvolvido neste *textboard*.

> O primeiro *meme* de *imageboards*, Giko-neko, foi criado aqui. Era representado em *ASCII art*, uma forma de ilustração utilizando caracteres de texto, como um gato, geralmente dizendo itte youshi ("cai fora" em Japonês). Pelo fato do gato ser facilmente copiado e colado em qualquer lugar, com novas legendas, era fácil para outros usuários fazerem Giko-neko por conta própria (STRYKER, 2011, p. 100, tradução nossa).

Como aconteceu com muitos outros *chans* anônimos, o Ayashii World passou bastante tempo fora do ar; em 1998 o dono do *website* começou a receber ameaças de morte para que o tirasse do ar. Posteriormente, nasceu o Amezou World, um novo *chan* que trouxe o esquema de *bumping* (ver glossário) e discussões em ordem cronológica (STRYKER, 2011).

É possível notar que, desde os primórdios, a cultura dos *chans* já possuía um caráter relativista. Liberdade de expressão e o anonimato são aspectos de raiz dentro destas subculturas. A ideia dos sujeitos se apropriarem destes *websites* para o *blackhat* pode estar associado ao "Efeito de Desinibição Online" apontado por John Suler (2005), sendo este fenômeno respectivo às alterações no comportamento do indivíduo quando na internet onde, através deste fenômeno, são compartilhadas informações que nunca seriam transmitidas presencialmente (SULER, 2005). Suler (2005) também aponta para a "desinibição tóxica", que é respectiva a quando os sujeitos se apropriam do *online* para cometer crimes ou atacar outros sujeitos, o que nada diverge do aspecto *blackhat* do Ayashii World. Porém, é claro que este aspecto "tóxico" possui um caráter relativista. Como Suler (2005) mesmo cita, dependendo de como estes assuntos tóxicos são abordados, podem simplesmente ser benéficos por explorar as questões subjetivas do sujeito. Desta forma, isto também converge ao propósito de criação dos *imageboards*: ser um espaço para o aprofundamento emocional e evasão de uma represália social.

O 2channel foi o responsável por trazer esta subcultura ao *mainstream*. Segundo o criador, o propósito deste *chan* era de proporcionar um espaço onde as pessoas estivessem livres para fazer o que quisessem (STRYKER, 2011).

> "Eu criei um espaço livre, e o que as pessoas faziam estava por conta delas", Nishimura falou para o Wired em 2008, sobre sua aproximação "laissez-faire" análoga ao fundador do 4chan. Em busca de entender porque o 2channel fez tanto sucesso. É importante saber um pouco sobre a cultura Japonesa. Nós estamos falando de uma sociedade onde confronto face a face e expressão emocional são constantemente desencorajadas. Nos Estados Unidos, conversa direta e audácia são traços de personalidade valorizados. No Japão, eles são frequentemente associados a grosseria e ao desrespeito (STRYKER, 2011, p. 101, tradução nossa).

No ano 2000, o 2channel começou a ganhar um caráter obscuro (STRYKER, 2011). Um adolescente de 17 anos mandou uma mensagem afirmando que estava para sequestrar um ônibus, o que ele realmente fez uma hora depois quando esfaqueou um passageiro até a morte. Racismo, principalmente contra Coreanos, passou a ser bem forte neste espaço. Muitos suicídios em massa foram organizados neste *website*. Ainda, criminosos apareciam para contar sobre os planos que colocariam em prática algumas horas depois (STRYKER, 2011).

É importante notar a questão do crime nestes espaços. Hoje, a apologia ao crime é proibida explicitamente nas regras dos *imageboards* (ANTONIO, 2013; PEREIRA, 2014). Porém, no passado, até mesmo era considerado como um aspecto positivo, visto que o *imageboard* 420chan se tornou famoso pela divulgação dentro do 4chan através de mensagens convidando os sujeitos para irem fazer *flood* (ver glossário) de pornografia infantil (STRYKER, 2011).

Em 2001, surgiu o Futaba Channel ou 2ch (STRYKER, 2011), este mais focado na cultura *otaku* (STRYKER, 2011). O 4chan é bastante similar ao 2ch, visualmente falando. Haviam muitas *boards*, algumas contavam com a postagem de imagens, outras apenas texto. Existia uma *board* voltada exclusivamente para discutir sobre possíveis desastres nucleares. Em 2004, este *chan* serviu para o bem social quando muitos usuários se ofereceram para ajudar pessoas que foram vítimas de um tsunami no Japão. Mesmo recentemente, os usuários compartilham informações sobre tsunamis e terremotos (STRYKER, 2011).

Em outubro de 2003, Christopher Poole, um adolescente *geek* que gostava de *animes*, também conhecido pelo pseudônimo "*moot*" nas *darklands* da internet, criou o *website* "4chan.net" inspirado nos *imageboards* japoneses (STRYKER, 2011).

> Poole postou uma mensagem para os fóruns Something Awful anunciando a criação de um *imageboard*. Isto foi recebido com uma imediata recepção positiva. Sem *logins*, sem perfis, sem hierarquia de usuários. Apenas um divertido frenesi simplificado. Com o 4chan, não se tratava de quem você era, mas sim do que você sabia, uma pura meritocracia. As pessoas o amaram. *4chan.org* recebeu milhões de *hits* nas primeiras semanas de sua existência.

> Eventualmente, os usuários do Futaba e do 2channel descobriram sobre o 4chan, o que trouxe um *flood* de tráfego, derrubando os servidores do site (STRYKER, 2011, p. 110, tradução nossa)

O 4chan nem sempre foi completamente anônimo, haviam os *tripcodes*, uma forma de identificar usuários na cronologia da linha de discussão das postagens (STRYKER, 2011). Mas, a ideia do "bizarro" continuava. Havia uma *board* dedicada à pornografia extrema e outra para nudez de menores de idade. Estas *boards* acabaram sendo removidas provavelmente em função das pressões do PayPal que, na época, era a plataforma para receber doações dos usuários. Também porque, eventualmente, eram recebidos *floods* de pornografia infantil. Neste sentido, *moot* trouxe para o ocidente o que já era característica dos *imageboards* japoneses. Assim como os *imageboards* precursores, sofreu com inúmeras quedas (quando o *website* fica "fora do ar"), mas também inspirou outros *chans* como o iChan, Infinitychan e o Desuchan (STRYKER, 2011).

Em 2005, o 4chan atingiu um milhão de postagens no */b/* (STRYKER, 2011). Neste período, muitos anônimos deste *chan* se organizavam para atacar determinadas pessoas e *websites*. Eventualmente, dezenas ou até centenas de *anons* eram mobilizados para o *trolling*. Em 2006, *moot* fez um comunicado de que a postagem de pornografia infantil estava oficialmente proibida, o que fez com que muitos usuários migrassem para outros *imageboards* (STRYKER, 2011).

Em 2007, uma afiliada da Fox de Los Angeles se referiu ao Coletivo Anonymous como sendo "Hackers on Steroids" (*hackers* com esteróides) e uma "Internet Hate Machine" [máquina de ódio da internet] (STRYKER, 2011). Estas frases rapidamente se transformaram em *memes*. O "*lulz*" gerado neste período foi bem forte; existiram desde brincadeiras em *websites* de jogos infantis como Habbo Hotel, até grandes invasões. A mais notável, que ganhou notoriedade nacional nos Estados Unidos foi uma ameaça de implantação de bombas em sete estádios de futebol (STRYKER, 2011).

A medida em que o 4chan foi crescendo, a quantidade de usuários passou a aumentar, novos usuários começaram a participar do *chan*. Os veteranos não gostavam do comportamento destes novos sujeitos; as reclamações eram constantes (STRYKER, 2011).

Em síntese, a subcultura dos chans teve origem no Japão. Muitos dos aspectos do 4chan foram herdados principalmente do 2ch. A questão do *hacking*, pirataria e

pornografia ainda permeiam os *imageboards*. A busca pela liberdade de expressão foi o estopim para estas subculturas, pois os sujeitos enxergaram no anonimato uma forma de expor o que não conseguiam presencialmente.

2.5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO ACERCA DO *IMAGEBOARD* 55CHAN

Pelo caráter efêmero dos *imageboards*, é difícil obter qualquer informação acerca destes *websites*. O 4chan, por ser bastante conhecido, acabou tendo diversos estudos que perpetuaram na ciência algumas de suas características. Existem iniciativas como o The Web Archive, que tentam persistir informações sobre *websites* que foram desligados. Mas, frequentemente, as informações que existem sobre os *imageboards* está presente somente em *wikis* que, na maior parte dos casos, mantém a informação em uma perspectiva humorística, como são os casos da Encyclopedia Dramatica[11], Desciclopédia[12] e da Wikinet[13].

As informações aqui apresentadas foram coletadas a partir de um levantamento bibliográfico utilizando o motor de busca Google. As informações presentes no próprio 55chan também foram utilizadas. Desta forma, as fontes não são originárias de produções científicas, mas de *websites* de notícias ou mesmo *wikis*.

Segundo a Wikipedia (2016, *on-line*), o 55chan é "um *imageboard* brasileiro dedicado a discussões variadas, com a possibilidade de enviar mensagens anonimamente, como o norte-americano 4chan". O registro mais antigo existente do *website* remete a 2007, onde na página principal do *imageboard* havia a seguinte mensagem:

> O 55chan é uma coleção de fóruns em que é possível e recomendado se escrever anonimamente, sem registro algum. Isso traz uma série de vantagens, como criar uma comunidade unida sem que haja pessoas brigando por atenção e popularidade. (WIKIPEDIA, 2016, *on-line*)

O dono do *website* parece ser um indivíduo conhecido como "K" (WIKIPEDIA, 2016; WIKINET, 2010). De acordo com o *blog* "Sequelanet",

> O 55chan (lema: "Subdesenvolvimento, agora também na Internet "), é um *imageboard* brasileiro. Existem outros "*chans*" em português (como o BRchan), mas o 55chan é o mais popular, e assemelha-se bastante ao 4chan. O 55chan, possui seções em que se discute sobre política, outras em que se discute sobre *hobbies*, e até uma seção de */a/tivismo* político, em que se tenta

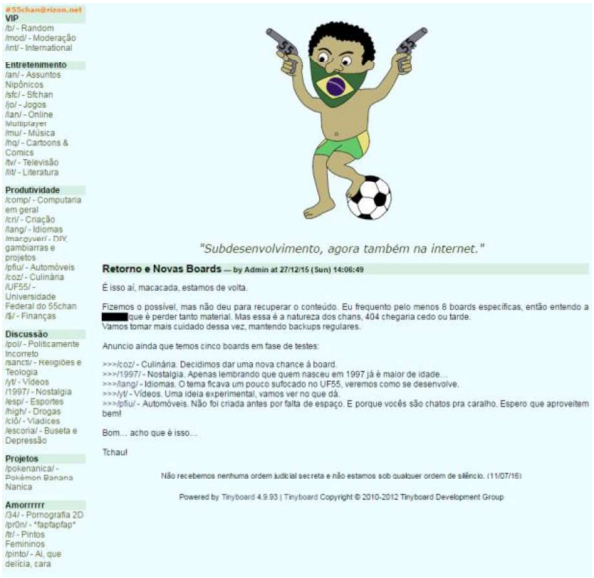
[11] Disponível em: <https://encyclopediadramatica.rs/>. Acesso em 27 de novembro de 2017.
[12] Disponível em: <http://desciclopedia.org/>. Acesso em 27 de novembro de 2017.
[13] Disponível em: <http://www.wikinet.pro>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

> haver um debate inteligente. Os usuários são chamados de "anões" uma corruptela de "*anon*" (*anonymous*). Suas *boards* gerais são */a/* e */b/*. *Boards* populares: */mimimi/ /rsrs/ /pinto/ /traps/* e */gif/*. E duas *boards* ocultas, uma delas é um *shock site*. (CHAVES, 2010)

Os usuários deste *website* chamam uns aos outros de “anões”, uma variação de “*anon*”, que é a redução da palavra “anonymous” (anônimo). O *website* também possui uma espécie de “lei do silêncio”, que proíbe os usuários de falarem sobre o *imageboard* em qualquer outro lugar que não o próprio 55chan, isto com o objetivo de evitar os “*newfags*” [novatos] (WIKIPEDIA, 2016). Para que seja possível realizar qualquer postagem no *website*, era necessário passar por um “desafio”: acima do conteúdo de todas as páginas havia um *banner* com alguns campos para serem preenchidos (WIKINET, 2010). Este era um mecanismo para evitar que usuários novos postassem no *imageboard* (WIKINET, 2010). Atualmente o *website* não conta mais com este mecanismo.

Em 2010, o jornal Estadão foi supostamente atacado por usuários do 55chan, isto porque uma jornalista havia citado o *website* em uma matéria sobre onde surgiam os *memes* no Brasil (WIKIPEDIA, 2016; ESTADÃO, 2010). A jornalista recebeu ameaças de morte, assim como o próprio Estadão foi vítima de *flood* (WIKIPEDIA, 2016; ESTADÃO, 2010). O mesmo ocorreu com o *blog* de humor Bobagento, mas a justificativa era que as “piadas” do *imageboard* estavam sendo roubadas pelo *blog* (WIKIPEDIA, 2016).

Figura 6 – Página principal do 55chan



Fonte: https://55chan.org

Como ilustrado na Figura 6, o *website* apresenta, aparentemente como uma forma de "deboche", a frase "subdesenvolvimento, agora também na internet". Também existe uma notícia com a data de 27 de dezembro de 2015 anunciando que o 55chan havia voltado. No texto, em relação ao *website* ter perdido parte de seu conteúdo, aparece a frase: "essa é a natureza dos *chans*, 404 chegaria cedo ou tarde". "404" é um status do protocolo *HTTP*, referente à quando uma página não é encontrada – não existe mais. Esta parece ser uma analogia ao caráter efêmero dos *imageboards*.

As *boards* são divididas em categorias. De forma geral, os assuntos abordados pelas *boards* são *animes* e mangás, computação e tecnologia, culinária, discussões políticas, estudos, filmes, jogos, literatura, moda, música, política e pornografia. O */b/* obviamente foge deste padrão. Também existem outras *boards* como a */mod/,* com comunicados da moderação e postagens de denúncias sobre usuários que poderiam estar descumprindo as regras; também conta com reclamações e sugestões acerca da estrutura do *website*. Nesta *board* também existe um guia de etiqueta que se localiza acima de todas as outras postagens. Os usuários que não seguirem estas regras devem ser "banidos" do *website* de acordo com o texto.

As primeiras regras são relativas à ortografia. Os usuários são banidos por "escrever incorretamente, incluindo erros de pontuação, grafia, concordância e conjugação", "utilizar *emoticons* além de *";_;"* e *":3"* " ou por utilizar "gírias ou termos de redes sociais". De acordo com as regras, se o usuário "provar" ser menor de idade ou mulher, também será banido.

Shitposting não é permitido em *boards* específicas. De acordo com o Urban Dictionary (2016a), *shitposting* são postagens que falharam em ser construtivas e que não adicionaram qualquer informação útil ao fórum ou postagens que são apenas ofensivas. *Avatarfags* também são banidos, assim como os usuários que mantiverem qualquer tipo de padrão de postagem que possa identificá-los em função de outros usuários. *Avatarfags* são usuários que utilizam da imagem associada às postagens para se identificar perante os outros usuários (URBAN DICTIONARY, 2016b). De forma geral, as outras regras limitam os usuários de postarem conteúdo de sites de redes sociais ou páginas de humor ou "forçar" qualquer tipo de ideologia. Caso alguém queira discutir sobre política, precisa abordar a temática na *board* respectiva ao assunto.

Outras regras dão ênfase à questão da quebra de anonimato. Não é permitido postar qualquer tipo de informação que possa identificar o usuário ou pessoas próximas ao usuário. É importante notar que as regras não dizem diretamente que, por exemplo, menores de idade ou mulheres não podem frequentar o 55chan. É dito que os usuários não podem se *identificar* como parte destes grupos. É possível que na perspectiva do *website*, isto seja algum tipo de quebra de anonimato, não necessariamente aponta para a misoginia.

Figura 7 – Lista de regras do 55chan

Fonte: https://55chan.org/mod

A Figura 7 apresenta a lista de regras do *website*. Este *imageboard* possui uma quantidade de regras muito maior do que o 4chan. Assim como no 4chan, a postagem de pornografia infantil é proibida; mas diferente deste *imageboard*, o 55chan não proíbe explicitamente a organização de crimes ou ataques públicos.

2.6 ANONIMATO, PRIVACIDADE E VIGILÂNCIA

De acordo com Gehl (2014), que cita as métricas de acesso à Rede Tor (ver glossário), houve um grande aumento no número de acessos ao serviço um pouco depois da metade do ano de 2013. Isto, de acordo com o autor (2014), ocorreu devido às revelações de Edward Snowden sobre o programa PRISM da NSA (GREENWALD;

MAKASKILL, 2013). Isto não significa que depois destes relatos uma postura mais rígida em relação à comunicação privada emergiu – até porque, o número de acessos a esta rede foi reduzido vertiginosamente breve após o ocorrido. Porém, isto aponta para um estranhamento em relação à uma evidência sólida de que agências governamentais realmente praticam este tipo de vigilância. Estranhamento este que logo cessou, provavelmente porque se percebeu que a *dark net* (ver glossário) não fornece os mesmos serviços que a *surface web* (ver glossário). A *dark web* ainda não é capaz de ser um substituto da *surface*, principalmente porque exige certo conhecimento técnico por parte do usuário para que o anonimato seja real. Isto é verdade não somente na *dark web*, mas na internet de forma geral.

Isto evidencia uma questão bastante interessante, pois, se como apontado por Martini (2005, *on-line*), “os excluídos digitais estão à margem da sociedade em rede”, então, os sujeitos que *não desejam* utilizar dos mais variados sites e serviços *mainstream*, estão, de certa forma, excluídos desta “sociedade em rede”? Ou seria o contrário: os sujeitos buscam as *darklands* porque já são excluídos socialmente? Como alguém que, de certa forma, conhece a cultura dos *imageboards*, o autor deste estudo verifica que, nestes espaços, são frequentes as reclamações acerca de questões sociais e psicológicas. De acordo com os discursos destes espaços, muitos *channers* se consideram “fracassos sociais” ou mesmo incapazes de serem funcionais. Daí então, os *imageboards* passam a ter este caráter de “fuga” da sociedade.

Partindo de outro ponto, o ato de vigiar não é proveniente de um único foco. Como apontado por Bruno (2013), agências governamentais, empresas e os próprios sujeitos realizam a vigilância. Em relação a este terceiro, Sibilia (2008) observa a obsessão que os sujeitos possuem pelas vidas alheias, onde existe uma “fome de realidade” que faz com que, cada vez mais, se busque relatos biográficos ao invés de ficções ou romances, por exemplo. Sennett (1988) também coloca que, a partir do século XIX, qualquer “fato”, “momento” ou ocorrência de caráter imediato, por si só, poderiam carregar um significado. Isto abarcou em uma sociedade que não sente, pois esta seria a única forma de proteger a intimidade em um mundo onde qualquer lapso poderia supostamente revelar informações pessoais (SENNETT, 1988).

Ao contrário do que este levantamento sugere, o sujeito não se “isolou”. Pelo contrário, se tornou mais “extimo” do que “íntimo”, expondo-se em verdadeiros confessionários no ciberespaço (SIBILIA, 2008). Uma das possíveis razões para tal

seria o medo da solidão (SIBILIA, 2008). Devido aos perigos do mundo “de fora”, os sujeitos se isolam na solidão de suas casas ou apartamentos e, portanto, seria natural que se voltassem ao ciberespaço para que pudessem ser “vistos” (SIBILIA, 2008; BAUMAN, 2009). Outra razão poderia ser justamente o que Ehrenberg (2010) apresenta: a performance é o combustível para que o sujeito, através da ação, descubra sua subjetividade. O comportamento de “exposição” seria então meramente adaptativo.

Neste contexto, qual o significado da existência dos *imageboards*? É claro que, neste momento, esta pergunta é impossível de ser plenamente respondida, visto que está diretamente relacionada com os objetivos deste estudo – não que ela possa ser *plenamente* respondida ao final desta pesquisa. Mas, neste momento, é possível que pelo menos seja realizada uma “provocação”.

Imageboards nasceram como uma forma de “escape” (STRYKER, 2011), para que fosse possível abordar assuntos que não poderiam ser abordados fora do anonimato. É impossível levantar qualquer dado demográfico acerca destes *websites* devido ao caráter efêmero e “privado” que carregam, mas é evidente que [os *imageboards*] surgiram no Japão: país que possui em sua cultura a questão de ser pejorativo o ato de demonstrar emoções (STRYKER, 2011). Com isso, é possível aferir que o anonimato dos *imageboards* é no mínimo uma forma de demonstrar aquilo que é inaceitável tanto na vida pública quanto na vida privada. Assuntos que o sujeito não deseja abordar nem mesmo com seus amigos e família. Ou ainda, abordar assuntos que o sujeito gostaria de tratar na vida pública, mas que não pode por alguma razão.

É uma tarefa complexa definir se *imageboards* fazem parte da vida pública ou da vida privada do sujeito. Ao que tudo indica, este contato está à parte destas duas esferas. Ou, pelo contrário, podem transitar entre o público e o privado, pois, ao mesmo tempo em que intimidades são abordadas nestes espaços, assuntos comuns e aparentemente sem relevância são tratados. Por exemplo, qual a necessidade do anonimato para falar sobre esportes ou música? É claro que, é importante que a questão do público e do privado sejam tratados com um certo caráter relativista, pois, em hipótese, é possível que, para alguém, falar sobre suas preferências musicais seja um assunto delicado. Além de que é considerada uma das vantagens do anonimato o próprio anonimato em si, visto que ele impede que alguns usuários ganhem autoridade em seus argumentos por serem quem são (PEREIRA, 2014); com o anonimato, isto

se torna inviável, é uma forma de “democratizar” a discussão – o mérito estaria então, teoricamente, no “melhor argumento”.

O que se busca com estes apontamentos é demonstrar que a vida anônima do sujeito está fora do âmbito público ou privado. As informações submetidas aos *imageboards* parecem constar no nível de privacidade “não salvas”, pois podem ser tão sigilosas e por isso são abordadas apenas no anonimato, assim como podem ser tão “banais” que são tratadas dentro do anonimato somente pela sua conveniência. Isto também sugere que os assuntos tratados nestes espaços nem sempre são o que fazem os sujeitos procurarem este tipo de comunicação [anônima]. O que faz os sujeitos procurarem o anonimato pode ser a simples conveniência apontada anteriormente: a busca por um espaço onde assuntos possam ser abordados de forma mais democrática. Por isso, no Brasil, por exemplo, onde existe a liberdade de expressão, ainda assim os sujeitos utilizam deste anonimato. Pois é conveniente interagir sem deixar rastros e sem colocar a identidade social em jogo.

Isto é também, de certa forma, um tipo de busca por privacidade – ou pela comunicação privada. Westin (1970) coloca o anonimato como um tipo de privacidade. Segundo o autor (1970), anonimato é estar em público, mas de forma que nenhuma vigilância, indivíduos ou outro mecanismo consiga identificá-lo.

Zittrain (2008) cita diversos *leaks* de informação privada, que vão desde o caso do “Star Wars Kid” (WIKIPEDIA, 2017), até uma vulnerabilidade que expos informação de mais de 40 milhões de titulares de cartões de crédito (EVERS, 2005 apud ZITTRAIN, 2008).

Este tipo de privacidade pode ser uma das razões que motiva os sujeitos à acessarem *imageboards*. Porém, este pleno anonimato apontado por Westin (1970) é impossível de ser alcançado acessando “normalmente” a internet. O *IP* dos computadores é associado a cada acesso, de forma que tanto a operadora quanto os administradores dos *websites* possam fazer esta relação. Para que exista este pleno anonimato é necessário que se utilize uma *dark net* como o Tor ou outra ferramenta de anonimato (como a *VPN*). Portanto, *imageboards* da *surface* não necessariamente são acessados com o total anonimato. A privacidade que se pode alcançar nestes casos consta em nível de interface, os usuários não conhecem as identidades uns dos outros. Mas isso não é verdade para os administradores e moderadores do *website*, estes possuem acesso aos *IPs* e podem entregá-los para as autoridades no caso de ocorrência de crimes, por exemplo. Isto pode significar que os usuários depositam

certa confiança na *staff* destes espaços; ou mesmo a *staff* pode corroborar com o *lulz*, encobrindo até mesmo a ocorrência de postagem de conteúdo ilegal, por exemplo. Outra possibilidade é que os usuários saibam do rastreamento via *IP* e utilizem ferramentas de anonimização sempre que considerarem necessário.

Zittrain (2008) aponta que nesta realidade de vigilância, os sujeitos podem não colocar suas verdadeiras opiniões em público, mas sim assumir uma postura moderada. Novamente, este é um ponto que vem de encontro com a razão de criação da cultura dos *message boards*. Esta ideia de privacidade pelo anonimato, de conseguir se expressar sem uma possível represália é um aspecto fundante nestes espaços.

3 VIGILÂNCIAS DA CONTEMPORANEIDADE

No vídeo da música “Second Lives”[14] (Vidas Secundárias) do produtor musical Vitalic, a visão de um banheiro público é exibida do início até o fim do vídeo. Tudo o que os sujeitos fazem neste espaço privado é apresentado. Exatamente como se fossem “vidas secundárias”, os sujeitos fazem em “segredo” o que têm vergonha de fazer em público. Por fim, um sujeito entra no banheiro e retira uma câmera escondida que estava filmando todos os ocorridos do dia. Este vídeo serviu como inspiração para o autor escrever esta parte da pesquisa.

O objetivo desta seção do estudo é contextualizar a questão da vigilância com os aspectos da contemporaneidade. A influência que os fatores confiança e medo exercer sobre a aceitação das vigilâncias e a questão da exposição no ciberespaço são abordadas pela perspectiva social. Em um segundo momento, as vigilâncias governamentais que começaram a emergir depois dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 são discutidas. Por fim, os tipos de vigilância são abordados: não são apenas governos e empresas vigiam os sujeitos, os próprios indivíduos também são convidados a vigiar.

3.1 CONFIANÇA E MEDO: CIBERESPAÇO COMO O “VERDADEIRO LAR”

Nesta seção do estudo são discutidas as dimensões laterais à questão das vigilâncias da contemporaneidade: o medo e as relações de confiança. O termo

[14] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fuwRxha8zSU>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.

“modernidade” surge diversas vezes durante o texto devido ao fato de que os autores que embasam o conteúdo utilizaram este conceito também com frequência. Sempre que possível o termo “contemporaneidade” é utilizado, por parecer menos confuso entre as diversas noções de modernidade (modernidade líquida, hipermodernidade, supermodernidade e pós-modernidade, por exemplo). Por contemporaneidade entende-se a “modernidade líquida” apresentada por Bauman (2001), conceito respectivo aos tempos de incerteza e volatilidade que marcam o presente. Mesmo quando a palavra “modernidade” surge no texto, é importante para o leitor ter com clareza se faz referência à modernidade líquida.

3.1.1 A questão da confiança

As sociedades modernas são, de forma geral, mais seguras do que as sociedades que já existiram no passado (BAUMAN, 2009). Porém, há um medo muito grande por parte dos sujeitos, que se sentem inseguros e amedrontados, estando sempre em busca de segurança e tranquilidade (BAUMAN, 2009). Isto deve-se ao fato de que a morte passou a ser reconhecida como um fato inevitável, impossível de ser superada. A busca então, não é mais para tentar evitar o fim, e sim postergá-lo pela maior quantidade de tempo possível (BAUMAN, 2009). O sujeito busca o prazer e evita o sofrimento.

Esta insegurança social deriva da crença de que uma segurança completa pode ser alcançada (BAUMAN, 2009). Quando se percebe que esta segurança não é possível de ser atingida, um terceiro é culpado – seja um delinquente ou um ato mal e premeditado (BAUMAN, 2009). O que causa esta insegurança são essencialmente os criminosos e seus crimes: há sempre uma suspeita que não torna possível o ato de confiar (BAUMAN, 2009). Esta questão da insegurança sustenta-se pelo comportamento individualista que paira na modernidade (BAUMAN, 2009). A ideia de que é necessário cada um “fazer por si mesmo” foi fundada em uma sociedade que se apoia no princípio de que o perigo está em todo o lugar (BAUMAN, 2009).

Os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal e suas consequências com relação ao individual (BAUMAN, 2009). Com a incapacidade de confiar, a relação entre os sujeitos foi, em partes, substituída por uma relação entre indivíduo-organização (BAUMAN, 2009). Desta forma, muito do que antes era alcançado através da relação sujeito-sujeito foi substituído pela prestação de serviços de associações, sindicatos e coletivos (BAUMAN, 2009). Giddens & Fiker (1991)

levantam a mesma questão ao teorizar sobre os sistemas abstratos e peritos originários de grandes organizações. Apenas sabe-se que estes sistemas funcionam, mas não como funcionam (GIDDENS; FIKER, 1991). Em uma viagem de avião é apenas necessário que se saiba o procedimento para embarcar no avião, não é requisito que se saiba *como* chegar até o destino (GIDDENS; FIKER, 1991); ou mesmo para fazer uma pesquisa no motor de busca Google, é necessário ter o conhecimento para digitar as palavras na entrada de texto da página. Porém, em ambos os casos não se sabe o que acontece durante a prestação do serviço – apenas há uma confiança na perícia destes sistemas (GIDDENS; FIKER, 1991). Evidenciando o caso da utilização do Google, não há como saber quais funções são desempenhadas entre submeter as palavras-chave na busca e receber os resultados de pesquisa. É impossível verificar se, por exemplo, as palavras-chave inseridas não são mapeadas para criar um perfil de usuário a partir do *IP* da máquina. Também é impossível verificar o que a Google faz com estas informações – se às venderia para um terceiro e sem autorização, por exemplo. É um processo abstrato para o sujeito, mas existe a crença de que irá funcionar da forma mais plena possível.

> Os sistemas abstratos propiciam uma boa dose de segurança na vida cotidiana que estava ausente nas ordens pré-modernas. Uma pessoa pode entrar a bordo de um avião em Londres e chegar a Los Angeles umas dez horas depois estando razoavelmente certa de que não só a viagem será feita em segurança, mas também de que o avião chegará em um horário bem próximo predeterminado. O passageiro pode talvez ter uma vaga idéia de onde fica Los Angeles, em termos de um mapa global. Para se fazer a viagem é necessário apenas um mínimo de preparação (obtenção do passaporte, do visto, da passagem e do dinheiro) – nenhum conhecimento da trajetória real é necessário. Uma grande quantidade de conhecimento do "ambiente" é requerida para embarcar no avião, e este é um conhecimento que foi filtrado dos sistemas peritos para o discurso e a ação de leigos. É preciso saber que é um aeroporto, uma passagem aérea e muitas outras coisas. Mas a própria segurança na viagem não depende do domínio da parafernália técnica que o torna possível. (GIDDENS; FIKER, 1991, p. 115)

Nas culturas tradicionais, a distinção entre os "de dentro" e os de "fora" era bem clara. A ideia de espaços de interação com anônimos e livre de intenções hostis como há na modernidade, não existia em épocas passadas (GIDDENS; FIKER, 1991). Desta forma, as amizades eram "institucionalizadas", tratadas como uma forma de fazer alianças com os "de fora", que poderiam ser potencialmente hostis (GIDDENS; FIKER, 1991). As amizades eram baseadas na mútua confiança, sinceridade e honra. Em sociedades pré-modernas, as amizades tendiam a funcionar como uma espécie de "troca de favores"; onde ambas as partes forneciam, de forma bidirecional,

elementos que ajudariam em alguma questão (GIDDENS; FIKER, 1991). Com os sistemas abstratos, esta “troca de favores” pôde ser facilmente substituída, pois superam a dependência de laços de amizade. Desta forma, o oposto de “amigo” já não é mais “inimigo”; é “conhecido”, “colega” ou “alguém que não conheço” (GIDDENS; FIKER, 1991).

Os sistemas abstratos substituíram os laços de amizade em várias situações onde há necessidade de um terceiro como intermediário. Ao invés de pedir à um amigo para, por exemplo, resolver algum problema, utiliza-se das crenças de confiança nestes sistemas abstratos. Este pode ser um dos motivos pelos quais sujeitos entregam informações abertamente para grandes serviços da internet, ou confiam sua segurança aos sistemas de vigilância.

Na modernidade, os sujeitos convivem com outros que lhe são “estranhos” – adjetivo este que se refere as pessoas que são “de fora” e potencialmente suspeitas (GIDDENS; FIKER, 1991). Estes “estranhos” podem fazer parte de relacionamentos efêmeros; sujeitos com os quais será necessária uma única interação, pessoas que não muito bem se conhece (GIDDENS; FIKER, 1991).

É comum que pessoas cruzem o caminho umas das outras na rua, este ato é cotidiano, sem qualquer representação de anormalidade (GIDDENS; FIKER, 1991). Os sujeitos olham-se à distância e, quando se cruzam, desviam o olhar: é um gesto que representa a “não-ameaça” (GIDDENS; FIKER, 1991). Este comportamento de reconhecer o “estranho” como sujeito e demonstrar este breve estranhamento é chamado de “desatenção civil” (GIDDENS; FIKER, 1991).

Quando o indivíduo está andando em um lugar suspeito, geralmente caminha rápido e tenta evitar o ato de olhar, pois o *olhar* pode incidir em uma interação indesejada (GIDDENS; FIKER, 1991). Caminhar rapidamente e evitar *olhar* evita o envolvimento (GIDDENS; FIKER, 1991). Esta evitação representa a ausência da confiança. A “desatenção civil” é uma espécie de mensagem para alertar ao outro uma não-hostilidade: uma espécie de “contrato” que afirma “confiança” (GIDDENS; FIKER, 1991). Nesta perspectiva, incide o medo do “outro”, a necessidade que os sujeitos têm de confirmar que “é seguro” (BAUMAN, 2014).

3.1.2 A questão do medo

Segundo Bauman (2009, p. 39) “todos que têm condições adquirem seu apartamento num condomínio: trata-se de um lugar isolado que fisicamente se situa

dentro da cidade, mas, social e idealmente, está fora dela”. Na modernidade, existem moradias que não são construídas para integrarem o sujeito à sociedade, mas sim para “protegê-los” (BAUMAN, 2009). O sujeito passou a viver em habitações isoladas, expulsando para zonas marginais todos aqueles “potencialmente perigosos” (BAUMAN, 2009). O sujeito não está mais interessado no “local”, as cidades não são consideradas como habitações interessantes, e sim como mais uma dentre muitos outros espaços físicos (BAUMAN, 2009). Isto faz com que a visão esteja focada no ciberespaço, o “verdadeiro lar” (BAUMAN, 2009).

Neste sentido, em “Tempos líquidos”, Bauman (2007) aponta para o fato dos sujeitos viverem juntos, mas isoladamente: “Qualquer um que tenha condição adquire uma residência num "condomínio", planejado para ser uma habitação isolada, fisicamente dentro da cidade, mas social e espiritualmente fora dela” (BAUMAN, 2007, p. 81). Há uma tendência de o indivíduo colocar o “global” na frente do “local”. O sujeito volta-se ao ciberespaço no sentido de enxergá-lo como um “verdadeiro lar” enquanto negligencia os problemas de sua cidade (BAUMAN, 2007). Desta forma, é natural que haja uma maior exposição do usuário na internet, visto que, em perspectiva, o ciberespaço acolhe mais olhares do que o regional.

Em “Medo líquido“, Bauman (2008) diz que o medo faz com que os sujeitos aceitem a vigilância. Existe uma busca pela sensação de segurança e, portanto, o indivíduo concorda que a vigilância é necessária por causa dos terroristas que tiram “toda doçura e liberdade que foi destruída para pessoas como eu” (BAUMAN, 2008, p. 161) – o “eu” da citação se refere à um sujeito que foi preso por seis dias sem provas.

> Podemos profetizar que, a menos que seja controlada e domada, nossa globalização negativa, alternando-se entre privar os livres de sua segurança e oferecer segurança na forma de não-liberdade, torna a catástrofe inescapável. Sem que essa profecia seja feita e tratada seriamente, a humanidade pode ter pouca esperança de torná-la evitável. O único início promissor de uma terapia contra o medo crescente e, em última instância, incapacitante é compreendê-lo, até o seu âmago - pois a única forma promissora de continuar com ela exige que se encare a tarefa de cortar essas raízes. (BAUMAN, 2008, p. 229)

A vigilância atua como uma forma de gestão desse medo moderno (BAUMAN, 2014). As cidades não estão mais associadas à ideia de segurança como eram no passado: muito pelo contrário (BAUMAN, 2009). Agora, mecanismos como trancas de carro, portas blindadas e sistemas de segurança se tornam cada vez mais populares

– assim como a vigilância pública e os alertas de perigo emitidos pelos meios de comunicação de massa (BAUMAN, 2009). Quanto mais o sujeito se afasta do seu local de moradia, mais confiança é depositada na vigilância do ambiente (BAUMAN, 2009).

No final do século XVIII, Jeremy Bentham trouxe a ideia do panóptico – conceito apresentado anteriormente neste estudo. Em "Vigilância líquida", Bauman (2014) caracteriza a vigilância moderna como pós-panóptica, pois não é mais necessário que haja a mutualidade observando-observador. O observador pode desaparecer em lugares inalcançáveis, longe da imaginação dos sujeitos (BAUMAN, 2014).

Porém, o oposto não acontece: é impossível para o observado saber qualquer coisa sobre o observador (BAUMAN, 2014). Enquanto a vida privada se torna cada vez mais transparente para organizações de vigilância, as organizações de vigilância ficam cada vez mais distantes e inalcançáveis; sua presença torna-se então, cada vez mais efêmera para os sujeitos (BAUMAN, 2014). Não quer dizer que isso seja intencional, este modelo ocorre devido às formas cada vez mais sofisticadas de realizar o monitoramento (BAUMAN, 2014). Também é muito *simples* associar a ideia de vigilância com "conspirações" ou "tiranos" que detêm exclusivamente o poder (BAUMAN, 2014). Existem outras dimensões como questões ideológicas e sujeitos que podem apoiar ou não a vigilância, e que infundem suas vontades nesta realidade (BAUMAN, 2014) – como ocorre no modelo de vigilância participativa apontado por Bruno (2013). Até mesmo porque são os próprios sujeitos que livremente submetem as informações para as organizações de vigilância, isto através de celulares, cartões de crédito e utilização da internet, por exemplo (BAUMAN, 2014).

3.2 MUNDO PÓS 11 DE SETEMBRO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 define, em seu artigo 12, que não deve haver interferência na privacidade do sujeito quanto a sua família, casa ou correspondência, e que todos devem possuir o direito de receber proteção da lei quando existir alguma ameaça ou ataque neste sentido (ASSEMBLY, 1948). Porém, depois dos atentados terroristas do dia 11 de setembro de 2001, as agências governamentais parecem estar fazendo justamente o oposto (BARNES, 2006).

De acordo com a Electronic Frontier Foundation (2005, apud BARNES, 2006), Os Estados Unidos planejaram um programa de *marketing* e recrutamento militar com

foco em adolescentes. O propósito deste projeto era rastrear estes sujeitos com o objetivo de coletar informações pessoais – como telefone, *e-mail*, atividades extracurriculares e atitudes dos pais destes indivíduos perante o recrutamento militar (BARNES, 2006). Estas informações seriam utilizadas para identificar possíveis novos recrutas. Este programa acabou não entrando em vigor por violar o *Privacy Act* do país (BARNES, 2006).

Em 2013, Edward Snowden revelou para o mundo o programa Prism da NSA dos Estados Unidos (GREENWALD; MAKASKILL, 2013). Programa este que consistia em formar parcerias com grandes empresas como Apple e Google com o objetivo de obter informações pessoais (como e-mails, transferências de arquivos e conteúdo de *live chats*) dos usuários de serviços destas corporações (GREENWALD; MAKASKILL, 2013). Segundo o jornal britânico The Guardian, estas empresas têm conhecimento desta operação desde 2007 (GREENWALD; MAKASKILL, 2013).

O "terrorismo" se tornou uma justificativa para agências governamentais utilizarem da vigilância como forma de controle de ameaças. De acordo com Bauman (2009), na modernidade, os sujeitos possuem um grande medo de morrer e recorrem à todas as medidas para postergar seu próprio fim. Desta forma, naturalmente a vigilância entra como uma forma de gestão desse medo moderno (BAUMAN, 2014). Os indivíduos aceitam a vigilância pois pensam que é um "mal necessário" (BAUMAN, 2008). 9/11 se tornou um "pretexto para restringir os direitos civis, especificamente a privacidade e o direito de se manter informado" (COHEN, 2010, p. 7).

A vigilância atua como um dispositivo de segurança, principalmente contra os "terrores do global", ameaças que de fato possuem alcance mundial (BAUMAN, 2014), como é o caso do terrorismo. Porém, neste sentido, o Estado necessita exercer sua função fiscalizadora (FERRAZ JÚNIOR, 1993). Embora que na contemporaneidade, "o poder agora existe num espaço global e extraterritorial, mas a política, que antes ligava interesses individuais e públicos, continua local, incapaz de agir em nível planetário" (BAUMAN, 2014, p. 7). A associação entre "poder" e "política" passa então a divergir, pois a influência dos governos é limitada às suas fronteiras.

É importante ressaltar que o sujeito está ciente da presença das vigilâncias. Em razão de segurança é esperado que existam câmeras para vigiar determinados ambientes, por exemplo (BAUMAN, 2014). De acordo com um estudo onde foram avaliadas as valorizações de privacidade ao utilizar serviços da internet, foi identificado que é considerada uma "troca justa" os dados pessoais pelo uso dos

serviços (KATELL, 2016). Também foi identificado que uma parcela considerável dos participantes não confia nas empresas que fornecem os serviços. Porém, mesmo assim acham essa “troca” algo justo (KATELL, 2016). Isto indica que os sujeitos têm ciência de uma possível vigilância e não confiam na integridade das empresas. Mas, parecem não se importar com esta questão. A “confiança” depositada nos sistemas abstratos e peritos parece não ser algo inquestionável, as pessoas os utilizam pois consideram a troca benéfica.

Da mesma forma que a ausência de vigilância provoca a sensação de insegurança, a vigilância em excesso detém o mesmo sintoma, além de abarcar em outros efeitos colaterais (BAUMAN, 2014). Em Bauman (2014) são citadas as constantes inspeções cujas quais os sujeitos que trabalham em aeroportos precisam passar todos os dias. Estes indivíduos sentem-se como “criminosos”. Os processos de inspeção acabam gerando mais medo, justamente o contrário da proposta de uma vigilância que atua para a gestão dos medos contemporâneos, pois os indivíduos acabam se sentindo “assustados” devido a todos os processos de inspeção que necessitam se submeter todos os dias (BAUMAN, 2014).

A vigilância como forma de detectar “ameaças” espera um padrão de sujeito considerado como “ameaçador”, isto também acaba indiretamente criando o rótulo de “suspeito” em indivíduos com determinadas características, incidindo em outro problema (BAUMAN, 2014). As pessoas precisam então se preocupar em não serem caracterizadas como “perigosas”. Portanto, a vigilância como dispositivo de segurança precisa ser moderada (BAUMAN, 2014). Mesmo com esta vigilância voltada para a segurança, os medos modernos não vão desaparecer (BAUMAN, 2014). Estes medos são uma dimensão que precisa de gestão permanente na modernidade (BAUMAN, 2014). Os sujeitos se “viciam” em segurança; nunca será o bastante (BAUMAN, 2014).

3.3 VIGILÂNCIAS: DO *STALKER* ÀS AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS

Até o presente momento, neste estudo, o conceito de vigilância vem sendo tratado de forma intuitiva. Porém, visto que agora as questões de vigilância não serão mais tratadas de forma lateral, torna-se importante formalizar este conceito.

De acordo com Bruno (2013), a prática da vigilância envolve três aspectos: observação, conhecimento e intervenção. A observação é a forma sistemática e regular de inspeção (BRUNO, 2013). Esta observação pode acontecer por via digital,

eletrônica, mecânica ou visual, por exemplo (BRUNO, 2013). A inspeção é focalizada em alguma entidade, como indivíduos, informações, populações ou processos comportamentais (BRUNO, 2013). A observação deve permitir a obtenção de conhecimento – o segundo aspecto (BRUNO, 2013). Isto pode acontecer através do reconhecimento de padrões ou regularidades, por exemplo (BRUNO, 2013). O último elemento, a intervenção, é majoritariamente de ordem do governo: é respectiva as formas de conduzir a conduta dos sujeitos (BRUNO, 2013).

Neste sentido, a vigilância é a "observação sistemática e focalizada de indivíduos, populações ou informações relativas a eles, tendo em vista produzir conhecimento e intervir sobre os mesmos, de modo a conduzir suas condutas" (BRUNO, 2013, p. 18).

Porém, este é um conceito mais genérico para a ideia de vigilância, que serve como um guia para abordar não a ideia de "vigilância", mas sim de "vigilâncias". Desta forma, esta seção do estudo aborda os tipos de vigilância. Ao contrário do senso comum, que associa vigilância com "tiranos" e "ditadores" que controlam uma realidade *cyberpunk*, o ato de vigiar é praticado até mesmo pelos sujeitos: vai desde o *stalker* até as agências governamentais.

3.3.1 Vigilância distribuída

A noção de vigilância distribuída deriva primeiramente da ideia de "dispositivo" e de "redes". Ou seja, a vigilância como um dispositivo não-centralizado, que trabalha de forma distribuída (BRUNO, 2013) – em rede. Na contemporaneidade não existe um único "foco" de vigilância (BRUNO, 2013). De acordo com Bruno (2013, p. 18), as práticas de vigilância contemporâneas "contam com uma imensa e crescente diversidade de tecnologias, discursos, medidas legais e administrativas, instituições e corporações, enunciados e empreendimentos científicos, midiáticos, comerciais políticos etc.". Desta forma, alguns destes processos de vigilância só fazem sentido através de suas relações uns com os outros (BRUNO, 2013); este é o caráter "em rede".

> Deve-se assim ter em conta que, nos limites deste texto, problematizar e analisar os dispositivos de vigilância implica, num mesmo movimento, pensar a vigilância como dispositivo. A matriz dessa perspectiva, a um só tempo conceitual e metodológica, encontra-se, como se sabe, nos trabalhos de Michel Foucault (1990). Resumidamente, um dispositivo comporta três traços centrais: um conjunto de elementos heterogêneos; uma função estratégica; jogos e formações de poder e saber. Os elementos heterogêneos podem ser

> "discursos, instituições, disposições arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas" (Foucault, 1990, p. 244). A heterogeneidade dos elementos comporta assim tanto o dito quanto o não dito, sendo este último, vale dizer, não exatamente o implícito, o oculto, e sim o que não se diz pela via de um enunciado linguístico, mas que se expressa e se afirma em técnicas, procedimentos, ordenações espaciais, arquiteturais etc. Tais elementos constituem uma rede de relações, e o dispositivo consiste menos nos elementos do que na rede que se estabelece entre eles. E, nessa rede, as posições e as funções são móveis, pois entre os elementos há um tipo de jogo e uma relação de forças que são variáveis (BRUNO, 2013, p. 19).

A vigilância distribuída não é um "modelo" como são os casos das vigilâncias panópticas e escópicas. Esta vigilância é relativa à um modo de funcionamento da contemporaneidade (BRUNO, 2013). O *modus operandi* da vigilância distribuída pode conter as dimensões panópticas e escópicas. A não ser que se pense em uma realidade onde exista algum tipo de "Grande Irmão" que consiga de fato centralizar a tarefa de vigiar, é impossível pensar em uma realidade panóptica. Portanto, o que existe na contemporaneidade são diversos focos de observação com diferentes interesses e propósitos (BRUNO, 2013), alguns desses "focos" podem então ser escópicos ou panópticos, por exemplo.

A ubiquidade tende a ser uma característica a se fortalecer quando se trata da vigilância distribuída (BRUNO, 2013). Dispositivos tecnológicos, ambientes e serviços casualmente utilizados passam a incorporar de forma cada vez mais forte o ato de vigiar (BRUNO, 2013). Mas, diferente do modelo panóptico, é uma vigilância descentralizada (BRUNO, 2013). Estes dispositivos tecnológicos, ambientes e serviços operam sob interesses diferentes e com propósitos diferentes. Estes "focos" de vigilância tendem a aumentar à medida que surgem novos dispositivos com capacidades de vigilância ou sujeitos e organizações com tal interesse (BRUNO, 2013). Neste sentido, o ato de vigiar nem mesmo deve ser associado a intenções nefastas: todos podem vigiar, seja através dos rastros deixados no ciberespaço, transações eletrônicas ou movimento de corpos no fluxo urbano (BRUNO, 2013). É importante ressaltar que a ideia de utilizar um dispositivo para vigiar determinado grupo de pessoas de forma hierárquica (como vigiar prisioneiros, por exemplo) pode atingir sujeitos que não estão naquele foco de observação, sujeitos que não se planejou vigiar (BRUNO, 2013).

Em relação aos aparatos tecnológicos, nem todos estes dispositivos são projetados para atuar como vigilantes (BRUNO, 2013). A capacidade de vigiar pertencente à determinada tecnologia pode ser o efeito colateral de um dispositivo

cuja função principal é outra (BRUNO, 2013). Porém, a funcionalidade de vigiar pode surgir posteriormente nestes dispositivos, isto através de atualizações que não descaracterizam o produto, mas que incluem a vigilância como uma nova *feature* do dispositivo (BRUNO, 2013). As vigilâncias tendem a se ampliar à medida que sistemas técnicos com este propósito passam a ser criados: o custo da observação baixa, permitindo que esta [observação] possa ser executada em tempo real e à distância (BRUNO, 2013).

Outra dimensão desta vigilância é o fato de que ela não necessariamente está associada com formas de controle, normalização e segurança (BRUNO, 2013). Os próprios *reality shows* são um exemplo de que a vigilância também é utilizada para o entretenimento e o prazer (BRUNO, 2013).

3.3.2 Vigilância participativa

Na vigilância participativa, além de existir a dimensão da observação sistemática, os sujeitos são convidados a participar do processo (BRUNO, 2013). Indivíduos em sites de redes sociais possuem o poder de se monitorarem. Isto entra como uma forma de empoderamento, pois os indivíduos passam a ter controle das suas relações sociais, por exemplo (BRUNO, 2013). Porém, ter a possibilidade de praticar tais atos não necessariamente implica neste “empoderamento” ou democratização (BRUNO, 2013). Pois mesmo as informações coletadas pelos sujeitos podem ser utilizadas para outros propósitos que não para os estabelecidos: podem facilmente ser desviados ao propósito de poder e controle (BRUNO, 2013). Esta é uma das apropriações para o termo “vigilância participativa”.

Outra apropriação para este termo é a ideia de uma vigilância onde os próprios sujeitos se organizam em função desta operação. Como um “panóptico” regulamentado e organizado pela própria população (BRUNO, 2013), a ideia de uma sociedade transparente e com constantes testemunhas. O ato de vigiar passa então do estado para a população (BRUNO, 2013) – como uma “sociedade de *stalkers”*.

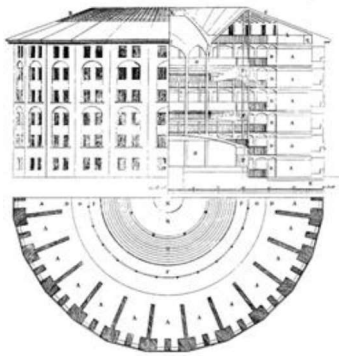
Por fim, a última apropriação do termo é utilizada para problematizar uma vigilância onde os sujeitos, por viverem em uma “sociedade perigosa”, necessitam virar potenciais espiões para o próprio bem da população (BRUNO, 2013).

3.3.3 Vigilância panóptica e pós-panóptica

Jeremy Bencham desenvolveu em 1785 a ideia do panóptico: a concepção de uma instituição com um ponto central onde um vigilante poderia se posicionar e monitorar toda uma estrutura (KANDIAS et al, 2013). Este sujeito teria a habilidade de permanecer neste ponto e observar todos os sujeitos inseridos na instituição sem ser visto (KANDIAS et al, 2013). Desta forma, os sujeitos não saberiam o momento cujo qual o vigilante estaria observando (KANDIAS et al, 2013). O propósito deste modelo é fazer com que os indivíduos inseridos na construção se sintam constantemente monitorados por não saberem os momentos de atuação do vigilante, tendo também, por consequência, seu comportamento sendo constantemente controlado (KANDIAS et al, 2013). Neste sentido, a vigilância panóptica é respectiva a um modelo onde o "observador" consegue vigiar sem que os "observados" saibam quando estão sendo vigiados.

O pós-panóptico é uma concepção levantada por Bauman (2014) em "Vigilância Líquida". Este modelo de vigilância é similar e deriva do panóptico, com a diferença de que os "observados" não conseguem nem mesmo saber a posição física do vigilante. O vigilante não é conhecido e pode simplesmente desaparecer, está além do físico, é uma presença invisível, ubíqua. De acordo com Bauman (2014), este modelo é possível através das "tecnologias da modernidade", que possuem em sua estrutura o caráter da pervasividade (ver glossário).

Figura 8 – Concepção de uma estrutura panóptica



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Panopticon.jpg

3.3.4 Vigilância escópica

A vigilância escópica é respectiva ao monitoramento através de câmeras que registram e propiciam a visualização das imagens capturadas (SANTAELLA, 2010). Estas câmeras se proliferam e devem ser posicionadas em lugares estratégicos, tanto em ambientes fechados quanto abertos (SANTAELLA, 2010). Enquanto o autor escrevia este trecho do texto, existia uma câmera atrás dele que estava monitorando a sala.

3.3.5 Vigilância de rastreamento

Este modelo de vigilância foi possibilitado pelas tecnologias digitais, que tornaram possível o rastreamento de dados (SANTAELLA, 2010). Esta vigilância acontece em meio outras formas de vigilância: as câmeras continuam gravando imagens em lugares públicos e privados, por exemplo (SANTAELLA, 2010) – as vigilâncias não são excludentes. A vigilância de rastreamento é ubíqua e propiciada pelo caráter dicotômico de algumas tecnologias digitais (SANTAELLA, 2010). Ou seja, existem dispositivos com funções primárias que não o ato de vigiar, mas que em suas estruturas já são apropriados à vigilância. Diferente do modelo escópico, estas tecnologias não possuem a função primária de monitorar, trabalham como “sistemas simbólicos” (SANTAELLA, 2010).

> Como nos alerta Stalder (2002, p. 120), todas as vezes em que entregamos um cartão de fidelidade a um supermercado, loja ou *check-in*, nossos nomes são relacionados às compras e ao roteiro, entrando, de imediato, em bancos de dados gigantescos. Todas as vezes em que pagamos um pedágio ou o cartão de crédito, nossas localizações estão sendo registradas, analisadas e armazenadas. Todas as vezes em que submetemos nosso cartão de seguro saúde para o médico ou hospital, pagamos nossas contas, enviamos nossa declaração de imposto de renda ou entramos no ciberespaço, o mapeamento de nossas ações torna-se mais fino e maior (SANTAELLA, 2010, p. 158).

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Nesta seção do estudo as questões relativas ao método são apresentadas. O método define o procedimento utilizado para alcançar os objetivos e, consequentemente, os resultados da pesquisa. Os métodos utilizados são a análise de conteúdo, a observação etnográfica e a pesquisa quantitativa da área da Computação.

Este estudo é indutivo, pois busca analisar uma amostragem da realidade (PRODANOV; FREITAS, 2013) e, a partir do que é observado, levantar as devidas generalizações. É também de natureza básica, pois não há intenção de aplicar os

resultados obtidos através do estudo, mas sim contribuir para o conhecimento (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Esta também é uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa. Os resultados quantitativos são obtidos através do estudo na linha de processamento de texto da área da Computação. Já os qualitativos, surgem através do método da etnografia (somente a fase de observação é utilizada neste estudo) somada à uma análise de conteúdo. Desta forma, este é um estudo quantitativo e qualitativo acerca da temática análise das apropriações do anonimato nas subculturas dos *imageboards* concatenada as questões de vigilância e privacidade da contemporaneidade e delimitada em nível de Brasil. Por ser tratar da exposição das características de uma determinada cultura, o objetivo deste estudo é de origem descritiva (PRODANOV; FREITAS, 2013). A questão de pesquisa é: que tipo de conteúdo pessoas que estão sob o anonimato produzem?

A principal hipótese levantada para este estudo é a de que existe uma relação entre a intensidade das emoções e sentimentos dos sujeitos e o anonimato. Neste sentido, também se levanta como hipótese a existência de uma relação entre o anonimato e a quantidade de vezes em que assuntos “tóxicos” são abordados. As evidências para esta hipótese são a própria cultura dos *imageboards*, que desde o princípio abordou assuntos de origem *blackhat* (STRYKER, 2011). Porém, nenhum estudo que foi buscado validou se isto se originou pela cultura em si ou se é simplesmente o anonimato que propicia este comportamento.

Outra hipótese é a de que os sujeitos estão utilizando do anonimato para expressar questões pessoais reprimidas. É possível levantar como evidência a esta suposição o fato de que os *message boards* surgiram como um espaço para os sujeitos expressarem o que não podiam ou não conseguiam fazer presencialmente (STRYKER, 2011).

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de seguir com a caracterização do método, vale fazer uma retrospectiva do referencial teórico, ressaltando os momentos mais importantes. O referencial teórico possui três momentos: considerações sobre o público e o privado na contemporaneidade, caracterização dos *imageboards* e uma reflexão sobre as vigilâncias da contemporaneidade. Este estudo objetiva verificar as implicações da vigilância no anonimato das subculturas dos *imageboards*. Para abordar tal tópico foi

necessário que se construísse este referencial teórico, visto que “anonimato”, “subculturas dos *imageboards*” e “vigilância” são conceitos que precisam de uma caracterização e não podem ser tratados a *priori*.

Em um primeiro momento, as questões de público e privado, seus significados e ambivalências foram teorizados na perspectiva de autores como Richard Sennett, Paula Sibilia, Viktor Mayer-Schönberger e Christian Ehrenberg. Foi considerado que nos últimos séculos houve uma ligeira mudança no que é considerado público e privado na vida dos sujeitos. A vida pública passou a ser tratada mais como uma mera formalidade, enquanto o sujeito se voltava à interioridade. A interioridade não implica no “isolamento”, os indivíduos ainda interagem entre si, mas pouco se importam com as questões referentes ao “público”. A vida pública é considerada interessante somente quando a *psique* entra em jogo. Os indivíduos estão obcecados por *quem o outro é*. Por exemplo, o critério para escolher um político muitas vezes não é sua competência como executivo ou legislador, mas sim *quem* este indivíduo *é* em nível de *persona*.

No ciberespaço, com a popularização dos blogs, muitos sujeitos passaram a se expor na internet em uma espécie de “espetáculo do eu”, uma forma dos sujeitos avaliarem suas vidas e confirmarem suas subjetividades usando as colocações do *outro* como evidência para a autoafirmação. Esta exposição se deve, em partes, ao medo da solidão. Muitos sujeitos acabam isolados em suas residências por temerem os perigos do meio urbano e, por isso, acabaram naturalmente se voltando ao ciberespaço. Porém, esta exposição pode ser muito bem de caráter adaptativo: ser visto para ser lembrado. Na modernidade exige-se que cada um construa sua própria identidade e torne-se “único”, mesmo que este “único” seja igual ao de todo mundo. É necessário que o sujeito enfrente a realidade e torne-se “dono de si mesmo”. É preciso performar para ter “sucesso”.

Por fim, é realizada uma reflexão acerca deste aspecto de “não esquecer” providenciado pelas tecnologias digitais. As publicações submetidas ao ciberespaço são armazenadas em grandes bases de dados. É possível que, em algum momento, a escolha de deletar ou manter estas informações *online* possa se tornar algo acima da decisão do sujeito que as enviou. Isto pode ocorrer devido aos *web crawlers* e indexadores que persistem esta informação em seus próprios bancos de dados. O próprio “Efeito Streisand” pode contribuir para esta realidade. Este “efeito” é utilizado para descrever a *vontade* que os sujeitos possuem em replicar e persistir conteúdo

que recebeu censura, como se a questão da proibição fosse o gatilho para este comportamento – "compartilhar porque é proibido".

Em um segundo momento, as questões relativas às subculturas dos *imageboards* foram abordadas. Neste capítulo foram apresentados conceitos básicos para o estudo da cibercultura, especificando-se, posteriormente, nos aspectos culturais dos *imageboards*. Autores como Cole Stryker, Lúcia Santaella, Henry Jenkins, Limor Shifman, Ross Haenfler e Gabriella Coleman foram buscados neste capítulo do estudo.

Desta forma, foi visto que *imageboards* começaram como um espaço para estender as questões emocionais de sujeitos que eram emocionalmente reprimidos pela sociedade. O anonimato, o *blackhat*, a cultura *hacker* e o *lulz* são características marcantes destes espaços.

Imageboards são melhor definidos como subculturas, visto que possuem as qualidades deste tipo de grupo. Os sujeitos resistem ao *mainstream*, possuem seus próprios símbolos e práticas e se enquadram no aspecto da marginalização: se tornam membros do grupo por se sentirem de fora da sociedade, enxergam no grupo uma "casa".

Houve também um estudo das características do *imageboard* que esta pesquisa leva como foco. Para isso foi conduzido um levantamento bibliográfico que apresentou as regras e a estrutura do 55chan. Foi observado que existem limites para o tipo de conteúdo que é postado neste espaço. De acordo com as regras, postagem de pornografia infantil acarreta em banimento, por exemplo. As regras são também mais rígidas do que as do 4chan.

Uma reflexão acerca das apropriações do anonimato também foi conduzida. *A priori*, foi considerado que os sujeitos buscam o anonimato não necessariamente para abordar assuntos sigilosos. A "fuga" consta na própria conveniência da comunicação anônima: é possível abordar qualquer assunto sem que o sujeito precise se preocupar com o que o "outro" pensa sobre o "eu".

O aspecto do anonimato foi tratado na perspectiva das questões de público e privado. Foi considerado que o anonimato dos *imageboards* flutua entre público e privado. Nestes espaços existem assuntos "banais" enquanto também são colocadas questões aparentemente sigilosas dos sujeitos. Por exemplo, os indivíduos falam de esportes e música ao mesmo tempo que falam sobre sua sexualidade – é claro que

considerar estas temáticas como íntimas ou não é uma questão de perspectiva. Estas questões devem ser aprofundadas com os resultados desta pesquisa.

Em um terceiro e último momento, o referencial teórico apresentou as questões referentes às vigilâncias da contemporaneidade. Mesmo fora do ciberespaço, existem câmeras e outros dispositivos de segurança que gravam tudo o que acontece nos espaços públicos. Caso o sujeito faça, por engano, algo que possa vir a ferir sua "imagem", é improvável que consiga deletar as informações que evidenciam tal acontecimento. Da mesma forma, sujeitos postam informações íntimas no ciberespaço. Estas informações são públicas, podem ser vistas por qualquer sujeito com acesso à internet. É possível que os sujeitos eventualmente se arrependam de ter postado determinada informação na internet e não consigam mais deletá-la. As próprias vigilâncias da contemporaneidade contribuem para este cenário: os sujeitos vigiam uns aos outros pois são obcecados pela *psique*; agências governamentais utilizam de dispositivos de vigilância para realizar a gestão do medo moderno; empresas persistem informações dos usuários de seus serviços em grandes bases de dados enquanto inserem a função de vigiar como secundária em seus aparatos tecnológicos.

Os sujeitos aceitam as vigilâncias pois as consideram um "mal necessário" para protegê-los dos perigos do meio urbano. Uma das razões para tal podem ser as mudanças nas relações de confiança da modernidade: as "alianças de troca" com outros grupos foram substituídas pelos sistemas abstratos e peritos. Estes são sistemas [como aeroportos ou motores de busca da internet] cujos quais os sujeitos não sabem como funcionam, mas confiam em sua perícia devido às garantias depositadas nos grandes fornecedores destes serviços.

Estas vigilâncias são originárias de diversos focos: são realizadas por grandes empresas, agências governamentais ou mesmo sujeitos interessados em vigiar. Não necessariamente são realizadas como uma forma de "controle" como sugere o senso comum, visto que os dados coletados a partir da vigilância podem trazer retorno financeiro para grandes empresas, por exemplo. Isto pode ser observado em dispositivos que não são construídos com o propósito da vigilância, mas que possuem este potencial e posteriormente acabam adquirindo esta funcionalidade.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O objetivo geral desta pesquisa é verificar as implicações da vigilância no anonimato das subculturas dos *imageboards*. Para realizar esta investigação, é necessário saber o que os sujeitos inseridos na cultura dos *imageboards* fazem fora do anonimato. Não apenas isso, é necessário saber o que fazem fora do anonimato mas enquanto sujeitos inseridos nestas subculturas. Desta forma, a fala destes sujeitos deve ser analisado em um espaço não-anônimo, mas que ainda assim possua em sua estrutura os aspectos culturais dos *imageboards*.

A dificuldade em isolar esta variável está no fato de que as subculturas dos *imageboards* foram fundadas no anonimato (STRYKER, 2011), é então natural que todos os espaços relacionados a estas subculturas também operem sob a forma do anonimato. Porém, quando este tipo de espaço se tornou *mainstream*, espaços acerca da cultura dos *imageboards* mas que não eram *imageboards* passaram a ser criados: espaços não-anônimos, mas que são acessados por sujeitos que fazem parte da cultura dos *imageboards*. *Chanspeak*, *trolling*, *lulz*, criação de *memes*: tudo isso está presente nestes espaços, com exceção do anonimato.

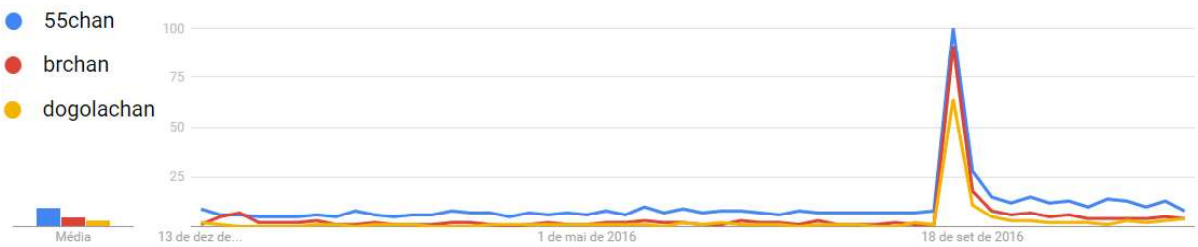
Como a pesquisa está delimitada em nível de Brasil, é necessário que este espaço seja brasileiro. Outro critério relevante é a quantidade de usuários presentes neste espaço, assim como a garantia de que a comunicação efetuada no espaço não ocorra sob a forma do anonimato. Desta forma, o Facebook, por ser o site de rede social com a maior quantidade de usuários (STATISTA, 2016) e que, de acordo com as suas regras, obriga os usuários a utilizarem o nome verdadeiro em seus perfis (FACEBOOK, 2015), foi escolhido como o *website* para se buscar um espaço não-anônimo para compor esta dimensão do estudo.

Dentro do Facebook existem basicamente três estruturas para os usuários interagirem: linha do tempo, páginas e grupos. Linhas do tempo já podem ser descartadas como espaço para análise, pois não há como fazer qualquer tipo de controle, visto que os usuários possuem contatos no Facebook que fazem parte de diversas redes sociais. As páginas também não são uma opção ideal, já que os usuários só podem interagir através dos comentários, não possuem permissão para criar estruturas como publicações, que funcionam como espécie de linha de discussão.

Os grupos são a melhor opção. Possuem uma estrutura similar aos fóruns de internet, os usuários podem criar postagens e ainda existe uma linha de discussão na seção de comentários destas postagens. Além disso, os usuários interagem nestes espaços utilizando seus perfis do *website*, o que garante a ausência de anonimato. Mas, como encontrar este grupo? O motor de buscas Google foi utilizado para este propósito. Desta forma, foram pesquisadas as palavras-chave “55chan”, “facebook” e “grupo”. Entre os resultados de busca surgiram dois espaços do Facebook relacionados às subculturas dos *imageboards* brasileiros: a página “Favela Feliz” e o grupo “Panelinha do Bananal (Poço de Urânio)”. A página Favela Feliz foi imediatamente descartada devido a sua estrutura de página. Mas, o grupo Panelinha do Bananal possuía os requisitos necessários para o estudo, sendo um grupo fechado com aproximadamente 30 mil membros. De acordo com a descrição, é o grupo para um *imageboard* chamado “panelachan”; que parece estar *offline* após tentativa de acesso. Desta forma, este grupo foi selecionado como grupo controle do estudo.

O grupo experimental é o *imageboard* 55chan. Este *imageboard* foi selecionado para o estudo por ser o mais popular *website* brasileiro desta categoria. Outra questão importante é o fato deste *website* existir desde 2007 (WIKIPEDIA, 2016). Como se sabe, *imageboards* possuem a questão da efemeridade em suas culturas (PEREIRA, 2014). Desta forma, se fosse selecionado um *imageboard* criado recentemente e com poucos registros, o risco deste *website* se tornar inacessível durante o período de pesquisa seria maior. A Figura 9 ilustra a quantidade de buscas no Google pelos termos “55chan”, “brchan” e “Dogolachan”, os três maiores *imageboards* brasileiros. Como é possível notar, o 55chan é o mais buscado dentre os três.

Figura 9 – Buscas no Google pelos nomes dos *imageboards* brasileiros



Fonte: https://www.google.com/trends/explore?date=today%2012-m&geo=BR&q=55chan,brchan,dogolachan

Com estes espaços definidos, um dos objetivos específicos do estudo está completo: encontrar um *imageboard* que permita comunicação privada através do anonimato e, a partir deste *imageboard* selecionado (o grupo experimental), definir outro espaço que tenha as mesmas condições em nível de cultura, mas que não propicie comunicação privada através do anonimato (grupo controle).

Desta forma, para alcançar o objetivo geral, a fala existente nos espaços 55chan e Panelinha do Bananal devem ser analisadas e comparadas. Mas, como medir “que tipo de conteúdo pessoas postam na condição de anonimato”? Se a questão é a “comunicação”, então é possível analisar a fala como unidade desta comunicação. As divergências entre as falas dos grupos controle e experimental serão os resultados da pesquisa. Ou seja, o objeto de estudo desta pesquisa é a fala proferida pelos sujeitos inseridos nas subculturas dos *imageboards*.

Mas, o que analisar nesta fala? O supercomputador IBM Watson pode ser acessado através da internet em um serviço de análise de conteúdo textual (IBM, 2015a). Este serviço possui a capacidade de analisar linguagem natural (ver glossário em “Processamento da Linguagem Natural”) em diversas variáveis: emoção, sentimento, palavras-chave, conceitos e taxonomia, por exemplo. Estes serão os critérios da análise quantitativa.

Porém, estes dados levantados podem não ser o bastante para os resultados. É possível que existam questões que necessitem de uma análise subjetiva. Os resultados quantitativos, embora cartesianos, podem não expressar todas as características relevantes para os resultados, além de não conseguirem mapear toda a subjetividade destas subculturas. Desta forma, a análise de conteúdo é utilizada em duas vias: para contextualizar o levantamento quantitativo e abordar as subjetividades que o método quantitativo não poderia abordar.

As próximas seções do estudo apresentam os instrumentos utilizados para a coleta de dados e como a amostragem foi analisada através do procedimento metodológico. Definir os instrumentos de coleta de dados é um dos passos para cumprir o objetivo de levantar a amostragem. Estruturar os procedimentos metodológicos é o passo final a ser realizado antes de executar o experimento para alcançar os objetivos e responder à questão de pesquisa.

4.3 INTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Um dos problemas de se coletar dados em *imageboards* é a questão da efemeridade. De acordo com Bernstein et al (2011, apud Pereira, 2014), uma postagem no */b/* do 4chan possui vida mediana de 399 minutos. Desta forma, para coletar dados destes *websites* é necessário um acesso constante, ou haverá perda de amostragem. Ainda, é possível que determinado público acesse os *websites* em um horário específico. A coleta de dados manual é inviável neste sentido, pois depende da presença do pesquisador em períodos de tempo específicos.

Para contornar este problema, foi desenvolvido um programa com a capacidade de acessar o *website*, detectar a existência de novas postagens e, caso existam, salvar as postagens para posterior análise. Ou seja, este programa deve ser executado durante o período em que se deseja obter a amostragem. Para este estudo, preliminarmente, foi definido que este programa deve ser executado incessantemente pelo período de 1 mês (30 dias).

É importante destacar que somente a *board /b/* (*random*) será analisada no 55chan (grupo experimental). As outras *boards* envolvem assuntos específicos, o */b/* é a única *board* onde o usuário possui a liberdade de abordar o assunto que desejar (PEREIRA, 2014). No caso no grupo controle (Panelinha do Bananal), todas as postagens serão analisadas, visto que neste espaço não possuem *boards*, o grupo todo é como um grande */b/*.

Em relação as questões de ética na coleta de dados, de acordo com um documento citado na página do Comitê de Ética (CEP) da Universidade Feevale, que se refere às normas de ética para estudos das Ciências Humanas e Ciências Sociais, não serão avaliadas pelo sistema CEP/CONEP “pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual” (BRASIL, 2016, p. 2). Este estudo encaixa-se integralmente nesta descrição, todas as informações estão em um banco de dados sem qualquer tipo de informação que faça associação à identidade de qualquer indivíduo. Desta forma, este estudo exime-se de ser avaliado pelo Comitê de Ética da instituição.

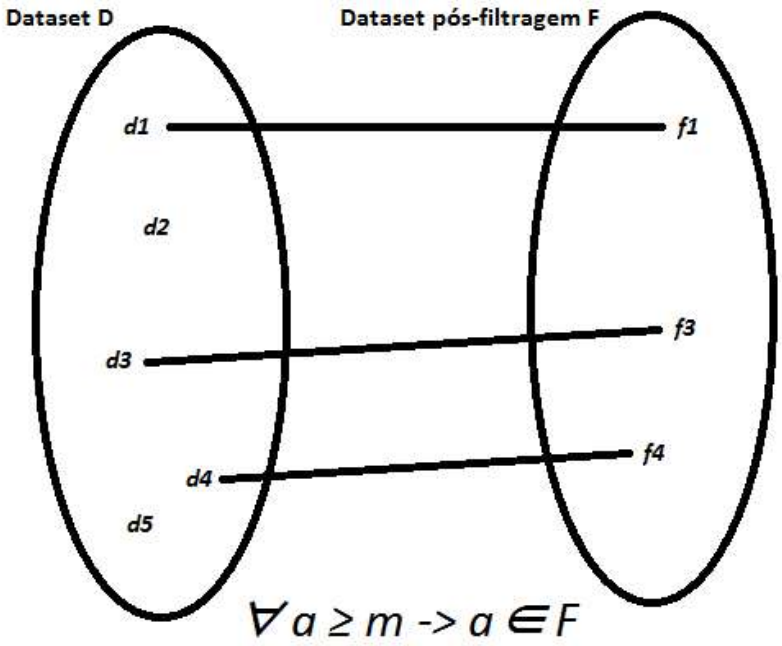
O programa desenvolvido é utilizado para capturar as postagens somente do grupo experimental – o *imageboard*. No caso do grupo controle, um programa diferente foi utilizado para compor a amostragem. É importante ressaltar que a amostragem é composta somente pelo conteúdo textual das postagens e suas

respectivas linhas de discussão, sem imagens ou outros tipos de mídia que podem estar anexadas as postagens. Pode ser curioso que somente conteúdo textual seja analisado em um "*imageboard*". Porém, mesmo que as regras do 55chan sejam explicitamente contra a postagem de conteúdo ilegal, o que garante que durante a coleta de dados algum sujeito não realizaria *flood* de imagens de pornografia infantil somente pelo *lulz*? Neste caso, o armazenamento de conteúdo ilegal acarretaria em um crime por parte do pesquisador. Portanto, imagens não foram incluídas na análise.

Não incluir imagens pode acarretar em um grave efeito colateral no *corpus*: ausência de semântica. Observando a Figura 2 que ilustra o comportamento linguageiro do *55chan*, é possível notar que sem a imagem seria quase impossível compreender o que o sujeito estava comunicando. Desta forma, a soma do texto com a imagem são uma única mensagem. Somente com conteúdo textual, então, o *dataset* poderia se tornar um aglomerado de mensagens incompletas e sem sentido.

Para amenizar este problema foi desenvolvido um processo de filtragem de dados. Esta filtragem baseia-se na hipótese de que quanto mais informação textual existe em uma determinada postagem, menor é a relevância da informação semântica presente em uma possível imagem associada. Desta forma, se *m* é a média da quantidade de caracteres *c* por postagem que enuncia uma linha de discussão *l,* em um espaço (grupo controle ou grupo experimental), o filtro seleciona *l* se *c* é maior ou igual a *m*. O objetivo disto é reduzir o *dataset* removendo conteúdo semanticamente incoerente. A Figura 10 ilustra o processo. Este procedimento pode ser realizado quantas vezes for considerado necessário (este aspecto será abordado nos resultados).

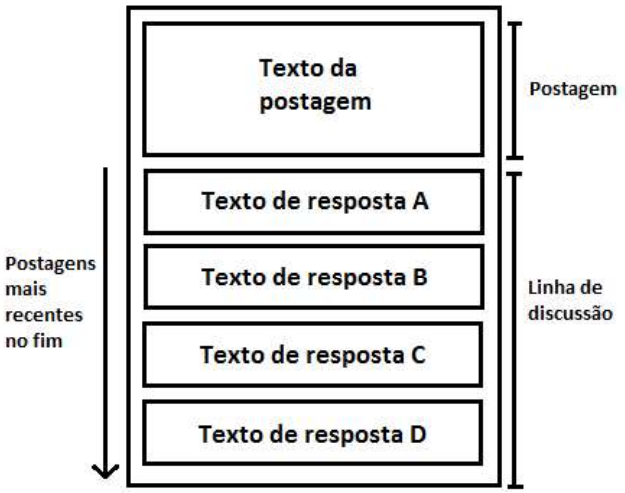
Figura 10 – Processo de filtragem



Fonte: Elaborada pelo autor

A data de publicação das postagens e respostas na linha de discussão também são acolhidas na amostragem como um critério de seleção, para que seja possível levantar resultados referentes a determinado período de tempo. A Figura 11 ilustra a estrutura de uma linha de discussão. As próximas seções descrevem o funcionamento destes programas para obtenção da amostragem.

Figura 11 – Estrutura das linhas de discussão



Fonte: Elaborada pelo autor

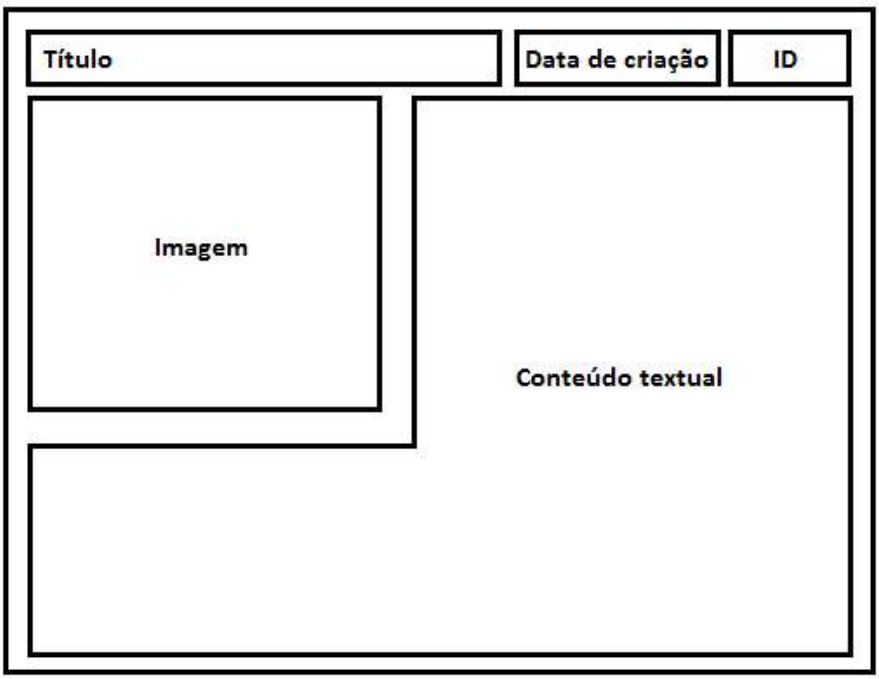
4.3.1 Obtenção da amostragem para o grupo experimental

Como já foi citado, as postagens em *imageboards* duram um determinado período de tempo. Os *imageboards* possuem um total de páginas de conteúdo. No caso do 55chan, são 10 páginas de conteúdo com 15 postagens em cada página. Ou seja, o total de postagens de uma *board* deste *imageboard* não passa de 150. Assim que uma nova postagem é criada por um usuário, a postagem mais antiga é eliminada, não ultrapassando o limite de 150 postagens.

Desta forma, para este estudo, as postagens precisam ser armazenadas em algum dispositivo antes de desaparecerem. Para isso, foi desenvolvido um programa que salva as postagens periodicamente, antes que sejam apagadas do *website*. Mas, não basta fazer um programa que salve todas as postagens do *website* em um determinado período de tempo. Fazer *download* de uma grande quantidade de arquivos pode gerar muito tráfego e acabar deixando o *website* lento para todos que tentarem acessá-lo. Além de que, seria necessário desenvolver um outro programa que verifica a existência de postagens concomitantes salvas. Outro problema é que as postagens possuem uma linha de discussão composta pelas respostas dos usuários. Com isso, não basta fazer um programa que, por exemplo, salve as postagens assim que são criadas no *imageboard*. É necessário um *delay* para que os sujeitos possam discutir.

A solução para este problema é simples: basta fazer um programa que realiza o *download* das postagens em *threads* existentes na última página da *board*. As postagens da última página são as mais antigas e, se elas caíram para o fim, significa que os usuários não possuem mais interesse no assunto discutido. Novas *threads* com assuntos diferentes devem ter surgido e, portanto, acabou sendo esquecida. Isto garante que a *thread* não receba novos comentários na linha de discussão. A não ser que alguém acesse a última página para “reviver” o tópico, mas mesmo neste caso a discussão levantada provavelmente já teria chegado em um ponto pertinente para ser analisada.

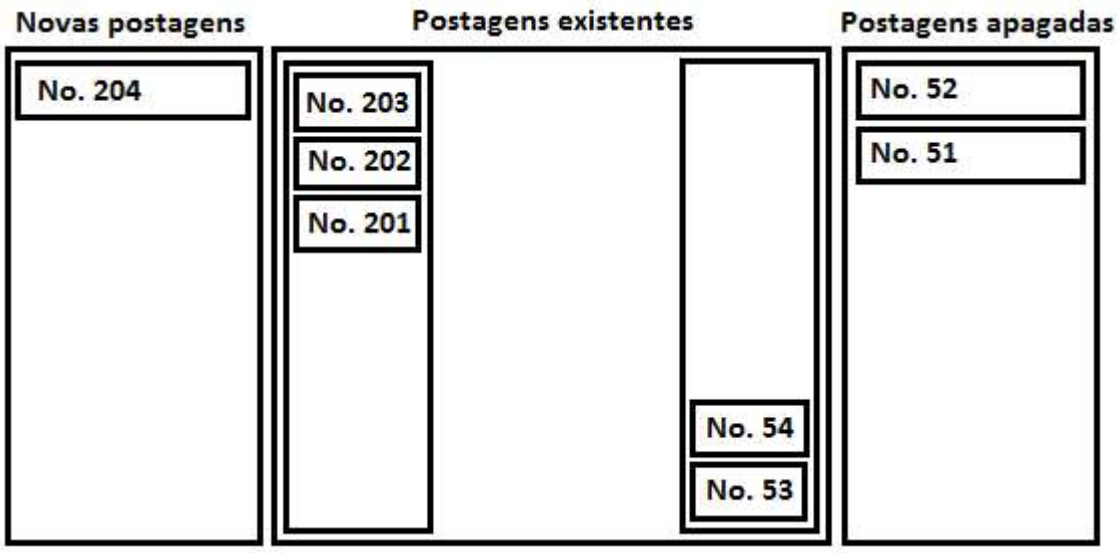
Figura 12 – Estrutura básica de uma postagem



Fonte: Elaborada pelo autor

A Figura 12 ilustra a estrutura básica de uma postagem. Em *imageboards*, tudo é postagem, tanto àquela que enuncia uma linha de discussão quanto suas respostas. Uma *thread* é composta pela postagem enunciado e suas respectivas respostas. Portanto, quando se refere a “postagem”, refere-se também as respostas de uma linha de discussão. Neste ponto, é importante notar a existência do identificador da postagem. Este identificador é um número incrementado de acordo com a posição das postagens. Por exemplo, a primeira postagem existente no *imageboard* é a “No. 1”, a segunda postagem criada é a “No. 2” e assim por diante. Porém, este é um identificador único; ou seja, mesmo que alguma postagem desvaneça além das 150 postagens, quando uma nova [postagem] é criada, o identificador desta nova postagem não será “No. 1”, mas sim “No. 151”. A Figura 13 ilustra esta estrutura.

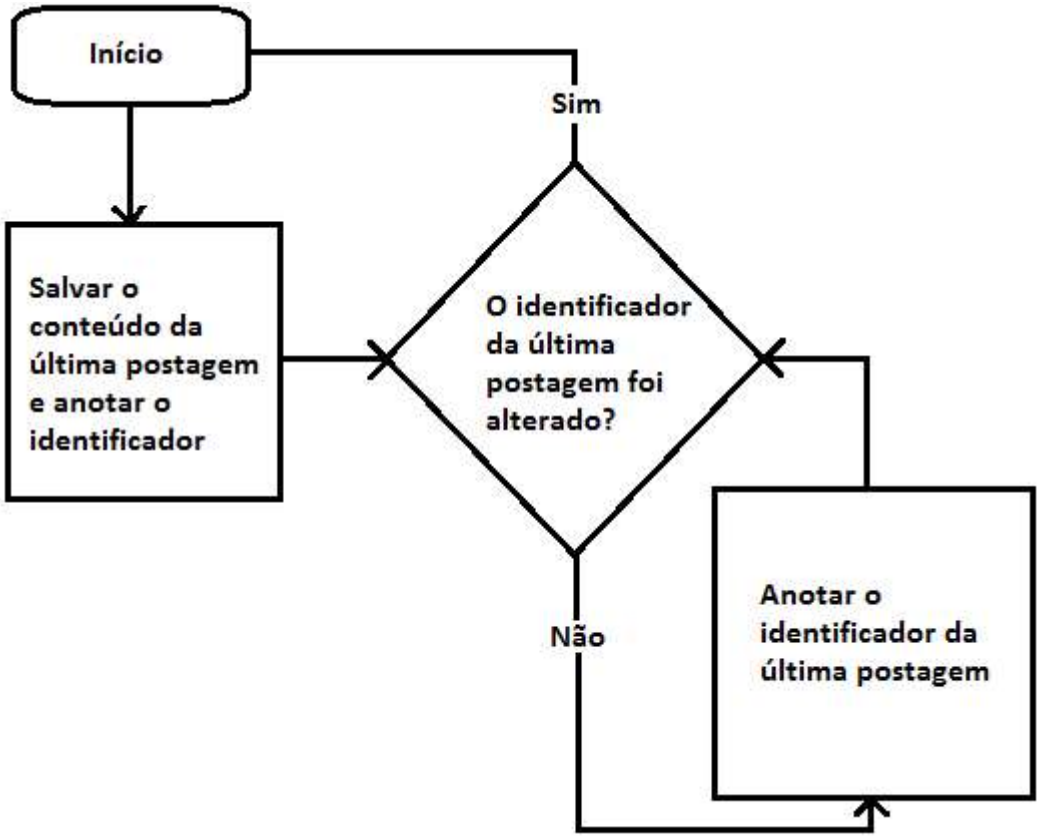
Figura 13 – Estrutura de uma *board*



Fonte: Elaborada pelo autor

Ou seja, de acordo com a Figura 13, assim que a postagem “No. 204” for criada, a postagem “No. 53” vai desaparecer e terá sua posição substituída pela postagem “No. 54”. Desta forma, uma forma econômica de salvar as postagens antes que desapareçam é fazer um programa que, em um determinado ciclo de tempo, verifique o número da última postagem. Caso este número tenha sido alterado, significa que uma nova postagem foi criada e a posição de última postagem teve seu número alterado: este é o “gatilho” para salvar a postagem. A Figura 14 exibe um fluxograma demonstrando o processo.

Figura 14 – Processo executado para salvar as postagens



Fonte: Elaborada pelo autor

É importante notar que, como foi dito anteriormente, as respostas de uma linha de discussão também são postagens. Desta forma, os números identificadores também se aplicam as respostas em uma linha de discussão. Portanto, os números existentes nas postagens que encabeçam uma linha de discussão podem não ser lineares como apresentado na Figura 13. Tendo em vista novamente a estrutura da Figura 13, se um usuário responde à postagem “No. 53” antes da criação da postagem “No. 54”, esta resposta será identificada como “No. 54” e a postagem subsequente que antes teria este identificador, seria a “No. 55”.

O procedimento ilustrado pela Figura 14 deve ser executado periodicamente para salvar as postagens. A periodicidade escolhida é de uma execução a cada 5 minutos. Este fluxograma não exibe necessariamente todos os passos executados pelo programa, existem outros procedimentos que não valem ser aqui ressaltados, por envolver uma dimensão técnica que foge do escopo do trabalho.

Por fim, vale lembrar que somente o conteúdo textual está sendo analisado. Ou seja, os textos das postagens. Uma das razões para isso se deve ao fato de que,

embora a comunicação dos *imageboards* seja bastante voltada para imagens, o mesmo pode não ser verdade em grupos do Facebook. Porém, comunicação textual está presente em ambos os casos.

4.3.2 Obtenção da amostragem para o grupo controle

Embora não exista o problema da efemeridade nos grupos do Facebook, existe outra questão associada a estes espaços: a estrutura deste site de redes sociais possui mecanismos para bloquear a extração de dados. Portanto, é necessário seguir procedimentos específicos e credenciados pela Facebook para a obtenção da informação. Novamente, estes procedimentos técnicos não valem ser ressaltados neste estudo.

Diferente do caso do grupo experimental, onde foi necessário construir um *software* para levantar a amostragem, a própria Facebook disponibiliza um conjunto de utilitários para este propósito. Desta forma, não é preciso coletar dados periodicamente como acontece com os *imageboards*. Basta seguir o procedimento uma única vez para obter a amostragem no período de tempo estipulado.

Os grupos do Facebook possuem um funcionamento similar aos fóruns de internet. Existe uma linha de publicações em ordem cronológica, cada publicação possui um enunciado, que funciona como se fosse a postagem que encabeça a linha de discussão de uma *thread*. É possível associar arquivos às publicações, isto inclui adicionar imagens que aparecem junto ao texto. Os comentários dos usuários sob uma publicação são o que constituem a linha de discussão desta. As respostas possuem a mesma estrutura de uma publicação. Desta forma, a amostragem é composta pelo conteúdo textual das publicações e suas respectivas respostas. Neste estudo, para facilitar o entendimento do leitor, o conceito de publicação é definido como sinônimo dos termos *thread* e postagem. O conceito de resposta da publicação também é sinônimo de postagem.

4.4 ANÁLISE DA AMOSTRAGEM

Se a seção anterior se referia a forma como a amostragem foi obtida, esta se refere a como estes dados devem ser analisados. De acordo com a proposta, este estudo diverge em quantitativo e qualitativo. O estudo qualitativo é uma análise de conteúdo e uma observação etnográfica, enquanto a pesquisa quantitativa é uma análise por via do processamento de texto do serviço AlchemyLanguage. Desta forma,

esta seção descreve como estas análises foram estruturadas tanto em nível de procedimento quanto em embasamento teórico.

4.4.1 Análise quantitativa

A análise quantitativa consiste em um processo de análise de conceitos, emoções, palavras-chave, sentimentos e taxonomia das postagens dos espaços. Esta seção do estudo visa apresentar como as postagens são analisadas e quais são estas categorias de análise.

Este método utiliza o serviço AlchemyLanguage do supercomputador IBM Watson. Este serviço consiste em um conjunto de funções que obtém informação semântica de conteúdo textual (IBM, 2015a). Este serviço possui a capacidade de analisar as postagens a partir dos critérios definidos anteriormente.

4.4.1.1 Das emoções e sentimentos

A análise das emoções quantifica a intensidade das emoções existentes no texto (IBM, 2015b). As emoções são caracterizadas pelo ímpeto em sua manifestação, tanto quanto em sua momentaneidade (GAZZANIGA, 2009). Ou seja, as emoções possuem cunho passageiro e acentuado quando ocorrem. São melhores percebidas em situações de grande demanda emocional. As principais emoções são: raiva, nojo, medo, alegria e tristeza (GAZZANIGA, 2009). Cada emoção possui uma função adaptativa e nem mesmo as que parecem "negativas" podem ser reconhecidas desta forma já que são funcionais no organismo (GAZZANIGA, 2009).

A raiva está diretamente ligada a situações de defesa (IZARD, 1992). O nojo é funcional em momentos onde possa haver repulsa a algo que se considera sujo, apodrecido ou nocivo (IZARD, 1992). O medo é decorrente de situações que envolvem perigo, buscando o afastamento de determinados locais, animais e objetos, por exemplo (IZARD, 1992). A tristeza é característica em momentos de separação ou abandono, mas também possui a função de dar ao sujeito a possibilidade de reflexão (IZARD, 1992). Por fim, a alegria decorre de situações de prazer e satisfação e tem como função o reconhecimento e auto realização em desfechos desejáveis da vida do indivíduo (IZARD, 1992). Ainda, é possível aferir que as emoções podem ser disfuncionais quando envolvidas em contextos onde não há necessidade de sua

manifestação (GAZZANIGA, 2009). Exemplificando, o nervosismo causado pelo medo da reprovação durante uma prova pode atrapalhar o desempenho de um aluno.

Desta forma, esta análise objetiva categorizar e quantificar as emoções apresentadas nos textos. As emoções são quantificadas pela sua intensidade quando detectada nos textos do *dataset* em valores de 0 até 1 (IBM, 2015b). Os textos podem apresentar múltiplas emoções.

A análise de sentimentos qualifica o conteúdo em: positivo, negativo ou neutro (IBM, 2015b). Os sentimentos, diferente das emoções, são duradouros, menos intensos e explosivos, além de não virem acompanhados da manifestação de reações físicas acentuadas (GAZZANIGA, 2009). Os sentimentos partem dos afetos básicos; ou seja: amor (afeto positivo) e ódio [afeto negativo] (GAZZANIGA, 2009). Neste sentido, além de qualificados, os sentimentos são quantificados assim como as emoções em sua intensidade de -1 até 1 (IBM, 2015b).

4.4.1.2 Dos conceitos, palavras-chave e taxonomia

De acordo com a descrição do AlchemyLanguage (IBM, 2015b), os conceitos são os temas “guarda-chuva” abordados em determinado texto. “Por exemplo, se um artigo menciona o CERN e o bóson de Higgs, “Grande Colisor de Hádrons” será marcado como conceito mesmo que o termo não tenha sido mencionado explicitamente” (IBM, 2015b, *online*, tradução nossa). As palavras-chave são palavras importantes que aparecem explicitamente no texto. A taxonomia classifica o texto hierarquicamente em categorias. A Figura 15 apresenta um exemplo onde o texto é classificado em “finanças”, mas especializa-se em “finanças pessoais”, “empréstimo” e “cartões de crédito”.

Figura 15 – Exemplo de taxonomia

Text Categorization Example:

Credit cards offer many advantages. There is the convenience of being able to buy needed items now and the security of not having to carry cash. You also receive fraud protection and in some cases rewards for making purchases. With these advantages also come responsibilities. You need to manage credit cards wisely by understanding all of the card's terms and conditions; stay on top of payments; and realize the true cost of purchases made with credit. Using a credit card is like taking out a loan. If you don't pay your card balance in full each month, you'll pay interest on that loan.

TAXONOMY	SCORE	CONFIDENT
/finance/personal finance/lending/credit cards	0.701281	
/finance/personal finance/lending/student loans	0.3609	no
/finance/personal finance/lending/personal loans	0.257275	no

Fonte: http://www.alchemyapi.com/products/alchemylanguage/taxonomy

Os conceitos e palavras-chave, além de serem qualificados, são quantificados de acordo com sua relevância. Já a taxonomia, recebe uma pontuação de acordo com a "certeza" que o sistema tem de que o texto foi classificado corretamente. Tanto a relevância quanto a pontuação da taxonomia são quantificadas em valores de 0 até 1.

4.4.1.3 Do procedimento e das formas de avaliação

O AlchemyLanguage cumpre o papel de analisar o texto, quantificar e avaliar de acordo com as categorias exigidas. Porém, existem outros passos que necessitam ser executados anterior e posterior à execução deste processo. Em primeira instância, o AlchemyLanguage apenas suporta o processamento de texto em inglês, o que torna necessário a tradução do texto. Para isso, o serviço Google Tradutor deve ser utilizado como auxiliar. Mesmo o serviço possuindo uma boa qualidade, eventualmente existem falhas na tradução. Desta forma, é necessário que todo o texto seja também verificado manualmente.

O texto das postagens é o objeto central da análise. Porém, as postagens possuem outras informações que também são relevantes neste estudo. Desta forma, o *corpus* não possui somente conteúdo textual (em linguagem natural). A Tabela 1 ilustra a composição do *corpus*. É importante definir que, em nível de estrutura, os *imageboards* tratam as respostas das postagens também como postagens. Ou seja, elas também possuem um identificador único. Esta etapa do estudo leva em conta esta estrutura e categoriza tanto os enunciados quanto as respostas como postagens.

Tabela 1 – Principais variáveis do estudo

Variável	**Valor**
Identificador da postagem	O número que identifica exclusivamente a postagem.
Texto original	O texto na íntegra que está na postagem.
Texto corrigido	O texto da postagem após correções ortográficas e de linguagem.
Texto em inglês	O texto corrigido e traduzido para o inglês.
Origem da postagem	Apresenta se a postagem é de origem do grupo controle ou do grupo experimental.
Tipo de postagem	Utilizado para marcar se o texto é o enunciado da linha de discussão ou um texto de resposta ao enunciado. É marcado com a palavra “op” (*original post*) [enunciado] ou “*post*” [resposta].
Data de publicação	A data de publicação da postagem.
Alegria	Intensidade da emoção quantificada entre 0 e 1.
Medo	Intensidade da emoção quantificada entre 0 e 1.
Nojo	Intensidade da emoção quantificada entre 0 e 1.
Raiva	Intensidade da emoção quantificada entre 0 e 1.
Tristeza	Intensidade da emoção quantificada entre 0 e 1.
Qualificação do sentimento	O sentimento predominante na postagem, os possíveis valores são: “positivo”, “negativo” ou “neutro”.
Intensidade do sentimento	A intensidade do sentimento de -1 até 1.
Observações	Anotações do pesquisador.

Fonte: Elaborada pelo autor

O *corpus* também é composto pelas tabelas de conceitos, palavras-chave e taxonomia representadas pela Tabela 2.

Tabela 2 – Variáveis relacionais do estudo

Identificador da postagem	**Variável**	**Valor qualitativo**	**Valor quantitativo**

O número que identifica exclusivamente a postagem	Apresenta se a variável é um conceito, palavra-chave ou taxonomia	Apresenta a forma como a postagem foi qualificada.	Apresenta a quantificação da variável. Em relevância se conceito ou palavra-chave. Em nível de certeza se taxonomia.

Fonte: Elaborada pelo autor

Com as variáveis levantadas, a análise destes dados deve ser apresentada em conjunto da abordagem qualitativa.

4.4.2 Observação e análise qualitativa dos dados

Esta seção descreve o método qualitativo utilizado no estudo. Este método busca analisar os aspectos subjetivos do *corpus* que não seriam identificados em uma análise puramente computacional. A "observação" aqui descrita trabalha sob o viés da "etnografia virtual". A "análise" refere-se à aplicação do método da análise de conteúdo. Desta forma, somente uma parte do método da etnografia é utilizada, o restante que compõe a etnografia é substituído pela análise de conteúdo.

De acordo com Kozinets (2010), o que difere a netnografia de outros métodos de coleta e análise de dados é o caráter participativo. Portanto, "a abordagem observacional pode até mesmo implicar que os dados de interações e conversações de comunidades *online* devem ser tratados como dados qualitativos para serem analisadas *como conteúdo*" (KOZINETS, 2010, p. 75, tradução nossa). Este é o exato caso deste estudo. Devido a forma como os dados são coletados para esta pesquisa, é inviável que haja participação. Os dados coletados são, de fato, informação estática em um banco de dados. A única prática que pode ser realizada é a observação. Portanto, a etnografia que existe nesse trabalho consta somente em nível de observação, e, por isso, as fases seguintes da etnografia são substituídas pelo método da análise de conteúdo.

4.4.2.1 Observação etnográfica

A "etnografia virtual" (netnografia) é um método derivado da etnografia utilizada na Antropologia (MONTARDO, 2014). Desta forma, é importante definir o que é a etnografia antes de seguir na linha das "etnografias virtuais". De acordo com

Angrosino (2009, p. 30), “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. A utilização da etnografia para estudar grupos de sujeitos *online* gerou certa polêmica e tempo para ser aceita no meio científico (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Isto se originou do fato de que a etnografia envolve o ato de “ir ao campo”, se deslocar até determinado espaço físico e efetuar o estudo. Supostamente não há o estranhamento em se deparar com o “cenário” ao realizar uma etnografia virtual (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Mas, no caso das etnografias realizadas no *online*, o “campo” se origina através da reflexão e da subjetividade, ao invés da realidade social (HINE, 2009, apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Toda forma de interação é válida, não somente as presenciais (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Neste sentido, também é importante ressaltar que o ciberespaço já não é mais algo de “fora”, no sentido de ter de ir acessá-lo (SANTAELLA, 2010). Com a mobilidade e o conceito de hibridismo, o ciberespaço acompanha os sujeitos e une espaços físicos e digitais (SANTAELLA, 2010). Então, não se trata de estudar um fenômeno que está dissociado do social, mas de um fenômeno que compõe este meio. Mesmo sendo realizada no *online*, os “passos” básicos que compõem uma etnografia continuam existindo: 1) “a postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto”, 2) “a consideração da subjetividade como elemento fundante” e 3) “os dados resultantes da observação” (SÁ, 2005, p. 29 apud POLIVANOV, 2013). Embora existam divergências entre as etnografias realizadas no *online* e no *offline*, o ciberespaço não pode mais ser tratado como um “não-lugar” (POLIVANOV, 2013).

Alguns autores sugerem que se utilize somente o termo “etnografia” independente do campo onde este método será aplicado (POLIVANOV, 2013). Porém, assim como Sá (2005, apud POLIVANOV, 2013), o autor deste estudo considera importante demarcar que se trata de uma etnografia realizada no *online*, mesmo que o método seja sinônimo à etnografia. Pois, na perspectiva do autor deste estudo, mesmo que os passos sejam os mesmos em qualquer campo, a experiência do pesquisador é diferente; o compromisso da própria presença do pesquisador possui outra conotação e, acima disso, o pesquisador pode sempre voltar para a sua realidade a qualquer momento, diferente de algumas etnografias que envolvem longas viagens para acessar o campo.

Neste sentido, é importante definir esta observação em nível de coleta e análise de dados. O observador, no caso, é um *lurker* [pesquisador silencioso] (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Ou seja, simplesmente observa as interações no ambiente a ser analisado, sem realizar qualquer intervenção (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). De acordo com Polivanov (2013, p. 4), “uma não interferência em grau absoluta não é possível, tendo em vista que sua presença, ainda que não anunciada, afetará o objeto do estudo”. Isto não é verdade no caso dos *imageboards*. A estrutura destes espaços permite que a presença dos sujeitos seja completamente ofuscada. A maior parte destes fóruns não possui nem mesmo indicadores de quantos usuários estão acessando o site em determinado momento. Um usuário denuncia sua presença somente quando realiza uma postagem. O máximo de influência que a presença do pesquisador *lurker* pode causar, é no caso de algum moderador ou administrador do site perceber o acesso de um usuário que nunca posta nada. Mas, como separar o pesquisador dos outros possíveis *lurkers* que acessam o *website*? No caso deste estudo, a variável de influência causada pela presença do pesquisador possui, no máximo, uma relevância mínima.

Destaca-se que neste estudo, a observação ocorre sob um fórum anônimo, as questões de identidade possuem aqui uma outra conotação. Como foi citado anteriormente, em *imageboards*, os sujeitos podem ser um novo indivíduo a cada postagem, pois não existem *nicknames* ou avatares que possam fazer a associação postagem-usuário (ALVES, 2015). Isto implica na análise pois somente o discurso pode ser objeto desta observação. É possível descobrir categorias de postagens, mas não categorias de usuários. Ou seja, é possível observar postagens que possuem determinado significado, mas não usuários que criam postagens com determinado significado. Gehl (2016) aponta para o fato de que, no anonimato, é impossível associar a identidade de um sujeito com àquela utilizada no *offline*. Nesta perspectiva, é possível aferir que *imageboards* podem ser tratados como espaços autônomos, com suas próprias regras e cultura – esta seria a abordagem de enxergar o ciberespaço como cultura, apontada em Hine (2000). Porém, como é visto em Stryker (2011), *imageboards* foram criados para ser um espaço de fuga, para a liberdade de expressão. Isto permite que *imageboards* também sejam tomados como um artefato cultural, pois surgiram a partir de uma necessidade. Estas duas perspectivas podem não ser concomitantes visto que estes contextos estão conectados (HINE, 2000).

Portanto, é necessário ter em mente que aspectos externos ao ciberespaço incidiram na cultura dos *imageboards*.

O fato de não ser possível associar as identidades dos usuários de *imageboards* com as do "mundo real", não necessariamente é um problema. De acordo com Hine (2000), o pesquisador não deve se preocupar com a autenticidade das interações e das identidades; ao invés disso, deve focar em visualizar como a cultura está organizada naquele campo.

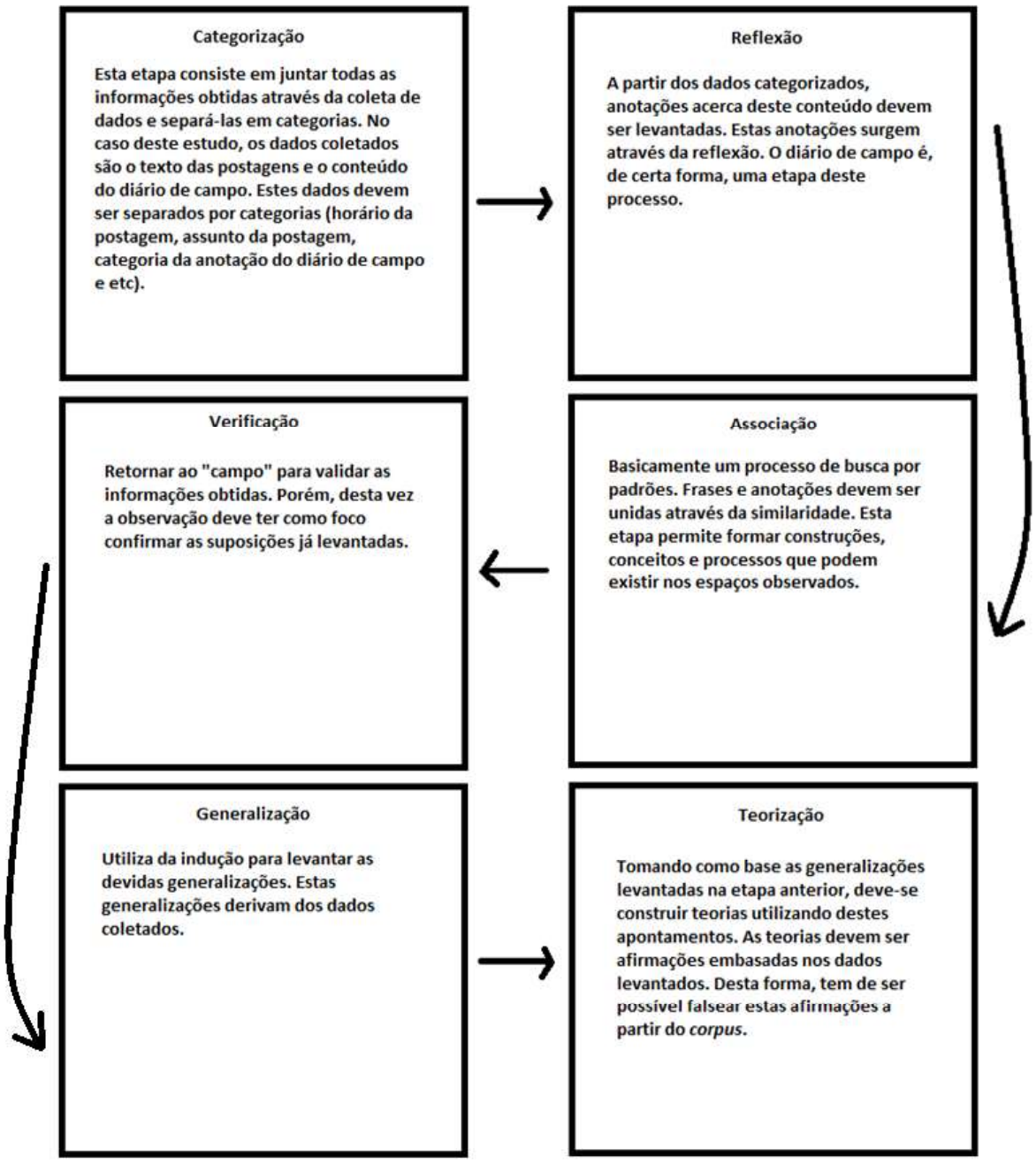
Embora boa parte da identidade dos sujeitos que frequentam os espaços a serem estudados esteja sob a forma do anonimato, quando esta identidade for revelada de alguma forma, não será apresentada neste estudo. O autor conhece as subculturas a serem analisadas e sabe que, em muitos casos, os sujeitos mantêm em segredo o acesso a estes espaços – isto provavelmente ocorre devido ao conteúdo tóxico que existe nestes *websites*.

Em relação à coleta de dados, o levantamento se divide em duas formas: o *corpus* obtido para a análise (o levantamento das postagens que foi descrito na seção 4.3) e o diário de campo. O "diário de campo" consiste em uma série de anotações obtidas através da observação do pesquisador (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). As observações levantadas são categorizadas em: emotiva (apontamentos subjetivos), empírica (algum tipo de conteúdo, como uma postagem, *link* ou imagem, por exemplo) e reflexiva e analítica [padrões identificados através da observação] (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

As anotações do diário de campo devem ser escritas tendo em mente a *postagem* como unidade desta descrição. Desta forma, não podem existir anotações "soltas", cada anotação precisa estar associada a uma determinada postagem. No caso de, por exemplo, uma conversa, onde só faz sentido fazer uma observação sob o "todo" desta interação e não singularmente em cada postagem, as anotações ainda devem ocorrer da mesma forma. Quando o observador identificar algo que não possa ser associado a uma postagem, esta anotação deve ser registrada separadamente e não pode ser considerada como dados para análise. Ao invés disso deve ser resgatada durante as teorizações do estudo, estas anotações compõem a unidade de contexto da análise de conteúdo.

Em relação ao método de análise dos dados, a Figura 16 apresenta o processo utilizado para este aspecto do estudo; este fluxograma foi baseado em Kozinets (2010, p. 119).

Figura 16 – Procedimento utilizado para a análise dos dados



Fonte: Elaborada pelo autor

De acordo com a Figura 16, os dados a serem analisados são as postagens e as anotações do diário de campo. Estas etapas devem ser abordadas pelo método da análise de conteúdo. Somente as etapas de “reflexão” e “verificação” que estão parcialmente associadas à observação, o resto é unicamente compreendido pela análise de conteúdo.

4.4.2.2 Aplicação da análise de conteúdo

De acordo com Bardin (2011, p.15), a análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Estes instrumentos são utilizados para detectar o “não dito” destes discursos, aquilo que não está explícito através de uma leitura comum. Também serve para estruturar estes discursos e verificar padrões e recorrências em meio a um conjunto de informações. Embora pareçam compartilhar do mesmo objeto, a análise de conteúdo não é análoga à Linguística, visto que seguem caminhos distintos em sua abordagem: o objeto da linguística é a “língua”, já o da análise de conteúdo é a “fala” [o que foi dito] (BARDIN, 2011).

Definir um método para analisar o *dataset* é importante no sentido de que uma leitura simples e sem qualquer diretriz pode somente refletir a subjetividade do pesquisador. A análise de conteúdo trata-se justamente de “tornar-se desconfiado” (BARDIN, 2011, p. 34). Ou seja, definir este método é uma garantia de que a análise não será guiada pelos ímpetos do pesquisador.

Os objetivos da análise de conteúdo são a “superação da incerteza” e o “enriquecimento da leitura” (BARDIN, 2011, p. 35). O primeiro refere-se a evitar que a leitura do pesquisador seja de cunho pessoal, permitir que a análise seja generalizável e compreendida pelo outro como algo válido. O segundo busca garantir o rigor da análise, evitar uma leitura *a priori* (BARDIN, 2011). A análise de conteúdo não é um método “pronto”. Este possui algumas regras que servem para direcionar a pesquisa. Porém, é necessária uma construção baseada no conteúdo – como objeto – e no tipo de análise que se deseja realizar. É claro que vislumbrar pesquisas onde este método foi aplicado pode servir de “inspiração” (BARDIN, 2011).

Nesta pesquisa, os discursos do *dataset* e do diário de campo serão o “campo” da análise. A análise de conteúdo começa assim que a observação etnográfica termina, até porque, esta observação não deixa de ser um processo de coleta de dados. Esta análise objetiva identificar aspectos qualitativos e quantitativos das falas e codificá-las dentro de categorias definidas. A Figura 16 apresenta um *overview* de como esta análise deve ser conduzida: de fato, as etapas de “categorização”, “associação” e “generalização” são abordadas por este método.

A análise de conteúdo exige que os discursos sejam “quebrados” em estruturas menores carregadas de valor semântico. Por exemplo, um texto pode ser fragmentado em parágrafos, frases, palavras, assuntos e objetos. Estes atributos são as “unidades de registro” de uma entidade (BARDIN, 2011). As unidades de registro são um atributo de “chave e valor”: possuem um identificador e um conteúdo associado a este identificador. Exemplificando, um atributo que possui o identificador “horário” e valor “03:33” ou “cor” que possui valor “preto”. Os valores de um atributo podem ser de origem quantitativa ou qualitativa.

Neste sentido, a unidade do *corpus* é a *postagem*. Uma postagem possui data de criação, título/enunciado, conteúdo textual e tipo de postagem [se resposta ou enunciado]. Dentre estes atributos, é possível fragmentar “data de criação” em horário e dia da semana. “Título/enunciado” pode ser fragmentado em palavras. “Conteúdo textual” pode ser fragmentado em frases e palavras. A Tabela 3 ilustra esta fatoração.

Tabela 3 – Fatoração de uma postagem

Data de criação	**Título/enunciado**	**Conteúdo textual**	**Tipo de postagem**
Horário	Palavras	Frases	-
Dia da semana	-	Palavras	-

Fonte: Elaborada pelo autor

Além do *corpus* de postagens existe o diário de campo. Este possui como unidade a *anotação*. A anotação ocorre sob a postagem. Portanto, uma postagem pode conter de 0 até *n* anotações e uma anotação precisa estar associada a uma [e somente a uma] postagem. A anotação pode ser fragmentada em categoria e conteúdo. A Tabela 4 representa esta fatoração.

Tabela 4 – Fatoração de uma anotação

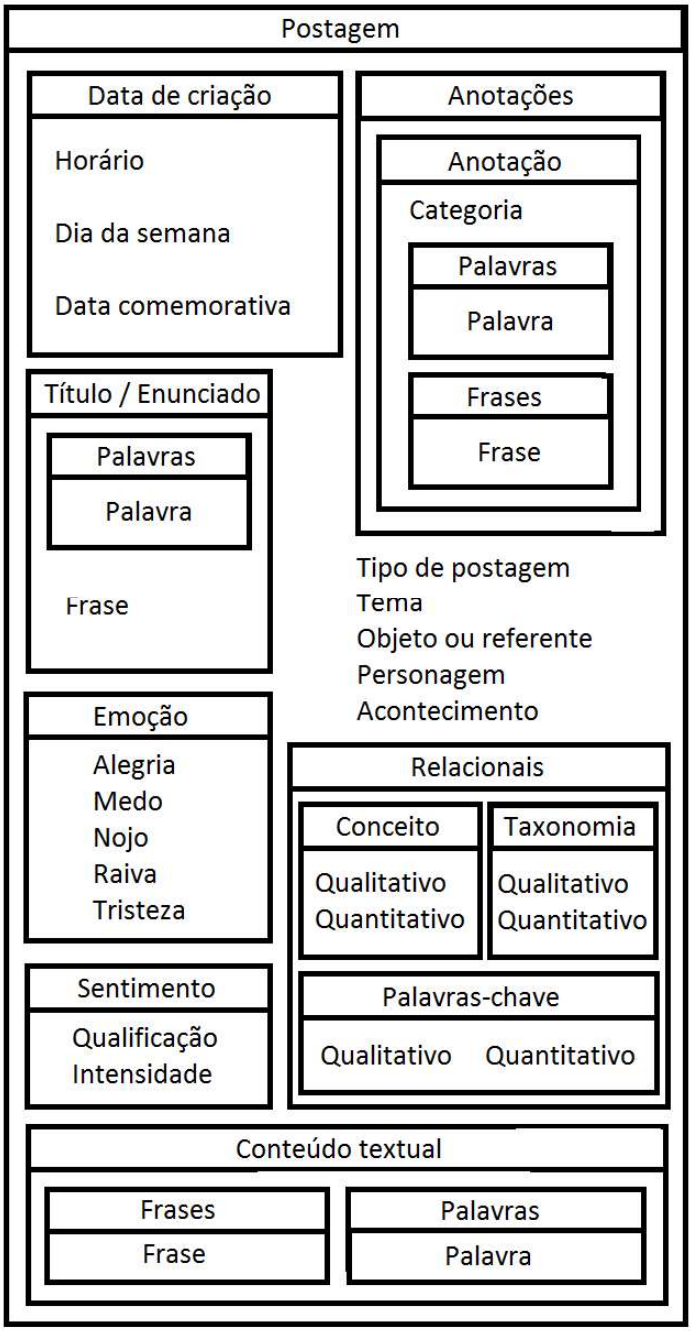
Categoria	**Conteúdo**
Emotiva	Frases
Empírica e reflexiva	Palavras
Analítica	-

Fonte: Elaborada pelo autor

Dentre os atributos de uma postagem e de uma anotação, os únicos que podem ser fatorados em atributos menores são as “frases” e “palavras”. Pela data de criação

das postagens também é possível identificar, por exemplo, se o dia em questão é uma data comemorativa. Estes “atributos menores” são informações que podem ser extraídas destas estruturas de dados. Por exemplo, se palavra é um verbo, é possível extrair o tempo verbal; se frase [oração], é possível extrair sujeito, predicado e verbo. É nesta perspectiva que a análise de conteúdo deve ser realizada. A Figura 17 indica a relação utilizada nesta pesquisa.

Figura 17 – Codificação da análise de conteúdo



Fonte: Elaborada pelo autor

A Figura 17 indica a estrutura de cada unidade do *corpus*. As anotações do diário de campo foram inseridas como um atributo da postagem. Isto simplifica o processo de análise pois, elimina uma estrutura (as anotações) e, por consequência, é possível, por exemplo, construir uma única tabela para registrar os resultados ao invés de duas tabelas (de postagens e de anotações). Além disso, se existissem múltiplas estruturas de dados haveria o problema de fazer a relação destas informações.

Uma postagem então, possui data de criação, anotações, título ou enunciado, tipo de postagem, tema, objeto ou referente, personagem, acontecimento e conteúdo textual. Entre estes, as anotações se destacam: uma postagem pode ter entre 0 e *n* anotações; uma anotação possui categoria, palavras e frases. “Frase” se repete em anotação, título ou enunciado e conteúdo textual. Da mesma forma, existem os atributos de responsabilidade do AlchemyLanguage, como emoção, sentimento e os dados relacionais. Assim como as anotações, uma postagem pode conter entre 0 e *n* destes atributos.

O “tema” é uma unidade que representa o significado de uma comunicação. A frequência com que determinados temas aparecem pode significar alguma coisa na análise (BARDIN, 2011). A definição de tema apresentado por Bardin (2011) é bastante similar a detecção de conceitos realizada pelo serviço AlchemyLanguage e, portanto, será de responsabilidade deste serviço preencher este atributo. Ou seja, nesta relação, tema e conceito são sinônimos.

“Objeto ou referente” são os “temas-eixo, em redor dos quais o discurso se organiza” (BARDIN, 2011, p. 136). Por exemplo, o objeto ou referente de um texto sobre organização de produtos em um e-commerce tendo em vista aumentar o lucro poderia ser a venda. Este atributo se relaciona com as “categorias” e “palavras-chaves” que o AlchemyLanguage pode detectar em textos. Porém, pode ser válido manter este atributo como sendo de responsabilidade do pesquisador para poder realizar uma relação com a análise quantitativa.

O “personagem” é o sujeito que atua no discurso. Este indivíduo é identificado por suas características [traços de caráter e papel, por exemplo] (BARDIN, 2011). No caso desta pesquisa, é difícil identificar o usuário, visto que durante a linha de discussão de uma postagem um mesmo usuário pode realizar diversas postagens

para forjar uma conversa. Neste caso, o personagem é uma entidade que somente existe dentro do discurso em que foi identificado.

O “acontecimento” é um atributo que existe somente se o conteúdo textual da postagem for uma narrativa. Diferente do tema, o acontecimento é respectivo ao que está sendo contado – ao invés de sobre o que está se falando. Este atributo existe somente se o discurso for relativo a um conto ou relato, por exemplo.

Todos estes atributos compreendem as unidades de registro do corpus. De acordo com Bardin (2011), uma unidade de registro são os elementos levados em conta no texto. Ou seja, os recortes realizados que fatoram os registros em unidades menores. Porém, analisar cada postagem individualmente sem observar o contexto pode abreviar a captação do conteúdo que ali está inserido. Desta forma, a análise de conteúdo prevê a construção da “unidade de contexto”, que serve justamente como uma “base” que indica onde as unidades de registro estão inseridas. A unidade de contexto deve possuir dimensões superiores da unidade de registro: “pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema” (BARDIN, 2011, p. 137). Nesta pesquisa, a unidade de contexto é a *thread* ou a publicação, ou seja, o enunciado de uma postagem com sua linha de discussão.

Até o momento, a análise foi descrita somente na perspectiva das unidades de registro, não demonstrou nenhum tipo de análise que necessitasse de múltiplas unidades do *corpus* para compor um resultado. As regras de enumeração definem como as unidades do *corpus* devem ser contadas (BARDIN, 2011). A fragmentação dos textos em “palavras” e “frases” serve justamente para este propósito. Por exemplo, uma das regras de enumeração pode ser a frequência com que determinadas palavras aparecem, ou a quantidade média de frases por postagem. A Tabela 5, cujas quais as definições foram retiradas de Bardin (2011), indica as regras de enumeração utilizadas.

Tabela 5 – Regras de enumeração

Regra	**Atributos**	**Descrição**
Frequência	Palavra, frases (quantidade), personagem, tema, horário e palavras-chave	A quantidade de vezes em que determinado atributo se repete.
Intensidade	Sentimento e emoção	Indica quantitativamente a “força” de uma ocorrência.

Presença	Dia da semana, acontecimento, personagem, emoção e sentimento	Indica a presença (ou ausência) de um elemento. É de caráter booleano (verdadeiro ou falso).
Direção	Sentimento e emoção	Aponta o que é predominante em um atributo. Por exemplo, em textos com diversos níveis de sentimentos, existe um sentimento predominante que é a direção. É obtida através de uma média simples.
Ordem	Personagem, tema, palavras-chave, conceito, taxonomia, sentimento e emoção	Regra que busca aferir padrões de ocorrências. Por exemplo, em uma linha de discussão, verificar quais emoções sucedem na cronologia das respostas.

Fonte: Elaborada pelo autor

Os resultados devem ser demonstrados utilizando, por exemplo, mapas, gráficos, planos cartesianos, nuvens de palavras, etc. É possível observar que os atributos de responsabilidade do AlchemyLanguage são compreendidos na análise de conteúdo, isto porque o estudo objetiva justamente combinar estas abordagens. Além disso, não necessariamente cada postagem irá possuir todos os atributos possíveis. Por exemplo, é possível que o AlchemyLanguage não identifique nenhum sentimento ou emoção em determinado texto. Da mesma forma, é provavel que o pesquisador não realize anotação alguma sob a maioria das postagens.

5 ANÁLISE DAS APROPRIAÇÕES DO ANONIMATO NAS SUBCULTURAS DOS *IMAGEBOARDS*

Este capítulo do estudo apresenta os resultados da pesquisa. Como foi dito anteriormente, não há separação entre resultados quantitativos e qualitativos. A abordagem quantitativa busca provar, demonstrar e identificar significados e ocorrências, enquanto a qualitativa busca contextualizar, apresentar e refletir sobre o conteúdo. Inicialmente, busca-se demonstrar como se deu o momento prático deste estudo: a aplicação do método. Demonstrando as dificuldades, problemas enfrentados e também o que ocorreu como esperado. Posteriormente, os resultados são

apresentados na perspectiva do método e do referencial teórico. Vale destacar que nestes resultados existem recortes de falas misóginas, racistas e tóxicas de forma geral. Conteúdo este que foi retirado do *corpus* dos grupos. O autor busca apresentar os resultados da forma mais relativista possível. No entanto, destaca-se que muitas destas falas podem ser caracterizadas como crime e não devem ser apoiadas pela pesquisa.

5.1 APLICAÇÃO DO MÉTODO

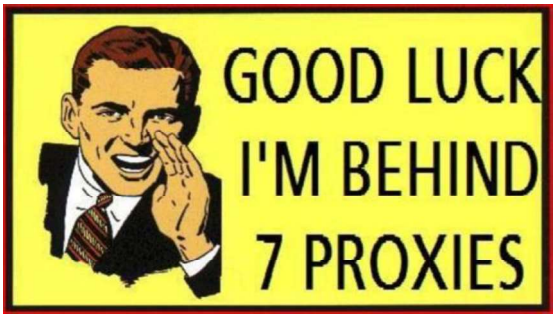
Após a construção das ferramentas de coleta e análise de dados, o primeiro momento da aplicação do método foi respectivo à obtenção do *corpus*. Como descrito no método, todas as postagens do grupo experimental (55chan) no período de 1 mês (30 dias) teriam de ser coletadas e armazenadas. Desta forma, o programa desenvolvido ficou ativado desde 18 de dezembro de 2016 até 19 de janeiro de 2017. O computador utilizado para executar este processo esteve ligado durante todo este período através de uma conexão cabeada doméstica. Este dispositivo estava configurado para ligar automaticamente e iniciar o processo caso houvesse alguma queda de energia. Se a conexão com a internet fosse perdida, o processo aguardava o retorno e continuava a coleta normalmente. Durante este processo foram evidenciados ambos os casos: houveram quedas de energia e períodos sem conexão com a internet. Desta forma, nem todo o conteúdo produzido neste espaço foi obtido devido a estas instabilidades.

Para obter as postagens do grupo controle (Panelinha do Bananal), o processo foi bem mais simples. Por ser um grupo do Facebook, as publicações não eram apagadas automaticamente. Com isso, foi necessário apenas executar o programa para coletar as postagens através da *API* do Facebook e aguardar o encerramento do processo. Isto necessariamente precisou ocorrer depois do dia 19 de janeiro de 2017, para que fosse possível obter as postagens do mesmo período das do grupo controle. Contudo, alguns passos adicionais tiveram de ser efetuados. Foi necessário obter uma chave de acesso à *API* do Facebook, o que requisitou criar uma conta de desenvolvedor no *website*. Após a criação da conta, outro obstáculo teve de ser enfrentado: a versão mais recente da *API* do Facebook não suportava a requisição em massa das publicações de grupos. Após um período de pesquisa, o problema foi solucionado alterando a versão da *API* para uma mais antiga que ainda possuía esta

funcionalidade. Porém, foi observado que nem todas as publicações no período especificado foram obtidas, provavelmente por alguma limitação da *API*.

Também foi necessário criar uma conta de usuário do Facebook. A conta de desenvolvedor fica associada à conta de usuário e, já que o grupo Panelinha do Bananal é privado, foi necessário solicitar ser membro e aguardar o aceite para que fosse possível obter os dados com a *API*. Para tanto, foi criada uma conta *fake* neste site de redes sociais. Para aumentar a chance de aceite no grupo, foi utilizada uma foto com um texto que remetia ao anonimato: "I'm behind 7 proxies" (Estou atrás de 7 proxies). A dedução era que ambientar o perfil do Facebook com a temática do anonimato aumentaria as chances de aceite. De acordo com Haenfler (2014), as práticas e símbolos das subculturas são uma forma de separar os participantes "autênticos" dos "poseurs". Após menos de uma semana o administrador do grupo já havia aceitado o pedido de participação.

Figura 18 – Imagem utilizada como foto de perfil do Facebook



Fonte: http://i0.kym-cdn.com/entries/icons/mobile/000/001/461/Good_Luck_I_m_Behind_7_Proxies.jpg (2017).

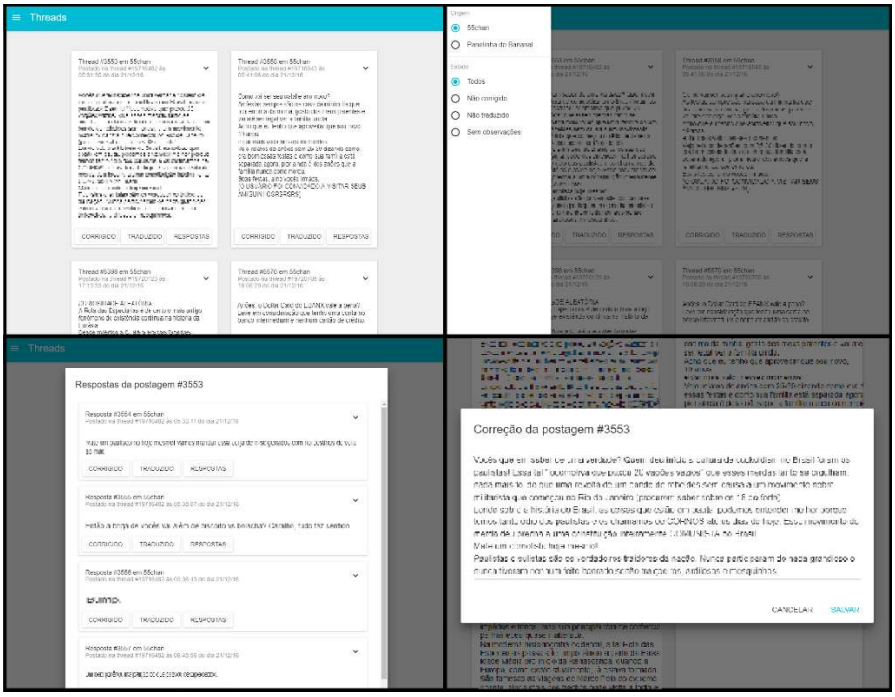
Com isso, foi possível obter as postagens de ambos os grupos [controle e experimental]. Foram obtidas 141727 postagens no grupo experimental e 171564 postagens no grupo controle, uma quantidade massiva de dados para ser analisada. Para reduzir a quantidade de postagens e manter somente o que possui relevância, o processo de filtragem descrito no método foi executado duas vezes. O que resultou em 2324 postagens no grupo controle e 16188 postagens no grupo experimental. Isto dentro de 230 publicações do grupo controle e 482 *threads* do grupo experimental. É possível observar que o processo de filtragem selecionou uma quantidade significativamente menor de postagens do grupo controle, isto quando comparado ao grupo experimental. Após analisar os dados foi verificado que isto ocorreu devido à quantidade média caracteres por postagem do grupo. Sem realizar nenhuma redução,

a quantidade média de caracteres por postagem do grupo controle é de 43,406, enquanto o grupo experimental possui 117,012. A função de filtragem utiliza como critério esta quantidade média de caracteres, o que resultou nesta divergência. Mais detalhes em relação ao conteúdo são fornecidos nas próximas seções do estudo.

Com as postagens de ambos os grupos já inseridas em um banco de dados local, foi iniciado o processo de correção e tradução do texto para o inglês. Esta correção e tradução é necessária para que o AlchemyLanguage consiga interpretar o texto corretamente. O AlchemyLanguage só funciona para textos em inglês. Erros ortográficos e de concordância também afetam a acuracidade deste processo.

Em um primeiro momento, se pensou em corrigir e traduzir o texto de forma totalmente manual. Para isso, foi desenvolvida uma interface gráfica com este propósito. Esta interface foi projetada para que fosse possível realizar a correção e a tradução durante a análise qualitativa do estudo. Porém, ter de parar em cada postagem para corrigi-la e traduzi-la acabou deixando o processo de análise confuso. Além disso, foi observado que seria necessário um grande período de tempo para corrigir e traduzir tudo. A qualidade deste processo manual também declinava vertiginosamente após um curto período de tempo devido a quantidade de atenção necessária para esta atividade.

Figura 19 – Interface gráfica de visualização do *dataset*



Fonte: Elaborada pelo autor

Portanto, uma segunda abordagem teve de ser planejada. Como solução, foi desenvolvido um programa para executar este processo. Para construí-lo, em primeira instância, as postagens foram lidas em busca de erros textuais recorrentes. O programa foi desenvolvido para encontrar estes erros recorrentes e substituí-los por expressões corretas. Em segunda instância, existe a questão do *chanspeak*. O 55chan possui um filtro que substitui algumas palavras por outras do vocabulário *chanspeak*. Por exemplo, foi verificado que “ENEM” é substituído por “Bar-Mitzvá” e “holocausto” por “festa no apê” – para não citar as substituições mais agressivas. Aqui já é possível visualizar as primeiras “defesas” deste grupo. Estas substituições foram também investigadas no texto para que o programa pudesse fazer a devida correção. Após alguma leitura é possível decodificar muito do vocabulário *chanspeak*. Porém, o AlchemyLanguage não é treinado para este tipo de linguagem. Desta forma, o programa também se ocupou em realizar estas substituições. Em terceira e última instância, o programa realizou a tradução do texto para o inglês. Esta tradução foi realizada através da *API* do Google Tradutor.

O programa de correção e tradução automática levou aproximadamente 3 dias para processar todo o texto do *dataset*. Depois disso, uma verificação manual foi realizada. A qualidade da correção e tradução excedeu as expectativas. Mesmo assim, após reler o texto, diversos erros foram identificados, pois a verificação manual foi bastante superficial.

Com a versão em inglês dos textos disponível, o processo de análise quantitativa foi iniciado. O programa desenvolvido obtinha as postagens individualmente e as enviava para o AlchemyLanguage analisar. Após análise, os resultados foram persistidos em um banco de dados – de acordo com a estrutura descrita no método. Foi verificado que nem todas as postagens tiveram sentimentos ou emoções detectadas pelo AlchemyLanguage, por exemplo. Mas, por outro lado, muitas das postagens tiveram múltiplos conceitos e palavras-chave detectados. Aproximadamente 7 dias foram necessários para que o AlchemyLanguage processasse todo o texto. Este processo teve de ser reiniciado diversas vezes devido a falhas que não foram previstas pelo programa. O programa teve de ser alterado também diversas vezes para atender a estas falhas.

Por fim, foi executada a análise qualitativa, respectiva a observação etnográfica e parte da análise de conteúdo. Para isso, foi utilizada a interface gráfica citada

anteriormente. Nesta interface, estavam listadas as postagens com a possibilidade de escrever observações individuais em um campo de texto. Este conjunto de observações compuseram o diário de campo. Desta forma, as observações poderiam ser qualificadas em emotivas, empíricas ou reflexivas, de acordo com a especificação do método. Acima da observação, foi sempre colocada uma “etiqueta” de referência para que o programa soubesse que tipo de observação era àquela. As etiquetas eram: “[emotiva]”, “[empirica]” e “[reflexiva]”. Com isso, foi possível automatizar o processo de verificação de recorrências do diário de campo.

As observações das postagens também contavam com outras três etiquetas: “[acontecimento]”, “[personagem]” e “[objeto]”. Parte da análise de conteúdo é um processo essencialmente manual. Desta forma, a observação etnográfica e esta parte da análise de conteúdo foram conduzidas em paralelo. Esta etapa consistia em verificar acontecimentos, personagens e objetos e anotá-los com sua etiqueta respectiva. Estas etiquetas servem ao mesmo propósito das do diário de campo.

Não foi possível aferir uma aproximação do tempo investido nesta etapa manual devido a quantidade variável de horas dedicadas por dia. Porém, foram necessárias aproximadamente 2 semanas de dedicação a esta etapa.

O restante do procedimento foi composto pela execução de programas para verificar padrões. A cada fenômeno detectado o pesquisador voltava ao “campo” [o *corpus*, neste caso] com o objetivo de confirmá-lo. O foco desta verificação estava sempre nas divergências entre os grupos controle e experimental. O estudo continuou num *loop* de (1) identificar fenômeno, (2) confirmar fenômeno e (3) descrever fenômeno até que os resultados necessários para a pesquisa fossem obtidos.

Por fim, é importante destacar que os artefatos produzidos (programas, substituições e imagens, por exemplo) constam no apêndice deste trabalho. Os únicos artefatos que não constam no apêndice são o diário de campo e o *corpus*, devido a sua extensão.

5.2 PERSONAGENS E ACONTECIMENTOS

Em vista aos achados, esta seção do estudo apresenta os resultados da análise em uma perspectiva completamente qualitativa. Os personagens e acontecimentos evidenciados pela análise de conteúdo somente servem de “marca” para que o pesquisador possa verificar possíveis recorrências. O foco está nos relatos dos sujeitos, desde o que é apresentado como ficção até o que é destacado como

realidade. Vale ressaltar que não se busca aqui verificar o que é “real” e o que é “falso”. Sibilia (2008) afirma que ao ler uma obra biográfica o sujeito assina implicitamente um contrato em que, sem nenhuma evidência, acredita que se trata realmente de algo verdadeiro. O foco do estudo de fato é o conteúdo, o que está sendo dito, e não a veracidade dos fatos. Mesmo se o foco fosse esse, seria impossível verificar.

Os personagens e acontecimentos evidenciados nos relatos são também associados as falas dos sujeitos. Isto é uma tentativa de reconstruir os estereótipos que se manifestam nas falas. Esta etapa do estudo não busca contribuir para a pesquisa no sentido de verificar as hipóteses ou alcançar os objetivos do estudo. A questão é contextualizar os aspectos subjetivos dos grupos, especificamente em relação à forma cujos quais os grupos significam estes personagens e acontecimentos.

Nem todos os contos, crônicas, relatos, etc. são criados pelo membro que os postou. Nestes casos, a convenção parece ser marcar a postagem com /cc/ (*copicola*), que sinaliza para os membros do grupo que se trata de um “copia e cola”. Parece que nem todos os membros da Panelinha do Bananal têm noção do significado do *copicola*, foi observado um relato cujo qual um membro, que era o protagonista e criador da história, marcou seu relato com /cc/. Ele foi questionado pelos membros do grupo, mas não apresentou resposta. Isto sugere que realmente existem sujeitos que acessam a Panelinha do Bananal, mas não sabem da existência das subculturas dos *imageboards*.

No 55chan, os relatos mais assombrosos remetem a fatos ocorridos na infância ou no início da adolescência. Eventualmente os sujeitos afirmam que estes ocorridos são parte da justificativa para “serem do jeito que são”:

> Meu pai ficou até a madrugada na rua, chegou bêbado, eu estava dormindo na cama com minha mãe e ele nem ligou para mim, se jogou em cima dela, arrancou a roupa e abusou dela, essa imagem ficou marcada na minha mente até hoje. Virei depravado muito cedo (...)

> eu [tinha] 13 [anos] [e minha] irmã 11 (...) [eu] tinha dois grandes amigos na época (...) [minha] irmã [estava] sempre tentando entrar na brincadeira [mas] sempre ignoramos ela (...) [em algum momento, minha irmã diz aos meus amigos] “deixa o Anão jogar sozinho e venham me comer” (...) vejo meus amigos tirarem a roupa (...) surge um ódio interno absurdo que nunca mais senti na vida (...) a partir daí só escuto gemidos, movimentos (...) levanto e digo que vou ao banheiro (...) sento na privada e desabo a chorar (...) Eu tenho absoluta certeza que esse trauma que me transformou na falha que eu sou hoje (...) isso se repetiu por meses (...) chegavam tirando a roupa já e iam para o quarto dela e fechavam a porta (...)

> Fui iniciado cedo nas putarias por ser filho de prostituta (...) [com] 7 anos (...) prima da minha mãe vem visitá-la vez ou outra e trás sua filhinha mais ou menos da mesma idade que eu (...) ela vem e começa a me agarrar (...) e pedir pra eu mostrar meu "piu-piu" pra ela [que] coloca na boca (...) minha mãe entra no quarto na hora (...) começa a perder os lados [rir bastante] e diz que era pra eu aproveitar (...) Hoje tenho que me controlar ao máximo para não trair e não ser um degenerado. Mas é extremamente difícil quando se percebe uma depósito de porra [mulher] querendo dar a boceta para o primeiro que aparecer. Sofro com relacionamentos justamente por ser infiel e atrair instintivamente todo tipo de vadia. A vida é uma merda. (...)

De acordo com as falas, não há um momento específico da vida para o sujeito se tornar “falho”. Em alguns momentos é dito que começa na adolescência, outros na vida adulta. Existem casos onde sujeitos afirmam ter falido e, por isso, voltaram para a casa dos seus pais – se tornando “falhos”. No grupo controle, a palavra NEET é utilizada para descrever alguém que não trabalha, estuda ou realiza qualquer atividade para o desenvolvimento profissional ou acadêmico: “(...) virou NEET e o pai ainda tem que pagar o FIES que deve (...)”, “(...) fiquei até os 19 anos neet (...)”, “(...) No começo do segundo ano NEET o desconforto aumentou pra uma sonolência constante (...)”. O “falho” não necessariamente é NEET. O “falho” do 55chan remete a alguém que não é: fisicamente atraente, “inteligente”, hábil em iniciar relacionamentos e financeiramente autossuficiente. Não têm: confiança, amigos, dinheiro e um relacionamento amoroso – o último é aceitável se o sujeito tiver muitas parceiras sexuais. Não é necessário que o sujeito possua todas estas características para se considerar ou ser considerado falho.

> Eu nunca tive um amigo, sou um fracasso em tudo, não tenho EM, sou falho e o anão mais feio que já existiu, minha mente é uma desgraça, com toda certeza eu tenho algum problema mental. Agora estou aqui pensando em como seria bom dar 1000 reais para alguém me matar.

A característica mais marcante, de acordo com as falas, são os problemas em se relacionar com outras pessoas ou de não aproveitar as “oportunidades” de fazer sexo por falta de algum tipo de “habilidade” neste sentido: “(...) Uma coisa é ser um falho que não consegue socializar (...)”, “(...) sou estudante de Direito no Nordeste. Mas sou gordo e falho, tenho conquistas na vida mas sou patético em relacionamentos (...)”, “Como é ruim ser falho e batatão, me arrependo de várias oportunidades perdidas. E para fornicar [foder] ainda mais, as oportunidades que perdi, todas ficaram gostosas depois de um tempo.”, “(...) já me chakosherm [chamaram] para muita baladinha, mas como um bom falho sempre dou uma desculpa”, “(...) os falhos sempre possuem alguma mania social que podem torna-los intragáveis, como o egoísmo, por

exemplo", "(...) é tão falho que não consegue apresentar os trabalhos (...)", "Sou falho, bvirgem [nunca beijei e sou virgem] e tenho problema com pessoas. Até ano retrasado, eu só sabia andar de ônibus pra ir pra escola (...)", etc.

A falha não sugere ser algo total. Existem falhas direcionadas às áreas da vida. Alguns sujeitos dizem ser socialmente falhos, outros financeiramente ou academicamente falhos. O mais recorrente são as falhas sociais. Sujeitos relatam ter dificuldades em conhecer novas pessoas ou iniciar relacionamentos amorosos. A característica mais marcante é a incapacidade de "aproveitar" as "oportunidades da vida". Estes indivíduos negam convites para ir a festas e não "tomam uma atitude" quando alguém demonstra interesse amoroso ou sexual. Isto resulta no arrependimento, a sensação de ter perdido algo importante. Estes sujeitos demonstram ter vontade de realizar estas atividades, mas não conseguem porque a "falha" os bloqueia. Porém, o conceito de falha parece não ser um consenso no grupo. Algumas falas sugerem que a falha precisa ser total. Se alguém diz ter conseguido "deixar" de ser falho, significa que nunca houve falha: "Ué, você não é virgem, não é velho e, se perdeu a virgindade, não é falhoso.", "Se saiu da falha, nunca foi falho", "Nasceu falho, morrerá falho", etc.

No 55chan, parte dos membros do grupo não são receptivos aos "desabafos" dos falhos, principalmente quando os sujeitos culpam um terceiro como justificativa à falha: "Ah, mas você não vai sair da sua zona de conforto, não é, falho inútil?", "Abandone isso de ser gordo e falho, ao menos esse pensamento. Sou manlet [de baixa estatura] e menos gordo do que era, mas ainda me vejo gordo, e profitei [tive relações sexuais] boas depósitos de porra [mulheres]", "(...) Eu sou um incel[15] mas não fico reclamando toda hora e botando a culpa nessas vagabundas por eu ser um falho", etc. Porém, não há um consenso em relação a estas ideias. Existem falas onde são levantadas hipóteses que associam a falha com opiniões políticas extremistas, outras sugerem teorias de que o modo de funcionamento da sociedade está mudando para um modelo onde os homens são oprimidos. Isto entra no mesmo mérito da discussão de "para quem o *chan* é feito". Na Panelinha do Bananal o personagem "falho" não se manifesta de forma tão intensa como ocorre no 55chan, embora em alguns momentos possua a mesma semântica:

[15] Sujeitos que tratam mulheres como "objetos sexuais" e pensam que não conseguem parceiras sexuais porque são "feios". Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=incel>. Acesso em: 07 dev. 2017.

> Sou um falho que não merece nem história ser divulgada nesse recinto, mas saibam que nem amizade com garotas eu tenho, só tenho conhecidas e pronto. As vezes vou naqueles canais de inclusos no youtubo pra assistir aqueles videos de fail só pra saber como é ter uma vida com amigos fazendo merda, óbvio que já tive esse momento em minha vida, mas no inicio da adolescência, porem nos meus 17 eu me fechei e hoje prestes a fazer 22 sinto o mundo passando diante dos meu olhos, vejo a vida dos meus amigos indo pra frente e a minha parada.

Porém, na maior parte dos casos, o “falho” é um personagem análogo ao “beta”, personagem este que se manifesta de forma idêntica em ambos os espaços. Diferente do falho, que está associado à uma concepção de “fracasso”, o beta está associado a ideia de “submissão”. Principalmente submissão em relação a figura feminina. Isto parece entrar na crença dos sujeitos de que as mulheres precisam ser mantidas “sob controle” para que não haja traição: “você é um perfeito falho. (...) ela [a namorada] vai começar a trepar com você falando "Me fode direito". Hoje em dia ela ainda não tem essa coragem. Mas assim que passar a carência dos 3 meses, ela vai começar a ter fome de rola”. O beta é o estereótico do sujeito que não tem “coragem” de se impor e não toma a “iniciativa” quanto a um possível relacionamento: “(...) como um belo beta, não consigo conversar com ninguém, nem homem, muito menos mulher, não consigo falar olhando nos olhos de ninguém (...)”, “(...) se você não consegue dominar uma depósito de porra [mulher] e se elas te fodem tanto psicologicamente assim, você é um beta”, “Se você não consegue comer depósito de porra [mulher], tem medo de depósito de porra [mulher] e não consegue falar com depósito de porra [mulher], você é incel e beta”, “Eu quero me casar e ter uma família, mas sou beta demais para conquistar e manter uma (...)”, etc.

O “alpha” [ou “alfa”], é o oposto do beta. É o “modelo de homem” que as mulheres supostamente procuram, ou que possui a “atitude” necessária para conhecer pessoas ou iniciar contato com alguém: “(...) insira um macho alpha no meio dessas depósitos [mulheres] veja elas brigando entre si por causa dele (...)”, “(...) A vagabunda disse que queria ficar comigo, fui lá e beijei ela (...) Desde então nunca mais agi como um alpha”, etc. Alphas e betas não estão associados ao dinheiro, aparência ou inteligência, como ocorre no estereótipo do falho. Pelo contrário, existe a crença de que qualquer beta pode vir a se tornar um alpha, basta uma mudança de conduta: “(...) 2015 foi o ano que deslanchei e virei alpha de vez”, “(...) um dia que eu coloquei na cabeça que seria alfa e realmente eu profitei várias vadias na época (...)”, “coloque uns caras bonitos tímidos e conservadores e uns caras 5/10 porém alfas (...)

num ambiente noturno e assista quem vai pegar mais depósito de porra [mulher]", "Eu quero um livro que me ensine a ser alfa e profitar garotas novas", etc.

Na tentativa de mudar suas condutas, deixar de serem "falhos" ou "betas", alguns indivíduos engajam-se em uma série de atividades de "auto-aperfeiçoamento". O *nofap*, exercícios físicos e mudanças de conduta são as que se destacam. No grupo controle, foram verificadas "dicas" de mudanças de conduta. Como por exemplo, definir metas, traçar objetivos, "buscar a mudança", dicas de desenvolvimento profissional, compartilhamento de material para estudos, etc. O *nofap* (ou apenas *noporn*) foi evidenciado em ambos os grupos, embora em uma única postagem na Panelinha do Bananal. Alguns sujeitos acreditam que evitar a masturbação e o consumo de pornografia está diretamente associado à "atitude" do sujeito. A crença diz que a masturbação e a pornografia servem como uma forma de controlar o desejo sexual e, se os sujeitos param com estas atividades, passam a focar suas energias em "buscar sexo" de outras formas – com mulheres, no caso, por isso está associado a esta concepção de "atitude". No 55chan, os indivíduos discutem sobre seu "progresso" no *nofap*. Sobre quantos dias estão sem masturbação ou pornografia, sobre como é enfrentar o "vício". A masturbação e a pornografia são tratadas como "drogas", cujas quais tornam os sujeitos dependentes e perturbam a qualidade de vida.

> Não tenho vontade nem de tocar uma, estou em no-fap que eu não quero faz mais de 2 meses. Nunca passei de dez dias. Finalzinho do ano passado vivia falando pra mim mesmo "começo de 2017 será o mega no-fap!". Perdi no terceiro dia. Estou começando um hoje mesmo, anon. Força para nós dois nessa, kek. Primeira coisa que eu fiz quando virei MGTOW[16] foi fazer um nofap de 30 dias para desintoxicar. MGTOW é viver uma vida plena e centrada, buscando objetivos grandiosos. É abandonar o pensamento e desejo influenciado pelo judaísmo midiático de que você PRECISA casar e ter filhos para ser feliz.
>
> Estou em nofap faz 15 dias. Seu pau não fica mais 100% duro porque obviamente os efeitos do nofap estão aparecendo, ou seja, apenas com estímulos reais e fortes (uma vadia em carne e osso) é que você terá genuína ereção (e genuíno prazer igualmente, muito mais forte). Nem vou fazer exercícios, deixe quieto. A merda é que geralmente no nofap me sinto mais homem e agora mesmo estou em uma crise existencial quase chorando igual uma bicha.
>
> (...) A recompensa maior é a dificuldade, é o prazer em manipular e controlar a pessoa. Isso pra mim é o mais importante, muito mais do que o DotA [sexo]

[16] Sigla para "Men Going Their Own Way". É uma filosofia divulgada em comunidades *online* que se baseia na ideia de que relacionamentos românticos com mulheres não "valem" o "custo-benefício". Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/MGTOW>. Acesso em: 07 dev. 2017.

> em si. Alias, essa é a unica razão para eu ter recomeçado com o no-fap. Fui perdendo o pau no meu cu [sentimento] de identidade, virei um mero espectador, enquanto sempre enjoei [apreciei] ser o protagonista.
>
> (...) Estou no quarto dia de no-fap. Sai ontem pra beber, algumas vadias olharam pra mim com interesse como sempre, não fiz nada. No caminho de casa fiquei pensando em bater uma assim que chegar. Analisando meu pensamento realizei que meu cérebro assimilou a pornografia como DotA [sexo] real, e todo meu impeto em conseguir uma buceta está sendo direcionado para a pornografia. Na realidade passei a minha vida inteira assim. Meu cérebro não associa mais uma vadia como um potencial, o que me leva a um ansiedade extrema. Não sou virgem, entretanto, por alguma maneira algumas depósitos de porra [mulheres] caíram no meu colo, depósitos de porra [mulheres] desconhecidas, sem nem conhecer me deram. Não faça isso, pois você irá começar a associar essa facilidade em conseguir um orgasmo com o DotA [sexo] de verdade, que em sim já overrated [sobrevalorizado], dependendo de quem você come. Viver no puteiro não irá resolver o problema, você só vai substituir um vicio pelo outro.

Outros personagens frequentes nos relatos são o “descolado” e o “zé droguinha” (é eventualmente chamado de “zé drogola” no grupo controle). Estes são geralmente os “antagonistas” das histórias. São os indivíduos que causam o problema e colocam o protagonista – geralmente o beta ou o falho, que também frequentemente é àquele que conta a história – em uma situação difícil. Um fato curioso é que realmente há uma discussão sobre estes estereótipos no 55chan: as diferenças entre eles, se são reais, quais as razões para os sujeitos serem como são, etc.

> Há bastante diferença entre alfa e descolado, anão. O descolado sim é preocupado com o que os outros pensam e é viciado em socialização. O alfa não. O alfa socializa sem fazer esforço, ele está acima dos outros, ele domina a situação e não precisa da companhia de outras pessoas, ele o faz para transar e ganhar favores de amigos, mas não precisa de nada disso.
>
> No meu meio social é raro que esse esteriótipo de descolado e falho se confirmem, só conheço duas pessoas que posso chamar de descolado e uma que posso chamar de falho.
>
> (...) faço engenharia mecânica numa Federal. Tem alguns falhos que foram perdendo a falha ao longo do curso, já que eles começaram a andar com os descolados. E por incrível que pareça, muitos dos descolados são inteligentes pra caralho. Os dois caras mais inteligentes e dedicados do curso (que eu conheço) são descolados de marca maior.

De acordo com os relatos, os descolados são àqueles que seguem uma concepção cultural de *mainstream*, não se apegam emocionalmente em relacionamentos e fingem interesse romântico nas relações amorosas para conseguir sexo casual: “Eu costumava ser um dos descolados, que dava em cima de garotas, ignorava elas depois de “pegar” e realmente eu me dava bem, na maioria das vezes. Eu era muito babaca, tratava as depósitos [mulheres] como um lixo (...)”, “o descolado

é o típico profiteiro que trata depósitos [mulheres] como lixo e não está nem aí", "(...) estou cursando engenharia civil na federal. Na minha turma só tem descoladão. Estou falando de descolado mesmo, aqueles bombados, com tatuagem e baladeiros (...)", etc. Diferente do alpha, cujos quais alguns sujeitos admiram a conduta, o descolado é eventualmente associado ao pejorativo, utilizado como xingamento. Embora que, em algumas postagens, os sujeitos do 55chan defendem a postura deste grupo, não no sentido de buscá-la, mas de que o estereótipo que suscita no espaço não reflete a realidade.

Sobre os relatos, foram constatados os seguintes padrões: (A) Situações "inusitadas" no meio profissional ou acadêmico, (B) Sexo casual ou tentativa de relacionamento frustrado, (C) Brigas ou envolvimento com atividades criminosas, (D) Situações socialmente humilhantes, vergonhosas ou desagradáveis, (E) Sexo casual ou tentativa de relacionamento bem-sucedido, (F) História com *plot twist* no final, (G) Contos ou *creepypasta*, (H) situações envolvendo sexo na infância ou início da adolescência, (I) assunto genérico, (J) experiências sexuais e "degenerações", (K) Histórias racistas e (L) histórias sobre o "sobrenatural" ou "inexplicáveis". As Tabelas 11 e 12 indicam a relação entre os casos e seus respectivos números de ocorrências em nível de relatos e personagens.

Tabela 6 – Classificação dos acontecimentos do grupo controle

Caso	Total	Falho	Beta	Alpha	Descolado	Zé droguinha	Mulher
A	3	0	0	1	0	0	1
B	9	0	2	0	1	1	9
C	6	0	0	0	0	4	3
D	9	1	0	0	0	3	3
E	1	1	1	1	0	0	1
F	3	0	1	0	0	0	2
G	3	1	0	0	0	0	1

Fonte: Elaborada pelo autor

Tabela 7 – Classificação dos acontecimentos do grupo experimental

Caso	Total	Falho	Beta	Alpha	Descolado	Zé droguinha	Mulher
A	9	1	0	0	0	0	0
B	8	3	0	0	0	0	8
C	2	0	0	0	0	1	0
D	11	2	0	0	3	1	4
E	1	0	0	0	0	0	1

F	4	0	0	0	0	0	2
G	3	0	0	0	0	0	0
H	39	2	4	0	0	0	14
I	1	1	0	0	1	0	0
J	14	0	0	0	2	0	3
K	4	0	0	0	0	0	0
L	3	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborada pelo autor

Sobre as histórias com *plot twist*, geralmente começam induzindo o leitor a pensar que se trata de um relato sobre sexo. Em algum momento, geralmente quando de fato o relato iniciaria na parte sobre sexo, a história termina afirmando que a “Era das Máquinas” havia começado:

> >amiga do cursinho contando sobre suas piranhagens
> >diz que transou com 1
> >diz que transou com 2
> >diz que transou com 5 ao mesmo tempo
> >não consigo me segurar e pergunto se ela transaria comigo e meus amigos
> >ela aceita
> >armamos para ficarmos sozinhos com ela na quadra da escola onde fazíamos cursinho
> >ela de calça legging com calcinha marcando
> >entramos no quarto de materiais esportivos
> >no meio do surubão encontro uma raquete de tênis de mesa
> >resolvo enfiar o cabo da raquete no anus da rapariga
> >entroutranquilo.jpeg
> >continuamos metendo e a raquete estacionada em seu novo lar
> >terminamos a suruba
> >ninguem consegue remover a raquete
> >meu amigo arthur consegue remover a raquete da rabeta
> >sanguetodoonde
> >vejo óleo no chão
> >sangue misturado com óleo
> >vadia olha para mim
> >era das máquinas tinha começado

Destaca-se que os estereótipos destes grupos apresentam uma noção de “fracasso” e “sucesso”. O alpha, o sujeito com “atitude”, é quem consegue aquilo que os membros do grupo julgam importante. Já o beta, que é “submisso”, não consegue devido a sua conduta. Esta não é uma noção de “sucesso” tão diferente da apresentada por Ehrenberg (2010). Existe uma concepção de que todos podem ser alphas, basta tentar o bastante. Os sujeitos acreditam que há uma “fórmula” para o sucesso, e a única coisa que os separa deste “sucesso” é não tentar até conseguir. Por outro lado, existe um grupo que julga a mudança como algo impossível, no sentido

de que o “falho”, se for realmente falho, vai continuar neste estereótipo pelo resto da vida. Destaca-se também que estes estereótipos não são um consenso entre os membros do grupo. Há divergência nas falas dos sujeitos, inclusive discussões sobre o assunto. Entre o grupo controle e o experimental existem também diferenças na concepção de alguns destes personagens. Porém, destaca-se que existem mais convergências do que divergências entre os grupos.

Neste sentido, esta seção do estudo não se ocupou com as questões magnas do estudo. Ao invés disso, os personagens e acontecimento foram buscados para contextualizar as crenças e estereótipos que foram identificados no conteúdo. Por outro lado, as possibilidades de análise deste estudo não foram esgotadas em nenhuma categoria. É possível que os personagens e acontecimentos tenham muito a revelar. Mas, é importante que, ao analisar qualquer questão vislumbrada no conteúdo, haja aporte teórico para que uma verdadeira reflexão possa ser conduzida. Desta forma, o pesquisador optou por não se estender em questões como os ideais políticos e filosóficos que estes sujeitos manifestam. Portanto, para uma análise mais profunda destes personagens e acontecimentos, talvez fosse necessário o aporte teórico da linguística. Assim como as questões relativas a sexualidade dos sujeitos, talvez precisassem ser analisadas pelo viés da psicologia. Em síntese, o método e o referencial teórico não prevém uma analise aprofundada destas temáticas.

5.3 PALAVRAS, FRASES, POSTAGENS E *THREADS*

O *dataset* é composto por 18512 postagens dentro de 712 *threads*. Destas 18512 postagens, 2324 são respectivas ao grupo controle (Panelinha do Bananal) e 16188 são do grupo experimental (55chan). Sendo que o grupo controle possui 230 *threads* e o grupo experimental 482. Estes são os números pós aplicação do filtro de redução. Antes disso, haviam 313291 postagens, sendo 141727 do grupo controle e 171564 do grupo experimental.

O grupo controle sofreu uma redução maior devido a forma cuja qual a filtragem foi desenvolvida. A função de filtragem calcula uma média simples da quantidade de caracteres do enunciado das postagens (específica por grupo) e remove todas as *threads* cujas quais o enunciado possui uma quantidade de caracteres menor do que esta média. Foi observado que o grupo controle possui *threads* com enunciados extremamente curtos (somente uma palavra em alguns casos) em meio a enunciados extremamente longos – como relatos dos membros do grupo. Desta forma, mesmo os

enunciados curtos sendo maioria, os longos tiveram mais peso na média e, portanto, as *threads* com enunciados menores (maioria) acabaram sendo removidas.

5.3.1 Sobre a escrita

A partir disso, é possível entrar na primeira divergência entre os grupos: o grupo controle possui uma média de 35,995 caracteres por postagem, enquanto o grupo experimental possui 113,044. Estas médias foram calculadas do *dataset* sem redução. Após a redução, estes números mudaram para, respectivamente, 258,291 e 270,499. Isto indica, primeiro, que os sujeitos do 55chan se comunicam mais por via textual do que os da Panelinha do Bananal. Não foi possível verificar se os textos mais curtos estavam acompanhados de imagens. Mas, independentemente desta questão, os sujeitos do grupo experimental escrevem mais do que os do grupo controle.

Foi observado também que a escrita dos usuários do 55chan apresenta maior qualidade e rigor. Raramente foi percebido algum erro ortográfico ou de concordância, por exemplo. Quando estes erros ocorrem, geralmente a postagem que o apresenta é seguida por outra que (1) marca o identificador da postagem com erro, (2) utilizava a expressão “fixado” (de *fixed* [consertado]) e (3) corrige o erro de escrita. O uso de abreviações como “pq”, “tbm” e “vc” quase não existem. As próprias regras deste grupo colocam que escrever incorretamente implica em banimento. Foram observados também banimentos em postagens com erros textuais, indicando que as regras são de fato aplicadas.

Em contrapartida, no grupo controle, a maior parte das postagens possuem abreviações ou erros de escrita. O grupo também parece ter normalizado este comportamento, exceto quando o texto é escrito de forma inteligível, nestes casos alguns membros podem vir a reclamar: “história 10/10, escrita 2/10, lurk moar”. Foram detectadas, por exemplo, 183 ocorrências da expressão “vc” no grupo controle, enquanto no grupo experimental, foram apenas 47. Isto é significativo visto que existe uma quantidade muito maior de postagens do grupo experimental no *dataset*. A Tabela 8 indica a frequência do uso de algumas abreviações típicas de internet em relação ao grupo.

Tabela 8 – Frequência de abreviações por grupo

Expressão	Grupo controle	Grupo experimental
blz (beleza)	1	0

vc (você)	183	47
pq (porque)	71	7
mt (muito)	5	1
naum (não)	0	0

Fonte: Elaborada pelo autor

O ambiente anônimo é mais rigoroso no que concerne à escrita. Isto indica que a fala do outro possa ser mais valorizada neste espaço. Neste sentido, analisando a quantidade média de respostas por *thread*, foi observado que no grupo anônimo esta média é de 37,042, enquanto no não-anônimo é de 11,569. Isto significa que os sujeitos interagem mais no anonimato. Das 2324 postagens do grupo controle, 230 são enunciados de *thread* (19,793%), já no grupo experimental são, respectivamente, 16188 e 482 enunciados (2,977%). No anonimato existe mais discussão, os sujeitos se aprofundam nos assuntos ao invés de buscarem um novo com frequência. No não-anonimato, os assuntos são pouco discutidos, existem mais sujeitos escrevendo do que lendo. Porém, há mais diversidade de assuntos, os sujeitos ousam mais neste sentido.

A exigência da escrita correta também pode ser uma forma de evitar alguns sujeitos, como um mecanismo para separar àqueles que não possuam esta habilidade. Em resposta à um enunciado de uma postagem que continha a palavra “encima”, um membro marca a palavra errada e responde: “VÁ SE FORNICAR, OP. GASTE SEU NATAL APRENDENDO A ESCREVER”. O sujeito que cometeu o erro ortográfico ainda foi banido por esta postagem. Em outra postagem a questão da escrita é utilizada como insulto: “Você nem ao menos sabe escrever, macaquinho”. O uso da expressão “macaquinho” pode fazer referência aos HUEs citados por Fragoso (2015). Existem 168 ocorrências da palavra “macaco” no 55chan, fora suas variantes, como “macacada”, “macacagem” ou “macacolância”. A maioria utilizada em sentido depreciativo: “(...) carioca macaco (...)”, “Está de brincadeira? Macaco (...)”, “Só se você for um macaco do caralho (...)”, etc.

A Panelinha do Bananal não possui tantos mecanismos para a identificação de capital subcultural. Os sujeitos podem postar na página desde que sejam aceitos pelo administrador e se identifiquem com a temática do espaço. Isto tudo pode indicar que o 55chan é um espaço formal, que espera textos escritos com esmero e discussões mais aprofundadas. Os que não conseguem se adaptar podem acabar optando por

este outro. Ou, é possível que existam sujeitos que acessem ambos os espaços de acordo com o tipo de interação que desejam no momento.

Um dos indícios para isso é o *chanspeak*, que é utilizado em ambos os espaços. Destaca-se que no grupo controle não existem filtros, os sujeitos utilizam do *chanspeak* por vontade própria. A Tabela 9 indica as 10 palavras do vocabulário *chanspeak* mais utilizadas de acordo com o grupo e a quantidade de ocorrências (ver apêndice).

Tabela 9 – Palavras mais utilizadas do *chanspeak*

Grupo controle	**Grupo experimental**
Bump	Sage
Anão	Hide
Newfag	Depósito [de porra]
GT	Anão
Ancientfag	Parênquima [paliçádico]
Fio	Also
Depósito [de porra]	Op
Pica [relatada]	Quejim [minas]
Merdalher	Fornicação
Zé droguinha	DotA

Fonte: Elaborada pelo autor

É possível que o *chanspeak* seja utilizado no grupo controle simplesmente pela conveniência ou costume. O curioso é a expressão “anão”, que aparece como mais frequente no grupo não-anônimo do que no anônimo. “Anão” é uma corruptela de *anon*, abreviatura para *anonymous* (anônimo), utilizada frequentemente no 55chan para se referir aos outros membros do grupo. Os sujeitos da Panelinha do Bananal não são anônimos, em algumas falas são até realizadas referências ao perfil pessoal do Facebook. Isto apenas sugere que “anão” é um costume, também uma “marca” que identifica à qual subcultura o grupo faz referência.

5.3.2 Conteúdo e a relação entre os membros dos grupos

Não foi possível verificar se os sujeitos criam contas *fake* no Facebook com o propósito de somente para acessar o grupo, visto que nenhum identificador foi salvo no banco de dados. Porém, foi observado que em algumas falas existem citações a perfis *fake*: “não usa perfil fake e camuflador de ip” – isto foi dito em tom de acusação, anunciando o “erro” de um membro, “anão esperto não comenta essa merda com perfil

de vdd", etc. Porém, perfis de amigos de membros do grupo são eventualmente marcados em postagens. Isto significa que os membros do grupo se adicionam como amigos, formando uma rede social. Ou que sujeitos convidam seus amigos para participarem do grupo. Se esta rede social é composta somente por *fakes*, perfis reais ou um misto disso, não foi possível verificar.

O que se destaca é o caráter da escolha: o sujeito pode ser "anônimo" se quiser. Podem existir sujeitos acessando o grupo tanto com contas *fake* quanto com perfis reais. Se o sujeito deseja privacidade, é possível criar uma conta *fake* e utilizar uma ferramenta para ofuscar o *IP*. Caso contrário, pode simplesmente acessar com seu perfil real. Embora exista esta liberdade, existe conteúdo que é postado no espaço mas espera-se que o grupo corrobore para que dali não saia. O "x9" é colocado como àquele que "entrega" o grupo. "aqui x9 é morte", "(...) talvez seja verídico ou não, tudo depende se você é um x9", "(...) removi nomes e rostos por causa dos adoráveis x9", etc. Existe uma consciência de que sujeitos podem estar vigiando a interação que ocorre no espaço, o que não ficou claro é se o "x9" se infiltra no espaço para denunciar o grupo, ou se são membros do grupo que por *trolling* os denunciam. No 55chan, os sujeitos parecem não se importar com isto.

Em relação a vigilância, foi observado que os sujeitos do grupo controle, de forma geral, confiam no Facebook como um sistema. A desconfiança está mais focada no sujeito, a vigilância que se teme é àquela praticada pelos usuários do *website*. No 55chan, isto funciona de uma forma um pouco diferente. Primeiro, os membros deste espaço evitam compartilham qualquer informação por medo da quebra de anonimato: "(...) não acho legal falar por possibilidade quebra de anonimato", "(...) não vou falar por questão de possível quebra de anonimato", etc. Em um conto postado no *website*, sobre o "último fórum de internet", são realizados apontamentos relevantes em relação ao posicionamento destes sujeitos quanto ao anonimato e as mídias sociais:

> Por dez anos, junto com diversos outros remanescentes, lutara para manter os pequenos portais de usuários livres, prezando pelo anonimato, comunicação textual e uso de nicknames ou pseudônimos. Lutaram, primeiramente, contra o advento e popularização das redes sociais, que começaram a engolir todo o conteúdo para dentro de suas comunidades (...)

Neste conto é possível observar o caráter antagônico aos sites de redes sociais. Como citado por Haenfler (2014), subculturas possuem um caráter de oposição àquilo que é o *mainstream*. Em uma subcultura fundada na internet, é natural

que esse *mainstream* sejam os sites de redes sociais. Em outra postagem, as qualidades do anonimato são citadas por um membro do grupo:

> (...) no fundo eu gosto do clubinho secreto. O fórum anônimo é anônimo por razões específicas, pra respeitar certos valores e dinâmicas de discussão que só o anonimato pode promover, como a ausência do ego e a falta de apelo à autoridade, além de poder permitir discutir coisas que nunca poderiam ser discutidas em lugares não anônimos.

Esta fala é correspondente à fundamentação teórica deste estudo. Os sujeitos enxergam no anonimato a possibilidade de discutirem sobre assuntos que nunca poderiam ser tratados em outro ambiente. Além disso, existe a conveniência de que membros não ganham autoridade em função de suas identidades.

Com isso, destaca-se que a maior parte dos sujeitos confiam no anonimato propiciado pela estrutura do 55chan. Ao menos confiam nesta estrutura para compartilhar aspectos privados de suas vidas. Porém, existem falas que sugerem uma "paranoia" em relação ao anonimato na internet: "(...) a maioria dos nós do Tor são mantidos por agências de segurança, e pelos nós de saída dá para quebrar o anonimato", "Se eu usar o Fedora em um live USB, com tor e proxychains instalados e ainda conectar em um servidor com ssl, qual a chance de eu ser pego?", etc. No 55chan, também não foram encontradas falas que remetiam a uma desconfiança em relação a sujeitos que poderiam vir a acessar o *website* e denunciar determinado conteúdo. Manter o anonimato a todo o custo parece ser mais uma espécie de tarefa sagrada do que um mecanismo de defesa contra esta desconfiança. Isto diverge da Panelinha do bananal, onde os sujeitos demonstram claramente se preocupar com esta questão.

Mas a questão é: por que denunciar? Na Panelinha do Bananal Não foram identificadas circunstâncias onde sujeitos são identificados em relatos. Porém, parte do conteúdo produzido caracteriza-se como tóxico. Os sujeitos se referem às mulheres como "depósitos de porra" ou "merdalheres", fora outras variantes. "Mulher continua sendo merda", "porque mulher é merda" e "de boa, mulher é merda" são exemplos de frases frequentes neste espaço.

O mesmo posicionamento em relação a mulher pode ser observado no 55chan: "a imensa maioria das merdalheres são vadias interesseiras", "mate uma merdalher", etc. Mas, como é possível observar, este sentimento é mais intenso no espaço anônimo. No espaço não-anônimo, em nenhum momento foi sugerido que mulheres fossem assassinadas, por exemplo. Isto pode indicar que os sujeitos têm noção da

vigilância, de que o Facebook está muito mais próximo da sociedade do que um *imageboard*. Palavras e frases similares aparecem em ambos os espaços, mas no grupo não-anônimo são utilizadas de forma mais "tímida" e moderada, o que vai de encontro à hipótese de que há uma relação entre o anonimato e a quantidade de vezes em que assuntos tóxicos são abordados.

A figura do *troll* e do *griefer* também apresenta divergências entre estes espaços. Foram identificados dois tipos de "zueira": o *shitposting* e a "pescaria".

Shitposting foi encontrado majoritariamente na Panelinha do Bananal. São postagens que não apresentam absolutamente nenhum conteúdo, que informam algo totalmente descartável: "Hoje minha fome tava anormal", "Só quem é gay vai ver isso bugado" – contém caracteres que ultrapassam as caixas de texto, etc. Ambos os textos são enunciados de *threads*, que por sua vez possuem respostas igualmente sem conteúdo. Outro tipo de *shitposting* é a repetição, que pode ser utilizada para o *spam* ou como uma forma de ridicularizar a fala de um sujeito.

No primeiro caso, são postagens que de fato apenas ocupam espaço com caracteres ou palavras repetidas: "al right al right al right al right (...)", "LEEEEEEEEEEEEEEEEEEEROO (...)" – continua com uma série de "OOOOO (...)" nas respostas da *thread* e aparentemente são do mesmo sujeito, "DING DING DING DING DING DING DING (...)", etc. Todas estas são enunciados de *threads*, mas este tipo de conteúdo também pode ser observado nas respostas. No segundo caso, dado um enunciado "sério" de uma *thread*, os sujeitos a ridicularizam repetindo o conteúdo nas respostas:

> Parabéns, heim, Panelinha. Eu pedi ajuda numa votação por essa história de anão é irmão e anão foi extremamente filho da puta. Não vou entrar nos mérito do acontecimento. Porque foi tão patético que não merece esclarecimentos. Pra quem não presenciou o que aconteceu a Panelinha votou na outra banda. Emfim, não que vá mudar alguma coisa na vida incrível de vocês, MAS, me sinto na obrigação de dizer o quão lixo esse grupo está. Isso foi a pior filha da putagem possível. Quando estamos falando de zoeira, ok. Mas estávamos falando de uma banda se lançar abrindo um festival grande. E a panelinha conseguiu acabar com isso. Deixo meu desgosto pra quem leu até aqui. E deixo meu adeus também. Os meus 2 anos de /b/ terminam aqui. O tempo dos primórdios foi incrível. Sem pica nenhuma.

Nas respostas, este texto foi repetido diversas vezes como uma forma de ridicularizar o que foi dito. Posteriormente, os sujeitos começaram a postar o mesmo texto em outros idiomas (japonês, alemão, russo, etc.). Isto é bastante similar à um *print* "clássico" da internet, onde uma tia comenta uma foto do seu sobrinho no

Facebook: “Saudades meu gatoooo, lindo da tia bjus”. Os amigos deste indivíduo, como uma forma de “zueira”, começaram a repetir o comentário, como pode ser visto na Figura 20 – o primeiro comentário é o da tia.

Figura 20 – “Zueira” pela repetição

Fonte: http://assets.naointendo.com.br/uploads/post-assets/691/Lindo_Da_Tia.jpg

Este tipo de *shitposting* foi observado somente no grupo controle. Provavelmente este tipo de conteúdo implica em banimento no 55chan. Porém, *shitposting* no sentido de conteúdo “inútil”, foi observado em ambos os espaços. O 55chan se destaca com o segundo tipo de “zueira” – a “pescaria”. O sujeito que pratica a pescaria é o *troll*, que como aponta Fragoso (2015), utiliza de uma isca (*bait*) para incitar o conflito. Esta isca foi observada como sendo uma fala que vai contra os ideais do grupo. O *trolling* é altamente sofisticado, difícil de identificar. Suspeita-se que este seja um exemplo de *bait* na Panelinha do Bananal:

> A melhor companhia para jogar lolzin é com as mulheres pois elas são simpáticas,carinhosas e é divertido,tenho várias amigas que jogam lol

> cmg pq gostam de meu jeito brincalhão com elas durante as partidas e a maioria do mlks são todos toxicos e ficam reclamando de tudo.

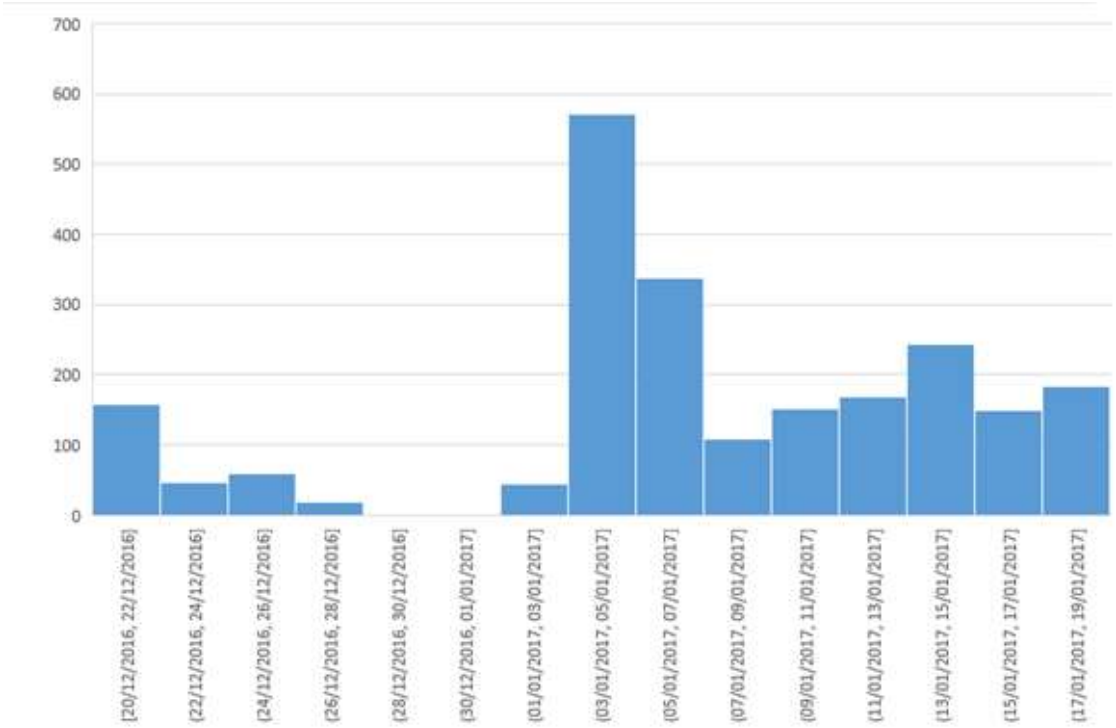
Esta fala vai diretamente contra os ideais do grupo, que colocam a mulher como um ser com intenções nefastas, que não merece confiança ou valorização. Não houve nenhuma resposta nesta *thread*. Na realidade, os sujeitos não "morderam" a isca nenhuma vez, nem mesmo em outras ocorrências. Este tipo de "zueira" é bem mais frequente no 55chan, os próprios sujeitos demonstram receio em relação ao conteúdo que é postado. Se, por exemplo, um determinado jogo é exaltado em alguma *thread* como sendo muito bom, sujeitos demonstram receio em comprá-lo, pois o jogo pode ser de baixa qualidade e a *thread* um *bait*.

5.4 HORÁRIOS E DATA DE CRIAÇÃO

No grupo controle, as postagens se concentram mais nas quintas-feiras, contabilizando 911 postagens (39,199%). Já no grupo experimental, acontecem majoritariamente aos domingos, contabilizando 2038 postagens (12,589%). No grupo anônimo as postagens são mais distribuídas, não existe claramente um dia onde a quantidade de postagens é muito maior do que nos outros. Os dias que possuem uma menor quantidade de postagens são as sextas-feiras para ambos os grupos.

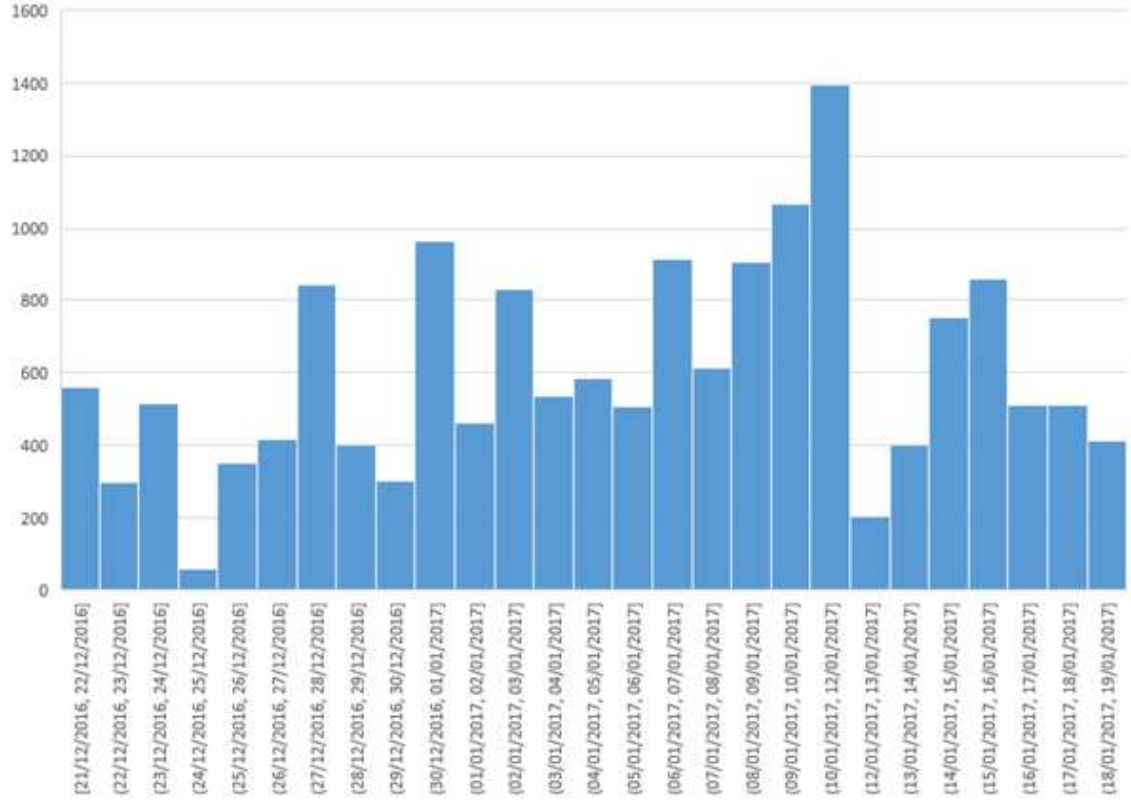
Após analisar a quantidade de postagens por dia, foi verificado que existem baixas em feriados e datas comemorativas. No dia 31 de dezembro de 2016 (véspera de ano novo) não houve nenhuma postagem no grupo controle e 353 postagens no grupo experimental. No dia 1 de janeiro de 2017 (ano novo), também não houve nenhuma postagem no grupo controle, e 612 postagens no grupo experimental. No dia 24 de dezembro de 2016 (véspera de natal), ocorreram 36 postagens no grupo controle e 516 postagens no grupo experimental. No dia 25 de dezembro de 2017 (natal), ocorreram 9 postagens no grupo controle e 58 postagens no grupo experimental. Os membros do 55chan se ausentaram mais do grupo no natal, que, pelo senso comum, no Brasil, é uma festividade tradicionalmente celebrada em família. Já os membros da Panelinha do Bananal, afastaram-se do grupo no ano novo, uma data mais associada a ser festejada com "amigos". As Figuras 21 e 22 demonstram esta ocorrência.

Figura 21 – Quantidade de postagens por dia do grupo controle



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 22 – Quantidade de postagens por dia do grupo experimental



Fonte: Elaborada pelo autor

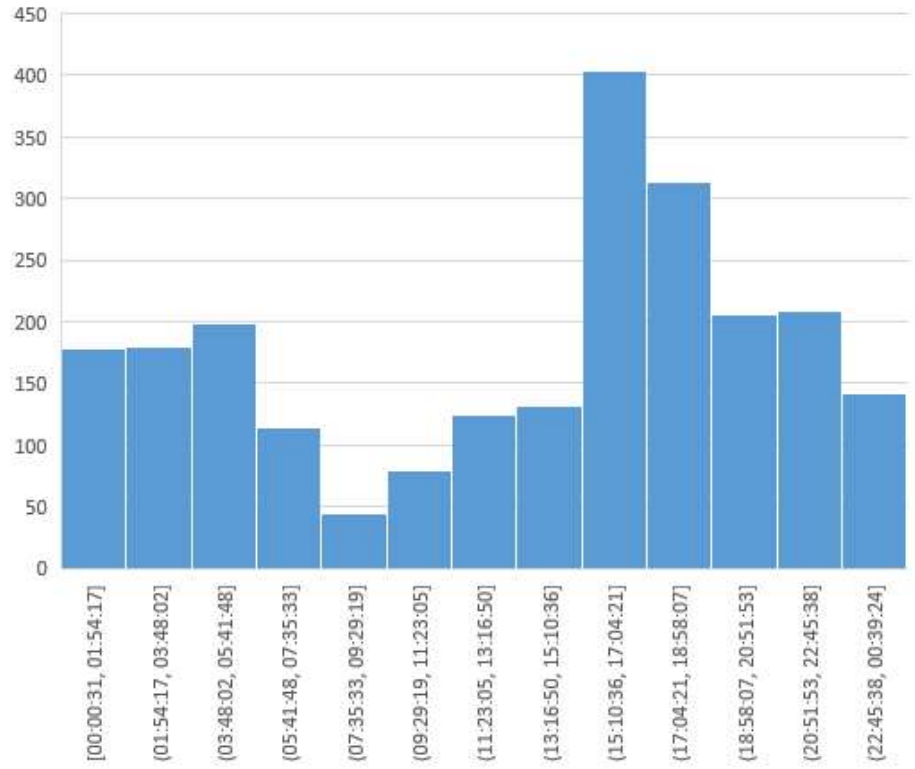
Como é possível observar, há uma queda vertiginosa na quantidade de postagens do grupo controle desde o dia 26 de dezembro de 2016 até o dia 01 de janeiro de 2017. Porém, a quantidade de postagens chega ao seu ápice entre os dias 3 e 5 de janeiro de 2017. Já no grupo experimental, a baixa está nos dias 24 e 25 de dezembro de 2016. Fora isso, os pontos altos e baixos de postagens não possuem um sentido aparente. Mesmo nas datas de ano novo não houve nenhuma baixa.

Com isso, suspeita-se que os membros do 55chan estejam mais voltados às festividades familiares, enquanto os da Panelinha do Bananal voltam-se às festividades descentralizadas deste meio. A questão da performance também pode incidir nesta questão, é possível que os sujeitos não queiram ser vistos no Facebook em uma festividade como o ano novo, já que poderiam estar realizando atividades consideradas mais adequadas para este momento. Isto também pode explicar o aumento na quantidade de postagens do 55chan no ano novo.

Após analisar as postagens destes dias (véspera de ano novo e ano novo), foram encontradas postagens no 55chan logo após a virada do ano: “MATE UMA ABERRAÇÂO NO ANO NOVO” às 00:22, “(...) Feliz ano novo, anão” às 00:35, “feliz ano novo é o caralho, viado de bosta” às 00:41, etc. É importante deixar claro que existe a questão do hibridismo, os sujeitos podem estar neste espaço em meio a muitos outros nestas ocasiões. Pode não ser diferente dos telefonemas para desejar feliz ano novo à quem está distante no momento.

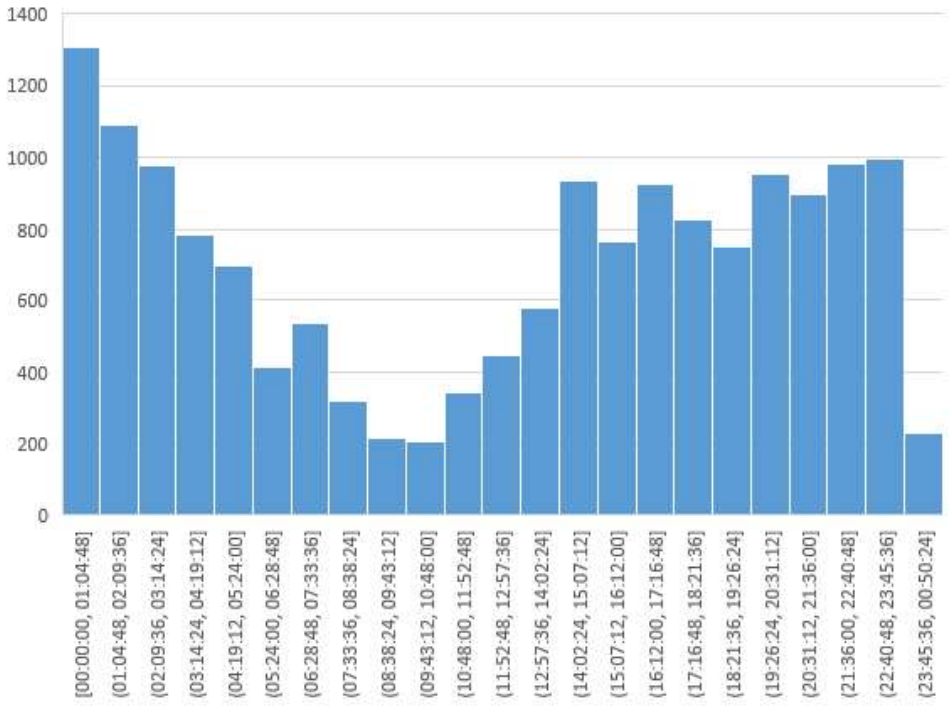
Em relação aos horários das postagens, não existem muitas divergências entre os grupos. O único ponto que se destaca é o aumento na quantidade de postagens no 55chan depois da meia noite. A maior movimentação do grupo ocorre entre meia noite e uma hora da manhã, enquanto que na Panelinha do Bananal, os horários das postagens são mais homogêneos, tendo seu ápice entre às 15 e 17 horas. As Figuras 23 e 24 ilustram este cenário.

Figura 23 – Quantidade de postagens por horário do grupo controle



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 24 – Quantidade de postagens por horário do grupo experimental



Fonte: Elaborada pelo autor

Ambos os grupos apresentam queda na quantidade de postagens depois de horários próximas às 5 horas da manhã, que voltam a subir depois das 10 horas da manhã [aproximadamente]. Os horários de baixa provavelmente são respectivos aos horários cujos quais a maior parte dos indivíduos está dormindo. Existe também uma quantidade considerável de postagens durante o dia, indicando que existem membros acessando os grupos do trabalho [ou da escola ou universidade, no caso de estudantes].

Aparentemente os sujeitos não selecionam um horário específico para acessar estes espaços, no sentido de buscar um momento sozinho para esta atividade. Sujeitos fazem referência em alguns momentos ao tipo de dispositivo que usam: “Also, desculpem algum erro. Estou no meu celular de teclado minúsculo”, “perdoem os erros, estou pelo espertofone”, “estou pelo espertofone (...)”, etc. Isto indica que sujeitos acessam estes espaços de onde estiverem.

Isto não indica que estes subculturistas não se importam com indivíduos próximos saberem ou não do acesso a este tipo de espaço. Apenas que os acessos ocorrem em meio a outras atividades. O smartphone é um dispositivo pessoal, sujeitos podem utilizá-los para acessar o que quiserem sem que exista a intrusão de terceiros.

5.5 EMOÇÕES E SENTIMENTOS

Nesta etapa do estudo, considera-se significativo o sentimento ou emoção que possui intensidade maior ou igual a 0,5. Emoções ou sentimentos “rasos” são àqueles com intensidade inferir a 0,2. Emoções ou sentimentos “intensos” são todos que possuem intensidade maior do que 0,7. A análise desta etapa eventualmente foca em algum destes grupos para demonstrar determinado aspecto identificado. Analisar emoções e sentimentos sem este tipo de classificação pode não ser o melhor, visto que, por exemplo a maior parte das postagens apresenta alguma emoção ou sentimento raso.

Aqui também é possível retomar uma das hipóteses: “existe uma relação entre a intensidade das emoções e sentimentos dos sujeitos e o anonimato”. Para verificá-la inicialmente foi analisada a quantidade de ocorrências onde sentimentos ou emoções excederam 0,5 (significantes). Com isso, foi observado que 42,814% das postagens do grupo controle apresentam emoções com intensidade maior ou superior a esta. No grupo experimental, este valor altera-se para 49,808%. O grupo

experimental apresenta emoções levemente mais intensas do que as do grupo controle.

Estes dados indicam que a hipótese pode não ser verdadeira, visto que não existem divergências significativas entre as emoções dos espaços. A intensidade das emoções e sentimentos pode não possuir relação com o anonimato. No caso deste estudo, existem também aspectos culturais que incidem nesta questão. Por exemplo, o conteúdo textual do 55chan possui uma linguagem mais formal do que a existente na Panelinha do Bananal. Os xingamentos e as agressões que de um ponto de vista qualitativo parecem ser mais exaltadas no 55chan, podem não estar sendo reconhecidas desta forma pelo AlchemyLanguage; isto devido à linguagem do espaço. Foi verificado que as postagens com grande intensidade de raiva são às que possuem palavras que remetem à agressividade. Por exemplo, a seguinte postagem da Panelinha do Bananal apresentou raiva com intensidade de 0,801:

> Pra mim são uns banco de pau no cu sem noção e individualistas, só pensam na própria vida e quando decidem fazer uma merda dessa querem levar outras, mano eu fico muito em rage quando eu fico sabendo dessas coisas, gente que não tem nada a ver morrer por causa desses bostinhas lixos

Neste exemplo não há nada tóxico, apenas uma linguagem exaltada. Conteúdo tóxico parece não ser necessariamente associado a raiva. Em outra postagem onde um membro do 55chan se posiciona em uma *thread* onde há um suposto relato de uma mulher que “gostou de ser estuprada”, há raiva com intensidade 0,131:

> Ela gostou porque é isso que os instintos dela disseram. O DotA [sexo] entre mamíferos na natureza é isso, a imposição da força e da vontade do macho sobre a fêmea. Toda relação, mesmo quando há consenso, tem um pouco de forçação. Sempre é uma questão do homem avançando e fazendo o que tem que ser feito. DotA [sexo] não começa com "Quer transar?". DotA [sexo] começa quando o homem coloca a cachorra contra a parede, segura ela pelos braços e saca a rola para fora. Sem papo.

Isto indica que conteúdo tóxico não necessariamente está associado a raiva. Analisando o sentimento destas postagens foi verificado que se caracterizam, respectivamente, como negativa de intensidade -0,913 e negativa de intensidade -0,645. Mesmo o sentimento parece não estar ligado a este tipo de texto. Associar raiva e sentimento negativo com conteúdo tóxico não necessariamente é correto. Isto indica também que a análise de emoções e sentimentos não é a melhor abordagem para falsear a hipótese de que “há uma relação entre o anonimato e a quantidade de vezes

com que assuntos tóxicos são abordados". Mas, de qualquer forma, parece não haver uma relação entre o anonimato e a intensidade das emoções.

Porém, vale analisar as emoções e sentimentos individualmente, é possível que alguma emoção se favoreça em detrimento de outras quando no anonimato. A análise até agora foca na intensidade das emoções e sentimentos como um todo.

Analisando individualmente a quantidade de emoções significantes (maior ou igual a 0,5), foi observado que no grupo controle a emoção que mais aparece é a raiva, contabilizando 19,32% de todo o *dataset*. No grupo experimental é a tristeza, compondo 20,731% do *dataset*. Isto faz sentido de acordo com o que foi observado. Os membros do 55chan são mais apáticos quando comparados com os da Panelinha do Bananal. Na Panelinha do Bananal existem *threads* que enunciam xingamentos gratuitos contra os usuários, enquanto que no 55chan existem muitas de aspecto depressivo, afirmando muitas vezes que os "problemas da vida" não possuem solução. A questão da "falha" aparece em ambos os espaços. Porém, na Panelinha do Bananal é tratado mais em um ritmo de piada, enquanto que no 55chan este assunto possui uma atmosfera mais sombria:

> Porra, anões, e esse pau no meu cu [sentimento] de incapacidade, de infimidade, de inutilidade perante a tudo e a todos? Essa existência que faz doer só de existir. Talvez em outra época eu existira realmente, seria quem sou, e o que desejo ser. Sujeito a tantos problemas, escravismos e afins, a superação nunca se fez plena em meu coração, a liberdade nunca me consumiu, não sei o que significa ser livre, dependo de meus pais, e vivo em uma caverna, talvez a filosofia seja uma saída, talvez… mas nem dela sou digno, almejo e não alcanço por pura incapacidade. Como tantos superam essa dor de existir, e de sentir a existência escorrer perante a todos os sentidos. Esses complexos desenvolvidos, justificativas para viver ainda mais, inibimos o maior e mais puro pau no meu cu [sentimento], o churrasco no banheiro [suicídio]. Por que? Ajudem-me.

Isto ilustra o aspecto da "falha" existente nesta subcultura. Aqui o sujeito desabafa e pede ajuda ao grupo através de uma fala bastante carregada. Na Panelinha do Bananal, a "falha" é encarada muitas vezes como uma piada. Histórias "embaraçosas" são contadas em um ritmo mais descontraído, como se fosse simplesmente para compartilhar um momento e interagir com outros sujeitos que já passaram por situações similares:

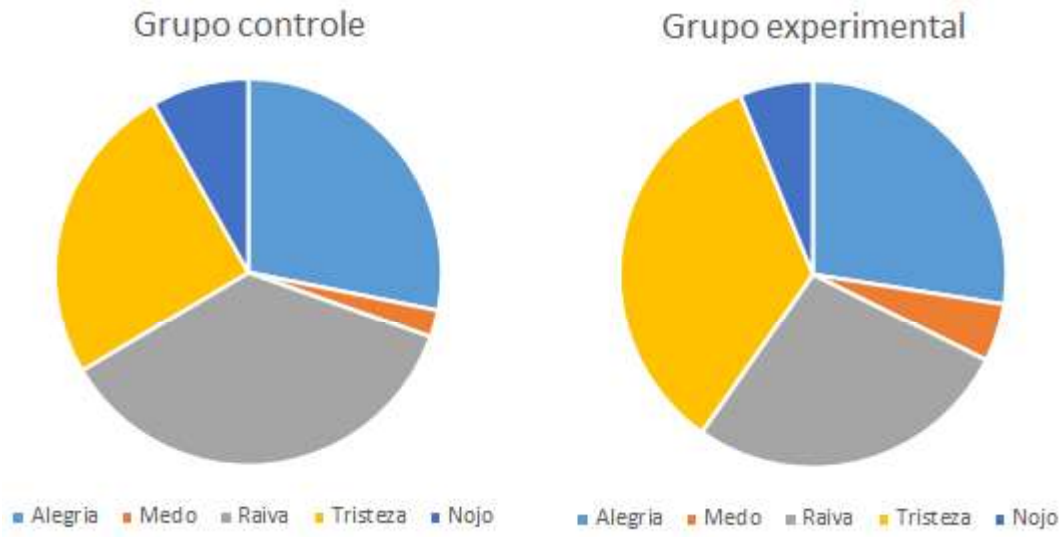
> Fio [thread] da perda do meu BV
> Edit: perdão o gt ruim
> >seja o op
> >ano 2015
> >estudando no instituto federal do espírito santo

>morando na escola
>houve sábado letivo e a tarde ficamos atoa
>sai eu e uns amigos pra beber, fumar e conversar um pouco em um bairro perto da escola
>encontramos com uns amigos na pracinha e ficamos lá conversando
>eu e uma depósito começamos a ficar no arroz
>amigos realizam que eu devia pegar ela
>digo que não consigo chegar nela
>nunca consigo chegar em ngm
>amigos dizem: "tu vai perder o bv hoje mlk!"
>realizo que tenho 17 anos e nunca beijei ngm
>digo que não vai dar certo
>amigos chamam depósito pra conversar
>alguns_minutos_dps.mp3
>amigos voltam
>depósito me leva para atrás da igreja
>acho_que_entendi.jpg
>apoio ela na parede
>chego meu rosto perto dela
>é goooool mlk
>beijo rolando solto
>depósito [mulher] para e diz: eu quero morder
>eu digo: morde ue
>ela diz: mas eu quero morder por mérito próprio
>voltamo pro beijo
>ela morde meu lábio
>pegação continua e realizo que estou de olhos abertos e ela não
>lembro de um pedaço da música pain do jimmy come o mundo
>it takes my pain away, it a lie, a kiss with opened eyes
>pergunto pra ela pq ela está de olhos fechados
>ela responde que é melhor assim
>realizo que sou muito burro
>continuamos a pegação até ela ouvir umas vozes
>ela diz: ta bom
>eu: okay né
>voltamos pra pracinha
>amigos comemoram
>hora de voltar pro alojamento
>pergunto como eles fizeram ela me pegar
>amigos: prometemos 20 temers [reais] em maria juana pra ela
>eu digo: vcs não vão pagar né
>amigos: claro que não kkkkjj
>chego no meu quarto
>mora eu e mais 4
>dou a notícia
>"aeeee krlh mlk cresceu"
>bloco 2 todo comemora
>bujao de gás zé droguinha reprovado no primeiro bimestre entra no quarto com a cara fechada
>ele tava com a gente e viu td
>ele era escravoceta da depósito [mulher]
>bujao de gás maior ainda do quarto começa a gastar o bujão filho pq eu peguei a mina mais rodada que pião do baú e ele não
>bujão filho pula da cama dele
>terremoto acontece
>vai pro banheiro chorar
>fico na bad
>fico conversando com o mlk tentando fazer ele sair do banheiro e parar de chorar
>ele sai

>no dia seguinte a perda do meu BV vira notícia da escola inteira

Como é possível observar no relato, não há o aspecto da tristeza como há na ocorrência retirada do 55chan, é apenas o relato de uma situação embaraçosa vivenciada por um adolescente. A Figura 25 apresenta a distribuição das emoções dos grupos.

Figura 25 – Distribuição das emoções significantes



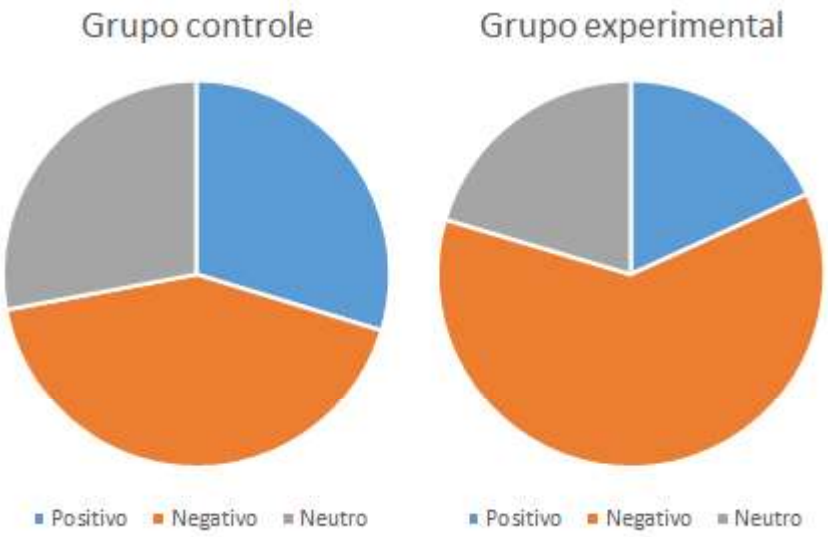
Fonte: Elaborada pelo autor

Não há tanta divergência na manifestação das emoções entre os grupos. Isto indica que o aspecto anonimato também não apresenta impacto na manifestação de alguma emoção específica. Mas, em relação aos sentimentos, fica claro que os sujeitos do anonimato são mais negativos: 61,360% das postagens qualificam-se como negativas, entre 18,204% que são positivas. No grupo não-anônimo isto altera-se para, respectivamente, 42,383% e 29,690%. Isto faz sentido ao analisar o texto, a fala dos membros do 55chan é tóxica, mas moderada (tende à formalidade), enquanto que na Panelinha do Bananal é mais acentuada (tende a ser informal). Isto indica que pode haver uma relação entre a intensidade do sentimento negativo e o anonimato.

Analisando os sentimentos negativos significantes [com intensidade inferior a -0,5], foi verificado que 27,538% das postagens do grupo controle se qualificam como tal, mas contabilizam 38,631% no grupo experimental. No entanto, respectivamente, 26,161% e 9,414% das postagens dos grupos controle e experimental possuem sentimento positivo significante. As manifestações de sentimento tanto negativo quanto positivo são bastante exaltadas no não-anonimato. Por outro lado, no

anonimato as manifestações de sentimento são negativamente mais intensas. Desta forma, a ocorrência de sentimento positivo significante é mais rara no grupo experimental, enquanto que aproximadamente um quarto das postagens do grupo controle qualificam-se desta forma. A Figura 26 ilustra a distribuição dos sentimentos entre os grupos.

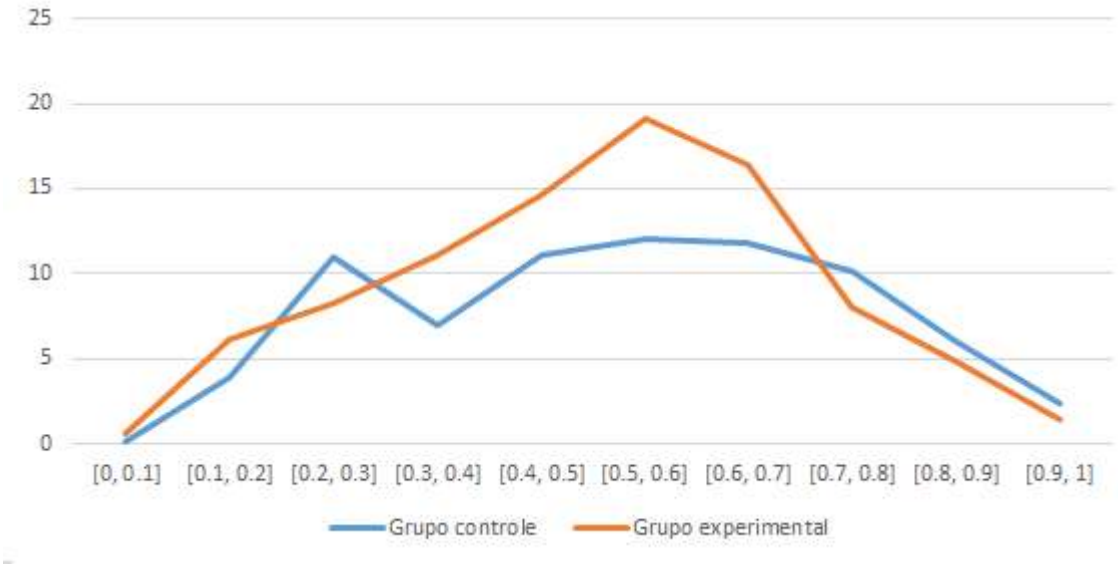
Figura 26 – Distribuição dos sentimentos



Fonte: Elaborada pelo autor

Se não há relação entre o anonimato e emoções mais intensas, é possível que isto seja justamente o contrário: o sujeito se torna mais apático no anonimato, manifestando as emoções de forma rasa. Isto pode ocorrer devido as características do espaço, onde os sujeitos precisam apresentar certo esmero em relação a escrita. Foi verificado que 4,044% das postagens do grupo controle possuem somente emoções rasas, enquanto que no grupo experimental contabilizam 6,665%, nada significante. A Figura 27 ilustra a quantidade (percentual) de postagens dos grupos categorizadas pela intensidade das emoções.

Figura 27 – Emoção das postagens categorizadas pela intensidade



Fonte: Elaborada pelo autor

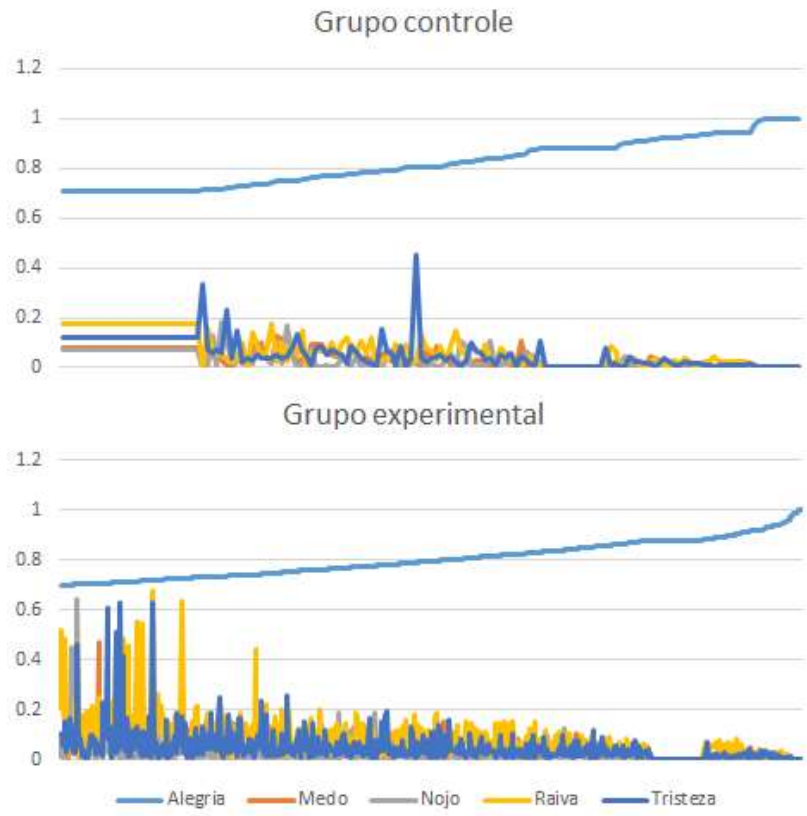
Observando as extremidades do gráfico da Figura 27, é possível notar que o grupo controle possui menos postagens com emoções rasas do que o grupo experimental, mas possui mais postagens com emoções acentuadas. A maior parte das emoções do grupo controle encontram-se com intensidade entre 0,2 e 0,3 (contabilizando 10,929% contra 8,277% do grupo experimental), enquanto o grupo experimental possui a maior parte entre 0,5 e 0,6 (contabilizando 19,082% contra 12,091% do grupo controle). Porém, quando as emoções são mais intensas (acima de 0,7), o grupo controle apresenta mais ocorrências. A média da intensidade das emoções é de 0,188 e 0,203 para, respectivamente os grupos controle e experimental.

Com isso, considera-se que o anonimato não é fator determinante na manifestação das emoções. Dependendo da perspectiva cuja qual os resultados são vistos é possível chegar a diferentes conclusões. A questão é que estes resultados não demonstraram nada significante em relação as emoções. Como foi citado anteriormente, a própria diferença na manifestação da fala entre os grupos pode incidir nesta categoria de análise.

Também não foi verificada nenhuma correlação entre as emoções. Em postagens onde, por exemplo, há alegria significante, eventualmente há também tristeza significante, embora estas emoções pareçam ambivalentes. No entanto, foi possível observar que na maior parte dos casos há somente uma emoção predominante. No caso, quando há ocorrência de uma emoção bastante intensa,

geralmente todas as outras emoções são rasas. A Figura 28 demonstra esta ocorrência.

Figura 28 – Curva de crescimento da alegria a partir da intensidade 0,7

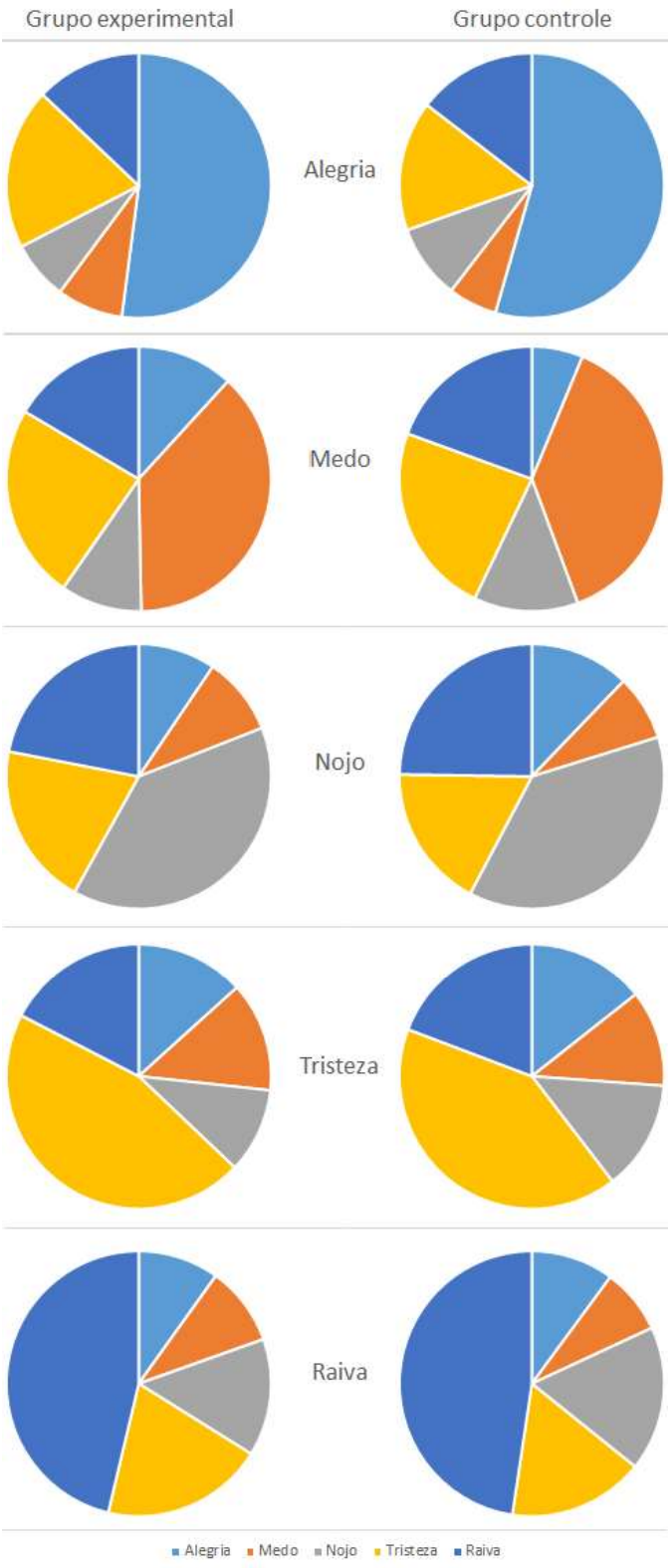


Fonte: Elaborada pelo autor

De acordo com a Figura 28, à medida em que a alegria aumenta, as outras emoções tornam-se cada vez mais rasas. Existem alguns picos de outras emoções, como é possível observar claramente no caso do grupo controle. Porém, de forma geral as emoções vão perdendo sua intensidade. Isto indica que pode haver alguma relação entre as emoções em ocorrências significativas, mesmo que seja uma relação inversamente proporcional. Para verificar este aspecto, as postagens que apresentam emoções significativas foram avaliadas. A média da intensidade das emoções foi calculada tendo como parâmetro somente as postagens que demonstravam alguma emoção significante em específico. Por exemplo, foi calculada a média de todas as postagens que possuem raiva significante. Além da raiva, estas postagens possuem outras emoções. Desta forma, a média destas outras emoções foi avaliada somente nos casos onde há manifestação significativa desta emoção – no caso exemplificado,

a raiva. Esta verificação foi realizada para cada uma das emoções. A Figura 29 ilustra os resultados.

Figura 29 – Médias das emoções quando significativas



Fonte: Elaborada pelo autor

Verifica-se que existe um certo padrão. A tristeza destaca-se em todos os casos, possuindo uma quantidade de ocorrências considerável em cada um dos cenários, enquanto o medo é o que menos aparece. Nos casos onde a tristeza é avaliada, observa-se que as outras emoções se manifestam de forma bastante dividida. Porém, não foi observada nenhuma correlação através da análise. A Tabela 10 contém as médias obtidas em cada cenário.

Tabela 10 – Valores das médias das emoções quando significativas

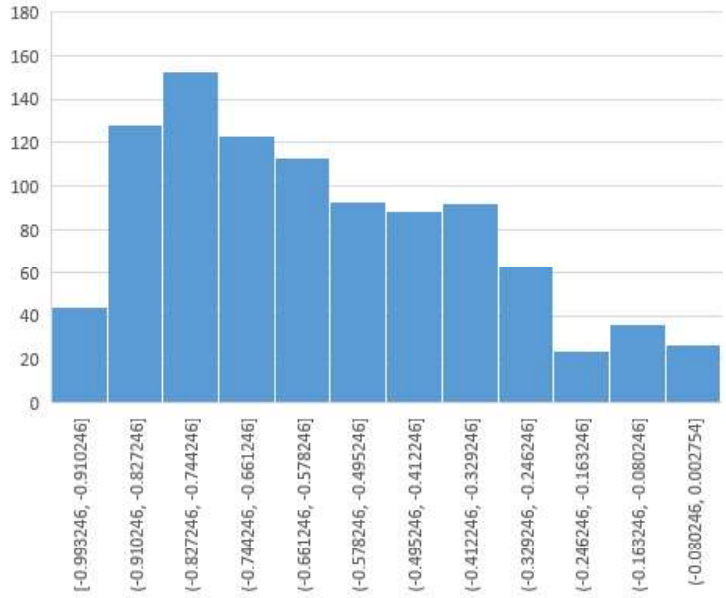
Grupo	**Emoção significativa**	**Alegria**	**Medo**	**Nojo**	**Tristeza**	**Raiva**
Controle	Alegria	0,691476903	0,075753593	0,115809379	0,201463228	0,185020937
Controle	Medo	0,116644724	0,709952517	0,238063759	0,436867103	0,362285793
Controle	Nojo	0,203778382	0,133648765	0,62690551	0,292975716	0,413405186
Controle	Tristeza	0,218392329	0,178580399	0,203736541	0,624782082	0,292290665
Controle	Raiva	0,146470546	0,115346757	0,255718078	0,240391176	0,689391341
Experimental	Alegria	0,642430408	0,099921189	0,088901808	0,243007148	0,159578712
Experimental	Medo	0,204312295	0,656803743	0,17290556	0,412771637	0,285925471
Experimental	Nojo	0,151196674	0,153309036	0,624535117	0,319067899	0,351325023
Experimental	Tristeza	0,183075582	0,184077144	0,142840729	0,625460897	0,239377771
Experimental	Raiva	0,139920115	0,136724023	0,202291174	0,280555552	0,654212976

Fonte: Elaborada pelo autor

Até aqui, nada conclusivo. O anonimato parece não ter relação com a manifestação das emoções. As emoções divergem de forma insignificante entre os grupos, não existe nada determinante para que seja possível afirmar algo. Como uma última análise, há de ser verificada uma possível relação entre o sentimento negativo e o anonimato. Como foi colocado anteriormente, 61,360% das postagens do 55chan possuem sentimento negativo, enquanto apenas 18,204% são positivas. Na Panelinha do Bananal, estes valores alteram-se para, respectivamente, 42,383% e 29,690%. Uma divergência de 18,977% entre as manifestações de sentimento negativo dos

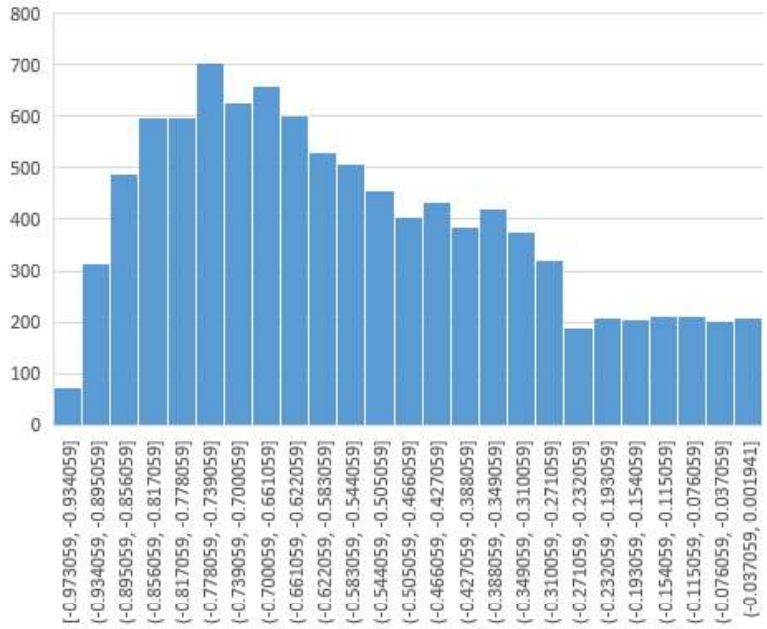
grupos. É possível que existam divergências entre os grupos quando avaliado o caráter da intensidade da manifestação do sentimento negativo. As Figuras 30 e 31 ilustram este cenário.

Figura 30 – Intensidade do sentimento negativo no grupo controle



Fonte: Elaborada pelo autor

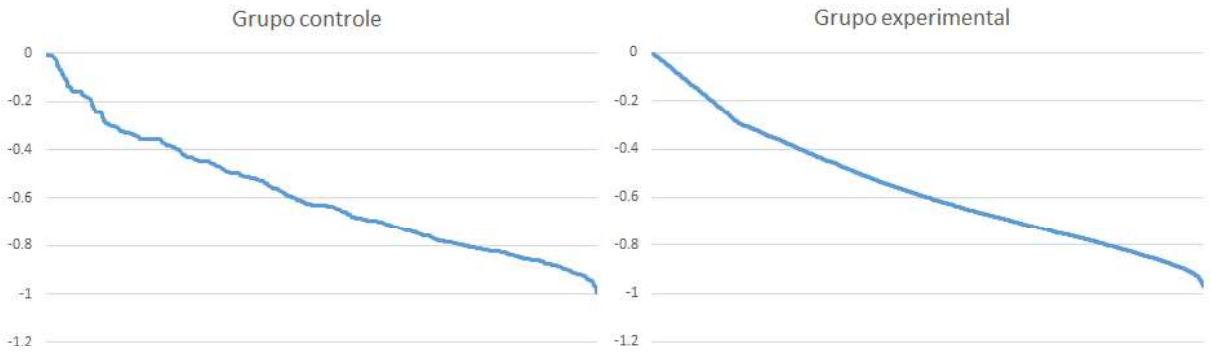
Figura 31 – Intensidade do sentimento negativo no grupo experimental



Fonte: Elaborada pelo autor

As manifestações entre os grupos demonstram ser similares ao observar as Figuras 30 e 31. Porém, ao analisar somente os sentimentos intensos, foi verificado que 16,781% das manifestações negativas do grupo controle fazem parte desta classificação, enquanto 21,009% o são no grupo experimental. Ou seja, não apenas a frequência do sentimento negativo é maior no 55chan, mas também há mais intensidade em sua manifestação. A Figura 32 ilustra a intensidade da manifestação do sentimento negativo entre os grupos.

Figura 32 – Curva da intensidade do sentimento negativo dos grupos



Fonte: Elaborada pelo autor

A manifestação do sentimento negativo em ambos os grupos apresenta ser bem distribuída. O sentimento negativo raso é menos frequente e, como pode ser observado, a curva é mais ingrime até a intensidade -0,3. O mesmo ocorre nas manifestações com intensidade mais negativa do que -0,9.

Em uma abordagem qualitativa das postagens com intensidade mais negativa do que -0,9, foi observado que no grupo controle as postagens que recebem este placar são as que possuem linguagem mais agressiva: “fudeu a buceta remelenta dessa fodida”, “gorda maldita quer aparecer”, “puta merda, to fudido”, “Isso daria um puta jogo foda”, etc. Já no grupo experimental, são as que possuem ocorrência de conteúdo tóxico: “Já passou da hora da moderação banir esse paixão [negro] forçador do caralho.”, “Minha conta está banida por falar “viado filho da puta””, “Eu ouvi dizer que o OP chupa caralhos constantemente”, “Mas porra, esses filhos da puta dão gostam até de ir perder tempo com pretos na favela APENAS para parecerem virtuosos?”, etc.

Conteúdo tóxico ou agressivo classificado como negativo existe em ambos os grupos. Porém, de forma geral, a maior parte das postagens do grupo controle

possuem somente o caráter da linguagem agressiva, enquanto que no grupo experimental o que fica mais claro é uma fala tóxica, embora também possuam traços de agressividade. Isto fica evidente analisando a intensidade da raiva nas postagens com sentimento mais negativo do que -0,9: o grupo controle apresenta intensidade média de 0.618 enquanto no grupo experimental isto se altera para 0,465.

Em síntese, para esta etapa do estudo, é possível concluir que não há relação entre a intensidade das emoções e o anonimato. Mesmo no anonimato os sujeitos cumprem as regras do grupo porque não querem ser banidos – ou mesmo as cumprem por uma questão subcultural que determina a conduta dos sujeitos. Desta forma, a fala não é tão exaltada, o que pode vir a incidir na intensidade das emoções. Relacionar conteúdo tóxico com manifestação de raiva também não é necessariamente correto. O sujeito pode proferir este tipo de fala sem apresentar qualquer emoção exaltada. Isto sugere que a análise de emoções e sentimentos não é a melhor forma de avaliar a hipótese que sugere uma relação entre conteúdo tóxico e anonimato. Por fim, foi detectado que no anonimato há mais sentimento negativo. Uma parte da hipótese de que “existe uma relação entre a intensidade das emoções e sentimentos dos sujeitos e o anonimato” pode estar verdadeira: há mais manifestação de sentimento negativo no anonimato, e mais intensa. As falas com sentimento negativo parecem estar associadas ao conteúdo tóxico quando dentro anonimato, enquanto que, no não-anonimato, sugerem estar associadas a manifestação da raiva.

5.6 PALAVRAS-CHAVE

Nesta seção do estudo as palavras-chave dos grupos é analisada. Ao invés de focar em questões de ordem quantitativa, como a frequência com que determinadas palavras-chave aparecem ou a relevância detectada em cada ocorrência, o propósito é visualizar o contexto onde estas [palavras-chave] estão inseridas. Analisar frequência ou intensidade demonstrou não revelar nada relevante para o que se busca com esta pesquisa. Em ambos os grupos as palavras-chave remetem a uma diversidade de assuntos: educação, relacionamentos e política são exemplos de assuntos cujos quais este conteúdo faz referência.

Figura 33 – As 100 palavras-chave mais frequentes do grupo controle

Fonte: Elaborada pelo autor

Muitas das palavras-chave mais relevantes da Panelinha do Bananal remetem à alguma questão judicial: “polícia”, “caso”, “investigação”, “envolvimento” e “testemunho” estão entre as palavras-chave com maior número de ocorrências. Foi verificado que a maior parte destas palavras-chave são originárias de uma publicação onde um sujeito critica uma suposta atitude do grupo em incitar um sujeito depressivo a cometer um atentado terrorista:

> Mano vcs tao dando ideia pra esse depressivo que precisa de ajuda, depois o maluco faz o atentado e mata inocentes, policiais investigam o grupo prendam os moderadores tudo porque vcs tao dando ideia e tbm porque n tem amigos

O que ocorreu foi a “zueira” da repetição, todas as respostas à esta publicação foram uma repetição do enunciado. A fala do sujeito nem foi discutida pelos membros

do grupo, talvez por ter sido enxergada como uma possível “pesca” de algum *troll*. Outra parte das ocorrências foi respectiva a um “jogo” inventado em uma publicação no grupo. O jogo era composto por uma história onde os membros deveriam se colocar como detetives para resolver um caso de tráfico, de forma a responder perguntas que resolviam pedaços do caso com o objetivo de avançar a história. Por fim, outra parte significativa está em uma publicação onde há uma discussão sobre um suposto ataque a um usuário do Facebook. De acordo com as respostas, um indivíduo postou uma “foto sensual” em seu perfil do Facebook. Os sujeitos do grupo realizaram diversos comentários com ofensas contra este indivíduo. Isto porque ela era mulher, negra e obesa. A discussão foi sobre a possibilidade de o grupo sofrer com algum tipo de processo judicial por causa do ocorrido, visto que o sujeito em questão supostamente denunciou o caso para um jornal. A publicação em questão possui diversas respostas com exatamente o mesmo texto – outras palavras-chave como “grupos”, ”específico”, “imagem” e “festa” (festa [parties] pode ter sido detectada como um erro ou pode ser utilizada em um contexto diferente dos que o autor conhece para a palavra) receberam destaque devido as muitas repetições deste texto:

> Em caso de investigação policial, eu oficialmente declaro que não tenho envolvimento com este grupo e não sei como estou no mesmo, provavelmente fui inserido por terceiros, declaro que estou disposto a colaborar com as investigações e estou disposto a me apresentar a depoimento se necessário, declaro que sou completamente inocente e não tenho envolvimento nenhum com este caso mostrado nesta imagem específica

Em outro sentido, ao realizar a observação, o pesquisador considerou que os sujeitos do grupo controle haviam normalizado a questão do uso de drogas. Isto devido às diversas citações a este tema. Porém, ao retomar as postagens com a ocorrência da palavra-chave “maconha”, foi verificado que uma parte considerável destes sujeitos possuem certa aversão aos usuários desta droga. A maior parte destas ocorrências estão em uma publicação onde um sujeito critica justamente esta postura do grupo:

> Maaaanoooo, vi um post aqui de um anão que postou a foto de um baseado grandão e foi casa comentário de ódio, ódio mesmo, que porra é essa galera? Que hipocrisia é essa Mano? Coisas do tipo " tomara que você morra ", "tomara que os PMs pm te peguem e te espanquem " bora abrir a cabeça galera, fumar maconha não é coisa do outro mundo não, é só uma porra porta de uma planta que tu fuma e fica doidão, não quer dizer que você seja um merda, ou que você seja uma pessoa ruim não (como eu vi em vários comentarios). Tem muita gente que é de Boa, faz o bem prega o bem e fuma

> maconha Mano, ela não vai ser ruim só por fumar isso Mano. Agora você que bebê pra caralho, ou fuma cigarro pra caralho, ow, quem é você mesmo pra querer criticar alguém que fuma maconha? Kkkkkkkkkkk. Bora acordar pra vida galera, dizer que maconha financia as mortes da favela, que bancos criminosos que num sei o que, infelizmente é verdade, mas isso só é uma realidade no nosso país por que essa caralho não é liberada. Deixem a ignorancia de lado, parem de ver a maconha como uma coisa ruim, também não precisam ver como algo Bom, mas sim como algo neutro, que não gere ódio em você. Valeu é nós.

Naturalmente, nesta publicação existe a repetição como forma de "zueira" em suas respostas. Ao que tudo indica, não há um consenso do grupo em relação a ser pró ou contra o uso de drogas. Mas, a maior parte dos sujeitos parece não simpatizar com a figura do "maconheiro": "Lugar de maconheiro é na vala", "Maconha é lixo sim", "maconhero de bosta", "Cara eu não tenho problema com maconha, tenho problema com maconheiro grrre", etc. O "maconheiro" é um personagem frequente nos relatos do grupo. Este sujeito é pintado como o "zé drogola": o inconsequente, perverso, que não contribui para nada, pratica crimes e apenas causa problemas.

Por fim, uma palavra-chave não tão recorrente, mas que possui valor como capital subcultural, é o "greentext" [texto verde, verdetexto ou gt]. *Greentexts* são relatos escritos em forma de tópicos, onde geralmente o sujeito que conta a história é o personagem principal. Os *greentexts* são compostos majoritariamente por histórias vivenciadas pelos membros do grupo, mas também podem ser linhas de raciocínio estruturadas em tópicos.

> >2016
> >prestes a ir embora pra capital pra fazer cursinho
> >antes de ir eu decido da uma festa na minha casa
> >meu irmao nao gostou da ideia pois a namorada dele ta em casa
> >eu nao gosto dela, ja ficamos uma vez e ela sempre foi louca por mim
> >ela é uma merdalher do caralho zé droguinha e que senta na rola do primeiro que aparecer
> >os dois sao desempregados
> >ele sabe disso, tambem é zé droguinha
> >meu irmao tem uns 26 anos
> >nao faz caralho nenhum além de fumar maconha
> >só da desgosto pra familia mas amo ele
> >nunca brigamos
> >festa esta acontecendo
> >ele nao queria
> >discutimos
> >eu estou bebado
> >meto a mao na cara dele e xingo a namorada dele de vagabunda e de todo nome possivel
> >vaga vagabunda fumadora de droga
> >mando ela sair da minha casa
> >ela começa a chorar
> >meu irmao me da uma pisa do caralho(eu estava bebado)
> >vizinhos em todo lugar tentando separar

>minha avó chora
>festa acaba
>decido ir pra casa de um colega meu dormir la mas antes tenho um plano
>vou no quarto do meu irmao sem ele ver
>furo todas as camisinhas que tinham na gaveta
>penso que se ela engravidar eles saiam da casa da minha avó ou ela expulsa eles
>5 meses se passam
>noticia vem em meu caralivro
>"Bruno tu vai ser titio"
>nao acredito no que li
>se passa 3 meses e volto pra minha cidade pra férias
>a vagabunda agora ta morando com ele na mesma casa
>no meu antigo quarto
>tudo piorou agora
>eu só piorei tudo e hoje fico pensando que tudo isso foi por minha culpa
>fodase essa merda

O *greentext* é um artifício originário dos *message boards*. Porém, este parece ser um aspecto mais central na Panelinha do Bananal do que no 55chan, visto que os membros do primeiro parecem valorizar muito mais este tipo de escrita. A partir da observação no 55chan, foi possível vislumbrar aspectos da opinião do grupo em relação a esta questão da cultura *channer* ser transferida para o Facebook através dos grupos:

> Anões, creio que esta seja a melhor hora para dissertar sobre o assunto. O que vocês acham dos "mafiosos" virtuais do cancro? Há algum tempo eu venho observando os atos de tais jovens, eles criam uma espécie de lulz derrubando páginas famosas e atacando famosos (algo parecido com o que nós fazíamos antigamente). Eis a minha pergunta, já que os mesmos não são anônimos e cada vez mais os donos destes tipos de grupos estão ficando cada vez mais famosos e ganhando mais seguidores, qual será o desenrolar dessa história? Será que vão ganhar um espaço na mídia assim como os youtubers grandes ganharam recentemente?

Infelizmente, esta *thread* recebeu apenas uma resposta: “Quem plantou essa cultura no cancro foi os paneleiros”. Durante a observação, ao se deparar com esta postagem, o pesquisador pensou que “paneleiros” se referia especificamente a Panelinha do Bananal. Mas, ao analisar outras falas, foi sugerido que no Facebook existem diversos grupos similares a Panelinha do Bananal, cujos quais os sujeitos do 55chan se referem como “panelinhas”. Os membros do 55chan consideram que as panelinhas “roubam” o conteúdo postado no espaço. A apropriação de aspectos culturais dos *chans* por parte de terceiros não é bem aceita no espaço: “[o pior são] os vermes que roubam conteúdo daqui e postam nas panelinhas como se fosse de autoria deles”, “Várias páginas de humor e panelas do cancro roubam conteúdo daqui”, “Não me diga que esses bostas chamam de verde texto ainda por cima?” –

sobre o uso do *greentext* no Facebook, etc. Há uma postagem que vislumbra uma possibilidade bastante interessante:

> As chances desses grifinoristas [esquerdistas] serem de uma panelinha são infinitamente mais altas que ser do chan. Also, nem todos os paneleiros sabem da existência de chans, sei disso pois meu irmão mais novo e um amigo dele, dois canceres da sociedade, são típicos paneleiros e nem sabem o que é um chan.

De acordo com estas falas, a base de usuários das panelinhas é composta pelo membro *channer*, que leva aspectos culturais dos *imageboards* para o grupo, e pelo membro da panelinha em si, que utiliza dos artefatos trazidos pelo *channer* acreditando que são originários do próprio grupo. Em relação ao *greentext* e ao caráter do *chanspeak* existente nas panelinhas, um membro do 55chan diz:

> Não sou o anão que você quotou, mas eles chamam de GT. Eles também usam "explanar" no sentido de expor, no chan é usado apenas o "explane", que é uma corruptela de explain. Já vi alguns macacos usando "explanar" aqui no chan, mas a moderação não dá uma fornicação mesmo se você reportar.

Nestas últimas falas é possível observar que os membros do 55chan não simpatizam com o comportamento dos “paneleiros”. Isto indica que existe um movimento, onde, o sujeito “descobre” as panelinhas sem conhecer os *imageboards*. Mas, posteriormente, através do grupo, fica sabendo da existência destes espaços e passa a acessá-los. Os membros originários do 55chan demonstram se incomodar com as reapropriações que os aspectos subculturais dos *imageboards* sofrem nas panelinhas. Observam-se falas onde os indivíduos do 55chan reclamam sobre o uso indevido do *greentext*. As próprias palavras-chave dos grupos demonstram que existem convergências e divergências em relação aos assuntos tratados nestes espaços. A Figura 34 ilustra estas ocorrências. As palavras grandes são as convergências e as pequenas as divergências:

Figura 34 – Convergências e divergências entre as 50 palavras palavras-chave mais frequentes dos grupos

Fonte: Elaborada pelo autor

Por possuir uma quantidade de postagens muito maior, as ocorrências de palavras-chave do 55chan não possuem uma *thread* em específico onde são registradas a maior parte das ocorrências como ocorre na Panelinha do Bananal. Na realidade, destaca-se como estas palavras-chave estão bem distribuídas entre as postagens. As palavras-chave mais frequentes deste grupo são respectivas as expressões e referentes constantes dos indivíduos. Por exemplo, o uso da palavra “anão” (anon) para se referir aos membros do grupo aparece constantemente. A Figura 35 ilustra as palavras-chave mais frequentes do grupo.

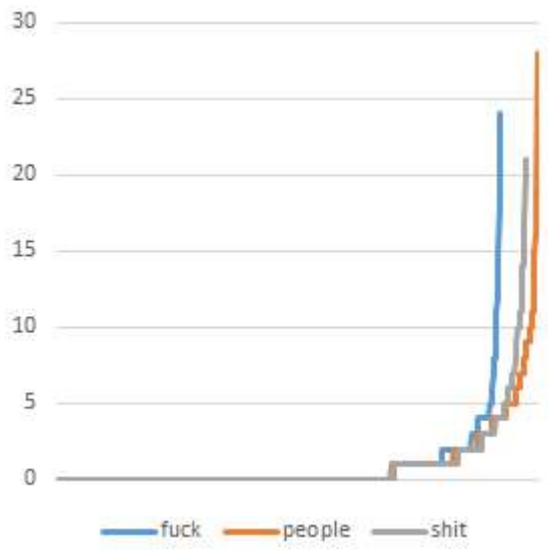
Figura 35 – As 100 palavras-chave mais frequentes do grupo experimental

Fonte: Elaborada pelo autor

A palavra-chave mais frequente do grupo é “fuck” (de “fode”, ou “fucking”, de “fodendo”), suas ocorrências são bem distribuídas, mesmo que o assunto sexo esteja longe da temática da discussão no momento de sua manifestação. Isto ocorre porque os sujeitos deste espaço utilizam expressões do inglês traduzidas “ao pé da letra” para o português. G*reentext* é “verdetexto”, smartphone é “espertofone”, *screenshot* é “telatiro” e assim por diante. Desta forma, por exemplo, “(...) I get the fuck out” é uma parte traduzida de uma postagem do 55chan que, em português, era “peguei a fornicação fora”. Muitos textos utilizam desta expressão, por isso é uma palavra-chave tão frequente: “Não preciso nem dizer que quem está desempregado HÁ UM FODENDO ANO”, “(...) Não dá pra levar um país desse a sério, quando até para tirar

um fodendo documento de trabalho é um sacrifício", "(...) Estou tentando como a fornicação convencer meu pai a vendê-las (...)", etc. É apenas uma expressão, não remete à sexo na maior parte das ocorrências. Da mesma forma, a maior parte das palavras-chave deste grupo são respectivas as expressões recorrentes. A Figura 36 ilustra a quantidade de ocorrências por *thread* das palavras-chave "fuck", "people" e "shit":

Figura 36 – Curva de crescimento da frequência da manifestação por *thread* das palavras-chave mais recorrentes do grupo experimental



Fonte: Elaborada pelo autor

Como é possível observar, há uma relação entre a frequência das palavras-chave nas *threads*. Isto simplesmente indica que estas se tornaram palavras-chave porque são muito usadas no espaço, não estão associadas com algum assunto em específico. Isto porque fazem parte dos temas recorrentes do grupo. O mesmo ocorre com a maior parte das palavras-chave. Por exemplo, "cum" ("porra") e "slut" ("depósito") possuem muitas ocorrências devido a forma tóxica cujos quais os membros do grupo se referem as mulheres – "depósitos" ou "depósitos de porra".

As palavras-chave do 55chan mostram que assuntos relativos a filosofia, religião e política são bastante discutidos neste espaço. Estes assuntos raramente surgem na Panelinha do Bananal. Ainda quando surgem, são discussões rasas quando comparadas com as do 55chan. Geralmente suscita entre rápidos comentários em publicações que não iniciam com este assunto. Já no 55chan,

existem *threads* focadas no assunto, assim como longos textos dos membros do grupo apresentando suas opiniões sobre o assunto.

A Figura 34 ilustra corretamente, de forma geral, o que foi verificado de existir em comum entre os grupos ao analisar as palavras-chave: o uso da expressão “anão” e outras do vocabulário *chanspeak*, a forma tóxica cuja qual os sujeitos se dirigem a figura feminina, o aspecto de falar sobre seus relacionamentos com amigos, família ou mesmo amorosos e, por fim, discussões sobre formação acadêmica e profissional. A próxima seção deste estudo busca se aprofundar nos temas, conceitos e categorias eixo dos espaços, assim como as divergências em suas manifestações.

5.7 OBJETOS, CONCEITOS E TAXONOMIA

Esta etapa do estudo foi a mais complexa no sentido de organizar os resultados. O tipo de conteúdo que aqui é analisado remete aos assuntos que são discutidos nos espaços. Desta forma, esta é a etapa adequada para verificar a hipótese da existência de uma relação entre o anonimato e a quantidade de vezes em que assuntos “tóxicos” são abordados.

Na seção 5.5 foi verificado que não há relação entre a intensidade das emoções e o anonimato. Mas, pode existir uma relação entre a manifestação do sentimento negativo e o anonimato. Com isso, entra outra hipótese: “os sujeitos estão utilizando do anonimato para expressar questões pessoais reprimidas”. Considera-se “reprimido” aquilo que o sujeito não consegue ou não pode manifestar em sua vida pública ou privada. Desta forma, para verificar esta hipótese, o conteúdo existente nos eixos identificados a partir desta etapa do estudo é analisado e, se, entre os grupos, nos mesmos eixos existirem divergências significativas na manifestação da fala, considera-se que esta hipótese possa ser verdadeira. Os “eixos” aqui sugeridos formam-se a partir do agrupamento qualitativo entre conceitos e taxonomia que são construídos neste momento da pesquisa.

Existe uma quantidade massiva de conteúdo para ser organizado. Foram detectadas ocorrências de 45189 categorias da taxonomia, 38387 conceitos e 512 objetos. Para organizá-las, as categorias identificadas nas postagens foram unidas, de forma a construir uma “lista” de todas que se manifestaram no espaço, sem repetições. Desta forma, os conceitos foram agrupados às categorias de forma que, quando houvesse uma ocorrência repetida de determinado conceito, um contador fosse incrementado para registrar esta repetição. Esta categorização é aplicada em

nível de grupo. Ou seja, os grupos controle e experimental possuem as categorias de acordo com o conteúdo que ali está inserido, mas giram em torno do eixo identificado a partir do aspecto qualitativo. Neste sentido, a verificação pelas “questões pessoais reprimidas” ocorre nas categorias em comum entre os grupos, isto é o que permite a construção do eixo.

Esta categorização foi um processo bastante complexo. Inicialmente, foram identificadas inúmeras divergências semânticas entre a taxonomia e os conceitos, postagens com conceitos ou categorias que não faziam referência alguma ao conteúdo. Após investigação, foi verificado que as categorias com maior acuracidade e os conceitos com maior relevância apresentavam maior precisão em representar o que as postagens manifestavam. Desta forma, foi estabelecido que somente categorias da taxonomia e conceitos com, respectivamente, acuracidade e relevância acima de 0,8 seriam contabilizadas para o estudo. Com esta filtragem, as relações entre taxonomia e conceitos passaram a fazer sentido, em razão de estarem semanticamente coerentes. As Tabelas 9 e 10 ilustram este cenário apresentando as 20 ocorrências mais frequentes por grupo:

Tabela 11 – Taxonomia e conceitos das *threads* do grupo controle por ordem de frequência

Taxonomia	**Conceitos (ocorrências)**	**Ocorrências**
/art and entertainment/movies and tv/movies	Fuck (21), Profanity (7)	28
/family and parenting/children/daycare and preschool	Freedom of information (3), History of the Internet (3), Internet (3), World Wide Web (3)	12
/art and entertainment/comics and animation/anime and manga	360 (1), Anime (1), Battle Angel Alita (1), Chuang Yi (1), Japonica Polonica Fantastica (1), Manga (1), Osamu Tezuka (1), Samurai Champloo (1), South Park (1)	9
/shopping/resources/warranties and service contracts	By the Way (9)	9
/society/sex	2008 albums (2), 2006 albums (1), Boy (1), Family (1), Horny (1), I Need Somebody (1), Love (1), Platonic love (1)	9
/art and entertainment/humor	Time (3), Monte Moir (1), Morris Day (1), The Final (1)	6
/law, govt and politics/law enforcement/police	Law enforcement agency (2), The Police (2), 2006 singles (1), Illegal drug trade (1)	6

/pets/large animals	Beetle (1), Dung beetle (1), Rykodisc albums (1), Scarabaeidae (1), Yumiko Kobayashi (1)	5
/science/social science/linguistics/translation	Brazil (2), Language (1), Romance languages (1), Spanish language (1)	5
/society/racismo	CP System (1), Mike Haggar (1), Miscegenation (1), Race (1), White people (1)	5
/society/unrest and war	Civil war (1), Rebellion (1), Revolution (1), São Paulo (1), World War II (1)	5
/sports/boxing	Muay Thai (2), Thailand (2), Boxing (1)	5
/art and entertainment/music	Hey Hey (2), Internet culture (1), Lurker (1)	4
/art and entertainment/shows and events/concert	Dave Mustaine (1), Dream Theater (1), Heavy metal music (1), Megadeth (1)	4
/law, govt and politics	Amanda Donohoe (1), Argument map (1), Humanities (1), Sheffield Wednesday F.C. (1)	4
/pets/dogs	Dog (4)	4
/religion and spirituality/atheism and agnosticismo	2008 singles (2), 2001 albums (1), 2009 singles (1)	4
/society/crime/personal offense/homicide	Dr. Dre (2), The Documentary (2)	4
/style and fashion/clothing/pants	1985 albums (1), 2002 albums (1), Chuck Norris (1), Trousers (1)	4
/health and fitness/disease/cancer	Criminal Investigation Department (3)	3

Fonte: Elaborada pelo autor

Tabela 12 – Taxonomia e conceitos das *threads* do grupo experimental por ordem de frequência

Taxonomia	**Conceitos (ocorrências** $[x > 1 \in Y]$**)**	**Ocorrências**
/science/social science/linguistics/translation	South Africa (33), Spanish language (33), Romance languages (31), Lingua franca (30), German language (3), French language (2), Portuguese language (2), Russian (2)	142
/society/sex	Fuck (31), Profanity (13), Debut albums (12), Sexual slang (6), Monkey (5), Dice (3), Sodomy (3), Human sexual behavior (2),	117

	ILOVEYOU (2), Primary color (2), Promiscuity (2)	
/society/unrest and war	Billboard Hot Dance Club Songs number-one singles (10), England (5), 2005 albums (4), War (4), What Happened (3), 1980s music groups (2), Civil war (2), Iraq War (2), James Brown (2), Venezuela (2)	61
/religion and spirituality	Religion (12), Atheism (10), Christianity (9), God (9), Deism (5), Western culture (3), Karl Marx (2) Subject (1), Subject-object problem (1)	60
/religion and spirituality/christianity/catholicism	Pope (8), Right-wing politics (6), Bishop (4), Catholic Church (4), Pope Benedict XVI (4), Pope John Paul II (4), Roman Catholic Church (3), Christian terms (2), Mika Nakashima (2), Roman Curia (2), Second Vatican Council (2)	56
/science/social science/philosophy	World (17), Universe (6), Plato (4), Epistemology (3), Philosophy (3), God is dead (2), Meaning of life (2), Socrates (2)	51
/religion and spirituality/atheism and agnosticismo	History of the Internet (10), Existence (5), Conceptions of God (3), Critical thinking (3), Existence of God (3), Nigel Dick (3), Agnosticism (2), Ignoratio elenchi (2), Neil Young (2)	39
/religion and spirituality/christianity	Bible (8), Jesus (5), New Testament (4), Heaven (3), Religious text (3), Christian theology (2), Prayer (2)	39
/art and entertainment/movies and tv/movies	Jedi (4), I Swear (3), Bad (2), Power (2), Sith (2)	36
/family and parenting/children	2007 singles (6), 2008 albums (3), Africa (3), Marriage (3), Child (2)	34
/law, govt and politics/legal issues/death penalty	Murder (14), Life imprisonment (9), Mental retardation (3), Death penalty (2), Use of capital punishment by nation (2)	32
/pets/dogs	Dog (6), United Kingdom (6), The Real (3), The Keys to the Kingdom (2)	31
/society/crime/personal offense/homicide	Morris Day (9), Monte Moir (8)	26
/society/senior living	English-language films (23)	23

/technology and computing/operating systems/Linux	Unix-like (5), GNOME (3), GNU (3), GNU Hurd (3), GNU Project (3), Richard Stallman (3), Linux kernel (2)	22
/shopping/gifts	2008 singles (6), Christmas (5), 1995 albums (4), By the Way (2)	20
/business and industrial/energy/oil	Petroleum (4), Jim Zeigler (3), Machine (3), University of Alabama (3)	18
/family and parenting/motherhood/pregnancy	Earth (16)	18
/law, govt and politics	Law (5), Avicenna (2), Question (2), Tanakh (2), Torah (2)	18
/society/crime	Sociology (6), Crime (2), Philosophy of mathematics (2), Prison (2)	18

Fonte: Elaborada pelo autor

Com esta relação, o próximo passo é de origem qualitativa: as categorias e conceitos são comparados e verificados entre os grupos com o objetivo de detectar similaridades que possam servir de parâmetro para a construção dos eixos da análise. Com isso, resta a análise dos objetos. Estes são, de acordo com o método, definidos pelo pesquisador durante a parte qualitativa da análise de conteúdo. Somente 512 objetos foram definidos durante a análise. Muito do conteúdo destes espaços é pouco representativo, com destaque na Panelinha do Bananal, que possui um grande volume de postagens sem conteúdo – cujo qual foram qualificadas tendo “shitposting” como objeto. Durante esta etapa, os objetos são buscados mais como um elo entre o que o pesquisador considerou relevante e o que o AlchemyLanguage detectou. As próximas subseções se especializam nos achados.

5.7.1 Os relacionamentos “amorosos”

Observando os conceitos dentro da categoria “sociedade e sexo” entre os grupos, verifica-se que na Panelinha do Bananal isto é tratado com um aspecto mais romantizado. Os conceitos que surgem são “família”, “safado”, “eu preciso de alguém”, “amor” e “amor platônico”. O último conceito em si foi uma surpresa para o pesquisador. Mas representa muito bem o relacionamento destes sujeitos. Há relatos de casos onde fica claro que a pessoa cujo qual o sujeito gosta está com um outro alguém.

> É anão,mais um ano se passou e ela está cada vez mais bonita né ? Ela está fazendo faculdade que ela sempre quis e ainda com o novo namorado, e você ainda pensa nelas nas madrugadas e todas suas lágrimas são um composto de raiva/tristeza e saudades. Não se culpe anão,a vida é uma jornada e a parte mais importante é saber lidar com o que você sente agora,não tem problema de chorar e xingar o mundo,mas isso é só uma fase,pode parecer eterna essa dor de despedida forçada,mas você sempre será mais poderoso que essa dor é apenas você pode provar isso. Eu sei que ela parece ser a única e você nunca irá se esquecer dela,mas você sempre deve guardar a experiências que ela te proporcionou. Ah,o atual dele pode parecer invencível é incrível,mas ele nunca será mais incrível que você,ele é apenas mais um e você sempre será mais especial e nunca falei o contrário. Lide com esse fardo,mas tente aproveitar dele,não será a última vez e nem será a pior,então sempre esteja preparado pra sentir esse vazio que chamamos popularmente de solidão

O AlchemyLanguage não detectou, mas há casos de incesto evidenciados em ambos os grupos. Na Panelinha do Bananal existe um relato onde um sujeito conta que se apaixonou pela irmã e mesmo praticava relações sexuais com ela – relação esta que encerrou de forma assombrosa. No 55chan há também estes relatos, mas sem este aspecto romântico. Existe uma *thread* cujos quais os sujeitos relatam suas "degenerações" do passado, onde diversas histórias de relações sexuais envolvendo incesto, inclusive homossexuais, são relatadas. Esta foi mesmo uma divergência identificada ao analisar o conteúdo entre os espaços: relações homossexuais não são citadas no não-anonimato, mas registram diversas ocorrências no anonimato (verificado através da observação).

Da mesma forma, no anonimato, a questão do fetiche é bastante comentada, inclusive "sodomia" é um conceito com 3 ocorrências na categoria "sociedade e sexo" do grupo experimental. Estes fetiches e parafilias incluem *cuckold*[17] (cujo qual o AlchemyLanguage não detectou a ocorrência), incesto (verificado pelos objetos), zoofilia (uma ocorrência do conceito), pedofilia (4 ocorrências do conceito "pornografia infantil") e sodomia (3 ocorrências do conceito). A sodomia sugere ser praticada com transgêneros (15 ocorrências do conceito "trangênero"), durante a masturbação (verificado através da observação) ou com a parceira (verificado através da observação) [fetiche também conhecido como *pegging*[18]]. No não-anonimato foram observados somente casos onde o sujeito relatou ter traído sua namorada ou praticado relações sexuais com alguém que *não deveria* por uma suposta questão

[17] Um homem cujo qual a cônjugue passa a praticar atividades sexuais com outros homens. Disponível em: <http://knowyourmeme.com/memes/cuck>. Acesso em 04 dez. 2017.
[18] Prática sexual onde a mulher penetra o ânus do homem com uma cinta vibrador. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pegging_(sexual_practice)>. Acesso em 04 dez. 2017.

moral: como a irmã do amigo, namorada do irmão e namorada do primo – casos evidenciados nos relatos.

Esta é uma evidência positiva em relação a hipótese de que os sujeitos utilizam do anonimato para expressar questões pessoais reprimidas. Embora no não-anonimato existam muitos desabafos dos sujeitos sobre suas "falhas" pessoais, não são tão profundos e sombrios como os do anonimato. Desta forma, os sujeitos conversam sobre suas experiências sexuais e sobre a "descoberta" das suas preferências neste sentido. A "degeneração" é citada constantemente e, de acordo com as falas, os sujeitos às associam com o fetiche. São desejos sexuais considerados negativos, que fogem do espectro das preferências do sujeito. Por exemplo, alguns indivíduos relatam excitação ao imaginar sua namorada em uma relação sexual com outro homem (existem relatos onde isso realmente acontece, o fetiche *cuckold*), desejo em se relacionar com pessoas do mesmo sexo, praticar incesto, relações com transgêneros, etc. Porém, existe uma dualidade em relação a estas falas. Parte dos membros do 55chan reclamam dos "degenerados", falas como "[preciso] ignorar mais de 100 threads todos os dias de degeneração" ou "Vão tomar no cu, degenerado do caralho" são recorrentes neste espaço. A manifestação mais icônica contra estas falas foi a de um membro do grupo em relação ao caráter tóxico dos *imageboards*: "(...) os chans foram criados por degenerados e sempre foram lugar para degeneração, o que caralhos vocês estão fazendo aqui? (...)" o que foi contraposto pela ideia de que "Os chans sempre foram um antro de falhos e virgens, não degenerados que fazem DotA [sexo]". Em oposição ao 55chan, na Panelinha do Bananal a "falha" é mais associada ao amor platônico e a inabilidade de "conseguir" sexo casual. Histórias inusitadas sobre tentativas fracassadas – ou que terminaram de forma caótica – de "profitar a depósito" ("conseguir" sexo casual com uma mulher) são exaltadas neste ambiente (mais sobre o assunto na seção 5.2).

No 55chan, sugere-se que uma relação estável com uma mulher [como o namoro ou o casamento], somente prospera se o homem manter a mulher "sob controle". Em uma *thread* onde os sujeitos foram questionados sobre "se apaixonar", destacam-se as seguintes falas: "Já [me apaixonei], diversas vezes. Isso durou até o dia que eu tive meu coração estuprado por uma vagabunda, desde então não me apaixonei mais (...)", "Sim [me apaixonei], incontáveis vezes. Sempre não correspondido. Uma bosta", "Aconteceu exatamente o mesmo comigo. Depois que a vadia fornicou [fodeu] com meus paus no meu cu [sentimentos] nunca mais me

apaixonei" – em resposta à estas postagens, "Foi uma experiência muito boa [me apaixonar], e recomendo a todos. O amor é uma coisa muito gostosa. Mas é uma faca de dois gumes, quando acaba, é literalmente horrível", "Só uma vez. Eu fazia todo o possível para vê-la feliz.(...) acabou quando eu entrei no Cancro [facebook] dela e li "Ah, o anão é tipo meu amigo gay (...) Acho que ele gosta de mim (...) só falo com ele porque né não quero deixar triste" ", "Já me apaixonei 4 vezes (...) Nunca fiquei com nenhuma delas e nem revelei que estava apaixonado", "Infelizmente sim [me apaixonei]. (...) Tentei duro [com intensidade] não me envolver emocionalmente, mas não consegui. O relacionamento foi complicado e o término está sendo difícil", "Já [me apaixonei], e ia dar certo (...) era a única garota da sala que não me tratava como o gordo retardado, afeminado e com problemas temperamentais que todos diziam que eu era (...) [mas] alguém tinha que sabotar", "Sim [me apaixonei]. Se apaixonar e ser correspondido é talvez a melhor sensação do mundo". Outros relatos com histórias mais completas revelam sujeitos que conseguiram concretizar suas paixões em um relacionamento. Porém, em todos os relatos a história "não teve um final feliz". Destacam-se falas onde os sujeitos afirmam que o namoro os deixava sufocados, "quando namorava, eu era castrado, apesar de me sentir feliz e satisfeito por um lado, eu não tinha opção de escolha" ou "acabei terminando [o namoro] porque ela não entendia que eu precisava do meu espaço".

Existe um espectro de desfechos para as "paixões" evidenciadas nas falas destes sujeitos. Destaca-se que não é regra a questão de demonizar a figura feminina. Sujeitos tentam relacionamentos e dizem ter aprendido com estas experiências, tentam novamente mesmo que relações passadas tenham tido términos difíceis. Colocando este espectro de forma mais cartesiana, a perpepção de relacionamento destes sujeitos divide-se em três correntes: (a) "não consegui me relacionar por incompetência própria", (b) "consegui me relacionar, foi [bom/ruim] e [me/não me] beneficiei da experiência" e (c) "tentei e [consegui/não consegui] me relacionar, mas não devo mais me envolver emocionalmente pois mulheres são interesseiras e enganadoras". No primeiro caso o sujeito se coloca como um problema, considera não ter os atributos necessários para conquistar um relacionamento. No segundo caso o aspecto é neutro, há um consenso para o fim do relacionamento. O sujeito não coloca o problema nas pessoas envolvidas, mas sim no envolvimento entre as pessoas. No terceiro caso, o mais tóxico e que vale ser ressaltado pela forma cuja qual desencadeia uma série de significados nestes espaços, ocorre quando o sujeito pensa

que é inviável o relacionamento com mulheres. Na perspectiva destes sujeitos, a figura feminina é enganadora e, de alguma forma, sempre busca o benefício próprio no relacionamento.

> (...) A depressão masculina começa desde a adolescência. Nesse período, os homens já percebem a profunda facilidade que as depósitos de porra [mulheres] possuem nos relacionamentos. Nas primeiras festinhas, os homens já percebem o quanto as depósitos de porra [mulheres] são assediadas e valorizadas e o quanto eles são insiginificantes para elas. Já começam a sofrer por elas desde cedo. Muitos deles foram desprezados na adolescência e trocados pelos bagunceiros e populares da escola, que eram esboços de cafajestes. A profunda desvalorização que os homens sofrem enquanto são novos é a causa da depressão dos mesmos. Muitos tomam inúmeros nãos, foras e ficam traumatizados com o fracasso. Muitos desistem de tentar chamar depósitos de porra [mulheres] para sair depois de tantos fracassos, pois se cansam de tanto sofrimento e experiências ruins e acabam se "contentando" com a solidão. Então eles passam a maior parte do tempo sozinhos e deprimidos. Outros conseguem um relacionamento, mas estão com a auto-estima tão baixa que vivem com medo de serem abandonados, e tratam a pitanga [namorada] como se fosse a última coisa que eles possuem na vida. A depressão masculina é real e muito forte. Só que os homens não reclamam como as depósitos de porra [mulheres]. Elas falam absurdos quando estão deprimidas e chamam a atenção de todo mundo os seus problemas, mas eles sofrem calados. Muitos cometem churrasco no banheiro [suicídio] quando ninguém espera, pois eles escondem a depressão de todos. Outros manifestam a depressão através de hábitos nocivos. Muitos homens dizem que estão bem, mas fumam e bebem num nível excessivo para quem se diz "feliz". Ou seja, eles camuflam a depressão com vícios e com excesso de trabalho. O homem vive na depressão porque é desvalorizado o tempo inteiro. Ele é humilhado pela depósito de porra [mulher] que ama. Ele sabe que não terá meio nem condições de conquistá-la e que talvez a mesma não seja o que ele imagina. Além de ser desvalorizado, o homem sofre porque sabe que não achará o tipo de depósito de porra [mulher] que ele procura. Ele frequentemente é coerente, mas percebe que o modelo de homem que as depósitos de porra [mulher] valorizam é incoerente. Essa injustiça provoca no homem um pau no meu cu [sentimento] profundo de impotência em relação à realidade.

Este texto, retirado do 55chan, enuncia perfeitamente a fala dos sujeitos deste grupo, de acordo com o que foi verificado na observação. Esta visão em relação à figura feminina gera uma série de significados. Os sujeitos criam estereótipos, caricaturas, do “alpha”, do “beta”, do “descolado”, da “depósito de porra”, etc (mais sobre estes personagens em 5.2). Há uma conspiração que suscita a ideia de que a mulher busca um relacionamento estável com um homem que possa sustentá-la. Mas, se esse homem não for “acertivo” em “mantê-la sob controle”, ela irá mantê-lo pela estabilidade à medida em que busca sexo fora do relacionamento. Esta mesma percepção pode ser observada na Panelinha do Bananal, e surge de forma tão explícita quanto no 55chan. Se realmente existe uma relação entre o anonimato e a expressão de questões pessoais reprimidas, isto não vale para um conjunto limitado

de assuntos. Para ilustrar o caso, este texto foi retirado de uma publicação da Panelinha do Bananal:

> Ei anão! Sim! Você mesmo que tem menos de 3 meses de namoro! Só pra te lembrar que os lábios dela ainda tem vestígios de porra alheia tá? E claro... Ainda sonha com a rola do ex. Porque toda mulher quando sai de um relacionamento sonha com a rola do ex. Confessa aqui... Na hora da foda ela fecha os olhos? E N T Ã O! Ela está lembrando de quando recebia um pau que pelo menos tocava no útero. Quando a penetração não deixava folgas ou espaços. Quando ela conseguia segurar com as duas mãos. Ela tá lembrando de rola de verdade. De ser puxada pelos cabelos e de ser agarrada pela cintura sem chance de escapatória. Mas você... Não... Você está vivendo um continho de fadas de bosta. Você quer andar de mãos dadas e ela quer encher as mãos de pica. Você quer olhar o céu e as estrelas. Ela quer uma rola estrelando no céu da boca dela. Você quer rosas e ela quer cravo. Você quer passar sorvete no nariz dela e ela quer porra quente na cara inteira. Parabéns. você é um perfeito falho. Torcendo aqui pra esse namoro de merda passar de 3 meses. Aí ela vai começar a trepar com você falando "Me fode direito". Hoje em dia ela ainda não tem essa coragem. Mas assim que passar a carência dos 3 meses, ela vai começar a ter fome de rola. E aí? Vai saciar a fome dela? Ou ela vai ter que comer fora? Chega no ouvido dela e pergunta se já enfiaram um pepino na buceta dela. MAS CUIDADO!!! Ela pode responder perguntando "De que tamanho?" e você vai inundar o travesseiro com choro. Na verdade, caro anão, essa enrolação toda é pra dizer: TERMINA LOGO. Ela vai te trocar pelo primeiro cara mais interessante que você. E convenhamos, de interessante, você não tem nada. Boa noite

A resposta destes sujeitos à está forma de enxergar a realidade parece ser deixar de ser "falho": tentar não ser o "beta" e passar a agir como o "alpha". Com isso, os sujeitos se engajam em uma série de processos para o "auto-aperfeiçoamento". Os processos que se destacam são o *nofap*[19], o exercício físico e as mudanças de conduta. A seção 5.2 deste estudo embasa estas caraterísticas. Até este momento do estudo, considera-se que a hipótese de que "os sujeitos estão utilizando do anonimato para expressar questões pessoais reprimidas" tende a ser verdadeira. Isto pelas mudanças observadas nos relatos de "degeneração", onde no anonimato foram verificadas falas muito mais profundas neste sentido.

5.7.2 Questões culturais: convergências e divergências

Esta seção do estudo disserta sobre as convergências e divergências culturais destes espaços. Abordando as mídias que estes sujeitos consomem e a utilização do espaço para a discussão e a recreação – o lado menos tóxico destas subculturas. Em um primeiro momento, foi verificado que os sujeitos esperam a cooperação do grupo

[19] Prática em que o sujeito evita qualquer forma artificial de estimulação sexual, como a masturbação ou o consumo de pornografia. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Nofap>. Acesso em: 05 dez. 2017.

cujo qual estão inseridos para uma variedade de propósitos. Desde ajudar a encontrar determinado conteúdo que estão procurando na internet, até conselhos sobre situações enfrentadas. A questão do "anão é irmão" surge em ambos os grupos e, em ambos os grupos há também uma descrença em relação a benevolência dos membros.

Em relação ao consumo de mídia, na Panelinha do Bananal, observa-se que a categoria com mais recorrências é "filmes" e isto está associado com os conceitos "foda" (21 ocorrências) e "profanação" (7 ocorrências). Foi verificado que nestes casos nunca existiu referência alguma a filmes. Somente sujeitos comentando que determinada história enviada através do *greentext* poderia virar um filme. Aparentemente, o AlchemyLanguage associou frases com ocorrência da expressão "what the fuck" ou "holy shit" com a categoria "filmes". A razão para tal associação não pôde ser verificada. Destaca-se aqui a "fome de realidade" apontada por Sibilia (2014), o *greentext* é um artefato subcultural extremamente relevante para a Panelinha do Bananal. Histórias reais, autobiográficas, contadas majoritariamente na primeira pessoa do singular. Este parece ser a principal forma de mídia produzida e consumida dentro do grupo. A linha de discussão resultante deste tipo de publicação não se desenvolve em um diálogo entre os sujeitos, mas em um festival de comentários isolados demonstrando certa identificação ou confirmando a qualidade da história através da representação textual do riso.

Fora isso, anime e mangá é o tipo de mídia que mais possui repercussão no espaço (com 9 ocorrências do conceito e 3 ocorrências do objeto). Os membros do grupo pedem recomendações deste tipo de conteúdo, ou mesmo fazem publicações sugerindo espontaneamente ao grupo. Fora isso, há discussão sobre as histórias destas ficções, estes foram uns dos poucos momentos em que de fato os sujeitos deste grupo conversaram entre si.

> [Fio sério destinado a quem assistiu death note] E aí pessoal, tudo bom? O que vocês acharam da obra em si? Pela primeira vez que eu assisti eu achei legal, mas assisti pela segunda vez alguns anos depois (essa semana) e vi que tem muita coisa que passa em branco, exemplo: Kira, Light etc, não é alguém que teve seu senso de justiça forçado (não é como um herói que perdeu alguém e quer sair por aí caçando criminosos) ele é apenas um adolescente, tanto que no começo da serie ele é apenas um estudante terminando o ensino médio, o que me leva a crer que ele tinha algum tipo de anomalia psicológica por não sentir remorso ou medo algum (ele se assustou quando viu o shinigami mas foi só isso). Outro detalhe é que eu fui totalmente team kira da primeira vez que assisti, mas vendo pela segunda vez percebi que poder demais na mão de qualquer ser humano pode ser catastrófico (digo

> isso isso porque levando pela realidade, vários governos tentaram pegar ele e não conseguiram e as entidades existentes no caso os shinigamis não deram uma foda pro que ele estava fazendo) pois ele não matou só bandidos. Podem dissertar

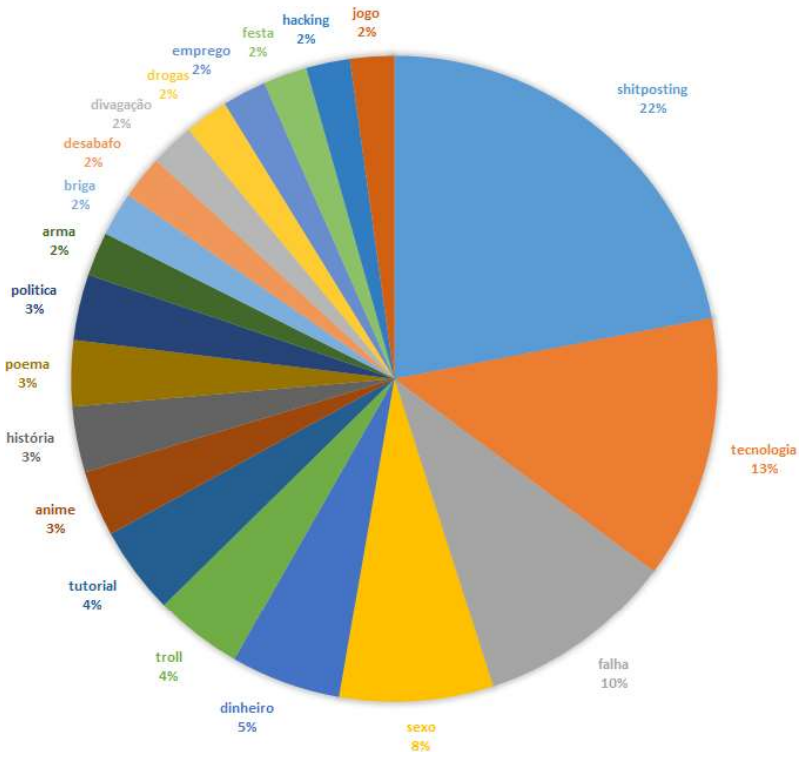
Animes e mangá são também citados no 55chan. Porém, as discussões geralmente suscitam em questionar a qualidade da obra em si. Obras como Neon Genesis: Evangelion e Berserk sugerem estar acima de qualquer questionamento. Da mesma forma, "filmes" (36 ocorrências da categoria) são discutidos tendo em vista a qualidade e o desenvolvimento da história. Foram verificadas discussões mais aprofundadas sobre Matrix (verificado pela observação) e Star Wars (4 ocorrências do conceito "Jedi" e 2 ocorrências do conceito "Sith").

Na Panelinha do Bananal, ao observar o uso exacerbado dos arfetatos subculturais dos *imageboards*, não há como não associar isto a concepção dos participantes "autênticos" e "poseurs" existentes nas subculturas (HAENFLER, 2014). Isto fica claro principalmente no uso do *greentext*, que é mais utilizado na Panelinha do Bananal do que no 55chan, mesmo sendo originário dos *imageboards*. Isto parece ser análogo aos participantes de subculturas que utilizam o estilo do grupo em sua manifestação máxima, às vezes de forma muito mais marcante do que os participantes mais antigos e que entendem melhor a cultura do grupo os usa.

A categoria "humor" (6 ocorrências) na Panelinha do Bananal surge em momentos onde os sujeitos evidenciam riso [ou ausência de riso] em relação a alguma postagem: "MEU DEUS, MEUS LADOS KKKKKKKKKKKKKKKKK", "Perdi meus lados kkkkk", "não sei o pq, mas me fez rir", "nem ri", "A risada do final foi pra acabar", etc. Já a categoria "música" (4 ocorrências) não fez associação alguma ao assunto. Algumas postagens associadas a estas categorias remetem a jogos, outras a política e o resto às postagens com linguagem de internet. Novamente, não foi evidenciada a razão desta associação. Porém, na categoria "concertos" (4 ocorrências), os membros do grupo demonstraram interesse por bandas de *metal* como Megadeth (ocorrência dos conceitos "Megadeth" e "Dave Mustaine", *frontman* da banda) e Dream Teather (1 ocorrência do conceito).

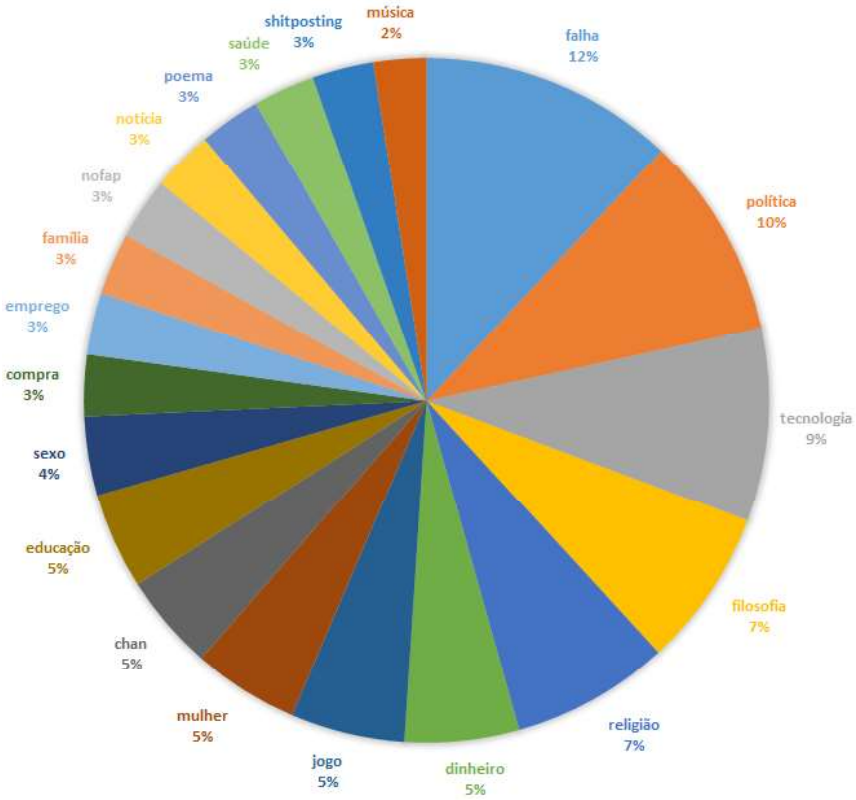
Jogos digitais também são formas de entretenimento evidenciadas em ambos os grupos. O AlchemyLanguage não detectou estas ocorrências, mas a classificação dos objetos das postagens sim. As Figuras 37 e 38 ilustram os 20 objetos mais frequentes por grupo.

Figura 37 – Os 20 objetos com mais ocorrências do grupo controle



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 38 – Os 20 objetos com mais ocorrências do grupo experimental



Fonte: Elaborada pelo autor

Em ambos os casos existe o objeto jogo, ocupando 2% dos objetos do grupo controle e 5% dos do grupo experimental. No grupo controle não foram evidenciadas discussões sobre os jogos, apenas sujeitos pedindo ajuda ao grupo para realizar determinada configuração – geralmente configuração para habilitar o usuário a jogar em rede. No 55chan ocorrem discussões sobre os jogos, especificamente sobre sua repercussão e mérito, assim como reclamações acerca da qualidade destas obras. Parte das ocorrências do objeto "compra" (ocupa 4% dos objetos), está relativo a aquisição de jogos. Os sujeitos discutem sobre quais jogos valem a pena serem adquiridos, isto com o intuito de evitar cair em alguma "pescaria" e comprar um jogo ruim.

Em relação as postagens de cunho tecnológico (13% do todo dos objetos), foi verificado que no grupo controle, a maior parte das postagens são pedidos de ajuda com alguma configuração ou problema. Também há evidências de postagens onde os sujeitos pedem para o grupo avaliar a compra de algum dispositivo ou componentes para o computador. Existem tutoriais ensinando os usuários a se protegerem na internet. Assim como outros que ensinam os sujeitos a realizarem trapaças, como utilizar algum serviço da internet de graça ou "burlar" a função ou validação de um sistema – algo similar ao *hacking*. Algo evidente em ambos os grupos é o desejo de aprender a programar, embora no 55chan isto seja mais evidente. Existem *threads* onde sujeitos pedem conselhos sobre como melhorar seus códigos-fonte, o que é bem recebido pelos membros do grupo. Pela forma como a discussão acontece, é possível que muitos programadores frequentem o espaço. Há inclusive discussões sobre a qualidade das linguagens de programação. Um aspecto que chama atenção no 55chan, são as ocorrências de postagens sobre *software* FOSS[20], como o sistema operacional GNU/Linux (categoria "linux" possui 22 ocorrências no grupo experimental). Assunto este que não é abordado na Panelinha do Bananal. Há até mesmo uma certa militância neste sentido, como pode ser observado nesta fala, que é copiada e colada em momentos onde os sujeitos se referem ao sistema operacional somente como "Linux", ao invés de "GNU/Linux":

> Eu apenas gostaria de interromper por um momento. O que você está se referindo a como Linux, é na verdade, GNU/Linux, ou como eu passei recentemente a chamá-lo, GNU e Linux. Linux não é um sistema operacional por si, mas sim outro componente livre de um sistema totalmente funcional

[20] Software livre e de código aberto.

> do GNU feito útil pelo GNU corelibs, utilitários de shell e componentes vitais do sistema composto por um sistema operacional completo, como definido por POSIX. Muitos usuários de computador executam uma versão modificada do sistema GNU, todos os dias, sem perceber. Através de uma peculiar reviravolta dos acontecimentos, a versão do GNU que é largamente utilizada hoje é muitas vezes chamada de "Linux", e muitos de seus usuários não estão cientes de que é basicamente o sistema de GNU, desenvolvido pelo projeto GNU. Há realmente um Linux e essas pessoas estão usando, mas é apenas uma parte do sistema que eles usam. Linux é o kernel: o programa no sistema que aloca os recursos da máquina para os outros programas que você executa. O kernel é uma parte essencial de um sistema operacional, mas inútil por si só; ele só pode funcionar no contexto de um sistema operacional completo. Linux é normalmente utilizado em combinação com o sistema operacional GNU: o sistema é basicamente GNU com adição do Linux ou GNU/Linux. Todas as distribuições "Linux" assim chamadas são realmente as distribuições de GNU/Linux.

Por fim, vale ressaltar as divergências quanto à categoria “religião” (4 ocorrências no grupo controle e 155 no grupo experimental). Na Panelinha do Bananal, os sujeitos não se manifestaram neste sentido. Em relação ao transcendental, somente existem contos ao estilo *creepypasta*[21]. Nas postagens onde o AlchemyLanguage associou o conteúdo ao “ateísmo”, foram verificadas somente postagens que apresentam a ideia de descrença, nada relativo a religião: “queres mesmo que a gente acredite, de uma melhorada anão, assim não vai dar não”.

Por outro lado, o 55chan apresentou grande diversidade neste sentido. Foram verificadas discussões sobre o ateísmo, catolicismo, espiritismo, evangelismo, gnosticismo, judaísmo, mormonismo e ocultismo de forma geral. Vale ressaltar que o AlchemyLanguage reconheceu algumas falas sobre *trading card gaming*[22] como sendo religião. As discussões são, de forma geral, respeitosas. Geralmente compostas pelo (a) membro que possui curiosidade em relação a determinada religião e pergunta se há alguém no grupo que pratica ou que possui conhecimentos sobre as crenças em específico. Pelo (b) membro que possui estes conhecimentos e responde às perguntas dos sujeitos. E, por fim, pelo (c) “intermediário”, que desvia o foco principal do assunto para um outro, seja através da exposição de sua opinião, de vivências laterais ao assunto ou do *trolling*, que intencionalmente ridiculariza as crenças dos sujeitos. Durante a observação, os sujeitos eventualmente se referiam à uma *board* chamada /abyss/, cuja qual não estava listada entre as *boards* do *website*. Ao tentar acessar o endereço respectivo (https://55chan.org/abyss), uma *board* sobre

[21] Histórias ou lendas de terror que são divulgadas e viralizam através da internet. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Creepypasta>. Acesso em: 05 dez. 2017.
[22] Jogo de cartas colecionáveis, como Magic: The Gathering ou Yu-Gi-Oh!. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Collectible_card_game>. Acesso em: 05 dez. 2017.

ocultismo se revelou, chamada de “O abismo”. Aparentemente existem *boards* “secretas” neste espaço.

Não foi verificada uma religião predominante no espaço. Porém, fica evidente um caráter de repúdio contra a figura do judeu, o que pode ser evidenciado em ambos os espaços. Porém, este repúdio possui viés político ao invés de religioso, como pode ser evidenciado nesta fala de um membro do grupo controle:

> >expulsos de mais de 100 países
> >ganham dinheiro com mentiras
> >só fazem amigos dentro do próprio grupo
> >fazem guerras pra aumentar a fortuna deles
> >roubam países alheios
> >vendem o próprio povo para manter o poder
> >acreditam que são o povo escolhido,mesmo com os nazistas e serem escravos
> Você ainda acredita num país onde Judeu$ podem mandar na nossa sociedade atual ?

As discussões religiosas geralmente permeiam entre filosofia, política e história. Porém, este estudo não possui estrutura para abordar a controversa visão política ou filosófica destes sujeitos, nem mesmo que seja uma simples exposição do conteúdo.

> Querem mais mesmo? Minha vida é muita degeneração, mas na sociedade sou o mais discreto possível. Lendo o que escrevo, pode parecer que sou um subversivo etc, mas sou bem conservador, machista, religioso e moralista na vida social e íntima com parentes.

Como pode ser observado nesta fala, há uma contradição: “eu sou mas não sou”. Porém, mais importante do que isso, falas como esta sugerem o que foi teorizado neste estudo. O espaço anônimo se situa fora das esferas pública e privada da vida dos sujeitos. Os relatos são carregados de intimidade, realmente há uma confiança neste anonimato. Em relação a hipótese de que os sujeitos usam do anonimato para expressar questões pessoais reprimidas, sugere-se que há uma tendência de que seja verdadeira. Ao menos pode ser verdadeira em relação a exposição de relatos sobre sexo. No caso da religião, embora só haja manifestação no anonimato, não foi verificado conteúdo onde algum membro remetia sentir-se reprimido em relação a prática religiosa. Portanto, é importante resguardar um cuidado em relação àquilo que é divergência entre a cultura dos espaços e o que se manifesta em função do anonimato. Se não há ocorrência de um fenômeno no não-anonimato, não há como relacionar isso com o anonimato. No caso dos relatos sobre a vida sexual dos sujeitos e suas opiniões de origem tóxica, foi evidenciado uma expressão mais tímida no não-

anonimato. Mas, que no ambiente anônimo foi intensificada sem perder o que já era característico do não-anonimato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez a pergunta mais subversiva que possa ser feita em relação a este tipo de estudo seja: *e daí*?. Qual a relevância deste tipo de análise? Por que estudar estas subculturas importa? Porém, entrar neste mérito implica em questionar a relevância das pesquisas de base como um todo, não é só porque não há uma aplicação previamente determinada que o estudo não seja necessário. Mas, com certeza o mérito desta pesquisa é a identificação de uma problemática. *Message boards* nasceram em uma sociedade que restringe a expressão, mas isso parece ser característico de outras várias sociedades, inclusive as do Brasil.

Imageboards não são um espaço voltado para o lazer, os sujeitos não acessam para conversar sobre suas músicas, filmes ou livros favoritos. Embora isto exista, o foco claramente não é esse. Há muita angústia que transita entre as mensagens dos grupos. Há muito ódio sendo emitido, realmente na perspectiva de um sentimento negativo como foi identificado. Talvez, na modernidade, não seja necessária somente a gestão dos "medos modernos" como afirma Bauman (2014), mas também a gestão do "ódio moderno". Parece haver muito sentimento negativo reprimido, cujos quais as esferas pública e privada da vida não permitem expressar. O anonimato da internet parece funcionar como um mecanismo de gestão deste ódio moderno. Portanto, é inviável, na perspectiva dos conceitos de Suler (2004), avaliar o conteúdo produzido na esfera anônima como sendo tóxico ou subversivo – embora estes termos sejam utilizados com certa frequência neste estudo. Tampouco, não podem ser avaliados como benignos, mas como uma *consequência* do ambiente cujos quais os sujeitos estão inseridos.

Por outro lado, recortes de falas misóginas, racistas e sexistas compõem a apresentação dos resultados. Por mais que se possa pensar em razões para as falas destes sujeitos, não existem justificativas para a toxicidade existente nestes discursos. O autor conduz a apresentação dos resultados da forma mais relativista possível, sem se posicionar diante de nenhuma questão. O comprometimento do pesquisador é com a exposição do conteúdo que ali existe. Porém, o autor pessoalmente não concorda, apoia ou corrobora com este tipo de comportamento tóxico. Pelo contrário, ao realizar esta pesquisa o autor sentiu mal-estar em reação a estar exposto a este tipo de conteúdo.

A lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989[23] determina os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Da mesma forma, existe um projeto de lei lançado em 2017 que busca incluir a misoginia como Crime de Ódio. Uma das justificativas para esta lei são o *cyber-stalking*, a invasão de privacidade *online*, o uso não autorizado de fotos e vídeos através da internet e outras violências praticadas contra a mulher por via da internet. Verifica-se também a ação de campanhas como o SOVAW[24] (Stop Online Violence Against Woman) que buscam conscientizar os sujeitos para a questão da violência contra a mulher na internet. Em vários espaços digitais, inclusive em sites de redes sociais há uma reação contra estas falas tóxicas. Falas estas que não se manifestam apenas em *imageboards*, embora nestes espaços isto seja mais intenso.

Porém, é complicado se referir aos *message boards* como sendo "máquinas de ódio da internet" sem buscar o âmago da questão. É claro que, como é dito por Haenfler (2014), subculturas emergem por vários motivos, os sujeitos sentem-se diferentes dos demais mesmo que não exista tanto antagonismo assim. Neste sentido, o sentimento de não-pertencimento a concepção de uma "cultura *mainstream*" poderia ser mais uma questão do próprio sujeito do que da sociedade em si. Mas, isto não parece ser verdade nos *imageboards*. Ou de forma mais precisa, este aspecto é impossível de ser avaliado. Análogo à Montardo (2016), onde desdobra-se um possível encontro entre a Teoria de Prática e o consumo digital, coloca-se que o consumo digital só pode ser compreendido como performance nos casos onde há identificação do sujeito, visto que é necessário realizar um paralelo entre a prática e a identidade nesta frente teórica. Da mesma forma, se não há identificação dos sujeitos, como saber se este ódio é "real"?

Estas últimas colocações podem parecer um pouco contraditórias, mas pouco importa se o "ódio" é ou não real. O fato é que o conteúdo existe e, se existe, isto precisa necessariamente significar alguma coisa. Acreditar ou não nos relatos é um *contrato* cujo qual se assina cada vez que se consome uma obra biográfica (SIBILIA, 2008). Em uma perspectiva mais subjetiva, foi verificado que existem divergências entre os relatos pessoais do anonimato e do não-anonimato. Enquanto que no não-anonimato o aspecto da "falha" era encarado mais em um ritmo de piada, no anonimato foi verificado um aspecto mais sombrio nestas falas. O mesmo vale para a vida sexual dos sujeitos. No anonimato foram evidenciados relatos de experiências

[23] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7716.htm>. Acesso em: 06 fev. 2018.
[24] Disponível em: <http://stoponlinevaw.com/about/>. Acesso em: 06 fev. 2018.

homossexuais, incestuosas e parafílicas de forma geral. No não-anonimato, apenas um relato de experiência incestuosa foi verificado, que mesmo possuía aspecto romântico em sua manifestação. Nem mesmo experiências homossexuais foram evidenciadas. Existe uma diferença na carga destas falas, o 55chan sugere um caráter de “confissão”, antagônico ao ritmo jocoso da Panelinha do Bananal.

Com isto, sugere-se que a hipótese de que “existe uma relação entre a intensidade das emoções e sentimentos dos sujeitos e o anonimato” seja parcialmente verdadeira. Não foram verificadas alterações significativas nas emoções, mas o grupo anônimo demonstrou ser significativamente mais negativo do que o não-anonimo na manifestação do sentimento. Desta forma, parece haver uma relação entre o anonimato e a presença do sentimento negativo.

Sobre a hipótese de que de que há “uma relação entre o anonimato e a quantidade de vezes em que assuntos “tóxicos” são abordados”, considera-se que seja positiva, até porque “tóxico” e “benígno” precisem ser tratados com certo relativismo. A opinião em relação a figura feminina se mostrou mais “tímida” no grupo controle, enquanto se manifestava claramente no grupo experimental. A visão dos sujeitos coincide, mas apenas um pedaço desta visão foi evidenciado no não-anonimato. Embora haja esta evidência, é impossível verificar se os sujeitos do não-anonimato não são apenas mais moderados neste sentido. Mas, já que o objeto de análise é o conteúdo e não o sujeito, sugere-se que a hipótese seja positiva.

Em relação a última hipótese, de que os “sujeitos estão utilizando do anonimato para expressar questões pessoais reprimidas”, considera-se inverificável. Na perspectiva do conteúdo, sugere ser positiva em vista à forma cujos quais os assuntos se manifestam. Mas, não há aporte teórico no estudo para definir o que é e o que não é “reprimido”. Quando a subjetividade do sujeito entra em questão ao analisar um espaço onde as identidades não são reconhecidas, tudo é mera conjuntura.

Sobre o objetivo geral da pesquisa, de “verificar as implicações da vigilância no anonimato das subculturas dos *imageboards*”, foi evidenciado que o maior fator de impacto é relativo às vigilâncias praticadas pelos sujeitos. Os membros do grupo controle não demonstram saber ou se importar com possíveis vigilâncias praticadas por empresas ou governos. Mas, demonstram receio em manifestar determinada fala devido ao medo de que algum usuário do site de redes sociais denuncie o grupo. No grupo experimental, os sujeitos não demonstraram este receio. Por outro lado, em ambos os espaços ferramentas anonimizadoras ou falas que sugeriam que a ideia de

anonimato era irreal foram evidenciadas. No entanto, escassas quando comparadas aos relatos que, pelo senso comum, pareciam ser um “segredo”. De forma geral, não é uma possível vigilância praticada por empresas ou governos que define se os sujeitos vão ou não compartilhar determinada informação. Porém, não há como verificar se os membros dos grupos estão ou não utilizando alguma ferramenta anonimizadora para acessar os espaços.

Este grupo foi compreendido como subcultura tendo como base a expressão através do texto escrito. Texto este que se manifesta por meio de estilo (formal ou informal) e de conteúdo (tóxico, sexista, filosófico, etc.). Desta forma, destaca-se a importância da etnografia como método de análise, visto que o conteúdo textual é incidente de uma subcultura em específico. No entanto, devido à questão do anonimato, somente a etapa da observação tenha sido utilizada. Através das análises quantitativas e qualitativas é possível supor que haja um tipo de performance nestas subculturas. As divergências na manifestação dos sentimentos, o estilo do texto e o conteúdo abordado são evidências para esta suposição. Isto sugere que a adesão dos membros a estas características possa ser fundada através de uma noção de pertencimento. Com isso, as características evidenciadas nas falas carregariam uma “marca” destas subculturas fundadas no anonimato. As questões de alteridade se converteriam a uma questão de encontrar um lugar onde existem outros que são “iguais”, o que pode ser evidenciado pela concepção de que estes espaços são enxergados como uma espécie de “lar” pelos usuários.

Ainda há muito o que explorar em relação ao *corpus* utilizado na pesquisa. Somente um pedaço do conteúdo foi analisado devido ao processo de filtragem. Além de que erros de tradução fizeram com que parte dos textos não refletissem seu real significado. O método da pesquisa não foi aprofundado em nenhum âmbito. Há uma análise quantitativa, mas não buscou o método estatístico e a correlação das variáveis. Também há um método qualitativo, mas é um “pedaço” do método da etnografia aliado à analise de conteúdo. Também não houve aprofundamento em métodos mais complexos como a plena etnografia ou a análise do discurso. É claro que, a linguagem enganadora destas subculturas pode “confundir” a análise computacional se esta não estiver devidamente preparada. Da mesma forma, a ausência da identidade dos sujeitos dificulta métodos como a etnografia ou a análise do discurso, que levam em conta *quem* está falando.

Aliar partes de métodos qualitativos e quantitativos pode reduzir estas dificuldades. Porém, independente do que for utilizado, é necessário sempre ser “desconfiado” dos resultados. O conteúdo produzido neste tipo de subcultura é enganador, o que torna inviável qualquer “conclusão”. Para próximos estudos, vale analisar os espaços individualmente, sem realizar qualquer paralelo. A utilização de métodos exclusivamente qualitativos ou quantitativos podem proporcionar resultados mais profundos em suas respectivas categorias de análise. O processo de análise pelo AlchemyLanguage pode ser substituído por algum (se existir) que analise texto em português, evitando a necessidade de traduzir. Mas, de qualquer forma, este processo de análise precisa entender o vocabulário *chanspeak* adequadamente, uma revisão manual do texto pode ser inevitável. Em relação ao *corpus*, somente uma parcela foi utilizada neste estudo. A utilização do todo pode revelar categorias de conteúdo que não foram observadas a partir do que restou da filtragem. Da mesma forma, a amostragem compreendeu postagens dentro do período de um mês. É possível que o conteúdo sofra alteração dependendo da época em que se encontra. Portanto, um *corpus* não necessariamente mais extenso, mas que compreenda um período de tempo maior pode ser relevante para este tipo de análise.

REFERÊNCIAS

ALLMER, Thomas. **Towards a critical theory of surveillance in informational capitalism**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2012. Disponível em: <http://www.allmer.uti.at/wp-content/uploads/2015/04/4438-8248-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

ANGROSINO, Michael. Observação etnográfica. In: **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANTONIO, Bruno L. C. T. **NÓS SOMOS ANONYMOUS:** As relações comunicacionais entre o Coletivo Anonymous e a mídia. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4515>. Acesso em: 03 dez. 2016.

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Org.) **História da vida privada:** da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 7-19.

ARMIN, Jart et al, 2020 Cybercrime Economic Costs: No Measure No Solution, In: _____. **IEEE**, 2015, p. 701–710. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/document/7299982/>. Acesso em: 03 dez. 2016.

ASSEMBLY, UN General. Universal declaration of human rights. **UN General Assembly**, 1948. Disponível em: <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. rev. e ampl. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.

BARNES, Susan B. A privacy paradox: Social networking in the United States. **First Monday**, v. 11, n. 9, 2006. Disponível em: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/1394>. Acesso em: 27 ago. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRASIL. **Redação final do Projeto de Lei da Câmara 21/2014.** Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil. Brasília: Congresso Nacional. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/116682>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Diário Oficial da União, 2016. Disponível em <http://www.feevale.br/Comum/midias/a5ab4418-2b06-46fe-af8d-419172af41cb/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20510%20-%20Ci%C3%AAncias%20sociais%20e%20humanas.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2017.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BOUGNOUX, Daniel. Abertura informacional e reduto comunicacional. In: _____. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 125-154.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser:** vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CAS, Johann. Privacy in pervasive computing environments-a contradiction in terms? **IEEE Technology and Society Magazine**, v. 24, n. 1, p. 24-33, 2005. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/document/1407744/>. Acesso em: 03 dez. 2016.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Networks of outrage and hope:** social movements in the Internet age. 2. ed. Cambridge, UK ; Malden, MA: Polity Press, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva**, o fundamento da competência comunicacional. 2009. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/>. Acesso em: 01 fev. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick.; DE BRITO, Trad C. L.; DE SOUZA, Wander. E. Identidade linguística, identidade cultural: Uma relação paradoxal. In: _____. **Discurso e Desigualdade Social**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 15-28.

CHAVES. **55chan.org - um "4chan brasileiro"**. 2010. Disponível em: <http://www.sequelanet.com.br/2010/07/55chanorg-um-4chan-brasileiro.html>. Acesso em: 30 nov. 2016.

COHEN, Eliot. **Mass surveillance and state control: the total information awareness project**. Springer, 2010.

COLEMAN, Gabriella. **Hacker, hoaxer, whistleblower, spy: The many faces of Anonymous**. Verso Books, 2014.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

ESTADÃO. **Membros do 55chan atacam Estadão**. 2010. Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,membros-do-55chan-atacam-estadao,10000044449>. Acesso em: 30 nov. 2016.

FACEBOOK. **Declaração de Direitos e Responsabilidades**. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/legal/terms>. 2015. Acesso em: 12 dez. 2016.

FAFINSKI, Stefan; MINASSIAN, Neshan. UK Cybercrime Report 2008. **New York: Garlik**, p. 1-55, 2008.

FERRAZ JÚNIOR, Tércio S. Sigilo de dados: o direito à privacidade e os limites à função fiscalizadora do Estado. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v. 88, p. 439-459, 1993.

FIORENTINI, Ilaria. ZOMG! Dis iz a new language: the case of Lolspeak. **Selected Papers from Sociolinguistics Summer School**, Newcastle, v. 4, p. 90-108, 2013. Disponível em: <http://www.ncl.ac.uk/linguistics/assets/documents/5.Fiorentini_NWPL.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

FONTANELLA, Fernando. Nós somos anonymous: anonimato, trolls e a subcultura dos imageboards. In: **XXXIII Congresso da Intercom**. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1964-1.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. **Porto Alegre: Sulina**, v. 1, 2011.

FRAGOSO, Suely; HACKNER, Felipe. "Huehuehue BR é só zueira: um estudo sobre o comportamento disruptivo dos brasileiros nos jogos online." Educação em um Mundo em Tensão: insurgências, transgressões, sujeições. **Porto Alegre: SBC - Proceedings of SBGames**. 2014. Disponível em: <http://www.sbgames.org/sbgames2014/files/papers/culture/full/Cult_Full_HUEHUEHUE%20BR.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.

FRAGOSO, Suely. “HUEHUEHUE eu sou BR”: spam, trollagem e griefing nos jogos on-line. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 22, n. 3, p. 129-146, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/19302>. Acesso em: 15 nov. 2017.

GAZZANIGA, Michael S. *The Cognitive Neurosciences*. MIT Press. 2009.

GEHL, Robert W. Power/freedom on the dark web: A digital ethnography of the Dark Web Social Network. **new media & society**, v. 18, n. 7, p. 1219-1235, 2016.

GIDDENS, Anthony.; FIKER, Raul. **As consequências da modernidade**. 5. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GREENBERG, Andy. The streisand effect. **Forbes.com**, v. 7, 2007. Disponível em: <http://www.forbes.com/2007/05/10/streisand-digg-web-tech-cx_ag_0511streisand.html>. Acesso em: 03 dez. 2016.

GREENWALD, Glenn; MACASKILL, Ewen. NSA Prism program taps in to user data of Apple, Google and others. **The Guardian**, v. 7, n. 6, p. 1-43, 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/jun/06/us-tech-giants-nsa-data>. Acesso em: 03 dez. 2016.

HAWKEY, Kirstie; INKPEN, Kori M. Privacy gradients: exploring ways to manage incidental information during co-located collaboration. In: **CHI'05 Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems**. ACM, 2005. p. 1431-1434. Disponível em: <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=1056934>. Acesso em: 03 dez. 2016.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: SAGE Publications, 2000.

HUNTON, Paul. The growing phenomenon of crime and the internet: A cybercrime execution and analysis model. **Computer Law & Security Review**, v. 25, n. 6, p. 528-535, 2009. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S026736490900154X>. Acesso em: 10 nov. 2017.

IBM. **AlchemyLanguage - API | IBM Watson Developer Cloud**. 2015. Disponível em: <http://www.ibm.com/watson/developercloud/alchemy-language/api/v1>. Acesso em: 12 dez. 2016.

IBM. **AlchemyLanguage Features**. 2015. Disponível em: <http://www.alchemyapi.com/products/alchemylanguage>. Acesso em: 12 dez. 2016.

IZARD, Carroll E. Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. 1992. p. 561-565.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Aleph, 2015.

KANDIAS, Miltiadis et al. Which side are you on? A new Panopticon vs. privacy. In: **Security and Cryptography (SECRYPT), 2013 International Conference on**. IEEE, 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/document/7223159/>. Acesso em: 03 dez. 2016.

KATELL, Michael A.; MISHRA, Sonali R.; SCAFF, Ligaya. A Fair Exchange: Exploring How Online Privacy is Valued. In: **System Sciences (HICSS), 2016 49th Hawaii International Conference on**. IEEE, 2016. p. 1881-1890. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/7427419/?reload=true>. Acesso em: 13 nov. 2017.

KNUTTILA, Lee. "User unknown: 4chan, anonymity and contingency". **First**

Monday, v. 16, n. 10, 2011. Disponível em: <http://firstmonday.org/article/view/3665/3055 >. Acesso em: 29 nov. 2016.

KOZINETS, Robert V. Netnography: **Doing ethnographic research online**. Sage publications, 2010.

LARAIA, Roque B. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar, 2001.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 231p. 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIU, Steve. **The Most Popular Thing You've Probably Never Heard of**. 2012. Disponível em: <http://writingandrhetoric.cah.ucf.edu/stylus/files/2_1/stylus2_1-liu.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

LUIZ, Lúcio. Ffffffffuuuuuuuuuuuu: o fenômeno das rage comics e sua relação com os quadrinhos. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1263-1.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

MARTINI, Renato. Inclusão digital & inclusão social. **Inclusão social**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1501/1685>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MARWICK, Alice E. Scandal or Sex Crime? Ethical Implications of the Celebrity Nude Photo Leaks. **AoIR Selected Papers of Internet Research**, v. 6, 2017. Disponível em: <https://spir.aoir.org/index.php/spir/article/view/1324>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor. **Delete: The virtue of forgetting in the digital age**. Princeton University Press, 2011.

MONTARDO, Sandra P. Netnografia e Análise de Redes Sociais: métodos para investigação de inclusão social via socialização online de pessoas com necessidades especiais. In: Eugenia Mariano da Rocha Barichello; Anelise Rubleski. (Org.). **Pesquisa em Comunicação: olhares e abordagens**. 1ed. Santa Maria: Facos-UFSM, 2014, v. 1, p. 133-158.

MONTARDO, Sandra P. Consumo digital e teoria de prática: uma abordagem possível. **Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22203>. Acesso em 06 dez. 2017.

PAGLIERY, Jose. **A tweak that Facebook made to its Android app could allow mobile customers in restricted places like China and Iran to connect to the social network**. 2016. Disponível em:

<http://money.cnn.com/2016/01/20/technology/facebook-android-tor/ >. Acesso em: 29 nov. 2016.

PALME, Jacob; BERGLUND, Mikael. Anonymity on the Internet. **Retrieved August**, v. 15, p. 2009, 2002. Disponível em: <https://people.dsv.su.se/~jpalme/society/anonymity.html>. Acesso em: 03 dez. 2016.

PEREIRA, Felipe. J. X. **A produção de sentido nas redes sociais efêmeras e anônimas:** o 4chan e a sua lógica de funcionamento. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estética, Redes e Tecnocultura) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2015/05/PEREIRA-Felipe-Xavier.-A-PRODU%C3%87%C3%83O-DE-SENTIDO-NAS-REDES-SOCIAIS.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

POLIVANOV, B. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. In: **Intercom. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2013. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2017.

PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. **404NotFound**, n. 45, 2005. Disponível em:< http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf>.

PRIMO, Alex. **Interações em rede**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Salina, 2013.

PRIMO, Alex et al. Comunicação privada na internet: da invenção do particular na Idade Média à hiperexposição na rede. **Intexto**, v. 0, n. 34, p. 513, 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58583>. Acesso em: 27 ago. 2016.

PRODANOV, Cleber C.; DE FREITAS, Ernani C. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

RACHELS, James. Why privacy is important. **Philosophy & Public Affairs**, p. 323-333, 1975. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2265077?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 03 dez. 2016.

RECUERO, Raquel da C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 32, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/1969>. Acesso em: 03 dez. 2016.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHEMENT, Jorge R.; CURTIS, Terry. **Tendencies and tensions of the information age: The production and distribution of information in the United States**. Transaction Publishers, 1995. Disponível em: <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=554093>. Acesso em: 03 dez. 2016.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade [recurso eletrônico]**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Mit Press, 2014.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

STATISTA. **Most famous social network sites worldwide as of September 2016, ranked by number of active users (in millions)**. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. 2016. Acesso em: 12 dez. 2016.

STRYKER, Cole. **Epic win for Anonymous: how 4chan's army conquered the Web**. Penguin, 2011.

SULER, John. The online disinhibition effect. **Cyberpsychology & behavior**, v. 7, n. 3, p. 321-326, 2004. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15257832>. Acesso em: 03 dez. 2016.

SULER, John. The online disinhibition effect. **International Journal of Applied Psychoanalytic Studies**. 2005, p. 184-188. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aps.42/abstract>. Acesso em: 03 dez. 2016.

URBAN DICTIONARY. **Shit Posting**. Disponível em: <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Shit%20Posting>. 2016. Acesso em: 01 dez. 2016.

URBAN DICTIONARY. **Avatarfag**. Disponível em: <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Avatarfag>. 2016. Acesso em: 01 dez. 2016.

WARREN, Samuel D.; BRANDEIS, Louis D. The right to privacy. **Harvard law review**, p. 193-220, 1890. Disponível em: <http://groups.csail.mit.edu/mac/classes/6.805/articles/privacy/Privacy_brand_warr2.html>. Acesso em: 03 dez. 2016.

WAZLAWICK, Raul S. **Metodologia de pesquisa para ciência da computação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

WEBER, Cristiane. **Fait divers, viralização e construção do herói:** uma análise sobre a repercussão do caso Casey Heynes. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo. Disponível em: <http://biblioteca.feevale.br/Dissertacao/DissertacaoCristianeWeber.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

WESTIN, Alan F. Privacy And Freedom. **Science & Society**, v. 34, n. 3, p. 360-363, 1970. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/40401504?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 14 nov. 2017.

WIKINET. **55chan**. Disponível em: <http://www.wikinet.pro/wiki/55chan>. 2010. Acesso em: 30 de nov. 2016.

WIKIPEDIA. **55chan**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/55chan>. 2016. Acesso em: 30 nov. 2016.

WIKIPEDIA. **Star Wars Kid**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Star_Wars_Kid>. 2017. Acesso em: 14 nov. 2017.

ZITTRAIN, Jonathan. **The future of the internet: and how to stop it**. Yale University Press, 2008.

GLOSSÁRIO

/b/
Uma *board* para assuntos aleatórios presente na maioria dos *imageboards*.

2CH
Imageboard japonês que inspirou o 4chan.

2CHANNEL
Um dos primeiros *textboards* a existir, foi fundado no Japão.

404
Status *HTTP* que indica que uma página não foi encontrada.

4CHAN
Um dos *imageboards* mais conhecidos e influentes. Ao contrário dos primeiros *imageboards*, foi criado por um ocidental.

55CHAN
Imageboard com a maior base de usuários entre os de origem brasileira.

9/11
Se refere ao dia 11 de setembro de 2001. Dia em que ocorreu o atentado terrorista às Torres Gêmeas.

ANON
Redução da palavra “anonymous”, anonimato em inglês.

ANONYMOUS
Pode se referir ao Coletivo Anonymous, grupo descentralizado de sujeitos que praticam o ciberativismo através do anonimato. Também pode significar “anônimo” em inglês.

ANTIVÍRUS
Software com a capacidade de eliminar ou evitar vírus de computador.

ASCII ART
Arte de formar figuras através de caracteres de texto.

AVATARFAGS
Sujeito que utiliza sempre uma mesma imagem em postagens de fóruns anônimos como forma de se identificar em função dos outros usuários.

BLACKHAT
Sujeitos inseridos na cultura *hacker* que utilizam da sua habilidade para fins maliciosos.

BOARD

São áreas de discussão em *imageboards.* São voltadas para um determinado assunto. *Imageboards* são geralmente constituídos por várias *boards*, cada uma voltada para um assunto específico.

BRCHAN
Um *imageboard* brasileiro. O segundo mais conhecido depois do 55chan.

BROWSER
Sinônimo de navegador de internet. *Software* utilizado para acessar as páginas da *web*.

BUMP
As *boards* são compostas por *threads* em ordem cronológica. Desta forma, as postagens mais recentes aparecem no topo da lista. Quando uma *thread* que não está no topo da lista recebe uma resposta, o *bump* (solavanco) é ativado e faz com que a *thread* volte a ficar no topo da lista.

CHAN
Abreviatura de *channel* (canal). É sinônimo de *imageboard*.

CHANNER
Forma como são chamados os sujeitos que acessam *chans* (*imageboards*).

CHANSPEAK
Linguagem inventada dentro dos *imageboards* com o propósito de evitar que os sujeitos que não estão inseridos nestas subculturas consigam entender o que está sendo dito no espaço.

COOKIE
Pacote de dados que os *websites* enviam para o navegador do usuário como forma de persistir informações referentes ao próprio *website*.

CYBERPUNK
Ficção científica voltada a realidades com alta tecnologia e baixa qualidade de vida.

DARKLANDS
“Terras obscuras” são os *websites* pouco conhecidos e acessados por um grupo pequeno de pessoas.

DARK NET
São redes escondidas dentro da internet, que não podem ser acessadas sem um *software* específico. O exemplo mais conhecido é a Rede Tor.

DIGITAL TRASH
Mídia digital produzida com o objetivo de parecer “tosca”, geralmente por razões humorísticas ou porque a qualidade do material não é um requisito importante.

EDWARD SNOWDEN
Ex-contratado da NSA dos Estados Unidos que tornou público a vigilância global praticada pelo país.

ERA DIGITAL
Sinônimo de era de informação. Época que começou com a invenção das tecnologias digitais e vai até a atualidade.

FIREWALL
Software utilizado para filtragem e bloqueio de tráfego em redes de computadores.

HACKER
Sujeito com conhecimentos acima da média em programas de computador e dispositivos eletrônicos.

HIT
Toda vez que um sujeito acessa um *website*, a página é requisitada ao servidor deste *website*. Cada um destes pedidos de acesso é um *hit*.

HTTP
Protocolo utilizado na internet para padronizar a transferência de hipertexto. Funciona como uma "linguagem" para, por exemplo, os navegadores e servidores conseguirem se comunicar quando um usuário solicita uma página de um determinado *website*.

ID
Redução da palavra "identidade". As *ID*s são um valor (número, palavra-chave, nome ou pseudônimo, por exemplo) que servem para identificar unicamente os sujeitos de um grupo.

IMAGEBOARD
Fórum de mensagens que permite a postagem de fotos associadas a textos. Possuem uma cultura própria fundada no Japão. Um importante aspecto desta cultura é o anonimato.

INDEXADOR
Técnica utilizada para catalogar e persistir documentos em categorias. Na *web*, são utilizados processos automatizados por computador para executar estas tarefas.

IP
O endereço *IP* é um valor associado a um dispositivo para identificá-lo em uma rede de computadores. Todos os dispositivos que acessam à internet possuem um IP para identificá-los.

IRC
Internet Relay Chat. Um protocolo de comunicação utilizado majoritariamente para *chat* e transferência de arquivos.

LOL
Sigla para a frase "laughing out loud" (rindo alto).

LULZ
Variante sarcástica da sigla "LOL". "Gerar *lulz*", significa gerar riso; geralmente através de "pegadinhas" ou *trolling*.

MAINSTREAM
É o que está na “corrente principal”. Termo utilizado para caracterizar pensamentos e gostos que a grande maioria das pessoas possuem.

MARCO CIVIL DA INTERNET
Lei que regula o uso da internet no Brasil.

MESSAGE BOARD
Sinônimo de fórum de internet. São *websites* que permitem a discussão *online* através das postagens dos usuários. *Imageboards* e *textboards* são *message boards*.

MOTOR DE BUSCA
Os *search engines* ou motores de busca são um tipo de *software* que permite encontrar informação através de palavras-chave. Google, Bing e Yahoo são exemplos de *websites* com motores de busca.

NEWFAG
Forma pejorativa cuja qual os novos usuários (novatos) em *imageboards* são chamados.

NSA
Sigla para “National Security Agency” (Agência de Segurança Nacional).

PERVASIVIDADE
Uma entidade onipresente. A computação ubíquia ou pervasiva é referente as tecnologias que permeiam o cotidiano dos sujeitos mas que não são percebidas. Como por exemplo, o RFID.

PISHING
Fraude digital onde é realizada a tentativa de obter dados pessoais através de páginas ou informações falsas.

PRISM
Programa de vigilância global dos Estados Unidos.

PRIVACY ACT
Lei dos Estados Unidos que regula a forma como são tratadas as informações pessoais dos cidadãos do país.

PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM NATURAL
Área dentro da computação que busca compreender línguas naturais (línguas que surgiram “naturalmente”, que não foram criadas artificialmente de forma premeditada).

RAGE COMICS
Quadrinhos que viraram *meme* na internet em função de sua popularidade. Utilizam de figuras simples (*digital trash*) para ilustrar situações do cotidiano.

RANDOM
Sinônimo de */b/*.

SHOCK SITE
Website com algum tipo de conteúdo feito para causar "surpresa" nas pessoas. Geralmente este "choque" ocorre através do bizarro.

SPYWARE
Software com o objetivo de espionar.

STALKING
Termo utilizado informalmente para caracterizar os sujeitos que tentam encontrar informações pessoais de outras pessoas através da investigação de documentos deixados por estes indivíduos. Geralmente, na internet, estes sujeitos pesquisam em perfis de sites de redes sociais e de outras páginas para encontrar as informações que procuram.

SURFACE WEB
O oposto de *darknet*. São as páginas da *web* indexadas por motores de busca e que são acessíveis através de qualquer *browser*. YouTube, Facebook, Twitter e Google são exemplos de páginas da *surface web*.

TEXTBOARD
Precursor dos *imageboards*. Possui basicamente o mesmo funcionamento, apenas não permite a postagem de imagens associados aos textos.

THREAD
Imageboards são organizados em *boards*. *Boards* são organizadas em *threads*. Uma *thread* é uma linha de discussão. Possui uma postagem que a enuncia com suas respectivas postagens de resposta.

TI
Sigla para a área de "Tecnologia da Informação".

TOR
A Rede Tor é uma *darknet* que proporciona o pleno anonimato para acessar a internet.

TROLL
Sujeito que intencionalmente tenta provocar brigas e enfurecer pessoas na internet.

UBIQUIDADE
Sinônimo de pervasividade.

VÍRUS
Um tipo de *software* com objetivos maliciosos e que possui a capacidade de criar cópias de si mesmo e se replicar para outros sistemas.

WEB CRAWLER
Os rastreadores *web* são um tipo de programa que navega de forma automatizada e sistemática através da web. Geralmente coletam tipos específicos de informações ou fazem indexação das páginas acessadas.

APÊNDICES

APÊNDICE I

SUBSTITUIÇÕES EXECUTADAS PELO PROGRAMA DE CORREÇÃO DO TEXTO

Ocorrência	Substituição
bazingaria	pseudo-nerd stuff
bazingarias	pseudo-nerd stuff
/b/	random board
/pinto/	4chan
>mcq	>Minha cara quando
>mcq	>Minha cara quando
ai	hey
alckmin	Serra
amg	amigo
anao	anon
anão	anon
anoes	anonymous
anões	anonymous
ata	ah tá
bar mitzvah	Exame Nacional do Ensino Médio
bazingueiro	pseudo-nerd
bê	random board
bj	beijo
bjo	beijo
blz	beleza
bostil	bosta de brasil
brinks	brincadeira
bukowski	Olavo
bunda má	badass
bundas má	badasses
Café Pilão	pornografia infantil
Café Preto	pornografia infantil
calvinismo	ateísmo
calvinista	ate
calvinista	ateia
calvinista	ateísta
cancro	Facebook
cancrobook	Facebook
caralhudo	fucking thing
charles bukowski	Olavo de Carvalho
cheque dentro	check in
cheque fora	check out
churrascar	suicidar

churrascar-se	suicidar-se
churrasco no banheiro	suicidio
cipião	Sakura
cmg	comigo
coador	filtro
coadores	filtros
como a foda	what the fuck
como a fornicacao	what the fuck
como a fornicação	what the fuck
copicola	copypaste
cornoold	cuckold
cornooldismo	cuckoldism
ctg	contigo
ctz	certeza
dadeiro de cu	hétero
daora	cool
darwinismo	cristianismo
darwinista	cristã
darwinista	cristão
deposito	slut
depósito	slut
deposito de porra	cum slut
depósito de porra	cum slut
depósitos	sluts
depositos de porra	cum sluts
depósitos de porra	cum sluts
desenho chines	anime
desenho chinês	anime
dilmas	reais
dlç	delícia
dms	demais
dnd	de nada
dnv	de novo
DotA	sexo
DotA com trackpad	sexo anal
Dota sem as mãos	sexo oral
dps	depois
dsclp	desculpa
emo	skinhead
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
enjoe	aprecie
enjoem	apreciem
escravo de boceta	pussy whipped

escravo de buceta	pussy whipped
escravoceta	pussywhipped
esgotalher	slut
espertofone	smartphone
fagote	faggot
fds	fim de semana
festa duro	party hard
festa no ape	holocausto
festa no apê	holocausto
FHC	Lula
fikdik	fica a dica
filha da putagem	slutty
filha da putice	slutty
filho da putagem	slutty
filho da putice	slutty
fio	thread
fios	threads
fode não	fuck no
fode sim	fuck yeah
fodendo	fucking
fornicacao	foda
fornicação	foda
fornique	fode
fornique se	foda-se
fornique-se	foda-se
foro de sao paulo	Orkut
FORO DE SÃO PAULO	Orkut
frida	negra
Fukushima	BRchan
gibeira	Bolsonaro
glr	galera
gnt	gente
grifinoria	esquerda
grifinória	esquerda
grifinorista	esquerdista
grp	grupo
gt	greentext
hipster nervoso	punk
iutubarias	coisas do youtube
iutube	Youtube
jogue ratos	avalie
joguem ratos	avaliem
jude	preto

kosher	maravilhoso
koshervilhoso	maravilhoso
limpo meu cu com	avaliem
linguica	travesti
linguiça	trap
linguiça	travesti
mábunda	badass
mábundas	badasses
mano	man
manodica	brotip
manodicas	brotips
marina	Dilma
marmelo	filtro
mbeja	metaleiro
mcq	Minha cara quando
mds	meu deus
melhor sexo com cavalos	melhor horário
merdalher	slut
mesmabicha	samefag
meu macho	minha namorada
meu macho	minha pitanga
meus lados	morrendo de rir
minha pitanga	minha namorada
msm	mesmo
mt	muito
n	não
ñ	não
naum	não
nd	nada
ngm	ninguém
nova bicha	newfag
novabicha	newfag
novogaúcho	newfag
NT	ITT
(O USUÁRIO FOI CONVIDADO A VISITAR SEUS AMIGUINHOS, RSRSRS)	(O usuário foi banido)
obg	obrigado
paçaro	Twitter
páçaro	Twitter
paixao	preto
paixão	preto
paixoes	pretos

paixões	pretos
parenquima palicadico	thread
parênquima paliçádico	thread
pau no meu cu	sentimento
paudurecido	de pau duro
paudureco	fico de pau duro
paudureço	fico de pau duro
paus no meu cu	sentimentos
pescado	baited
pescaria	bait
pesco	bait
PF	Polícia Federal
pica	pic
PICA DE BIBA	VT
pica relatada	reported pic
pitanga	namorada
pitangas	namoradas
pq	porque
prassa	piada idiota
Prato Feito	Polícia Federal
profitar	profit
putalher	slut
q	que
qnt	quanto
qq6	o que vocês
qro	quero
rateiem	avaliem
realizo	percebo
recomendem animes fofinhos	perguntem qualquer coisa
recomendem animes fofos	perfuntem qualquer coisa
recomendem desenhos chineses fofinhos	perguntem qualquer coisa
redpillado	tomei a red pill
regretar	regret
regreto	regret
reportando dentro	reporting in
rivotril	redpill
rivotrilado	tomei a red pill
rj	Rio de Janeiro
rs	Rio Grande do Sul
saci	troll
sai	vai embora
salsa	sauce

sampa	São Paulo
sdds	saudades
sdv	follow you back
secundado	I agree
secundo	I agree
slv	só li verdades
sonserina	direitista
sonserina	direita
sp	São Paulo
sqn	só que não
sqn	só que não
sqs	só que sim
tb	também
tbm	também
telatiro	screenshot
temers	reais
tempo estampa	timestamp
tempoestampa	timestamp
teutao	negro
teutão	negro
teutoes	negros
teutões	negros
texto verde	greentext
textoverde	greentext
todoonde	everywhere
tourobosta	bullshit
trap	travesti
vadialher	slut
vc	você
vcs	vocês
vdd	verdade
velha bicha	oldfag
velhabicha	oldfag
velhogaúcho	oldfag
verde texto	green text
verdetexto	greentext
vlw	vale
vntd	vontade
VOCÊS NÃO CONSEGUEM PENETRAR EM MEU PROLAPSO TÃO RÁPIDO QUANTO GOSTARIA	Minha cara quando
vsf	vai se foder
zap	whatsapp

zap zap	whatsapp
zapzap	whatsapp

APÊNDICE II

CÓDIGO DO PROGRAMA DE CORREÇÃO, TRADUÇÃO E ANÁLISE DAS POSTAGENS

```
#!/usr/bin/python
# -*- coding: utf-8 -*-

import requests
import sqlite3
import json
import re
import unicodedata
from googletrans import Translator; translator = Translator()

auto_replace = [
(u"slutty", u"filho da putagem"),
(u"slutty", u"filha da putagem"),
(u"slutty", u"filho da putice"),
(u"slutty", u"filha da putice"),
(u"bullshit", "tourobosta"),
(u">Minha cara quando", u">mcq"),
(u">Minha cara quando", u">mcq"),
(u"Minha cara quando", u"mcq"),
(u"Minha cara quando", u"VOCÊS NÃO CONSEGUEM PENETRAR EM MEU PROLAPSO TÃO
RÁPIDO QUANTO GOSTARIA"),
(u"4chan", u"/pinto/"),
(u"anime", u"desenho chinês"),
(u"anime", u"desenho chines"),
(u"ateu", u"calvinista"),
(u"ateia", u"calvinista"),
(u"ateísmo", u"calvinismo"),
(u"ateísta", u"calvinista"),
(u"BRchan", u"Fukushima"),
(u"cristã", u"darwinista"),
(u"cristão", u"darwinista"),
(u"cristianismo", u"darwinismo"),
(u"Dilma", u"marina"),
(u"Exame Nacional do Ensino Médio", u"bar mitzvah"),
(u"Exame Nacional do Ensino Médio", u"ENEM"),
(u"filtro", u"coador"),
(u"filtros", u"coadores"),
(u"thread", u"parênquima paliçádico"),
(u"thread", u"parenquima palicadico"),
(u"thread", u"fio"),
(u"threads", u"fios"),
(u"foda", u"fornicação"),
(u"foda", u"fornicacao"),
(u"foda-se", u"fornique-se"),
(u"foda-se", u"fornique se"),
(u"fode", u"fornique"),
(u"fucking", u"fodendo"),
(u"hétero", u"dadeiro de cu"),
(u"holocausto", u"festa no apê"),
(u"holocausto", u"festa no ape"),
(u"Lula", u"FHC"),
(u"maravilhoso", u"kosher"),
(u"maravilhoso", u"koshervilhoso"),
(u"melhor horário", u"melhor sexo com cavalos"),
(u"minha namorada", u"meu macho"),
```

```
(u"minha pitanga", u"meu macho"),
(u"minha namorada", u"minha pitanga"),
(u"cum slut", u"depósito de porra"),
(u"cum slut", u"deposito de porra"),
(u"cum sluts", u"depósitos de porra"),
(u"cum sluts", u"depositos de porra"),
(u"slut", u"depósito"),
(u"slut", u"deposito"),
(u"sluts", u"depósitos"),
(u"namorada", u"pitanga"),
(u"namoradas", u"pitangas"),
(u"negra", u"frida"),
(u"negro", u"teutão"),
(u"negro", u"teutao"),
(u"negros", u"teutões"),
(u"negros", u"teutoes"),
(u"Olavo", u"bukowski"),
(u"Olavo de Carvalho", u"charles bukowski"),
(u"Orkut", u"FORO DE SÃO PAULO"),
(u"Orkut", u"foro de sao paulo"),
(u"São Paulo", u"sampa"),
(u"perguntem qualquer coisa", u"recomendem desenhos chineses fofinhos"),
(u"perguntem qualquer coisa", u"recomendem animes fofinhos"),
(u"perfuntem qualquer coisa", u"recomendem animes fofos"),
(u"preto", u"judeu"),
(u"punk", u"hipster nervoso"),
(u"avaliem", u"limpo meu cu com"),
(u"avaliem", u"rateiem"),
(u"Sakura", u"cipião"),
(u"sentimento", u"pau no meu cu"),
(u"sentimentos", u"paus no meu cu"),
(u"Serra", u"alckmin"),
(u"sexo", u"DotA"),
(u"sexo anal", u"DotA com trackpad"),
(u"sexo oral", u"Dota sem as mãos"),
(u"skinhead", u"emo"),
(u"suicidio", u"churrasco no banheiro"),
(u"suicidar", u"churrascar"),
(u"suicidar-se", u"churrascar-se"),
(u"what the fuck", u"como a foda"),
(u"what the fuck", u"como a fornicação"),
(u"what the fuck", u"como a fornicacao"),
(u"trap", u"linguiça"),
(u"travesti", u"linguiça"),
(u"travesti", u"linguica"),
(u"travesti", u"trap"),
(u"VT", u"PICA DE BIBA"),
(u"anon", u"anão"),
(u"anonymous", u"anões"),
(u"anon", u"anao"),
(u"anonymous", u"anoes"),
(u"Facebook", u"cancro"),
(u"Facebook", u"cancrobook"),
(u"Twitter", u"paçaro"),
(u"Twitter", u"páçaro"),
(u"pornografia infantil", u"Café Pilão"),
(u"pornografia infantil", u"Café Preto"),
(u"Polícia Federal", u"Prato Feito"),
(u"Polícia Federal", u"PF"),
(u"cuckoldism", u"cornooldismo"),
(u"cuckold", u"cornoold"),
```

```
(u"(O usuário foi banido)", u"(O USUÁRIO FOI CONVIDADO A VISITAR SEUS
AMIGUINHOSRSRSRS)"),
(u"greentext", u"verdetexto"),
(u"greentext", u"texto verde"),
(u"greentext", u"textoverde"),
(u"green text", u"verde texto"),
(u"bait", u"pescaria"),
(u"baited", u"pescado"),
(u"bait", u"pescou"),
(u"preto", u"paixão"),
(u"preto", u"paixao"),
(u"pretos", u"paixões"),
(u"pretos", u"paixoes"),
(u"esquerdista", u"grifinorista"),
(u"esquerda", u"grifinória"),
(u"esquerda", u"grifinoria"),
(u"direitista", u"sonserina"),
(u"direita", u"sonserina"),
(u"coisas do youtube", u"iutubarias"),
(u"Youtube", u"iutube"),
(u"smartphone", u"espertofone"),
(u"de pau duro", u"paudurecido"),
(u"fico de pau duro", u"paudureço"),
(u"fico de pau duro", u"paudureco"),
(u"bosta de brasil", u"bostil"),
(u"badass", u"mábunda"),
(u"badasses", u"mábundas"),
(u"badass", u"bunda má"),
(u"badasses", u"bundas má"),
(u"reais", u"dilmas"),
(u"Bolsonaro", u"gibeira"),
(u"reais", u"temers"),
(u"pic", u"pica"),
(u"fucking thing", u"caralhudo"),
(u"screenshot", u"telatiro"),
(u"pussy whipped", u"escravo de boceta"),
(u"pussy whipped", u"escravo de buceta"),
(u"pussywhipped", u"escravoceta"),
(u"tomei a red pill", u"redpillado"),
(u"redpill", u"rivotril"),
(u"tomei a red pill", u"rivotrilado"),
(u"filtro", u"marmelo"),
(u"oldfag", u"velhabicha"),
(u"oldfag", u"velhogaúcho"),
(u"newfag", u"novabicha"),
(u"newfag", u"novogaúcho"),
(u"morrendo de rir", u"meus lados"),
(u"aprecie", u"enjoe"),
(u"apreciem", u"enjoem"),
(u"faggot", u"fagote"),
(u"newfag", u"nova bicha"),
(u"oldfag", u"velha bicha"),
(u"copypaste", u"copicola"),
(u"party hard", u"festa duro"),
(u"sauce", u"salsa"),
(u"ITT", u"NT"),
(u"avaliem", u"joguem ratos"),
(u"avalie", u"jogue ratos"),
(u"reported pic", u"pica relatada"),
(u"random board", u"bê"),
(u"random board", u"/b/"),
```

```
(u"percebo", u"realizo"),
(u"depois", u"dps"),
(u"certeza", u"ctz"),
(u"brincadeira", u"brinks"),
(u"follow you back", u"sdv"),
(u"greentext", u"gt"),
(u"demais", u"dms"),
(u"só que não", u"sqn"),
(u"comigo", u"cmg"),
(u"contigo", u"ctg"),
(u"beijo", u"bjo"),
(u"beijo", u"bj"),
(u"de nada", u"dnd"),
(u"de novo", u"dnv"),
(u"delícia", u"dlç"),
(u"gente", u"gnt"),
(u"galera", u"glr"),
(u"grupo", u"grp"),
(u"meu deus", u"mds"),
(u"fim de semana", u"fds"),
(u"ninguém", u"ngm"),
(u"nada", u"nd"),
(u"quero", u"qro"),
(u"quanto", u"qnt"),
(u"saudades", u"sdds"),
(u"só li verdades", u"slv"),
(u"só que sim", u"sqs"),
(u"só que não", u"sqn"),
(u"vai se foder", u"vsf"),
(u"verdade", u"vdd"),
(u"vontade", u"vntd"),
(u"whatsapp", u"zap"),
(u"whatsapp", u"zap zap"),
(u"valeu", u"vlw"),
(u"também", u"tbm"),
(u"ah tá", u"ata"),
(u"mesmo", u"msm"),
(u"whatsapp", u"zapzap"),
(u"desculpa", u"dsclp"),
(u"amigo", u"amg"),
(u"beleza", u"blz"),
(u"o que vocês", u"qq6"),
(u"fica a dica", u"fikdik"),
(u"cool", u"daora"),
(u"muito", u"mt"),
(u"pseudo-nerd", u"bazingueiro"),
(u"pseudo-nerd stuff" u"bazingaria"),
(u"pseudo-nerd stuff" u"bazingarias"),
(u"check out", u"cheque fora"),
(u"check in", u"cheque dentro"),
(u"fuck yeah", u"fode sim"),
(u"fuck no", u"fode não"),
(u"brotip", u"manodica"),
(u"brotips", u"manodicas"),
(u"metaleiro", u"mbeja"),
(u"samefag", u"mesmabicha"),
(u"slut", u"merdalher"),
(u"slut", u"putalher"),
(u"slut", u"vadialher"),
(u"slut", u"esgotalher"),
(u"piada idiota", u"prassa"),
```

```
(u"profit", u"profitar"),
(u"regret", u"regretar"),
(u"regret", u"regreto"),
(u"reporting in", u"reportando dentro"),
(u"troll", u"saci"),
(u"I agree", u"secundo"),
(u"I agree", u"secundado"),
(u"timestamp", u"tempoestampa"),
(u"timestamp", u"tempo estampa"),
(u"everywhere", u"todoonde"),
(u"você", u"vc"),
(u"vocês", u"vcs"),
(u"porque", u"pq"),
(u"que", u"q"),
(u"também", u"tb"),
(u"não", u"n"),
(u"não", u"ñ"),
(u"não", u"naum"),
(u"man", u"mano"),
(u"obrigado", u"obg"),
(u"hey", u"ai"),
(u"São Paulo", u"sp"),
(u"Rio de Janeiro", u"rj"),
(u"Rio Grande do Sul", u"rs"),
(u"vai embora", u"sai"),
]

def correct(text):
  global auto_replace

  for item in auto_replace:
    replaceWith = item[0]
    occurence = item[1]

    if u" " in occurence:
      replace = re.compile(re.escape(occurence), re.IGNORECASE)
      text = replace.sub(replaceWith, text)
    else:
      lines = text.split(u"\n")
      s_text = [ line.split(u" ") for line in lines ]
      symbol = u"~`!@#$%^&*()_-+={}[]:>;',</?*-+"

      for line in range(0, len(s_text)):
        for index in range(0, len(s_text[line])):
          word = s_text[line][index]
          if len(word) < 2:
            pass
          elif word.lower() == occurence.lower():
            s_text[line][index] = replaceWith
          elif word[0] in symbol and word[1:].lower() == occurence.lower():
            s_text[line][index] = word[0] + replaceWith
          elif word[-1] in symbol and word[:-1].lower() ==
occurence.lower():
            s_text[line][index] = replaceWith + word[-1]
          elif word[0] in symbol and word[-1] in symbol and word[1:-
1].lower() == occurence.lower():
            s_text[line][index] = word[0] + replaceWith + word[-1]

      text_lines = [ u" ".join(line) for line in s_text ]
      text = u"\n".join(text_lines)
```

```
  return text

def translate(text):
  return translator.translate(text, src = "pt_BR", dest = "en").text

def request_results(api, text):
  return json.loads(
    requests.post(
      "https://alchemy-language-demo.mybluemix.net/api/" + api, data = {
"text": text }
    ).content
  )

def get_results(text):
  # { relevance, text }
  try:
    concepts = request_results("concepts", text)["concepts"]
  except:
    print "empty concepts"
    concepts = []

  # anger, joy, fear, sadness, disgust
  try:
    emotion = request_results("emotion", text)["docEmotions"]
  except:
    print "empty emotion"
    emotion = {}

  # { relevance, text }
  try:
    keywords = request_results("keywords", text)["keywords"]
  except:
    print "empty keywords"
    keywords = []

  # score, type (positive|negative|neutral)
  try:
    sentiment = request_results("sentiment", text)["docSentiment"]
  except:
    print "empty sentiment"
    sentiment = {}

  # { confident (yes|no), score, label }
  try:
    taxonomy = request_results("taxonomy", text)["taxonomy"]
  except:
    print "empty taxonomy"
    taxonomy = []

  return {
    "concepts": concepts,
    "emotion": emotion,
    "keywords": keywords,
    "sentiment": sentiment,
    "taxonomy": taxonomy
  }

def translate_text():
  connection = sqlite3.connect("dataset.db")
  cursor = connection.cursor()
```

```
  get_posts = u"""
    SELECT
      ID,
      ORIGINAL_TEXT
    FROM POST
  """

  update_post = u"""
    UPDATE POST
      SET
        CORRECTED_TEXT = ?,
        TRANSLATED_TEXT = ?
    WHERE ID = ?
  """

  cursor.execute(get_posts)
  for post_data in cursor.fetchall():
    post = {
      "id": post_data[0],
      "text": post_data[1]
    }
    correct(post["text"])
    try:
      corrected_text = correct(post["text"])
      translated_text = translate(corrected_text)

      cursor.execute(
        update_post,
        ( corrected_text, translated_text, post["id"] )
      )
      connection.commit()
      print "ok " + str(post["id"])
    except:
      print "error " + str(post["id"])

  connection.close()

def insert_results():
  connection = sqlite3.connect("dataset.db")
  cursor = connection.cursor()
  get_posts = u"""
    SELECT
      ID,
      TRANSLATED_TEXT
    FROM POST
  """

  insert_emotion = u"""
    INSERT INTO POST_EMOTION(
      POST,
      JOY,
      FEAR,
      DISGUST,
      ANGER,
      SADNESS
    ) VALUES(?, ?, ?, ?, ?, ?)
  """

  insert_sentiment = u"""
    INSERT INTO POST_SENTIMENT(
      POST,
```

```
    QUALIFICATION,
    INTENSITY
  ) VALUES(?, ?, ?)
"""

insert_concept = u"""
  INSERT INTO POST_CONCEPT(
    POST,
    CONCEPT,
    RELEVANCE
  ) VALUES(?, ?, ?)
"""

insert_keyword = u"""
  INSERT INTO POST_KEYWORD(
    POST,
    KEYWORD,
    RELEVANCE
  ) VALUES(?, ?, ?)
"""

insert_taxonomy = u"""
  INSERT INTO POST_TAXONOMY(
    POST,
    TAXONOMY,
    ACCURACY
  ) VALUES(?, ?, ?)
"""

cursor.execute(get_posts)
for post_data in cursor.fetchall():
  post = {
    "id": post_data[0],
    "text": post_data[1]
  }

  try:
    results = get_results(post["text"])

    if "anger" in results["emotion"] \
      and "joy" in results["emotion"] \
      and "fear" in results["emotion"] \
      and "sadness" in results["emotion"] \
      and "disgust" in results["emotion"]:
      cursor.execute(
        insert_emotion,
        (
          post["id"],
          results["emotion"]["joy"],
          results["emotion"]["fear"],
          results["emotion"]["disgust"],
          results["emotion"]["anger"],
          results["emotion"]["sadness"],
        )
      )
    else:
      print "no emotion"

    if "score" in results["sentiment"] \
      and "type" in results["sentiment"]:
      cursor.execute(
```

```
        insert_sentiment,
        (
          post["id"],
          results["sentiment"]["type"],
          results["sentiment"]["score"]
        )
      )
    else:
      print "no sentiment"

    for concept in results["concepts"]:
      cursor.execute(
        insert_concept,
        (post["id"], concept["text"], concept["relevance"])
      )

    for keyword in results["keywords"]:
      cursor.execute(
        insert_keyword,
        (post["id"], keyword["text"], keyword["relevance"])
      )

    for taxonomy in results["taxonomy"]:
      if "confient" in taxonomy and taxonomy["confident"] == "yes":
        cursor.execute(
          insert_taxonomy,
          (post["id"], taxonomy["label"], taxonomy["score"])
        )

    connection.commit()
    print "ok " + str(post["id"])
  except:
    print "error " + str(post["id"])

connection.close()
```

APÊNDICE III

CÓDIGO DO PROGRAMA DE INSERÇÃO DAS POSTAGENS DO GRUPO CONTROLE NA BASE DE DADOS

```
#!/usr/bin/python
# -*- coding: utf-8 -*-

import sqlite3
import sys
import json
import io
import os

connection = sqlite3.connect('dataset.db')
posts = json.loads(io.open(sys.argv[1], 'r', encoding = 'utf-8').read())
thread = posts[0]['number']

for post in posts:
  cursor = connection.cursor()
  original_text = post[ 'texts' ]
  source = 'Panelinha do Bananal'
  category = post['category']
  post_date = post['date']
  post_time = post['time']

  query = u"""
    INSERT INTO POST(
      THREAD,
      ORIGINAL_TEXT,
      SOURCE,
      CATEGORY,
      POST_DATE,
      POST_TIME)
    VALUES( ?, ?, ?, ?, ?, ?)
  """

  try:
    cursor.execute(query, (
      thread,
      original_text,
      source,
      category,
      post_date,
      post_time
    ))
    connection.commit()
  except:
    print "error"

connection.close()
```

APÊNDICE IV

CÓDIGO DO PROGRAMA DE INSERÇÃO DAS POSTAGENS DO GRUPO EXPERIMENTAL NA BASE DE DADOS

```
#!/usr/bin/python
# -*- coding: utf-8 -*-

import sqlite3
import sys
import json
import io
import os

connection = sqlite3.connect('dataset.db')
posts = json.loads(io.open(sys.argv[1], 'r', encoding = 'utf-8').read())
thread = posts[0]['number']

for post in posts:
  cursor = connection.cursor()
  original_text = "\n".join( post[ 'texts' ] )
  source = '55chan'
  category = post['category']
  post_date = post['date']
  post_time = post['time']

  query = u"""
    INSERT INTO POST(
      THREAD,
      ORIGINAL_TEXT,
      SOURCE,
      CATEGORY,
      POST_DATE,
      POST_TIME)
    VALUES( ?, ?, ?, ?, ?, ?)
  """

  try:
    cursor.execute(query, (
      thread,
      original_text,
      source,
      category,
      post_date,
      post_time
    ))
    connection.commit()
  except:
    print "error"

connection.close()
```

APÊNDICE V

CÓDIGO DO PROCESSO DE FILTRAGEM

```
delete
  from POST
  where ID in (
    select ID
    from POST
    where THREAD in (
      select THREAD
      from (
        select THREAD
        from POST
        where SOURCE='Panelinha do Bananal'
        and CATEGORY='op'
        and length(ORIGINAL_TEXT) < (
          select avg(length(ORIGINAL_TEXT))
          from POST
          where CATEGORY='op'
          and SOURCE='Panelinha do Bananal'
        )
      )
    )
  )
  and SOURCE='Panelinha do Bananal';

delete
  from POST
  where ID in (
    select ID
    from POST
    where THREAD in (
      select THREAD
      from (
        select THREAD
        from POST
        where SOURCE='55chan'
        and CATEGORY='op'
        and length(ORIGINAL_TEXT) < (
          select avg(length(ORIGINAL_TEXT))
          from POST
          where CATEGORY='op'
          and SOURCE='55chan'
        )
      )
    )
  )
  and SOURCE='55chan';
```

APÊNDICE VI

PROGRAMA PARA COLETAR AS POSTAGENS DO *55CHAN*

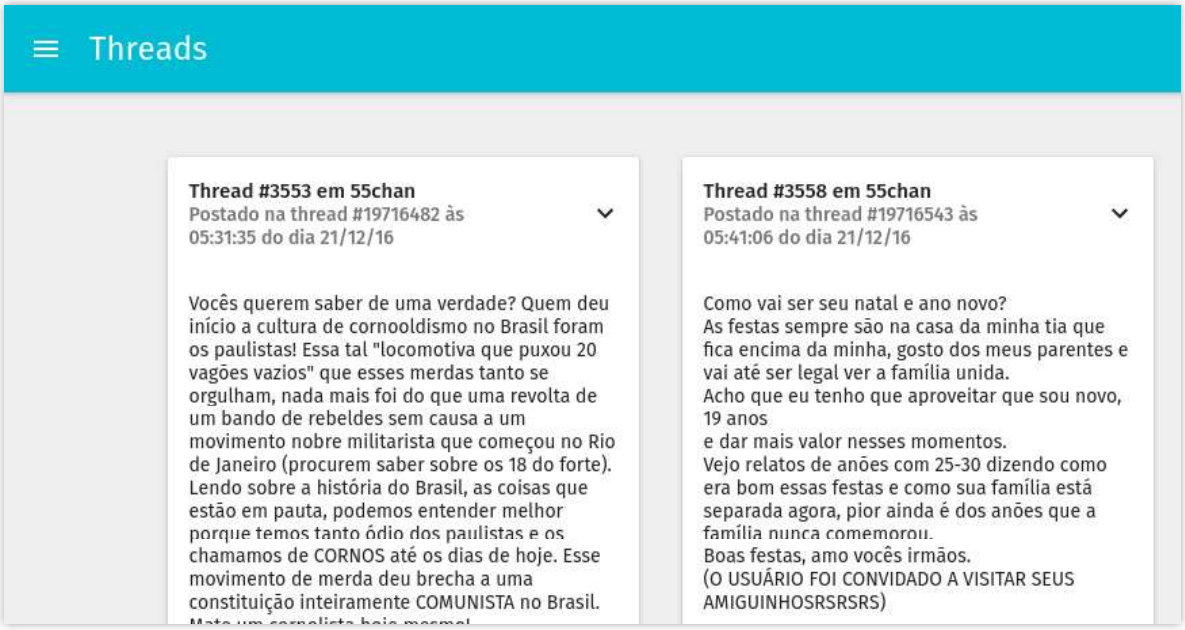
```
#!/usr/bin/python
# -*- coding: utf-8 -*-

from bs4 import BeautifulSoup
import itertools
import re
import io
import os
import json
import time
import random
import cfscrape

def parse_html( text ):
  return BeautifulSoup( text, 'html.parser' )

def get_page( domain ):
  scraper = cfscrape.create_scraper()
  return scraper.get( domain ).content

def get_threads( page ):
  threads = parse_html( page )
  return threads.find_all( 'div', class_ = 'op' )

def get_thread_answer_link( thread ):
  link_holder = thread.find_all( 'span', class_ = 'replyLink' )
  link        = link_holder[ 0 ].find_all( 'a' )
  link        = [ l.get( 'href' ) for l in link ]
  return link[ 0 ]

def get_last_thread_link( page ):
  threads = get_threads( page )
  thread  = threads[ len( threads ) - 1 ]
  return get_thread_answer_link( thread )

def get_posts( thread ):
  content = parse_html( thread )
  posts   = content.find_all( 'div', class_ = 'post' )
  posts   = map( lambda p : extract_post_info( p ), posts )
  posts[ 0 ][ 'category' ] = 'op'
  return posts

def extract_post_info( post ):
  number   = post.find_all( 'a', class_ = 'post_no' )[ 1 ].text
  datetime = post.time.text.split( ' ' )
  date     = datetime[ 0 ]
  time     = datetime[ 2 ]
  body     = post.find_all( 'div', class_ = 'body' )
  for br in body[ 0 ].find_all( 'br' ): br.extract()
  itens    = list( itertools.chain.from_iterable( body[ 0 ] ) )
  texts    = []
  answers = []
  for element in itens:
    text = None
    try:    text = element.text
    except: text = element
```

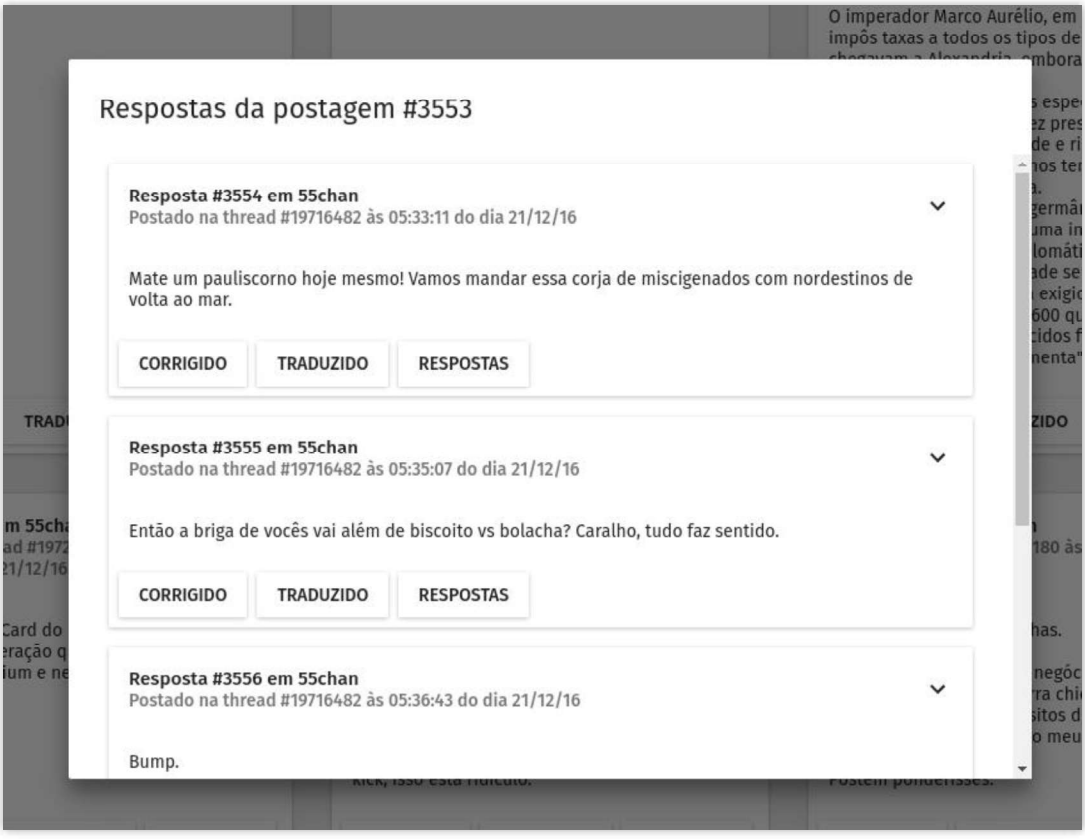
```
    if re.match( r'>>(\d+)', text, flags = 0 ):
      pattern     = re.compile( r'>>(\d+)' )
      answer_list = pattern.findall( text )
      for answer in answer_list: answers.append( answer )
    texts.append( text )
  return { 'number':   number,
           'date':     date,
           'time':     time,
           'texts':    texts,
           'answers':  answers,
           'category': 'post' }

def parse_last_thread_posts():
  DOMAIN    = 'http://55chan.org'
  last_page = get_page( DOMAIN + '/b/10.html' )
  last_link = get_last_thread_link( last_page )
  file_name = last_link.split( '/' )[ 3 ].replace( 'html', 'json' )
  if not os.path.isfile( file_name ):
    thread       = get_page( DOMAIN + last_link )
    posts        = get_posts( thread )
    file_content = json.dumps( posts, ensure_ascii = False )
    file         = io.open( file_name, 'w', encoding = 'utf-8' )
    file.write( file_content )
    file.close()
    return file_name
  else:
    return False

def translate( text, username = '0ccf46cf-fc5c-42fe-ac81-5a80bc088763',
password = 'W6Xo2kdCGjTj' ):
  language_translator = LanguageTranslatorV2( username = username, password
= password )
  return language_translator.translate( text, source = 'pt-br', target =
'en' )

def format_posts_for_analysis( posts_json_file ):
  json_posts    = io.open( posts_json_file, 'r', encoding = 'utf-8'
).read()
  posts         = json.loads( json_posts )
  analysis_data = []
  for post in posts:
    analysis_data.append( { 'thread_number':   posts[ 0 ][ 'number' ],
                            'post_number':     post[ 'number' ],
                            'date':            post[ 'date' ],
                            'time':            post[ 'time' ],
                            'category':        post[ 'category' ],
                            'original_text':   "\n".join( post[ 'texts' ]
),
                            'verified_text':   '(!)' + "\n".join( post[
'texts' ] ),
                            'translated_text': None,
                            'anger':           None,
                            'joy':             None,
                            'fear':            None,
                            'sadness':         None,
                            'disgust':         None,
                            'sentiment_score': None,
                            'sentiment_type':  None,
                            'concepts':        None,
                            'keywords':        None,
                            'taxonomy':        None } )
```

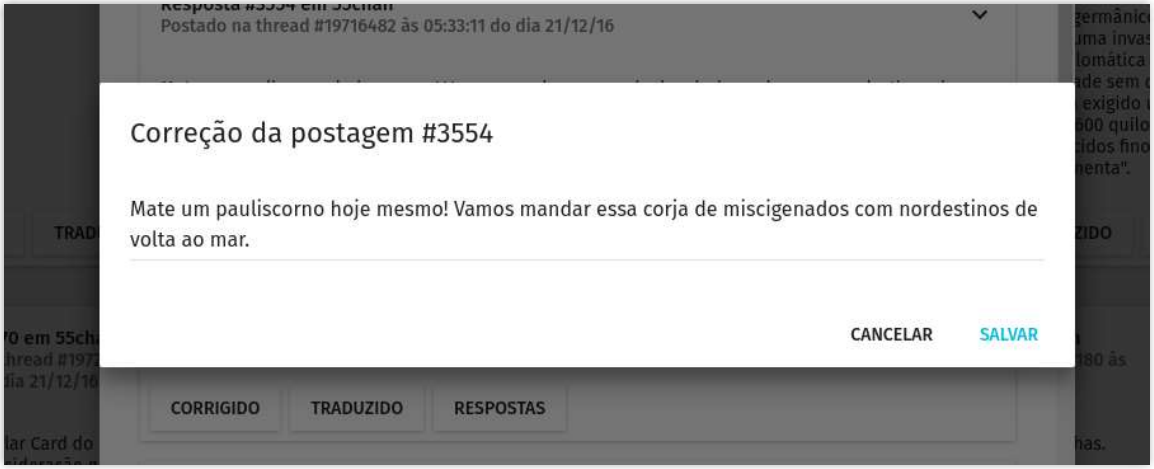
```
  return analysis_data

def insert_in_analysis_file( analysis_data ):
  results_file = io.open( 'results.json', 'r', encoding = 'utf-8' )
  results      = json.loads( results_file.read() )
  results_file.close()
  new_results = json.dumps( results + analysis_data, ensure_ascii = False,
indent = 2 )
  results     = io.open( 'results_temp.json', 'w', encoding = 'utf-8' )
  results.write( new_results )
  results.flush()
  os.fsync( results.fileno() )
  results.close()
  os.remove( 'results.json' )
  os.rename( 'results_temp.json', 'results.json' )

if __name__ == '__main__':
  while True:
    try:
      thread_file = parse_last_thread_posts()
      if thread_file:
        analysis_data = format_posts_for_analysis( thread_file )
        insert_in_analysis_file( analysis_data )
    except:
      pass
    time.sleep( random.random() * 5 + 5 * 60 )
```

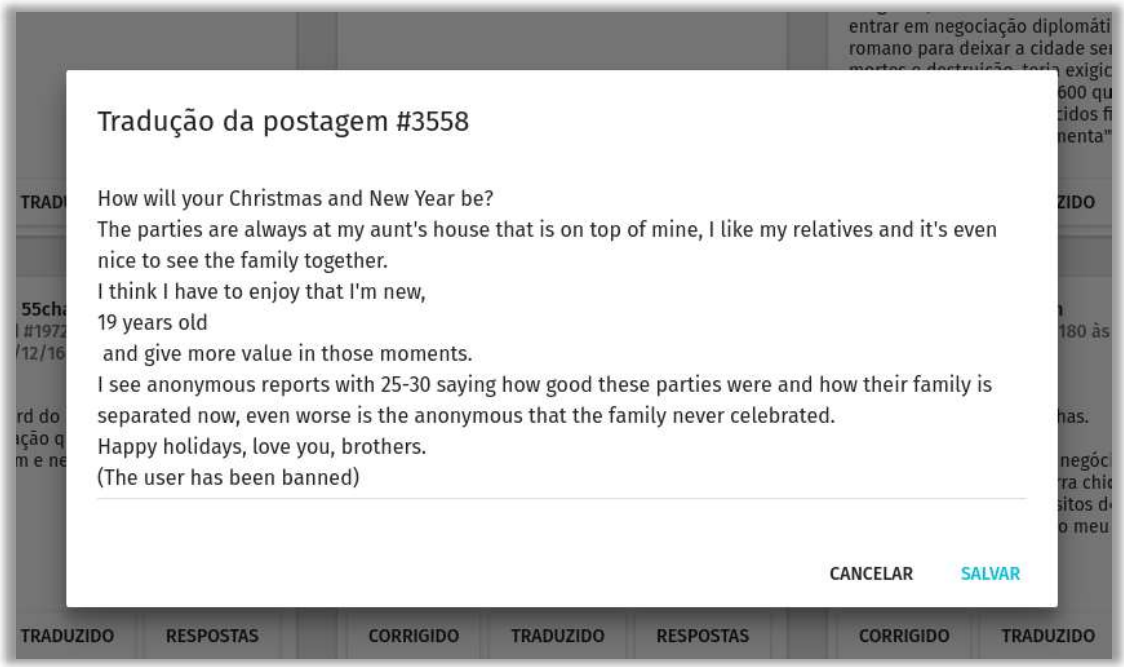
APÊNDICE VII

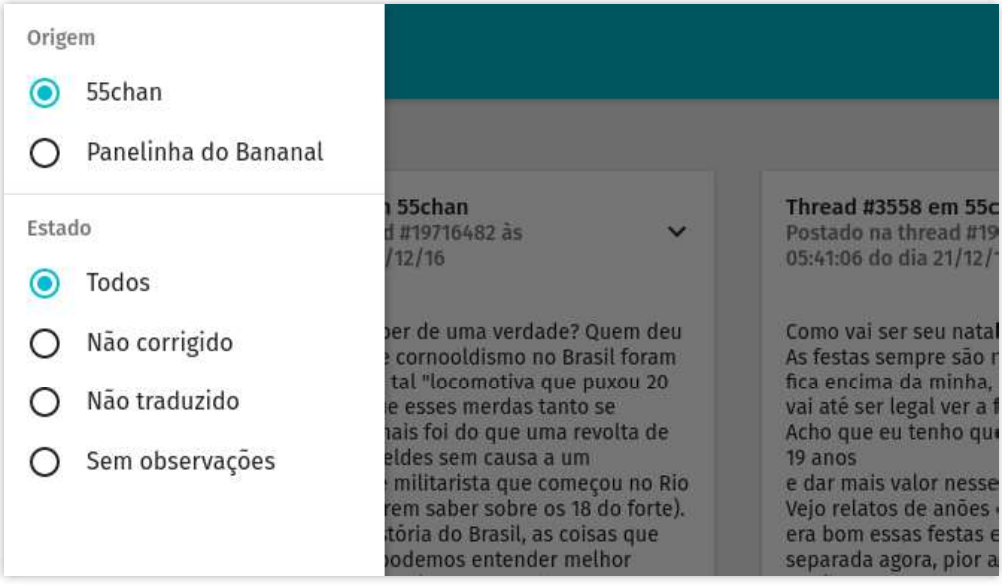
TELAS DA INTERFACE GRÁFICA PARA VISUALIZAÇÃO E EDIÇÃO DO CONTEÚDO TEXTUAL DO *DATASET*






Postado na thread #19716482 às 05:33:11 do dia 21/12/16
Correção da postagem #3554
Mate um pauliscorno hoje mesmo! Vamos mandar essa corja de miscigenados com nordestinos de volta ao mar.
CANCELAR
SALVAR
CORRIGIDO
TRADUZIDO
RESPOSTAS


Tradução da postagem #3558
How will your Christmas and New Year be?
The parties are always at my aunt's house that is on top of mine, I like my relatives and it's even nice to see the family together.
I think I have to enjoy that I'm new,
19 years old
and give more value in those moments.
I see anonymous reports with 25-30 saying how good these parties were and how their family is separated now, even worse is the anonymous that the family never celebrated.
Happy holidays, love you, brothers.
(The user has been banned)
CANCELAR
SALVAR
TRADUZIDO
RESPOSTAS
CORRIGIDO
TRADUZIDO
RESPOSTAS
CORRIGIDO
TRADUZIDO


Origem
55chan
Panelinha do Bananal
Estado
Todos
Não corrigido
Não traduzido
Sem observações
Thread #3558 em 55c
Como vai ser seu natal
19 anos